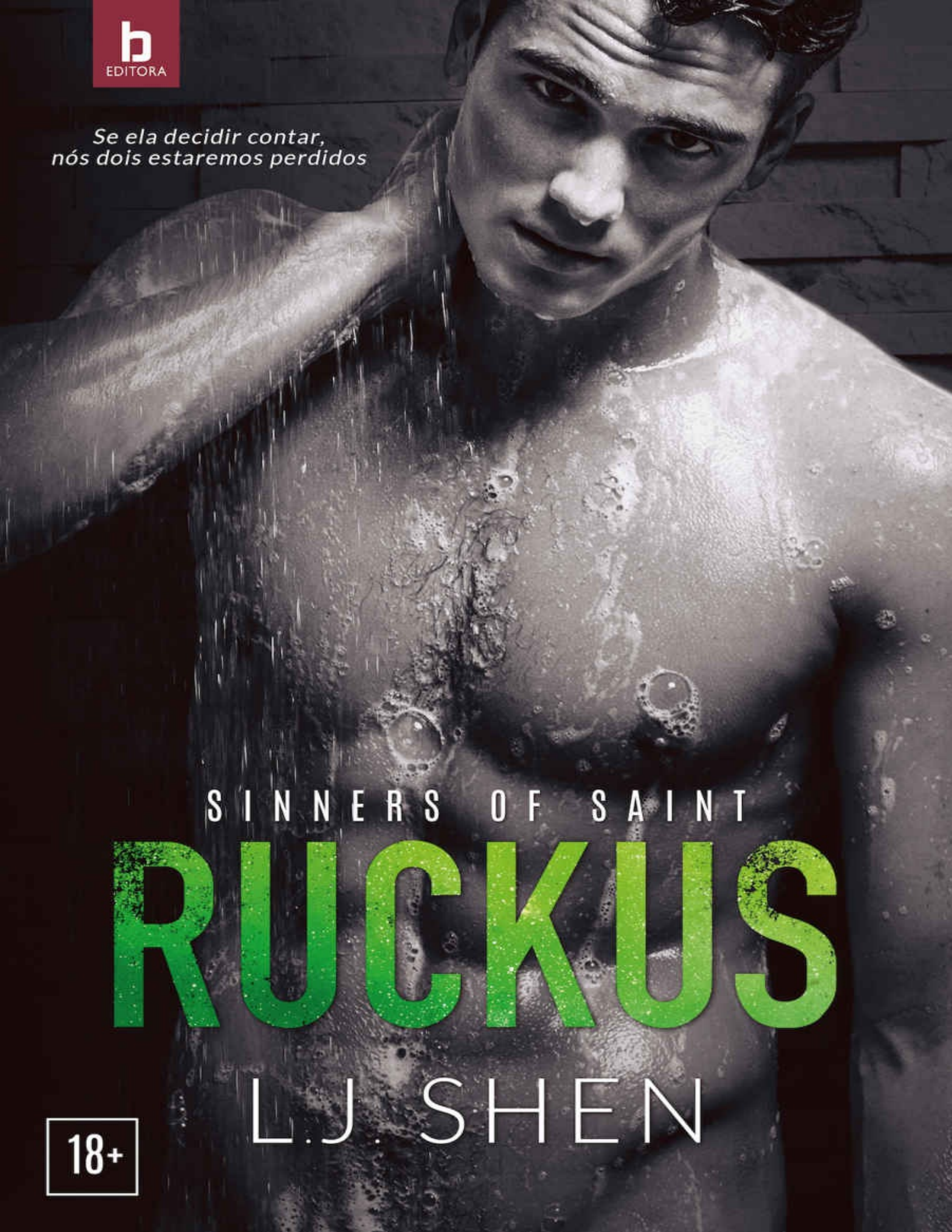




b
EDITORA

*Se ela decidir contar,
nós dois estaremos perdidos*

SINNERS OF SAINT

RUCKUS

L.J. SHEN

18+

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

SINNERS OF SAINT

RUCKUS

L.J. SHEN

SINNERS OF SAINT

RUCKUS

L.J. SHEN

Copyright © 2017 L. J. Shen
Copyright © 2021 Editora Bezz

Título original: *Ruckus*
Tradução: Stéphanie Rumbelsperger
Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes
Modelo de Capa: Blake Kalawart
Capa original: Letitia Hasser, RBA Designs
Adaptação de Capa: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.
Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito do autor.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Shen, L. J.

Ruckus (Sinners of Saint 2), L. J. Shen. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2021.

Sobre <i>trademark</i>TM : a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-los nesta obra pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.

Editora Bezz

www.lojabezz.com.br

ÍNDICE

AVISO DA EDITORA

Trilha sonora

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
[CAPÍTULO TRINTA](#)
[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
[EPÍLOGO](#)
[AGRADECIMENTOS](#)
[SOBRE A AUTORA](#)

AVISO DA EDITORA

Está é uma obra de ficção, apenas com o intuito de entreter o leitor. Falas, ações e pensamentos de alguns personagens não condizem com os da autora e da editora. O livro contém descrições eróticas explícitas, cenas gráficas de violência verbal e linguajar indevido, personagem em situação médica/saúde em perigo, alcoolismo e uso de substâncias ilícitas. **NÃO** recomendado para pessoas sensíveis a esses temas.

Indicado para maiores de 18 anos.

.

Para Kristina Lindsey e Sher Mason.

*Porque o canto das aves pode ser lindo,
Mas não é para você que elas cantam,
E se acha meu inverno frio demais,
Você não merece a minha primavera.*

Erin Hanson

Trilha sonora

Halsey – Hold Me Down

Hey Violet – Guys My Age

Train – Drops of Jupiter

Fall Out Boy – Immortals

Hooverphonic – Mad About You

Breathe Me – Sia

As estrelas são conhecidas por simbolizar o eterno.
Elas têm sido uma constante no céu desde os tempos remotos.
Os primeiros habitantes da Terra costumavam olhar para o mesmo
céu que nós olhamos agora.

E os nossos filhos.

E os nossos netos.

E os netos *deles*.

As estrelas simbolizam o ciclo da vida, a solidão e a gravidade.
Elas brilham na energia escura que é a maior parte do espaço e nos
lembram que, mesmo na escuridão total, sempre há algo que pode brilhar.

PRÓLOGO



Rosie

Eu provavelmente deveria esclarecer uma coisa antes de começarmos. A minha história? Ela não tem um final feliz. Não terá. Não pode ter. Independente do quão alto ou lindo ou rico e cativante meu Príncipe Encantado possa ser.

E meu Príncipe Encantado era tudo isso. Ah, ele era tudo isso e mais.

O único problema era que ele não era realmente meu. Ele era da minha irmã. Mas há algo que você tem que saber antes de me julgar:

Eu o vi primeiro. Eu o desejei primeiro. Eu o *amei* primeiro.

Nada disso importou quando Dean “Ruckus” Cole estava com os lábios colados nos da minha irmã bem em frente aos meus olhos no dia em que Vicious arrombou o armário dela.

O problema desses momentos é que você nunca sabe direito se é o início ou o fim. A fluidez da vida para e você é obrigada a analisar a sua realidade. A realidade é uma merda. Acredite, eu pessoalmente sei o quanto é difícil.

A vida não é justa.

Papai disse isso bem quando eu completei dezesseis anos e quis começar a namorar. Sua resposta foi firme.

— Santo Deus, não.

— Por que não? — Minha pálpebra tremeu de irritação. — Millie namorou aos dezesseis anos. — Era verdade. Ela saiu quatro vezes com Eric, o filho do nosso carteiro, lá na Virginia. Papai bufou e apontou o indicador para mim. *Valeu a tentativa.*

— Você não é a sua irmã.

— O que quer dizer com isso?

— Você sabe o que quero dizer.

— Não, eu não sei. — *Eu sabia.*

— Quero dizer que você tem uma coisa que ela não tem. Não é justo, mas a vida não é justa.

Outro fato do qual eu não podia discutir. Papai disse que eu era um ímã para o tipo errado de meninos, mas isso era como cobrir com açúcar uma bola de sujeira e pregos enferrujados. Eu entendi a acusação implícita que ele fez, entendi mesmo, principalmente porque sempre fui sua princesinha. *Abelhinha.* A menina dos olhos dele.

Eu era atrevida. Não de propósito. Às vezes, era até uma desvantagem inconveniente. Com cílios grossos, cabelos caramelos em cascata, pernas brancas compridas e lábios macios tão carnudos que ocupavam quase o meu rosto inteiro. Todo o resto em mim era pequeno e compatível – embrulhado com um laço vermelho de cetim com uma expressão de sereia que parecia ter sido permanentemente tatuada no meu rosto, não importa o quanto eu tentasse tirá-la.

Eu chamava atenção. Do melhor tipo. Do pior tipo. Diabos, de tudo quanto é tipo.

Haveria outros meninos, eu tentei convencer a mim mesma disso quando os lábios de Dean e Emilia se tocaram e meu coração murchou no meu peito. Mas sempre haveria apenas uma Millie.

Além do mais, minha irmã merecia isso. Merecia *ele*. Eu tinha a atenção de mamãe e papai, o dia todo, todos os dias. Eu tinha muitos amigos na escola e admiradores fazendo fila na porta da nossa casa. Todos os olhares eram para mim, enquanto ninguém desperdiçava um segundo olhar na minha irmã.

Não era culpa minha, mas não me fazia sentir nem um pouco menos culpada. Minha irmã mais velha se tornara o produto tanto da minha doença quanto da minha popularidade. Uma adolescente solitária se escondendo atrás de uma tela, coberta de tinta. Quieta o tempo inteiro, enviando sua mensagem através de roupas estranhas e excêntricas.

Quando eu pensava sobre isso, era realmente melhor assim. O primeiro dia que reparei em Dean Cole no corredor entre as aulas de Trigonometria e Inglês soube que ele era mais do que apenas uma paixãozinha de escola. Se eu o tivesse, não o deixaria ir. E isso por si só era um conceito perigoso com o qual eu não podia me dar ao luxo de brincar.

Veja, meu relógio passava mais rápido. Não nasci igual a todo mundo.

Eu tinha uma doença.

Às vezes, eu a vencia.

Outras vezes, ela me vencia.

A Rosa preferida de todos estava murchando, mas nenhuma flor queria morrer na frente do público.

Além do mais, era melhor assim, decidi quando os lábios dela estavam nos dele e os olhos dele nos meus e a realidade se tornou uma coisa complexa e agonizante da qual eu estava desesperada para fugir.

E, assim, eu assisti, sentada na primeira fileira, à minha irmã e o único cara que fazia meu coração bater mais rápido se apaixonarem.

Minhas pétalas caíram uma a uma.

Porque embora eu soubesse que a minha história não terminaria com um “felizes para sempre”, não podia deixar de me perguntar... Ela poderia ter um final feliz mesmo que fosse apenas por um momento?

Dean

O verão em que completei dezessete anos foi ruim, mas nada me preparou para a porra do grande final dele.

Todas as setas apontavam para a calamidade. Eu não conseguiria isolar qual caminho me levaria a isso, mas conhecendo a minha vida, me preparei para um soco que me mandaria direto para o inferno.

No final, tudo se resumiu a um momento irresponsável de filme clichê. Algumas *Bud Lights* e baseados descuidadamente enrolados semanas antes do nosso primeiro ano terminar.

Estávamos deitados perto da piscina em forma de rim de Vicious, bebendo a cerveja barata do pai dele, sabendo que conseguiríamos nos safar disso –

Cristo, de tudo – debaixo do teto de Baron Spencer Senior. Havia garotas. Elas estavam chapadas. Não tinham muitas coisas para fazer em Todos Santos, Califórnia, perto das férias de verão. Tudo era muito quente. O ar pesado, o sol intenso, a grama amarela e a juventude entediada com sua existência insignificante e livre de problemas. Éramos preguiçosos demais para ir atrás de emoções baratas, então, procurávamos por elas enquanto estávamos esparramados tranquilamente em colchões infláveis em forma de donuts e flamingos e nas espreguiçadeiras para banho de sol importadas da Itália.

Os pais de Vicious não estavam em casa – e quando eles estavam? – e todos contavam comigo para abastecer. Sem nunca decepcionar, eu trazia haxixe doce e um pouco de ecstasy, que eles engoliam avidamente, sem nem mesmo me agradecer, quanto mais me pagar de volta. Eles pensavam que eu era rico, babacas chapados que precisavam de mais dinheiro do que a Pamela Anderson precisava de peitos, o que em parte era verdade. E eu nunca me preocupo com as pequenas coisas, então, deixo passar.

Uma das garotas, uma loira chamada Georgia, ostentava sua nova câmera *Polaroid*, que o pai deu para ela em sua última viagem a Palm Springs. Ela tirou fotos da gente – Jaime, Vicious, Trent e eu – exibindo seus trunfos num biquíni vermelho minúsculo e apertando as fotos recém-impressas entre os dentes, entregando-as a nós, boca a boca. Seus peitos saíam de seu pequeno biquíni como a pasta de dente transborda de um tubo. Eu queria esfregar meu pau neles e sabia com segurança que iria fazer isso até o fim do dia.

— Caramba, essa vai ser boooa. — Georgia usou uma quantidade indefinida de “O” para dar ênfase na última palavra. — Você está super sexy, Cole — ronronou ela quando me capturou na câmera virando o resto da cerveja com um baseado preso entre meus dedos e batendo a lata na minha coxa dura.

Clique.

A evidência do meu delito deslizou para fora da câmera dela com um chiado provocante e ela a apanhou com seus lábios brilhosos, inclinando-se e a entregando para mim. Eu a mordi e enfiei dentro da minha sunga. Seus olhos seguiram a minha mão quando puxei o elástico para baixo, revelando uma linha reta de pelos claros embaixo da minha sunga que a convidavam para o resto da festa. Ela engoliu em seco. Visivelmente. Nossos olhares se cruzaram, concordando silenciosamente com uma hora e um lugar. Então, alguém se jogou na piscina e a molhou, e ela balançou a cabeça, rindo sem ar

antes de passar para seu próximo projeto artístico: Trent Rexroth, meu melhor amigo.

Destruir a fotografia antes de chegar em casa sempre foi o plano. Culpo a porra do ecstasy por esquecer. No fim, minha mãe a encontrou. No fim, meu pai me deu um de seus sermões em voz baixa que sempre pareceram devorar minhas entranhas como se fosse arsênico. E no fim mesmo? Eles me fizeram passar as férias de verão com a porra do meu tio, o único que eu não conseguia suportar.

Eu sabia que era melhor não lutar contra isso. A última coisa que eu precisava era arranjar problemas e pôr em risco minha temporada em Harvard um ano antes de me formar. Trabalhei duro por esse futuro, por essa vida. Estava exposta diante de mim, em toda a sua riqueza, empoderamento, e loucuras, de jato particular e condomínio na glória das férias anuais nos Hamptons. A vida é assim. Quando algo de bom cai em suas mãos, você não só se agarra àquilo, você o segura com tanta força que quase o quebra.

Apenas mais uma lição que aprendi tarde demais na vida.

Enfim, foi assim que terminei voando para o Alabama, queimando dois meses na porra de uma fazenda antes do meu último ano.

Trent, Jaime e Vicious passaram o verão bebendo, fumando e fodendo as garotas em suas casas de campo. Eu... eu voltei com um olho roxo, generosamente presenteado a mim pelo Sr. Donald Whittaker, também conhecido como Owl, depois da noite que mudou para sempre quem eu era.

— A vida é como a justiça — disse Eli Cole, meu advogado/pai, para mim antes de eu embarcar no avião para Birmingham. — Nem sempre é justa.

Não era a porra da verdade.

Naquele verão, fui obrigado a ler a Bíblia de capa a capa. Owl disse a meus pais que era um cristão convertido e um grande estudioso da Bíblia. Ele assegurou isso me fazendo ler com ele durante nossos intervalos para o almoço. Sanduíches e o Velho Testamento eram a sua versão de não ser um idiota, porque ele era bastante horrível comigo pelo resto do tempo.

Whittaker era um fazendeiro. Quando ele estava sóbrio para ser alguma coisa, era isso. Ele fez de mim seu menino do celeiro. Eu concordei, principalmente porque eu tinha que enfiar os dedos na filha do seu vizinho ao final de cada dia.

A filha do vizinho pensava que eu era algum tipo de celebridade só porque eu não falava com um sotaque do sul e tinha um carro. Não era eu quem iria

destruir sua fantasia, principalmente com ela estando tão ansiosa para ser minha aluna de educação sexual.

Eu agradava Owl quando ele me ensinava a Bíblia, porque a alternativa era brigar com ele no feno até que um de nós desmaiasse. Eu achava que meus pais queriam que eu lembrasse que a vida não era só sobre carros caros e viagens para esquiar. Owl e sua esposa eram como a *Vida de Baixa Renda 101*. Então, todas as manhãs eu acordava me perguntando o que eram dois meses comparados à porra da minha vida inteira.

Havia várias histórias loucas na Bíblia: incesto, coleção de prepúcio, Jacó lutando com um anjo (eu juro que este livro passou dos limites lá pelo segundo capítulo), mas uma história mexeu comigo de verdade, mesmo antes de eu conhecer Rosie LeBlanc.

Gênesis 27. Jacó foi morar com Labão, seu tio, e se apaixonou por Raquel, a mais nova das duas filhas de Labão. Raquel era sexy *pra* caralho, forte, elegante e basicamente tinha sexo escrito na testa (como mostra na Bíblia, embora não seja nessas palavras).

Labão e Jacó fizeram um acordo. Jacó teria que trabalhar para Labão durante sete anos, depois, poderia se casar com sua filha.

Jacó assim o fez: se matando de trabalhar debaixo do sol, dia após dia. Depois desses sete anos, Labão finalmente foi até Jacó e disse que ele poderia se casar com sua filha.

Mas aí está a pegadinha: não foi a mão de Raquel que foi concedida a ele. Foi a de Lia, sua irmã mais velha.

Lia era uma boa mulher. Jacó sabia disso.

Ela era gentil. Sensata. Caridosa. Um belo traseiro e olhos suaves (novamente, parafraseando aqui. Com exceção da parte dos olhos. Essa merda estava realmente na Bíblia).

Só que ela não era Raquel.

Ela não era Raquel e ele queria Raquel. Foi. Sempre. A. Porra. Da. Raquel.

Jacó argumentou, brigou e tentou colocar algum juízo em seu tio, mas, no final, ele perdeu. A vida era como a justiça, mesmo naquela época. Não era nada justa.

— Mais sete anos de trabalho — prometeu Labão. — E eu deixarei que se case com Raquel também.

Então, Jacó esperou.

E espreitou.

E *ansiou*.

O que, qualquer um com metade de um cérebro deveria saber, apenas gratifica seu desespero pelo objeto de sua obsessão.

Os anos se passaram. Lentamente. Dolorosamente. Apaticamente.

Enquanto isso, ele estava com Lia.

Ele não sofreu. Não de fato. Lia era boa para ele. Uma aposta segura. Ela conseguiu parir seus filhos – algo que Raquel, como ele descobriria mais tarde – teve dificuldade em fazer.

Ele sabia o que queria e, podia parecer com ela, e talvez ter o mesmo cheiro que ela e, caralho, talvez até *sentir* como se estivesse com ela, mas não era ela.

Ele levou quatorze anos, mas no final, Jacó ganhou Raquel honestamente.

Raquel pode não ter sido abençoada por Deus. Lia era. Mas o negócio é esse.

Raquel não precisava ser abençoada.

Ela era amada.

E ao contrário da justiça e da vida, o amor é justo.

Sabe o que mais? No fim, o amor basta.

No fim, ele é a porra toda.



Sete semanas para o meu último ano e outra calamidade iminente decidiu explodir na minha cara de forma espetacular. O nome dela era Rosie LeBlanc e os olhos dela eram como dois lagos congelados no inverno do Alasca. Exatamente esse azul.

O momento “que porra é essa” me pegou pelo saco e o torceu com muita força no segundo em que ela abriu a porta da casa dos empregados na propriedade de Vicious. Porque ela não era Millie. Ela parecia a Millie – mais ou menos – só um pouco menor, mais baixa, com lábios carnudos, maçãs do rosto salientes e as orelhinhas pontudas de uma fada travessa. Mas ela não vestia nada claramente estranho como Emilia. Um par de chinelos com estampa de estrela do mar nos pés, jeans skinny preto rasgado nos joelhos e um moletom preto surrado com o nome de uma banda que eu não conhecia estampado em branco. Criada para se misturar, mas, como descobri mais

tarde, destinada a brilhar como a porra de um farol.

Um vermelho-inferno atingiu suas bochechas e rastejou pela borda de sua gola quando nossos olhos se cruzaram, e isso me disse tudo que eu precisava saber. Ela era novidade para mim, mas *eu* era um rosto familiar. Um rosto que ela estudava, conhecia e encarava. A porra do tempo todo.

— Estamos envolvidos em uma competição secreta de encarar? — Sua recuperação foi imediata. Havia algo na rouquidão de sua voz que soava quase artificial. Muito baixa. Muito rouca. Muito especialmente dela. — Porque tem 23 segundos que abri a porta e você ainda não se apresentou. Além disso, você piscou duas vezes.

Originalmente, eu fui lá convidar Emilia LeBlanc para sair, encurralando-a como um animal assustado sem ter nenhum outro lugar aonde ir. Ela não me deu o seu número de telefone. Caçador por natureza, eu era suficientemente paciente para esperar até que ela estivesse perto o bastante para que eu desse o bote, mas não doía conferir a minha presa de vez em quando. Embora, para ser honesto, perseguir Emilia não fosse realmente por causa de Emilia. A emoção da caçada sempre fez meu saco formigar e, para mim, ela proporcionava um desafio que as outras garotas não ofereciam. Ela era carne nova e eu era um carnívoro insaciável. Porém, não esperava encontrar *isto*.

Isto mudava a porra toda.

Fiquei parado ali mudo e mostrei meu sorriso enfeitiçador, provocando-a, porque, de certa forma, ela *me* provocava. E me ocorreu que, neste exato momento, talvez eu não fosse o caçador. Talvez, por uma fração de segundo, eu fosse o *Hortelino Troca-Letras* com uma arma sem balas na floresta onde acabou de avistar uma tigresa furiosa.

— Será que isso consegue ao menos falar? — As sobrancelhas claras da tigresa uniram-se e ela se inclinou para frente, me cutucando no peito com sua pequena garra. Ela me chamou de *isso*.

Ridicularizando-me. Enfraquecendo-me. Fodendo comigo.

Usando minha melhor expressão de inocente (para começo de conversa, essa merda era difícil. Esqueci como era a inocência antes de meu cordão umbilical ser jogado no lixo), contraí os dentes sob os lábios e balancei a cabeça dizendo que não.

— Você não consegue falar? — Ela cruzou os braços e se apoiou no batente da porta, fazendo cara de cética.

Eu acenei dizendo que sim, sustentando um sorriso largo.

— Isso é mentira. Eu te vi no colégio. Dean Cole. Te chamam de Ruckus. Você não só consegue falar, mas na maior parte do tempo, parece que não consegue ficar de boca fechada.

Isso mesmo, fadinha. Engarrafe essa raiva e a guarde para quando eu te rolar entre meus lençóis.

Para entender meu nível de surpresa, primeiro é necessário saber que nenhuma garota nunca falou assim comigo antes. Nem mesmo Millie, e Millie parecia ser a única aluna que era imune ao meu charme “vou arrancar sua calcinha com meus dentes” todo americano de atleta sexy. Diabos, foi por isso que eu reparei nela, para começar.

Mas, como eu disse, os planos mudam. Não é como se já tivéssemos saído. Eu cheirava o rabo de Millie pelo colégio há algumas semanas, debatendo se ela valia a perseguição, mas, agora que eu vi o que tinha perdido — esta pequena espoleta — estava na hora de encontrar calor em suas chamas loucas. Lancei outro sorriso safado. Foi com este, em particular, que consegui o apelido de Ruckus nos corredores de All Saints dois anos atrás. Porque eu criava confusão. Era a porra do caos, incitando anarquia onde quer que fosse. Todo mundo sabia disso. Professores, alunos, a diretora Followhill e até o delegado local.

Quando precisavam de drogas, vinham até mim. Quando precisavam de uma boa festa, vinham até mim. Quando precisavam de uma foda sensacional, vinham até mim... e *em cima* de mim. E era isso que meu sorriso, aquele que venho praticando desde que tinha cinco anos, dizia para o mundo.

Se é corrompido, safado e divertido... eu estou lá.

E esta garota? Ela parecia uma diversão completa para corromper.

Seus olhos percorreram meus lábios. Intensos. Com desejo. Bêbados. Era fácil lê-las: garotas do Ensino Médio. Embora esta em particular não sorrisse tão largamente quanto as outras. Ela também não dava nenhum convite silencioso para um flerte.

— Você fala — ela tossiu suas palavras em tom acusador. Chupei meu lábio inferior e o soltei. Devagar. Intencionalmente. Provocando.

— Talvez eu conheça algumas palavras, afinal. — Eu me coloquei à frente dela com um assobio. — Quer ouvir as interessantes? — Meus olhos imploravam para eu deslizar pelo seu corpo, mas meu cérebro me dizia para esperar. Decidi ouvir o último.

Fiquei relaxado.

Fui inteligente.

Mas, pela primeira vez em anos, eu não fazia ideia de que caralhos eu estava fazendo.

Ela me deu um sorriso torto que me deixou sem palavras. Inserindo tantas palavras em uma expressão única e singular. Dizendo para mim que minha tentativa de bajulá-la a deixou extremamente indiferente. Que ela gostava de mim, sim, e reparou em mim, claro, mas que eu teria que fazer melhor do que o flerte casual e meia-boca para chegar lá. Onde quer que fosse eu estava pronto para a jornada.

— Será que eu quero? — Ela flertou sem nem mesmo perceber que o fez. Abaixei o queixo e me inclinei para frente. Eu era forte, dominante e confiante. E era encrenca. Ela provavelmente já sabia disso, mas se não, estava prestes a descobrir.

— Acho que quer — falei.

Dois minutos atrás, eu estava determinado a chamar a irmã dela para sair (irmã mais velha, aposto, esta garota parecia mais nova e, além disso, eu saberia se ela estivesse no último ano) e, vejam só, o destino a fez abrir a porta e mudar meus planos.

A Bebê LeBlanc me lançou um olhar estranho, me desafiando a continuar. Logo quando abri a boca, Millie entrou em meu campo de visão, correndo em direção à porta vindo da pequena sala de estar abafada como se estivesse fugindo de uma zona de guerra. Estava segurando um livro ao peito, com os olhos inchados e vermelhos. Ela me encarou e, por um segundo, pensei que fosse me bater na cara com o livro de dois quilos.

Pensando bem, eu queria que ela tivesse feito isso. Teria sido muito melhor do que o que ela fez na realidade.

Millie empurrou a fadinha para o lado sem nem se dar conta de que ela estava ali, se jogou no meu peito – inusitadamente afetuosa – e colou seus lábios nos meus como um demônio possuído.

Caralho.

Isso era ruim.

Não o beijo. O beijo foi bom, eu acho. Eu não tive tempo para processá-lo porque arregalei os olhos, mirando o elfo de orelhas pontudas que parecia horrorizada, suas escovinhas azuis, como as flores, encarando, processando e nos definindo em algo que eu não estava pronto para aceitar.

Que diabos Millie estava fazendo? Algumas horas atrás ela ainda fingia não

reparar em mim no corredor, ganhando tempo, procurando espaço, fingindo indiferença. Agora, ela estava toda em cima de mim como uma erupção cutânea depois de um caso duvidoso de uma noite.

Delicadamente, eu me afastei de Millie e segurei seu rosto para que ela não se sentisse rejeitada, e, ainda assim, garantindo que houvesse espaço suficiente entre nós dois para encaixar a fadinha ali no meio. A proximidade de Emilia era inoportuna e era a porra da primeira vez que isso acontecia quando se tratava de uma gostosa.

— Ei — falei. O corpo da minha voz perdeu sua inclinação lúdica de costume, até mesmo para meus próprios ouvidos. Millie não era assim. Algo aconteceu e eu fazia uma ideia geral de quem causou esta pequena cena. Meu sangue ferveu. Respirei pelo nariz, determinado a não perder a cabeça. — O que foi, Mil?

O vazio em seus olhos me deixou enjoado. Quase dava para ouvir o som do coração dela batendo na porra do seu peito. Lancei outro olhar para a Bebê LeBlanc, me perguntando como diabos eu sairia desta situação. Ela recuou, seus olhos continuavam na manifestação sexy que ainda tentava me abraçar. Millie estava transtornada. Eu não podia rejeitá-la. Não agora.

— Vicious — disse a irmã mais velha fungando alto. — Vicious aconteceu. Então, ela apontou para o livro de matemática como se fosse uma evidência. Relutantemente, meu olhar se voltou para Emilia “Millie” LeBlanc.

— O que aquele cuzão fez? — Eu arranquei o livro da mão dela e fui passando pelas páginas, procurando por comentários maldosos ou desenhos ofensivos.

— Ele arrombou meu armário e o roubou — ela fungou outra vez. — Antes de encher o armário com embalagens de camisinhas e lixo. — Ela limpou o nariz com as costas da manga.

Que se foda esse idiota de merda. Esse era o outro motivo por que eu queria namorar Millie. A necessidade de proteger os abandonados queimava em mim desde novinho. Um ponto fraco e toda merda desse tipo. Eu não era de *todo* ruim, igual a Vicious, nem era de *todo* bonzinho, igual a Jaime. Tinha meu próprio código moral e a intimidação era uma longa linha vermelha, traçada em sangue.

Veja, no que diz respeito aos abandonados, Millie era a pulguinha perfeita tremendo na chuva que precisava de abrigo. Aterrorizada no colégio e perseguida por um dos meus melhores amigos. Eu precisava fazer a coisa

certa. *Precisava*, mas que se foda se eu *queria*.

— Vou cuidar dele. — Tentei não ser grosso. — Volte para dentro.

E me deixe com a sua irmã.

— Não é necessário, mesmo. Estou contente só por você estar aqui.

Dei uma olhada na garota que estava destinada a ser a Raquel do meu Jacó, desta vez ansioso, porque eu sabia que eu não tinha nenhuma chance com ela no minuto em que a irmã me beijou para dar o troco na porra do Vicious.

— Estive pensando. — Millie piscava rápido, envolvida demais em sua própria confusão para perceber que eu mal havia olhado para ela desde que apareceu na porta. Ocupada demais para notar que sua irmã estava bem ali ao nosso lado. — E decidi... Por que não? Adoraria sair com você, para falar a verdade.

Não, adoraria nada. O que ela queria era que eu fosse seu escudo.

Millie precisava ser salva.

E eu precisava fumar a porra de um baseado.

Suspirei, abraçando a irmã mais velha, segurando a parte de trás de sua cabeça, as mechas de seu cabelo castanho-claro entrelaçadas entre meus dedos. Meus olhos ainda focavam na Bebê LeBlanc. Na minha pequena Raquel.

Vou consertar isso, meu olhar lhe prometeu. Foi claramente mais otimista do que eu.

— Não precisa sair comigo. Posso facilitar a sua vida como amigo. Só dizer que acabo com ele — sussurrei na orelha perfeitamente curvada de Millie, minhas pupilas apurando sua irmã.

Ela balançou a cabeça, enterrando-a mais fundo em meu ombro.

— Não, Dean. Eu quero sair com você. Você é legal, divertido e compreensivo.

E completamente maravilhado com a sua irmã.

— Duvido, Millie. Você me ignorou por semanas. Isso é por causa do Vic e nós dois sabemos disso. Beba um pouco de água. Pense melhor. Vou falar com ele amanhã de manhã no treino.

— Por favor, Dean. — Sua voz trêmula se estabilizava conforme ela amassava o tecido da minha camiseta de marca nos punhos, ao mesmo tempo me puxando para mais perto dela e para longe da minha nova fantasia brilhante. — Já sou grandinha. Sei o que estou fazendo. Vamos agora.

— Sim. Vão. — Ouvi a aspereza da Bebê LeBlanc, balançando a mão em

nossa direção. — Preciso mesmo estudar e vocês são uma distração. Vou afundar o rabo de Vicious se o vir na piscina, Millie — brincou ela, fingindo flexionar seus braços finos.

A Bebê LeBlanc era uma aluna de merda, com média 5,0 em tudo, mas eu não sabia disso na época. Ela não queria estudar. Ela queria que a irmã fosse salva.

Levei Millie para tomar sorvete, desta vez, sem olhar para trás.

Levei Millie quando deveria ter levado Rosie.

Levei Millie e iria matar Vicious.

CAPÍTULO UM



Rosie

Presente

O que te faz sentir vivo?

Condensação. Porque isso me faz lembrar que eu ainda respiro.

Quero dizer, acho que isso é considerado como conversar comigo mesma, mas eu sempre fui assim.

A voz que sempre faz perguntas elusivas parece ter sido implantada no meu cérebro e ela não era eu. Era uma voz masculina. Ninguém conhecido, acho que não. Ele sempre me fazia lembrar que eu ainda respirava, o que não era necessariamente algo garantido para mim. Desta vez, minha resposta flutuou na minha cabeça como uma bolha que estava prestes a estourar. Encostei meu nariz no espelho do elevador no arranha-céu chamativo onde eu morava e soltei o ar pela boca, criando uma nuvem densa de fumaça branca. Recuei, olhando para o meu feito.

O fato de que eu ainda estava respirando era um “vá se danar” para a minha doença.

Fibrose cística. Sempre tentei manter os detalhes ocultos quando alguém perguntava. Tudo o que as pessoas precisavam saber era que eu fui

diagnosticada com isso aos três anos de idade quando Millie, minha irmã, lambeu meu rosto e disse que tinha um gosto “muito salgado”. Era uma bandeira vermelha, então, meus pais me levaram para fazer exames. Os resultados voltaram positivos. É uma doença pulmonar. Sim, tem tratamento. Não, não existe cura. Sim, afeta imensamente a minha vida. Tomo remédios constantemente, tenho três sessões de fisioterapia na semana, uma quantidade indefinida de nebulizadores e provavelmente morrerei dentro de quinze anos. Não, eu não preciso de sua piedade, então, não me olhe desse jeito.

Ainda vestida com meu uniforme verde, com os cabelos emaranhados e meus olhos vidrados pela falta de uma noite de sono, eu rezava por dentro para que o elevador finalmente fechasse a porta e me carregasse para o meu apartamento no décimo andar. Eu queria tirar a roupa, mergulhar numa banheira quente e deitar na cama vendo *Portlandia*. E queria não pensar em Darren, meu ex-namorado.

Na verdade, eu queria mesmo não pensar nele.

Cliques violentos de saltos na esquina ecoaram em meus ouvidos, aparentemente do nada, ficando mais altos a cada segundo. Virei a cabeça para o saguão e reprimi uma tosse. A porta do elevador já tinha começado a fechar, porém, uma mão feminina com unhas vermelho-fogo deslizaram pela fresta no último segundo, abrindo-a com uma risada estridente.

Franzi a testa.

Ele de novo, não.

Mas, sem dúvida, era ele. Invadiu o elevador, fedendo a álcool, que eu desconfiava poder intoxicar um elefante adulto a ponto de matá-lo, armado com duas mulheres do tipo *Desperate Housewives*. A primeira era a gênia que comprometeu o braço para pegar o elevador: uma garota com cabelos de veludo vermelho igual à *Jessica Rabbit* e um decote que não deixava nada para a imaginação, mesmo que você seja extremamente criativo. A segunda era uma morena pequena com a bunda mais redonda que já vi num ser humano e um vestido tão curto que provavelmente se realizaria um exame ginecológico nela sem ter que tirar nada.

Ah, e depois vinha Dean “Ruckus” Cole.

Alto – o tamanho perfeito para um astro de cinema –, com olhos verde-musgo, quase radioativos em seu brilho e um abismo em sua profundidade, cabelos castanhos escuros sexualmente despenteados e um corpo que envergonharia Brock O’Hurn. Pecaminosamente sexy a ponto de realmente

não se ter escolha a não ser desviar o olhar e rezar para que sua roupa íntima seja grossa o suficiente para absorver sua excitação. Sério, o homem era tão escandalosamente gostoso que devia ser proibido de entrar em países super-religiosos. Sorte minha que eu sabia que o Sr. Cole era um idiota de classe mundial, então, era praticamente imune ao seu charme.

Praticamente sendo a palavra-chave aqui.

Ele era lindo, mas também uma confusão de proporções épicas. Sabe essas mulheres que querem os caras fodidos, lindos e vulneráveis para poder consertá-los e cuidar deles? Dean Cole seria o sonho molhado delas. Porque definitivamente *havia* algo neste homem. A ideia de que as pessoas em seu ambiente imediato não viam os avisos em luz neon – o modo como bebia e fumava maconha excessivamente e o vício violento em tudo que é pecaminoso e divertido – me entristecia. No entanto, eu reconhecia que Dean Cole não era da minha conta. Além disso, eu tinha meus próprios problemas com os quais lidar.

O HotHole¹ soluçou, apertou o botão para a sua cobertura umas quinhentas vezes e oscilou no pequeno espaço que nós quatro compartilhávamos. Seus olhos estavam febris e ele trazia uma fina camada de suor na pele que cheirava a puro conhaque. Um fio grosso e corroído pela ferrugem se retorcia ao redor do meu coração.

O sorriso dele não parecia feliz.

— Bebê LeBlanc. — O tom preguiçoso de Dean escorregou pelo meu baixo ventre e eu travei. Ele me pegou pelo ombro, me girando no lugar para que ficasse de frente para ele. Suas acompanhantes me olharam como se eu fosse uma pilha de ovos podres. Coloquei as mãos em seu peito de aço, empurrando-o.

— Cuidado. Você cheira como se *Jack Daniels* tivesse acabado de gozar na sua boca — falei impassível. Ele jogou a cabeça para trás e gargalhou, desta vez ostentando um sorriso sincero, divertindo-se profundamente com nossa interação bizarra.

— Esta garota... — Ele passou um braço pelo meu ombro e me apertou contra seu peito. Apontou para mim com uma mão que segurava o gargalo de uma garrafa de cerveja, olhando para as garotas com um sorriso desorientado.

— É gostosa *pra* caralho e tem um cérebro e uma inteligência que ofuscariam Winston Churchill em seu melhor momento — despejou. Elas deviam pensar

que Winston Churchill era um personagem de desenho animado. Dean virou para mim do nada com suas sobrancelhas caídas. — Isso a coloca em alto risco de ser uma vadia condescendente, mas não é. Ela também é gentil *pra* caralho. É por isso que é enfermeira. Esconder essa bunda bonita debaixo de um uniforme é um crime, LeBlanc.

— Desculpe desapontar, Oficial Maconheiro, mas sou só uma voluntária. Na verdade, sou barista — corriji, alisando meu uniforme com a mão enquanto escapava de seu toque, sorrindo educadamente para as garotas. Eu sou voluntária em uma unidade de terapia intensiva neonatal três vezes na semana, monitorando incubadoras e limpando cocô de bebê. Eu não tinha o talento artístico de Millie nem a sorte dos HotHoles, mas tinha minhas paixões: pessoas e música, e não pensava menos das minhas aspirações do que daquilo que eles faziam para viver. Dean cursou MBA em Harvard e tinha uma assinatura de *New York Times*, mas será que ele era melhor que eu? Claro que não. Eu trabalhava numa pequena cafeteria chamada *The Black Hole* entre a Primeira Avenida e a Avenida A. O dinheiro era ruim, mas a companhia era boa. Eu descobri que a vida era curta demais para fazer algo pelo qual não se é apaixonado. *Principalmente para mim.*

Jessica Rabbit revirou os olhos. A morena pequena levantou um ombro nu e virou-se de costas para nós, mexendo em seu telefone. Elas pensaram que eu era uma vadia cheia de sal. Estavam certas. *Literalmente*, eu era. Mas se é para ser literal, elas teriam uma surpresa desagradável. Eu sabia o ritual do meu vizinho e ex-namorado da minha irmã de cor. De manhã, ele chamaria um táxi para elas e nem se incomodaria em fingir que salvou seus números.

De manhã, ele agiria como se elas não fossem nada além de uma bagunça que ele precisava limpar. De manhã, ele estaria sóbrio, de ressaca e mal-agradecido.

Porque ele era um HotHole.

Um egomaniaco privilegiado e descontrolado de Todos Santos que pensava que merecia tudo e não tinha nada.

Vamos, elevador. Por que está demorando tanto?

— LeBlanc — desta vez, Dean chamou, encostando na parede prateada e tirando um baseado de trás de sua orelha, pegando o isqueiro em seu jeans sob medida escuro. A garrafa foi rejeitada e passada a uma das mulheres. Ele vestia uma camiseta de marca com gola V – o tipo de verde-limão que fazia seus olhos se destacarem e sua pele parecer ainda mais bronzeada – um

blazer preto aberto e um tênis de cano alto. Ele me fazia querer coisas idiotas. Coisas que eu nunca quis de ninguém, muito menos de um homem que namorou a minha irmã por oito meses. Então, reprimi essas coisas e tentei ser má com ele. Dean era como o *Batman*. Forte o bastante para aguentar.

— Amanhã. Você. Eu. *Brunch* de domingo. Basta pedir e estarei comendo mais do que apenas comida. — Ele abaixou o queixo para exibir seus olhos cor de esmeralda com uma expressão sinistra em seu rosto. Não havia pontos de interrogação com este cara. *Pirralha*, o pensamento amargo cruzou a minha mente. *Ele está prestes a fazer sexo a três e está parado aqui dando em cima da irmã de sua ex-namorada. Elas também podem ouvir tudo. Por que ainda estão aqui?*

Ignorei sua jogada baixa, advertindo-o sobre algo totalmente diferente.

— Se você acender esta coisa no elevador — aponte para o baseado —, juro que vou entrar escondida em seu apartamento esta noite e despejar cera quente por toda a sua virilha.

Jessica Rabbit engasgou. Morena Pequena berrou. Bom, elas *estariam* na linha de fogo se isso acontecesse.

— Nossa, relaxa. — A morena agitou uma mão para mim, pronta para explodir. — Tipo, muito bizarro.

Nem prestei atenção na mulher com maquiagem de giz de cera. Pelo contrário, eu simplesmente encarei os números vermelhos acima da porta do elevador, indicando que eu estava cada vez mais perto de um banho, vinho e *Portlandia*.

— Me responda. — Dean ignorou as garotas que ele estava prestes a comer, voltando seus olhos distantes para os meus. — *Brunch?* — Solução. — Ou podemos simplesmente pular a coisa toda e foder?

Romântico incurável, eu sei, mas infelizmente, ainda era um “não” para mim. Com toda sinceridade, eu não fiquei desmotivada só pelo jeito como ele tentou me arrastar para a cama, mas também pelo sua péssima escolha de momento. Fazia três semanas que Darren arrumou as coisas dele e saiu do apartamento que dividimos por seis meses – ficamos juntos por nove meses, depois de uma temporada curta que tive com um mecânico, entusiasta de música metal, chamado Hal. Dean não perdeu tempo ao tentar se candidatar à vaga de substituto casual. O fato de que Dean era basicamente meu senhorio e que eu só pagava cem dólares por mês para ele por motivos legais, não deixava mais fácil rejeitá-lo. Ele era coproprietário do meu apartamento com

Vicious, Jaime e Trent e, ao mesmo tempo em que eu sabia que ele não me expulsaria – Vicious nunca deixaria que ele fizesse isso – também sabia que tinha que tratá-lo bem.

Mas a ideia de que ele poderia me passar todas as DSTs listadas na WebMD facilitava rejeitá-lo. Facilitava muito, na verdade.

Os números vermelhos arrastavam-se no visor.

Terceiro.

Quarto.

Quinto.

Vamos, vamos, vamos.

— Não — falei categoricamente, quando percebi que ele ainda estava me encarando, esperando por uma resposta.

— Por quê? — Outro soluço.

— Porque você não é meu amigo e eu não gosto de você.

— E por quê? — Insistiu, sorrindo.

Porque você partiu meu coração e eu o coleí todo torto e errado.

— Porque você é um galinha inveterado. — Eu lhe dei o motivo número dois da minha lista de “Por que eu odeio Dean”. A lista, com L maiúsculo, era longa.

Ao invés de se sentir envergonhado ou desalentado, Dean inclinou-se em minha direção outra vez e encostou o indicador na minha bochecha com a mão que segurava o baseado apagado, com a expressão calma e controlada. Ele apresentou um cílio que pegou no meu rosto, seu dedo estava tão perto dos meus lábios que eu vi o formato redondo de sua digital rodopiando em volta do meu cílio curvado.

— Faça um pedido. — Sua voz era seda envolvendo meu pescoço, apertando-o delicadamente.

Fechando os olhos, mordi meu lábio inferior. Depois os abri. E soprei o cílio, assistindo-o balançar para frente e para trás gradualmente, como uma pena.

— Você não quer saber o que pedi? — Minha voz saiu rouca. Ele se inclinou para o meu corpo com os lábios encostados na minha bochecha.

— Não importa o que você pediu — falou arrastado. — O que importa é o que você precisa. E eu tenho, Rosie. E nós dois sabemos que algum dia vou dar a você. Aos montes.

Eu estava voltando de um período de seis horas de voluntariado num hospital infantil no centro, para o qual eu corri logo depois de terminar um turno

completo na cafeteria. Eu estava cansada, com fome e meus pés tinham bolhas do tamanho do meu nariz. Não deveria ter sentido mil peixinhos nadando em meu peito, mas senti. Senti e odiei ter sentido.

— *Brunch* — murmurou ele na minha cara, seu hálito quente e fedido soprando na minha pele. — Você mora no meu apartamento há quase um ano. Está na hora de reavaliar seu aluguel. Minha casa. Amanhã de manhã. Quando estiver pronta, mas é melhor estar lá. Entendeu?

Engoli, evitando olhar e, quando olhei para cima outra vez, a porta do elevador abriu. Dei um pulo para frente, praticamente correndo, me lançando no corredor e caçando as chaves na minha mochila.

Espaço. Eu precisava dele. De todo ele. Agora.

Sua risada ainda chegou à minha porta, desde o vigésimo andar, da sua cobertura, onde ele terminava sua jornada noturna com duas mulheres lindas. Depois do banho, me servi um pouco de vinho e comi um jantar saudável e balanceado, consistido de *Cheetos* e um molho cor de laranja de origem desconhecida que achei no fundo da geladeira, estacionei a bunda no meu sofá e comecei a passear pelos canais. Embora eu quisesse assistir a *Portlandia*, porque me fazia sentir um pouco mais sofisticada do que sugeria meu jantar, por algum motivo fiquei presa assistindo a *O que esperar quando você está esperando*.

Péssimo, e não só por causa da pontuação de 22% no *Rotten Tomatoes*.

Mas porque me fazia lembrar de Darren.

E lembrar de Darren me fazia querer ligar e pedir desculpas mais uma vez.

Fiquei olhando para o telefone por longos segundos, debatendo, ponderando sobre o cenário no meu cansado cérebro inveterado.

Ele atenderia.

Tentaria me convencer de que cometi um erro terrível.

Que não se importava. Que ainda me queria mesmo assim.

Só que ele se importava. Ele se importava muito.

E eu não sou boa o bastante.

Não para alguém como ele.

Outra coisa que eu deveria mencionar: apesar da minha natureza sarcástica e da minha tagarelice, eu ladrava, mas não mordia. Eu não tinha interesse em destruir vidas. Preferia salvá-las. Foi por isso que abri mão de Darren.

Darren merecia uma vida normal, com uma esposa normal e uma quantidade adequada de filhos para formar um time de futebol. Ele merecia férias longas

e atividades a céu aberto fora das paredes do hospital. Isso é, quando ele não estivesse trabalhando lá dentro. Resumindo, ele merecia mais do que eu era capaz de lhe dar.

Eu me enfiei na cama, encostando-me na cabeceira enquanto olhava para a porta do meu quarto, desejando que ela abrisse, empurrada por um deus na terra que me manteria aquecida durante a noite.

Dean Cole.

Jesus, eu o odiava. Agora mais do que nunca. Ele queria reavaliar o meu aluguel. Ele não podia fazer isso. Eu já era bem pobre do jeito que estava. Principalmente para os padrões de Manhattan. Além do mais, ele ganha num dia o que eu ganho em dois anos. Era mesmo necessário ou ele queria dar o troco por não ceder às suas investidas?

Fechando os olhos, imaginei o babaca de primeira classe comendo a *Jessica Rabbit*, montada em sua cara esculpida e perfeita, enquanto a Morena Pequena o chupava. Consternada, enfiei uma mão dentro da minha calcinha já úmida, a ruga entre minhas sobancelhas se aprofundou e eu tossi de leve.

Dean Cole provavelmente era do tipo escroto. O tipo que vira a *Jessica Rabbit* um segundo depois de ela gozar e mete nela por trás, puxando seu cabelo escarlate.

Empurrei meu indicador dentro do meu sexo, depois o dedo do meio, em busca daquele ponto.

Indignada, imaginei a Morena Pequena sendo arrastada pelo pescoço e jogada de costas quando ele terminasse com a JR. Agora, ele estava trepando com ela também, beliscando seus mamilos. Com força.

Arqueei minhas costas revoltada.

Gemi, repudiei.

Depois, gozei com vontade em meus dedos, enojada.

Eu odiava tudo em relação a Dean Cole.

Tudo... Menos ele.

CAPÍTULO DOIS

Dean



S-E-X-O.

Tudo se resume a isso, na verdade.

O mundo inteiro é feito de uma necessidade única, singular e animalesca. Nossa busca em parecer melhor, malhar com mais intensidade, ficar mais rico e ir atrás de coisas que nem precisamos: um carro melhor, músculos oblíquos mais definidos, uma promoção, um novo corte de cabelo, qualquer merda que tentem nos vender nas propagandas.

Tudo. Por. Causa. Do. Sexo.

Sempre que uma mulher compra um perfume ou um produto de beleza ou a porra de um vestido.

Sempre que um homem se escraviza com pagamentos ridículos em carros esporte que não têm nem a metade da porra do conforto do carro coreano espaçoso que ele tinha há uma semana, e injeta esteroides no vestiário de uma academia abafada... Eles. Fazem. Isso. Para. Foder.

Mesmo que não saibam disso. Mesmo que não *concordem* com isso. Você compra aquela blusa e aquele *Jeep* e aquele nariz novo para ficar mais 'comível'. Ciência, amor. Não se discute com essa merda.

O mesmo vale para a arte. Algumas das minhas músicas preferidas eram sobre sexo antes mesmo de saber que poderia fazer alguma coisa com meu pau que não envolvesse mijar escrevendo meu nome na neve.

Summer of '69? – Bryan Adams tinha nove anos. Ele claramente estava cantando sobre sua *posição sexual* preferida. *I Just Died in Your Arms*, de Cutting Crew? – Fala sobre *orgasmos*. *Ticket to Ride*, dos Beatles? – *Prostitutas*. *Come On Eileen?* Essa porra de música animada que todo mundo

dança em casamentos? –*Coerção sexual.*

Sexo estava em todos os lugares. E por que não estaria? É magnífico *pra* caralho. Eu não me cansava dele. E também era bom nisso. Eu disse bom? Risque isso. Incrível. Era essa a palavra que eu queria. Porque a prática leva à perfeição.

E Deus sabe que pratiquei muito.

O que me faz lembrar... Precisava encomendar mais uma caixa de camisinhas. Eu mandava fazer especialmente para mim em uma empresa chamada FaçaComUmaBorracha. Eu não apenas tinha a tira com meu nome nela – ei, algumas garotas gostavam de guardá-las como uma lembrança, quem era eu para negar? – e escolhia as cores (eu gostava de vermelho e roxo. Amarelo fazia meu saco parecer pálido. Não era uma boa cor para mim...), mas também escolhia o tipo de borracha, a espessura – 0,0015mm, se deseja saber – e o nível de sensibilidade.

— Bom dia — resmungou uma das garotas, despertando. Ela depositou um beijo oscilante na minha nuca. Eu sempre demorava alguns segundos para lembrar quem tinha passado a noite comigo, mas nesta manhã foi ainda pior, porque passei o dia todo ontem bebendo como se a minha missão fosse liquefazer meu fígado em rum.

— Dormiu bem? — Zumbiu a segunda.

Meu corpo estava virado para o lado, em direção à mesa de cabeceira, enquanto eu lia uma merda de mensagem de texto longa escrita por Vicious, meu amigo e sócio. A maioria das pessoas escrevia textos curtos para ir direto ao ponto. Este imbecil intenso fez de *Siri* sua puta e me enviou a porra da Bíblia inteira. Acordar com uma mensagem dele era o equivalente a acordar com um boquete feito por um tubarão. E foi isso que ele escreveu:

Querido Babaca,

Minha noiva trouxe ao meu conhecimento que a dor de cabeça que é a irmã dela talvez chegue tarde ao jantar de ensaio no próximo sábado porque ela está tentando economizar alguns trocados pegando dois voos com conexão para chegar a Todos Santos.

Ela é a madrinha de Em, portanto, seu comparecimento não é opcional, caralho. É obrigatório, e se eu tiver que arrastá-la pelos cabelos, farei isso, mas prefiro não fazer. Você sabe como me sinto sobre este lugar. Nova York

faz mal para o corpo. Los Angeles faz mal para a alma.

Eu não tenho alma.

Estou te pedindo como amigo para bater à porta de Rosie e enfiar uma nova passagem na mão dela. Mande Sue reservar uma passagem de primeira classe perto de você e se certifique que ela entre naquele avião com você na sexta-feira. Acorrente-a à porra do assento se precisar.

Essa é a parte onde você deve estar se perguntando por que caralhos você me faria algum favor. Considere como um favor a Millie, não a mim.

Ela está estressada.

Está preocupada.

E não merece essa merda.

Se a irmã caçula de Em acha que pode fazer a porra que quiser, está errada. Faça-a perceber o quanto está errada, porque todos os dias que banca a santa obediente e frugal, minha futura esposa se magoa.

E nós todos sabemos como eu reajo quando algo meu é prejudicado.

Paz, filho da puta.

V.

Não é exatamente uma prosa pretensiosa, mas este foi Baron Spencer para você.

Eu me alonguei, sentindo um corpo quente subindo em mim, lutando contra o lago de lençóis sem costura de seda azul-marinho entre nós. Havia um amontoado de tecido rico, pele quente e curvas macias ao meu redor. O sol entrava pela minha janela de parede inteira, brilhando sobre minha varanda de 92m², um mar de grama recém-cortada sangrando no horizonte de Manhattan. Raios de calor lambiam a minha pele. Um pequeno bar me chamava para preparar um *Bloody Mary* para mim mesmo. E namoradeiras felpudas cinza e azul-marinho me imploravam para montar nelas com as garotas para que toda a porra de Nova York visse e ouvisse.

Resumindo: esta manhã estava fantástica.

Contudo, Vicious *não* era fantástico.

Portanto, eu me permiti me banhar no conforto destas mulheres – Natasha e Kennedy – e fazer o que Deus, ou a natureza, ou ambos, queriam que eu fizesse: fodê-las com força. Por causa da civilização e da propagação de sementes e essas merdas.

Enquanto Kennedy – a ruiva adorável, minha memória me recordou –

salpicava beijos pelo meu pescoço, seguindo seu caminho para a minha ereção matinal, e Natasha – a atrevida do tamanho de uma instrutora de yoga – beijava a minha boca vorazmente, eu processava a nova informação em meio a marteladas de uma bem merecida ressaca.

Quer dizer que Millie LeBlanc estava estressada com o jantar de ensaio. Nenhuma surpresa até aqui. Ela sempre foi esta garota boazinha que queria que tudo fosse perfeito e trabalhava duro para isso. Um contraste gritante com o homem com quem estava se casando, que se encarregou de denegrir quantas vidas conseguisse usando seu humor seco e seu comportamento abominável.

Ela era a pessoa mais doce que eu conhecia – aliás, isso não é necessariamente uma coisa boa – e ele era de longe a mais desagradável.

Acho que deveria pensar no “e se?” porque Millie foi minha namorada. Porque o cérebro humano está designado a preencher os espaços vazios e eu estava com 29 anos e Millie foi minha única namorada séria, então, as pessoas poderiam presumir que foi um grande amor perdido.

A verdade, como sempre, era tanto decepcionante quanto desagradável.

Millie nunca foi um grande amor. Eu gostava dela, mas não era nem intenso nem necessário nem insano. Eu me importava com ela e queria protegê-la, mas nunca de um jeito que me deixou louco, como acontecia com Vicious.

O fato de que eu continuei gostando dela depois que ela foi embora deixando uma carta de término meia-boca apenas mostra que não era para ficarmos juntos de verdade. Porque a verdade era que eu estava apaixonado por Emilia LeBlanc... Até não estar mais.

Às vezes, acho que só amava a ideia dela ou nunca a amei de jeito nenhum. De qualquer modo, uma coisa não poderia ser contestada: quando estávamos juntos, eu era bom para ela. Leal. Respeitador. Ela, em troca, me fodeu.

Até esse dia, eu não sentia que conhecia de verdade minha única ex-namorada. Claro que eu conhecia suas características. Aquela merda que se diz em *sites* de namoro. Fatos absolutos. Ela era artista, tímida e bem-educada. Mas eu não fazia ideia de quais eram seus medos e seus segredos. O que a mantinha acordada à noite, o que fazia seu sangue ferver e seu corpo chiar.

A outra parte da minha verdade cruel era que eu nunca senti como se quisesse saber de todas essas coisas sobre nenhuma outra pessoa além de Rosie LeBlanc. Porém, Rosie me odiava *pra* caralho. Então, eu continuei solteiro.

Ela iria mudar de ideia. Tinha que mudar.

Por falar em Rosie, ela não aceitava dinheiro de Vicious e Millie a não ser que fosse necessário. Isso era de conhecimento geral e ela mostrou isso um ano atrás ao decorar meu apartamento de 2,3 milhões de dólares em Nova York, onde morava, com peças de segunda mão do *Craigslist* que custavam menos de 200 dólares no total. Eu duvidava que conseguisse fazê-la mudar de ideia, mas quando se tratava dela, sempre estava pronto para tentar.

Então, enfim. De volta ao que é importante: foder.

Foi quando Kennedy caiu de boca em mim, exibindo um talento absurdo em garganta profunda, que ouvi uma batida em minha porta. Ninguém tinha permissão para entrar no prédio sem um código e ninguém havia me pedido por um recentemente, o que me levou à simples conclusão de que deveria ser a própria Senhorita LeBlanc.

— Dean! — Sua voz rouca rastejou do corredor lá fora para cada tecido do meu corpo e eu imediatamente fiquei mais duro. Kennedy percebeu, tenho certeza, porque ela afrouxou seu aperto no meu pau, depois eu senti que ela respirava forte na minha coxa. Natasha parou o que fazia com a língua. As duas congelaram. Mais três batidas. — Abra.

— É aquela garota estranha de novo? — Perguntou a última com uma careta híbrida e um beicinho.

— Com toda a porra de certeza.

— Ela está me assustando.

— Tão esquisita... — concordou Natasha. Como se a opinião delas importasse. Para mim. Para Rosie.

Me ergui, sentando, e me enfiei no meu moletom preto. Não lamentei a foda não realizada. Estava mais ansioso para dar uma olhada naquela coisinha, imaginando por que ela estava aqui. Levantei e esfreguei os olhos para espantar o sono, minhas mãos subiram para despentear meus cabelos de propósito.

— Foi divertido. — Beije as mãos das duas antes de começar a caminhar para a porta de entrada com um objetivo. — Deveríamos fazer isso de novo em breve.

Não iríamos fazer isso de novo em breve. Nem em momento nenhum. Isso era um adeus e elas sabiam disso. Fui claro quando as peguei na noite passada em algum bar de Manhattan aonde fui. Elas estavam cheirando cocaína como se fosse açúcar, talvez uns mil dólares da substância, em uma

mesa num lugar chamativo que eu ia sempre que precisava fazer uso daquelas camisinhas personalizadas. Sentei no bar, trocando alguns olhares com elas, depois, fiz um sinal para que o *barman* mandasse algumas bebidas para as garotas. Elas me convidaram para tomar algumas doses com elas. Eu as convidei para sentar na minha cara. Uma bebida se transformou em sete. O roteiro estava ficando cansativo.

— Caramba, você não vale *nada*. — Kennedy foi a primeira a levantar da cama. Virei a cabeça para vê-la pegar seu vestido do chão, puxando-o como se a estivesse ofendendo de alguma forma.

Sério?, pensei. Antes de chamar um táxi para nos levar até a minha casa, eu falei para elas, claro como a porra do céu em agosto: isto é uma transa aleatória. Cristo, que parte de pegá-las num bar e usar o papinho de *Two Girls, One Cup* as fez pensar que haveria mais?

Dei uma piscada de consolo para as garotas antes de seguir meu caminho pelo amplo corredor cor de champanhe, com piso de mármore creme e retratos de família em preto e branco olhando para mim em cada canto com sorrisos brancos e largos.

— É... com licença, Sr. Cuzão? Meio que estávamos no meio de algo! — Acrescentou Natasha com uma voz estridente. Eu já estava no *hall* de entrada, abrindo a porta, atraído como um ímã para a fonte de toda a porra da minha libido. Bebê LeBlanc. Aquela fadinha linda e louca.

Rosie vestia uma calça jeans e uma camisa branca de botão: sua versão de terno sob medida. Um coque alto e despenteado em sua cabeça e seus olhos enormes me diziam que ela não estava impressionada. Apoiei o ombro na porta, sorrindo.

— Mudou de ideia quanto ao *brunch*?

— Bom, você me chantageou com sua ameaça de reajuste. — Seus olhos desviaram do meu rosto para o meu abdômen por um segundo antes de voltarem a se estreitar para mim.

Merda, eu fiz isso. Minha memória da noite passada foi embaçada pelo álcool, a maconha e as bocetas.

— Entre. — Dei passagem para ela. Ela virou a cabeça na minha direção e entrou.

— Pensei que, pelo menos, você faria um café antes de arrebentar meu cu com o aluguel. Lá se vai a boa vizinhança — resmungou ela, absorvendo meu apartamento com os olhos arregalados.

Cruzei os braços, ciente da atenção que eu atraía, e deslizei a língua pelo meu lábio inferior.

— Você quer um bom vizinho? Posso comprar um café da manhã para você na padaria lá embaixo e te dar alguns orgasmos de sobremesa — falei, acrescentando. — E posso arrebentar seu cu na cama, se preferir.

— Você precisa parar de dar em cima de mim. — A voz dela era dolorosamente tranquila enquanto passava pela enorme ilha branca e cinza no meio da minha cozinha de aço inoxidável, brilhando para nós em cada canto do cômodo. Ela pulou numa banqueta e olhou para a minha cafeteira vazia na pia como se o objeto tivesse cometido um crime.

— Por quê? — Provoquei, ligando a cafeteira. Por que eu tinha que parar de dar em cima de Rosie LeBlanc? Ela estava solteira agora, depois de dar o fora em seu namorado médico chato. Ela era um alvo fácil e eu tentaria jogar com ela até que tivesse queimaduras de terceiro grau de carpete em suas costas.

Na verdade, foi a primeira coisa em que pensei quando vi o filho da puta patético tirando as merdas dele do apartamento. Do *meu* apartamento.

Vou foder sua ex-namorada antes que as lágrimas no travesseiro dela sequem, pensei. E ela vai gostar tanto que vai voltar rastejando por mais.

Enquanto isso, na vida real, Rosie aceitou avidamente a caneca de café fumegante que eu ofereci silenciosamente, dando um gole. Ela fechou os olhos e gemeu. Sim, *gemeu*. Caralho, eu queria que este som fosse o toque do meu celular. Depois, ela abriu os olhos e jogou água fria em cima da minha fantasia.

— Porque você já mergulhou sua língua no molho da minha família e mesmo que eu saiba que é uma receita secreta que todas querem mais, receio que esteja sem sorte.

— Amo quando você fala de sexo comigo com conotação culinária. — Aproximei-me da ilha, colocando os antebraços nela com um olhar acalorado.

— Talvez seja porque nós somos *Coca-Cola* e você sempre se contenta com *Pepsi*. — Os olhos dela voaram na direção do meu quarto.

Cada músculo do meu torso se contraiu quando soltei uma risada autêntica. Meu corpo bem definido, meus braços cheios de veias, o abdômen ‘tanquinho’ e os peitorais proeminentes não lhe passavam despercebido, e suas bochechas cor de pêssego admitiram isso, mesmo que ela nunca o fizesse.

— Eu quero você — falei simplesmente, assumido, até mesmo me mostrando vulnerável... *porque eu queria*.

— Da mesma forma que quis a minha irmã. — A Bebê LeBlanc deu um aceno breve. — Você tem planos de foder toda a nossa árvore genealógica? Quer que eu imprima uma cópia do nosso perfil no ancestry.com?

— Por favor, assim que puder. — Eu lhe servi um pouco de atrevimento. — Embora eu desconfie que você pode me manter bastante ocupado.

— Você é tão teimoso — ela tossiu, como fazia a cada dois minutos, dando outro longo gole em seu café.

— Sim. Não falta nada neste departamento. Nem em qualquer departamento, a propósito. — Meu sorriso se alargou quando meus olhos deslizaram para a minha virilha. Estávamos envolvidos numa guerra de opiniões. Isso era bom. Eu era obrigado a vencer. Sempre conseguia o que queria. E o que eu queria estava sentada na minha frente, esperando pelo meu veredito sobre o aluguel. Kennedy e Natasha apareceram no corredor. Elas moravam juntas, então, eu não fiquei surpreso quando a última disse à amiga que o *Uber* que elas chamaram chegaria em três minutos. Dividir um carro era uma economia inteligente. Elas precisavam cuidar de seus gastos depois de cheirar o aluguel em cocaína. Bom para elas.

— Tchau, meninas. — Acenei.

— Tchau, cuzão. — Kennedy arremessou seu sapato de salto em mim com um balanço de braço que fez o jogador em mim querer assobiar de admiração. Eu me esquivei, abaixando rápido minha cabeça. O salto vermelho voou pela cozinha, passando perto do ombro de Rosie e batendo na geladeira.

Amassou. Pelo menos ela tinha essa vantagem. Nenhuma mulher tinha conseguido fazer isso antes.

Rosie deu um gole tímido no café, exalando indiferença.

— Hmm — disse ela. — Isso é bom.

Ela não falava do café. Ela falava de assistir aos efeitos colaterais de mim sendo um mulherengo. Só que ela fez aquele negócio de gemer. De novo.

Agora é pra valer, Rosie LeBlanc, pensei. Vou te arrastar pelos cabelos para o lado negro e você não vai fazer a mínima ideia.

— Vamos direto ao ponto, querida. Você vai voar comigo para Todos Santos na sexta-feira. — Peguei a concha de *whey protein* do pote, misturando o pó com leite desnatado. Não se chega à minha aparência devorando porcarias o

dia inteiro. Eu fiz isso acontecer. Não importa a que custo. Na academia, no trabalho, sendo um filho doce e perfeito. Tudo foi calculado e conquistado do jeito difícil. Sem atalhos para mim. Tem sido assim desde novinho, mas eu não conhecia nada diferente. Para eles – para Rosie, a irmã dela, meus amigos – eu era um idiota sortudo que nasceu num berço de ouro tão brilhante que nunca precisou levantar um dedo e trabalhar. Eu deixava que pensassem assim. Não havia nenhum mal em ser subestimado.

Ouvi Rosie se mexendo na banquetta alta na ilha e sabia que ela não cederia sem brigar. Para uma garota doente, ela era briguenta *pra* caralho.

— Millie já tinha me pedido. A diferença de preço é de duzentos dólares por passagem. É só o ensaio, cara. Não é como se eu fosse perder o casamento de verdade.

O casamento de verdade era no domingo, mas a maioria dos convidados – Jaime, Trent e eu, inclusive – voaríamos para Todos Santos na sexta-feira, ficando por uma semana e meia e comparecendo ao jantar de ensaio, a uma festa de despedida de solteiro/solteira e ao casamento em uma aventura fora de controle. Éramos um grupo muito unido. Fora do normal. Sempre que podemos passar um bom pedaço de tempo juntos, agarramos a oportunidade. Rosie ficava sem dinheiro por escolha. A irmã dela ia se casar com um dos homens mais ricos da América. Eu admirava a Bebê LeBlanc não ser o tipo de garota que sugava o bolso de outra pessoa, ela ficou com o apartamento quase de graça e algumas comodidades, e também tinha seus remédios pagos, mas trabalhava duro por todo o resto. *E* arrumava tempo para trocar fralda suja e receber os visitantes no hospital infantil algumas vezes na semana. Ela era para casar, mas eu não precisava de um lembrete disso.

— Você é a madrinha. — Virei para ela, encostando o quadril no balcão. Seus olhos estavam fixos em meu bíceps malhados enquanto eu agitava minha bebida, movendo para frente e para trás como uma bola de tênis. Ela umedeceu os lábios, balançando a cabeça, provavelmente para se livrar da imagem mental de mim batendo em sua bunda com o mesmo braço musculoso.

— Eu entendo a importância do papel e sou perfeitamente capaz de andar em linha reta com sapatos desconfortáveis por dois minutos enquanto seguro seu vestido. Você tem noção de que é a única coisa que implica a minha participação, não é?

— E quanto à festa de despedida de solteira? — Esfreguei meu abdômen nu

para tentar fazê-la gemer ou umedecer os lábios novamente, jogando a cabeça para trás e dando um gole na bebida de biscoito com caramelo que não tinha gosto nada parecido com biscoitos nem caramelo e, sim, com bunda suja.

— O que tem? — Desafiou ela com o olhar fixo em meu rosto.

— Quem está planejando a de Millie? Isso também não deveria ser tarefa da madrinha?

— Está tudo sob controle e será épica. Por quê? Você está planejando a festa de Vicious? — Perguntou surpresa. Ela curvou o corpo para frente, seus peitinhos empinados espremidos juntos dentro do sutiã. Eu grunhi, sentindo meu pau inchar dentro da minha calça de moletom de cintura baixa.

Para quem estava de fora, parecia que Vicious e eu tínhamos uma tonelada de problemas de merda. A verdade era que nossa amizade era forte. Era diferente da fraternidade normal que o resto dos caras tinha, mas era firme.

— Estou. Jaime também está ajudando. Vamos para um final de semana em Vegas.

— Chique. — Seu sorriso era condescendente.

— Bom, nós pensamos em não dar a mínima e furar o jantar de ensaio dos nossos amigos, entretanto, você veio e roubou a ideia. O que deu na sua bunda empinada, afinal? Está com inveja da sua irmã mais velha juntando os trapos?

Ela girou no assento e, quando vi seu rosto, algo apertou em meu peito. *Que maravilha, idiota.* O que quer que eu tenha dito a atingiu o suficiente para drenar o sangue de seu rosto.

— Cala a boca, Ruckus. Só estou me perguntando se o que planejei é chique o bastante. Eu pensei em um tipo de festa do pijama. Com uma playlist especial e tal. — Excêntricos olhos inseguros pediam minha opinião. Isso não era típico dela. Rosie geralmente ardia com autoestima e era uma merda ser a pessoa que apagava sua chama.

— Festa do pijama, é? — Passei por ela apenas para poder roçar os dedos em sua cintura. *Acidentalmente, claro.* — Millie é uma garota discreta. Não vejo por que ela não adoraria isso.

— Vou te dizer por que... Porque vocês vão para *Vegas*. Agora, preciso melhorar minha jogada — reclamou ela, servindo-se de uma segunda dose de café sem pedir.

— Você quer ser uma boa irmã? Pode começar aceitando a maldita passagem que vou comprar para você.

— A resposta é não — falou devagar, suspirando forte. — Sua língua materna é a mesma que a minha? Devo dizer “não” em outro idioma? Não sou fluente em idiotês, mas posso tentar — grunhiu ela.

— Vicious estava muito sério quanto a isso. Vai vir aqui e te arrastar ele mesmo. Sou o menos pior de dois demônios, Bebê LeBlanc. Você vai comigo — repeti. Não que algum deles mereça algum favor meu, mas estava feliz por Vicious e Millie. Mais feliz até em passar uma semana com a Bebê LeBlanc. Há anos tenho uma queda forte pela sua bunda redonda e gostosa. Estava na hora de reivindicá-la.

Rosie desviou o olhar, cruzando os braços como uma criança teimosa.

— Não.

— Sim — falei exatamente no mesmo tom. — E é melhor você arrumar uma porra de uma mala, porque o voo sai na sexta-feira de manhã e nós teremos uma semana movimentada à nossa frente.

Ela piscou sem responder.

— Vamos fazer um acordo, certo? — Eu me coloquei à frente dela com os cotovelos na ilha. Seu corpo fez o mesmo, girando em minha direção. Estávamos alinhados e ela não sabia disso, mas parecíamos dois corpos esculpidos. Feitos um para o outro. O que ela também não sabia era que iríamos testar a minha teoria e ver se combinávamos. Em breve. Muito em breve, caralho. — Vou te levar para a cova do diabo porque você tem que vir.

— Sei o quanto Vicious consegue ser impossível. — Mas vou ficar de plantão se você precisar de qualquer coisa. Pense bem. É um bom jeito de nos conhecermos. — Dei um sorriso com covinhas para ela.

— Não quero te conhecer. Tudo o que sei sobre você, que é bastante coisa, não gosto — disse Rosie. — Se você não vai falar sobre meu aluguel, diz logo, e eu vou embora.

— Venha para Todos Santos comigo. — Ignorei sua última declaração.

Caralho, ela era tão persistente. Por que isso me deixava excitado? Talvez porque a maioria das mulheres tinha a tendência de agir diferente na minha frente. Elas eram simpáticas, muito legais e sedutoras. Três coisas que não podia culpar a Bebê LeBlanc de ser.

— Esqueça — resmungou ela, descendo da banqueta.

— Rosie — alertei.

— *Dean*. — Foi a vez dela de me imitar. Ela revirou os olhos. — Me avise qual o novo valor do meu aluguel antes do fim do mês, por favor. Preciso

tomar as providências necessárias se não puder continuar no apartamento.
Ela passou pela porta e a bateu na minha cara antes que eu tivesse a chance de lhe dizer que o aluguel continuaria igual se ela viesse junto comigo.
Tudo bem, eu era paciente, contanto que as coisas saíssem do meu jeito.
A Bebê LeBlanc iria acabar cedendo.
O relógio dela andava mais rápido e eu estava farto de deixá-la desperdiçar o nosso tempo.

CAPÍTULO TRÊS

Rosie



O que te faz sentir vivo?

Pegar um ônibus com uma rota que não conheço. Caminhar o longo caminho até em casa. Perceber meus sentidos ampliarem conforme meu corpo fica mais alerta ao cenário desconhecido à minha volta.

— Playlist foda, *chica* — comentou minha melhor amiga na quarta-feira seguinte quando conectei meu USB no laptop do *The Black Hole*. Montei uma playlist de oito horas com as melhores das melhores, exatamente como fazia em cada turno meu. As pessoas vinham de toda Nova York para ouvir as minhas playlists. Os clientes diziam que eu lhes trazia Williamsburg para o conforto de suas casas em Manhattan. Do pop elétrico francês, passando pelo punk anarquista ao rock britânico antigo: minha música era como um *milk-shake*. Ela trazia todos os meninos para o local e os fazia pagar cinco pratas por um latte pequeno. Uma. Grande. Vitória.

— Obrigada, querida. — Pisquei, afastando-me do laptop e limpando o balcão à minha frente pela centésima vez nesta manhã. Mesmo sendo 100% incapaz por causa da minha doença, eu escolhi trabalhar. A produtividade transformava palha em ouro. Trabalhar era a minha salvação, porque quando você tem o *meu* tipo de doença, toda a sua vida adulta é um período de

experiência.

— Como vai seu vizinho gostoso? — Perguntou Elle, com os cotovelos apoiados no balcão, suas pernas mexendo ao som de *I'm Shipping Up to Boston*, de Dropkick Murphys, que tocava ao fundo. — Ainda mega rico?

— Ah, sim. Ainda um mega babaca também. — Tossi minha resposta. Queria que Elle, a minha linda amiga loira e cheia de curvas, não tivesse encontrado Dean por dois segundos no mês passado. Não acho que ele notou a presença dela quando nos encontramos no elevador e perguntou se eu queria ir e, quando perguntei aonde, ele disse gozar na língua dele; mas ela, sim, o notou. E quando ela descobriu que ele era um dos CEOs da monstruosa empresa de investimento Fiscal Heights Holdings além de ser bonito, todas as apostas foram canceladas. Desde aquele dia ela vem me atazanando sobre ele.

— Nós não nos importamos com isso. — Ela balançou a mão, ignorando uma mesa de clientes desesperados no final da loja que acenava há séculos para que ela levasse a conta. Eles podiam dançar *Copacabana* e, ainda assim, ela não iria perceber. Elle era uma mulher incrível na mesma medida em que era uma péssima garçonete. Eu registrei o pedido deles e imprimi a conta, caminhando até a mesa e lhes oferecendo bolo de limão de cortesia antes de retornar para uma Elle ainda alheia. Embora eu fosse a barista, e isso tecnicamente não fizesse parte da minha função, cobria Elle o tempo todo.

— Você não, mas *eu*, sim. De qualquer modo, ele está tentando me fazer ir com ele para Todos Santos na sexta-feira ao invés de ir no sábado. E eu não quero. — Mordi meu lábio inferior, pensando em mamãe e papai. Não contei a Elle sobre a minha conversa com Dean. Ela ficou fora durante a semana inteira, visitando seus pais no Nebraska. A última coisa que eu queria era despejar minhas merdas pessoais em cima dela e arruinar sua viagem.

— Que se dane isso. — Elle girou o indicador, seus olhos cor de avelã percorrendo dois jovens clientes que entravam no Café, esperando tolamente sua atenção. — Seus pais são uns chatos e sua mãe está sempre no seu pé. Além disso, eles ainda não sabem que você terminou com Darren, certo?

Certo.

Além dos meus pais, eu teria que passar um tempo com Vicious e Dean, duas das pessoas que menos gosto. A semana definitivamente seria desafiadora. Mudei de assunto, ignorando o festival de autopiedade em que estava tentada a me jogar.

— A propósito, preciso trocar meus planos para a festa de despedida de solteira da minha irmã. A nova precisa ser louca com um toque de glitter. — Abri um dos potes de biscoitos com gotas de chocolate que ficavam alinhados no balcão atrás de nós, peguei dois e os enfiei na boca. — Alguma sugestão?

Não diga Vegas, não diga Vegas, não diga Vegas, rezei por dentro.

— Duas palavras: Las Vegas. — Ela desenhou um letreiro luminoso imaginário no ar. — Faça o *Tour-de-Trash* na Cidade do Pecado. Strippers. Bebida. Um show da Britney Spears. Basicamente, todos os prazeres secretos que puder sustentar.

Gemi, jogando a cabeça no balcão com uma pancada.

O dinheiro não era problema. Se eu contasse a Vicious, ele desembolsaria qualquer que fosse o valor que eu precisasse para isso acontecer. Mesmo que passar um tempo em Vegas significasse menos tempo com mamãe e mais tempo com Millie, ainda *não* era algo que eu curtisse.

— Alguma outra ideia? — Ergui uma sobrancelha. Ele tinha mais chance de me atrair para uma caverna cheia de vampiros famintos do que de me levar conscientemente para passar uns dias na mesma Las Vegas que os HotHoles de Todos Santos, também conhecidos como os melhores amigos do noivo. Principalmente Dean Cole. Suas investidas constantes e insinuações sexuais me davam nos nervos.

— Sinceramente, Vegas é a sua melhor tacada, *chica*. De outra forma, siga com o plano de sempre. Faça uma festa com tema de vibrador – o que você não quer fazer mais porque é patética – ou um final de semana em Cabo. Ora, ora, chega de carboidratos para a madrinha. — Ela colocou uma mão sobre a tampa do pote quando fui pegar outro biscoito, balançando a cabeça. — E lembre-se: você não pode ser uma Annie.

— Annie? — Franzi a testa.

— Sim. Sabe, de *Missão Madrinha de Casamento*. Não deixe que nenhuma outra madrinha de Millie te ofusque. Isso vai te assombrar a vida inteira.

Seja como for, eu duvidava disso. Millie não tinha muitas amigas. Eu era sua única madrinha. Para começar, suas expectativas eram absurdamente baixas, graças a Deus.

— Agradeço a dica — bufei.

— De nada. — Ela agitou seus ombros ossudos. — E não diga a ninguém. Sério. Renunciei às comédias românticas quando tinha dezesseis anos como

parte de uma aposta. Acho que ainda está valendo. Mas eu quebrei a promessa uma ou mil vezes.

Eu ri, porque com Elle, não dava para não rir.

— Mas, sério, Rosie. Vegas seria perfeito. Não pense no que você quer, pense em Millie. É a semana dela. E digo o mesmo para o convite do seu vizinho gostoso de chegar antes a Todos Santos.

Eu odiava quando Elle estava certa.

Olhei para a hora no meu celular, tinha que passear com o cachorro do meu vizinho em meia hora e o metrô sempre ficava lotado nesta época do ano com turistas suficientes para povoar um país de tamanho médio. Ergui o queixo.

— Vinho e sushi hoje à noite?

— Sashimi para mim. Quero ficar com corpo de vadia no verão. — Ela correu as mãos pelo corpo, trilhando curvas inexistentes antes de me dar um joinha. Depois parou, fazendo uma careta. — Ei, quem você vai convidar para a festa de despedida de solteira, afinal? Sua irmã não é exatamente sociável.

Se alguma vez eu já ouvi um eufemismo, isso era um. Com exceção de Sydney, sua amiga do colégio, que morava em Todos Santos, e Gladys, uma garota mais velha aleatória que ela conheceu em Los Angeles e que a ajudava a organizar sua galeria, ela não saía mesmo com ninguém. Balancei a cabeça, me ocupando com a reorganização das canecas de café no balcão.

— Mendigando um convite descaradamente. O que está acontecendo com o mundo?

— Ei, moça, se você não liga para o nosso mundo, fique à vontade para se mudar para outro planeta. E dito isso — Elle deu um soco no ar —, nós vamos para Vegas! Toca aqui?

— Um toca-aqui e um joinha? Não, obrigada, acho que já tive uma boa dose de breguice por hoje — brinquei.

— Seu vizinho sexy também vai estar lá? Em Vegas, quero dizer. Ele parece o tipo que se joga numa festa louca.

— Vai — gemi e, quando fiz essa afirmação, percebi que eu não estava apenas irritada com a hipótese de ter Dean por perto.

Eu também estava excitada.

Só um pouquinho, mas o bastante para fazer meu estômago se *revirar*.

Isso deveria ter me dado uma dica. Ser o primeiro alarme. Porque todos sabiam de uma coisa: depois da *revirada*, vem a *explosão*.



— Como se eu me importasse, Colton. Vamos enfiar esse processo no seu rabo mais rápido do que um monte de merda depois de uma visita àquele restaurante coma-o-que-puder na Broadway apenas para garantir que ele não compre mais nenhuma ação até uma investigação mais a fundo. Fui claro? Colton? Colton! Cacete.

Ai, merda.

A voz dele correu para os meus ouvidos um segundo tarde demais. Não tive tempo de sair correndo do elevador antes que ele colocasse o braço – o que segurava o celular – para fazer a porta abrir de novo.

Dean passou pela soleira do elevador usando um terno de três peças azul-marinho e um sorriso arrogante, com o telefone encostado à orelha enquanto afrouxava sua gravata de seda marrom.

— LeBlanc — sussurrou sedutoramente, encerrando a ligação.

Eu o ignorei, encarando os números acima da minha cabeça.

O corpo dele encostou-se ao meu por trás e seus lábios encontraram a minha orelha.

— Seus mamilos sempre se manifestam quando alguém entra no elevador com você ou você guarda essa reação só para mim?

Merda dupla.

Meus olhos desceram para a minha blusa preta. Horrorizada, lembrei que, hoje de manhã, vesti um sutiã fino que mal dá suporte por baixo da minha blusa *Misfits*.

— Só estou brincando, mas é bom saber que você tem motivo para se preocupar. — Dean soltou uma risada de gozação. *Babaca*.

— O que você quer? — Gemi.

— Você, na minha cama, brincando com meu saco enquanto eu chupo suas tetas até que elas sangrem. Talvez me masturbando. Só um aperitivo, claro. A parte principal será melhor, mas tem que ver por si mesma.

Merda tripla. Agora eu estava molhada.

O elevador apitou. Corri para fora, empurrando a porta do meu apartamento, jogando as chaves numa tigela feita à mão que mamãe fez na aula de

cerâmica, e que deveria ser uma figura egípcia, mas parecia mais um macaco chorando, chutando meus chinelos na parede com um barulho. Fui descalça até a cozinha, abri a geladeira e peguei o suco de laranja, dando dois goles longos direto na caixa. Só quando limpei a boca com meu antebraço foi que percebi que Dean estava na cozinha comigo, me prendendo com os olhos verdes mais vívidos que já vi na vida.

— Reajuste de aluguel. — Ele estalou os lábios. — Antes que dê outro chilique, me ouça. Tem uma boa oferta na mesa.

— Só diz o valor. Suas ofertas são processos de assédio sexual prontos para acontecer.

Dean sorriu quando seu telefone vibrou mais uma vez. Depois, ele olhou para baixo e franziu a testa, suas narinas inflaram. Ignorando o barulho, ele olhou para mim de novo.

— Não é assédio quando obviamente você está afim.

Caminhei para a pia, lavando as mãos para ganhar tempo, abstendo-me de lhe responder.

— Está na hora de fazer as malas para Todos Santos, *Abelhinha*.

Só de ouvir o apelido que meu pai me deu em sua língua eu estremeci.

— É? Vou embarcar no sábado à noite. É o que diz a minha passagem.

— Não a que você vai usar. — Ele encostou a cintura na minha pia com seus olhos me despindo peça por peça. A ligação em seu celular cessou, mas outra começou, fazendo a tela piscar. Ele a ignorou também. — A que diz que é bem cedo na manhã de sexta-feira, o que significa que é amanhã.

— Eu não vou com você.

Ele riu, balançando a cabeça como se eu fosse um cachorrinho adorável e bobo.

— Quer apostar?

— Claro. — Dei de ombros. — Por que não? De preferência por dinheiro. Você não tem problemas nesse departamento.

— Nem em nenhum outro, como já determinamos. — Ele se afastou da pia, parando onde eu podia senti-lo, mas não tocá-lo. Não perto demais, mas perto o bastante para aquele arrepio percorrer a minha espinha.

E era verdade que, mesmo depois de todos esses anos, ele ainda causava esse efeito em mim. A sensação não solicitada de que eu não era totalmente responsável nem tinha controle do que poderia dizer a ele. Ou *fazer* com ele. Ele ficou parado atrás de mim e afastou um cacho de cabelo da minha nuca,

fazendo meu corpo aquecer e formigar.

Então, ele se abaixou e murmurou em meu ouvido:

— Este tipo de apartamento custa oito mil dólares por mês no mercado. Você está me pagando cem dólares. Preciso te fazer se igualar ao restante de Nova York, Senhorita LeBlanc?

Não havia nada de ameaçador em seu tom. Dean “Ruckus” Cole era um tipo de babaca diferente de Baron “Vicious” Spencer. Ele te fodia com um sorriso educado no rosto. Neste sentido, ele era o *Coringa*. Em sua mistura de confiança, arrogância, boa aparência e dinheiro, havia uma pitada de insanidade no meio.

Vivendo no limite, tão completo, tão irresponsavelmente, disposto a aceitar a queda.

Engoli em seco, meu coração batia tão rápido que pensei que iria transbordar no chão. A excitação preencheu meu peito, nauseante e viciante. Sempre mantive distância dos ‘Dean Coles’ do mundo. Eu era a *Chapeuzinho Vermelho* que deu uma olhada no lobo, disse “dane-se, não vale a pena”, virou e correu para se salvar.

Pensando nisso agora, Dean foi quem me ensinou a lição.

Darren fazia mais o meu tipo. Bonito de um jeito tímido e reservado. Um estudante de medicina que conheci quando ele pediu um chá herbal no *The Black Hole*. Agora, eu não sabia o que fazer comigo mesma com Dean tão perto. Minhas mãos pareciam ter sido artificialmente coladas ao meu corpo. Pesadas e fora de lugar. Eu sabia o que pararia a sensação. Tocá-lo. Mas essa não era uma opção.

— Arrume. A. Porra. Da. Mala. — A voz dele era dura e, se não estou enganada, não era a única coisa dura nele. — Se Vicious vier a Nova York te buscar, ele vai falar merda no meu ouvido. Veja, Bebê LeBlanc, gosto de deixar a minha vida simples. Livre de problemas. — Ele enrolou outra mecha do meu cabelo em seu dedo, faíscas de desejo atravessando suas pupilas. O toque de luz enviou arrepios por todo o meu esqueleto e pela minha espinha, dando voltas pelo resto do meu corpo como um choque elétrico.

Que diabos está acontecendo e por que eu estou deixando acontecer?

— Isso significa sem namoradas, sem sócios duvidosos e sem vizinhas nada amigáveis — enfatizou. — Você é uma complicação neste momento e eu odeio fazer isso, mas se está entre te irritar e irritar aquele filho da puta, você sabe o que eu escolho.

— Eu te odeio tanto — exalei e meus pulmões chiaram, me lembrando de que meu coração precisava desacelerar. Estar tão perto de Dean parecia com aquela sensação na barriga quando estamos numa montanha-russa. Ele encostou seu corpo ao meu e eu senti seu sorriso na minha pele, logo abaixo da minha orelha. Naquele local sensual entre sua libido e sua alma.

— Vicious diz que fudas de ódio são as melhores. Se importa em testar essa teoria?

Dando um passo para o lado e quebrando o contato físico, repliquei:

— Se importa em cair morto?

Contudo, não havia motivos para resistir a ele. Ele iria seguir com sua ameaça e, a pior parte era que eu não poderia impedi-lo. Eu sabia que estava errada. Sabia que deveria aceitar a maldita passagem. Algo de sombrio piscou em seu rosto. Algo que sempre estive lá, mas só eu parecia notar.

— Lembre onde paramos. — Ele apontou para mim com a mão que segurava o telefone e deslizou a tela. *Finalmente*. Era a terceira vez que essa pessoa ligava. — Volto em um segundo.

Dean desapareceu no meu corredor. Fiquei parada ali, sem saber o que fazer.

— Alô, Senhorita Interesseira, como posso te ajudar? Até onde sei, te disse para não me ligar, caralho. Isso mudou por algum motivo? — Ele parou por um momento antes de continuar. — Mas aí que está, Nina, minha querida. Você não pode estalar os dedos e me fazer voltar rastejando para te salvar. Você fez a sua fama. Agora, deite na cama. A guerra não é minha. A batalha não é minha. Não. É. Da. Porra. Da. Minha. Conta. — Sua voz estava excepcionalmente amarga.

Na verdade, ele soava tão puto, tão furioso, tão diferente de si mesmo, que eu me retraí visivelmente quando o ouvi. Isso acendeu um sentimento estranho em mim que nunca associei a Ruckus antes: medo. Dean nunca ficava com raiva ou nervoso. Ele era o menos cabeça quente dos quatro HotHoles. Raras eram as vezes em que suas penas eriçavam – que era quando ele ficava transtornado de verdade – e não acho que já o ouvi levantar a voz fora do campo de futebol. Mesmo agora há pouco, quando gritou com Colton, ele estava desdenhando da situação toda. Achando graça.

Encostei o ouvido na parede, bisbilhotando descaradamente.

— Eu não vou para Birmingham. — Birmingham? Tipo Birmingham, Alabama? Sempre pensei que conhecesse muito bem a vida de Dean. Claramente, ele tinha mais esqueletos no armário que Jeffrey Dahmer. —

Tem alguma coisa seriamente errada com o fato de eu estar inclusive te ouvindo neste momento. Sua proposta é ofensiva, para dizer o mínimo, e absolutamente insana *pra* caralho, na pior das hipóteses. Você teve anos para consertar. Anos para me deixar vê-lo. Agora é tarde demais. Não estou interessado. Sério, Nina, apague meu número da sua lista de contatos. Poupe-nos tempo e dinheiro.

Ele terminou a ligação inspirando como se seus pulmões não tivessem fundo. Um soco repentino direto na parede que nos separava me premiou com um ruído branco que soou no meu ouvido. Com certeza mereci isso, foi a minha deixa, e saí dali, arrancando para o lado oposto da ilha.

Ocupar-me na cozinha foi difícil, principalmente quando eu ainda podia sentir sua raiva flutuando desde o outro cômodo. Abri a geladeira e peguei alguns vegetais, depois, uma faca. Ofegante, fingi fazer uma salada. Vi o vulto alto de Dean surgindo na minha visão periférica, seu telefone estava preso com força entre seus dedos. Ele pareceu um pouco assustado ao me ver, como se tivesse esquecido que eu estava ali, entretanto, relaxou e pôs seu sorriso arrogante de volta no rosto, como se estivesse ajeitando uma fotografia torta na parede. Afrouxando ainda mais sua gravata, veio em minha direção.

— Uma transa de uma noite que deu errado? — Perguntei, fatiando um pepino em pedaços bem fininhos.

— É bem isso mesmo — resmungou ele, despenteando mechas rebeldes de seu delicioso cabelo. — Onde estávamos?

— Acredito que você estivesse me chantageando.

— Isso mesmo. Eu estava. Sexta-feira de manhã. Mala. Roupas. Postura. Pensando bem, mantenha essa atitude. Gosto de toda essa energia em excesso. Você só precisa de um bom lugar para destiná-la. E eu tenho o lugar perfeito para você. — Ele piscou e, como se eu precisasse de confirmação, acrescentou: — Na porra da minha cama.

CAPÍTULO QUATRO

Dean



O que são vinte mil dólares?

É muito dinheiro? Uma quantia razoável? Muito pouco, é como se não fosse dinheiro nenhum? Isso depende a quem você pergunta. Para mim, vinte mil dólares eram simplesmente um trocado. Não tinha nenhum efeito na minha vida. Ao contrário da crença geral, não era porque meus pais forravam minha conta bancária. As pessoas pensam que sou um bebê com uma poupança e eu deixava que pensassem assim, porque, francamente, quem dá a mínima?

A realidade das coisas era que meus pais pagaram a Universidade de Harvard para mim, adiantaram o dinheiro para meu investimento inicial na Fiscal Heights Holdings, a empresa que criei com meus três melhores amigos, Trent, Jaime e Vicious, e me davam assistência mental e espiritual. *Pra caralho*. Mas o fato de que eu nadava em mais dinheiro que poderia algum dia gastar aos tenros 29 anos? Eu fiz isso sozinho, meu bem.

Eu e minha esperteza.

Eu e minha natureza persuasiva.

Eu e meu talento com números.

Então, falta de recursos não era o motivo pelo qual eu achava difícil *pra cacete* clicar no botão *Confirmar Operação* e transferir vinte mil dólares para *ela*.

Eu não queria dar isso para Nina. Eu não queria que ela fosse feliz. Eu queria que ela fracassasse? Eu queria que ela continuasse pobre, perdida e triste? Eu queria dar o troco por ela ser uma vaca tão vil para mim?

E, nesse caso, isso fazia de mim uma pessoa ruim? Não acho que eu seja. Perturbado, com certeza. Será que iria querer que a minha futura filha

namorasse alguém como eu? De jeito nenhum. Eu conseguia farejar meu tipo a quilômetros. Entretanto, também não podia assumir a palavra *perverso*. Eu já vi a perversidade. Cresci com Vicious: eis um homem perverso. Não somos farinha do mesmo saco. Eu ajudava os mais velhos a atravessarem a rua, carregava suas compras até seus *Buick Lucernes*, mesmo que isso significasse que me atrasaria para coisas importantes. Nunca enganei nenhuma das minhas transas casuais. Eu era educado – e não apenas por obrigação, mas por natureza – eu votava, sempre usava as setas, nunca, jamais, ofendi pessoas de propósito e apadrinho uma criança africana há cinco anos. Nós até trocamos cartas de tempos em tempos. (Kanembiri e eu concordamos que Scarlett Johansson era gostosa *pra* caralho e que o *Manchester United FC* era ruim da porra. Porque algumas coisas simplesmente são um consenso internacional.)

Então, será que eu posso dizer veementemente que sou uma pessoa ruim? Não, eu não sou.

Eu amava *pra* caralho as pessoas. E elas me amavam ainda mais. O mais extrovertido e sociável dos meus amigos. E era por isso que a situação não me caía bem.

Eu. Olhando para a tela do meu *MacBook* por vinte minutos. Meu indicador pairava sobre o teclado. *Faça logo isso*, implorei ao meu babaca interior. *Por que caralhos você se importa? Você ainda é rico. Ela ainda é pobre. Ela sempre será deprimente, não importa onde vá.*

Uma batida suave na porta me tirou dos meus devaneios. Sue entrou sem minha permissão. Tecnicamente, ela bateu, mas foi apenas uma formalidade da parte dela. Minha assistente pessoal era grossa, vingativa e absolutamente desagradável quando a oportunidade se apresentava, desde que ela me pegou fodendo outra garota na mesa do escritório da filial da Fiscal Heights Holdings de Los Angeles. Não interessa o fato de que Sue e eu tivemos só um casinho breve. Era errado eu foder minha assistente pessoal? Provavelmente. Eu disse a ela, desde o começo, que ela tinha mais chance de me converter à Cientologia do que me comprometer num relacionamento? Sim, eu disse, várias vezes, antes mesmo de escorregar a cabeça dentro dela. Ela disse que “entendia totalmente e que estava, tipo, totalmente no mesmo momento que eu”? Pode apostar o cu que ela disse. Mas nada disso importou quando veio a estocada, depois um gemido, depois uma aspirante a atriz de Los Feliz gritando meu nome tão alto que a segurança quase invadiu o

escritório para ver se ela estava bem.

Fazia quase um ano que Sue me “pegou” não-traíndo e as coisas ficaram progressivamente piores com o passar dos meses da minha infidelidade inexistente. Qualquer outra garota estaria bem longe do meu escritório chamativo de Manhattan, mas Sue tinha um contrato especial que eu mesmo redigi para ela (sem fundo legal, obrigado por perguntar), numa situação bastante particular onde ela estava com meu pau em sua garganta, então, eu não podia demiti-la. Ela também não pediria demissão e eu conseguia entender por quê.

Eu a pagava bem e as horas eram relativamente normais para uma empresa financeira no centro de Manhattan, mas ela também não me daria uma folga. Como agora, ela entrou na minha sala com sua saia-lápis e seus saltos altos e uma impecável franja lateral descolorida e uma cara azeda. Eu tinha sorte por meu escritório ser feito exclusivamente de janelas de vidro (com exceção da porta de madeira sólida). Sempre havia a possibilidade de ela tentar cortar meu saco fora e enfiá-los pela minha garganta abaixo.

— Bom dia, Sr. Cole. — Seus lábios carmim mal se moveram quando ela deslizou um dedo pelo seu *iPad*, olhando atentamente para ele. Fechei a janela do site da minha conta bancária, mantendo a ideia de transferir dinheiro para a minha arqui-inimiga. Ela podia esperar. Ela com certeza *me* fez esperar. Durante anos a fio.

— Sue — falei, recostando e entrelaçando os dedos. Eu me recusava a jogar a merda de jogo em que a chamava pelo sobrenome – Senhorita Pearson – porque eu era acessível e casual com meus funcionários. Além disso, era um pouco pornô demais, até mesmo para o meu gosto, se referir a alguém como “Senhorita Sobrenome” secamente quando já tinha enfiado meus dedos bem no fundo dela em algum momento da minha vida. — Tudo bem com você? — Perguntei.

— Tudo bem. E o senhor?

— Se estivesse melhor, estaria preocupado que pudesse explodir de felicidade. — Meu sorriso era intacto, mas minha voz, de papel seco. Eu estava feliz? Estava triste? Eu estava simplesmente chapado demais para distinguir entre os dois sentimentos? Qual era a porra da novidade? O que eu *sabia* era que precisava de uma ou três bebidas, era assim que geralmente eu me sentia depois de falar com Nina.

Sue parou no meio da sala, seu corpo se inclinou para a minha mesa de vidro,

para minha cadeira de couro executiva e para o quadro do mapa-mundi antigo que ia do chão ao teto atrás de mim.

Genérico.

Caro.

Rico.

Tudo que eu vendia sobre mim para o mundo.

Este escritório era uma casca, assim como minha aparência.

Este escritório não me representava. Assim. Como. Minha. Aparência.

— Certo... — ela parou antes de bufar, movendo sua caneta chique especial sobre seu *iPad* chique especial. Nada de nenhuma merda comum para esta garota. — Tenho reservas para você no *The Breakfast Club* para o meio-dia com Cynthia Hollyfield. Não se esqueça de sua reunião no *Skype* com o Sr. Rexroth, o Sr. Spencer e o Sr. Followhill às 14h. Sua roupa lavada a seco deve ser pega hoje mais tarde e estará te esperando na sua casa. — Ela disparava tudo isso enquanto eu folheava as páginas de um relatório para um cliente com quem eu deveria me encontrar quando ela levantou a cabeça num rompante.

— E seu e-mail sobre reservar uma passagem extra para Todos Santos para Rose LeBlanc? Pode confirmar se ela voará de primeira classe com o senhor amanhã de manhã? — Sue arqueou uma sobrancelha desenhada. A verdadeira pergunta, claro, era *você está fodendo ela?* e a resposta sincera para esta pergunta – a qual eu respondi com duas piscadas lentas – era *não é da porra da sua conta*.

— Confirmado — falei, olhando para o parágrafo de outro acordo de fusão em progresso sem realmente lê-lo.

O ar condicionado zumbia entre nós. Quarenta e seis andares abaixo, um monte de taxistas apertava suas buzinas. Teclados educados ronronavam de diferentes cubículos no andar. Seus olhos estavam nos meus e era uma batalha perdida para a nossa pequena Sue. Ela não conseguiria me ler neles. Só eu conhecia o idioma deles. E escolhi não *me* compartilhar com o resto do mundo.

— Certo. — Ela se mexeu. Sue enfiou seu *iPad* sob a axila, virou-se e foi em direção à porta. Assisti sua bundinha se mexendo no ritmo de seus *Louboutins* pontudos, sabendo que não tinha acabado por aqui. Sue sabia que Rosie era a irmã caçula de Emilia LeBlanc, mas nunca teve o prazer de conhecer minha vizinha do tamanho de uma fada. Contudo, Sue estava alheia

ao fato de que eu não era o tipo que tomava conta da irmã de ninguém, a menos que houvesse algo para mim ali. E a Senhorita LeBlanc definitivamente era capaz de arrastar sua bunda para o aeroporto, o que a deixava com uma conclusão correta: eu queria meter em Rosie LeBlanc. De mais jeitos que nunca quis meter em Sue Pearson.

E também não seria a primeira vez que estragaria o dia especial de outra pessoa por uma boceta.

Eu era conhecido por levar meus encontros a lugares inapropriados. Sue sabia que levei uma transa casual para o hospital quando fui para Chicago parabenizar Trent, meu melhor amigo, quando ele recebeu sua filha, Luna. Quando Jaime Followhill – outro grande amigo – casou com Melody Greene, sua esposa e minha antiga professora de Literatura, compareci ao casamento dele com duas garotas aleatórias que peguei em um bar no caminho. A festa de aposentadoria do meu pai, antes de ele se retirar da aposentadoria e casar com o trabalho outra vez? – Apareci com nada menos que uma de suas estagiárias. Então, não era mesmo nenhuma surpresa que eu estivesse viajando com uma mulher, mas para Sue, era uma surpresa porque ela sabia que eu ficaria lá por mais de uma semana. E passar nove dias com a mesma mulher? Isso definitivamente era a primeira vez.

Ela não sabia que Rosie e eu não ficaríamos debaixo do mesmo teto.

Não sabia que Rosie me odiava, e por um bom motivo. Sempre que a Bebê LeBlanc me via, ela via uma diversão vazia; um chapado que chegou onde estava porque seu pai era um advogado famoso e seu sobrenome era Cole e os Cole doavam dinheiro suficiente para Harvard para alimentar metade da África, então, meu futuro foi pavimentado para mim antes mesmo de eu saber como soletrar a palavra *beneficiário*.

Sue não sabia que Rosie era a única mulher na minha vida que não me dava atenção e, com certeza, ela não sabia que, ironicamente, Rosie LeBlanc era a única mulher cuja atenção eu queria.

E Sue não precisava saber de nenhuma dessas coisas, porque igual a todas as outras partes da minha vida pessoal, eram só minhas.

Sue se vira. Ela me encara sob o que eu desconfiava serem cílios falsos. Sugando as bochechas.

Depois ela fez o inacreditável e inspirou sem terminar o ato com outro de seus bufos.

— Sr. Cole, vai precisar de algo mais de mim hoje? Não estou me sentindo

muito bem.

— Isso é tudo — falei. — Tire o resto do dia de folga. Vá descansar. Você merece.

Ela assentiu.

Eu acenei.

Sim, eu não era uma má pessoa, deixando que minha assistente pessoal me largasse para poder me ensinar uma lição inútil.

Peguei meu *MacBook* de volta e terminei a transação, enviando vinte mil dólares para *ela*.

Isso deveria me fazer sentir melhor.

Não fez.



A manhã seguinte foi uma reedição de uma manhã que tive quando a Bebê LeBlanc veio ao meu apartamento vestida para matar (de acordo com os padrões dela). Ou seja, acordei ao lado de uma estranha, enfrentando uma ressaca dos diabos, a qual decidi amansar fumando um enorme e grosso baseado no meu terraço enquanto tomava um *Bloody Mary*. Não do tipo virgem. Ultimamente eu nunca pegava nada virgem. Afinal, a última tinha me fodido, fugido, e agora ia se casar com um dos meus melhores amigos.

Então, eu me desviei.

Talvez não tivesse sido a melhor ideia que passou pela minha cabeça parar numa loja de conveniências nos confins de Nova York a caminho do JFK, às seis da manhã, e comprar uma garrafa de sabe-se-lá-o-que e terminá-la antes mesmo do pobre taxista me deixar lá.

Eu sabia que era uma jogada de merda, mas não conseguia me impedir de fumar e beber antes de embarcar no avião.

Vai se foder, Nina, resmunguei durante todo o caminho para o JFK, como se fosse alguma porcaria de mantra de yoga. *Vai se foder. Vai se foder. Vai se foder.*

Fui ziguezagueando até o terminal e esperava de verdade que a Bebê LeBlanc já estivesse dentro do avião e tivesse usado a passagem e o táxi que mandei

para ela. As chances estavam a meu favor. Eu a ameacei e ela não fazia ideia de que eu não conseguiria, em sã consciência, aumentar seu aluguel nem mesmo em um centavo. Eu sempre tive uma quedinha por essa garota e parecia que quanto mais ela me odiava, mais eu queria lhe provar que sempre fomos nós. Que se eu acreditava naquela merda de duas pessoas destinadas uma à outra, era porque nós éramos de verdade.

Eu estava atrasado e, por consequência, o voo também. A Pequena Senhorita Rabugenta não atendeu a nenhuma das minhas ligações e senti uma corda invisível apertando o meu pescoço. Queria chegar a Todos Santos, descarregar Rosie na casa da irmã dela e desabar na minha cama de infância. Em algum lugar no meu cérebro, eu queria mais da vida. Parar de beber e de fumar como a porra de uma chaminé. Deixar para lá as coisas ruins que continuavam ricocheteando na minha vida. Chamá-la para sair em vez de pedir para fazer a ‘cavaleira’ invertida em mim, porque toda a porcaria sexual que eu lançava sobre ela era um mecanismo de defesa caso ela dissesse não.

Porque ninguém nunca me dizia não.

Ninguém além dela e, se ela me rejeitaria, poderia muito bem lhe oferecer meu pau, e não o meu coração.

Minha última lembrança foi da comissária de bordo me mostrando onde ir e o leve barulho da minha cabeça batendo no descanso do assento, seguido por uma dor aguda que sugeria que meu cérebro tinha acabado de explodir. Eu me retraí, esfregando a testa antes de ouvir sua voz tensa e ofegante. A princípio, pensei que ela fosse gritar comigo por estar atrasado, por atrasar o voo e por respirar. Então, não registrei quando minha mente meio morta decodificou realmente o significado de suas palavras.

— Toma. Dois comprimidos de *Advil* e água. — Ela colocou algo em minha mão. — Vou pedir um pouco de leite à comissária depois de decolarmos. E não me enrola, ou vou garantir que todas as mulheres que trouxer para o prédio saibam que seu pau está mais contaminado que o banheiro público do metrô.

Abri os olhos, virando a cabeça no assento acolchoado para olhar para ela, meu olhar pairando sobre seu rosto.

— Você parece muito interessada no meu pau, Bebê LeBlanc. Primeiro, queria jogar cera nele; agora, quer atrasar o lado dele. Talvez você devesse conhecê-lo e ver se os dois podem ser amigos. Acho que se darão muito bem.

— Não, obrigada, eu literalmente prefiro comer o vômito de outra pessoa.

— *Literalmente?* Por algum motivo eu duvido disso. A menos que você tenha um gosto muito peculiar por vômito.

Rosie sempre foi uma vadia comigo. Eu não a culpava, mas também não acreditava nela. Mas agora, seu rosto parecia um espaço em branco e sincero, e bom e lindo *pra* caralho. Suas bochechas tinham cor de pêssegos maduros, sardas decoravam seu narizinho e aqueles enormes olhos extremamente azuis me encaravam. Duzentos tons diferentes de castanho e loiro em sua cabeça como cortesia da Mãe Natureza. Ela era a verdadeira definição de uma ninfa. Tudo nela era tão incrivelmente suave e aveludado que não tinha como notar que ela tinha uma doença.

Gemi, jogando o *Advil* e a água na minha boca seca. Enxuguei meus lábios quando o avião começou a se mover para frente, ganhando velocidade.

— Precisa de ajuda? — Perguntou ela com a voz neutra. Ela falava da bebida. Da maconha. Da bagunça geral que era a minha vida. Eu era um alcoólatra de alto desempenho, limítrofe, que fumava como se estar chapado fosse um esporte olímpico. Ninguém reclamava quando eu fechava aqueles acordos e transferia dinheiro e fodia como um campeão.

— Na verdade, eu preciso. Preciso que me deixe em paz até chegarmos em San Diego. Acha que pode fazer isso?

Caralho, você é um babaca.

A última coisa que lembrava antes de apagar era o peito de Rosie subindo e descendo de forma irregular com sua respiração desigual.

— Que seja — sussurrou. — Vou te deixar sair fácil dessa porque desconfio que teve uma semana de merda. Mas se quiser conversar sobre isso, estou aqui.

Queria contar tudo a ela.

Eu não queria que ela soubesse de merda nenhuma.

Ela me confundia e, neste momento, era a parte complicada sobre a qual falei quando lhe disse que sempre optava pelo caminho mais fácil. Fechei os olhos e tentei dormir. E quando a escuridão chegou, ela veio junto.

Nina.

CAPÍTULO CINCO



Rosie

Onze anos antes...

O que te faz sentir vivo?

Olhar meu reflexo na água fria e calma da piscina. Em tons azuis, sem piscar. Mergulhar num lugar mais silencioso sem nem mesmo colocar o dedo do pé na água.

Química perigosa.

Esse era o nosso principal problema.

E foi por isso que jurei nunca estar em casa quando Dean viesse ver a minha irmã. Era sempre uma tarefa difícil. Millie sempre foi uma criatura de hábitos. O quarto dela era arrumado, seus cadernos organizados com uma caligrafia perfeita, garantindo-lhe nota máxima de ponta a ponta. Como todo o resto, ela estipulava um período de tempo perfeitamente específico no qual ficava com seu namorado perfeitamente perfeito: às terças e às quintas depois do colégio – porque Dean tinha treino de futebol de manhã nesses dias – e os finais de semana eram planejados fora da mansão dos Spencer, porque Millie não suportava Vicious e vice-versa.

Não era como se eu ficasse deitada na minha cama, ouvindo as músicas de ódio aos homens de Miranda Lambert e chorando horrores. Eu era a

problemática que tirava nota baixa e que amava uma boa adrenalina. Eu me divertia com meus amigos e com as atividades depois das aulas. Fiz um *piercing* no umbigo e no nariz no centro da cidade, fiz alguns bicos, economizei dinheiro para comprar uma bicicleta nova e nadava pelada no mar perto de uma praia deserta com amigos quando o tempo permitia, o que era sempre, porque... bem, sul da Califórnia.

Na verdade, eu fiz muitas coisas naquele outono. Respeitosamente, nenhuma delas teve a ver com o namorado da minha irmã, gostoso igual ao pecado.

Posso lhe dizer francamente, neste momento, que estar sob o mesmo teto que eles me fazia querer me esconder mais fundo na minha pele e desaparecer dentro de mim, sumindo no nada. Eles faziam barulhos. Eu odiava aqueles barulhos. Eram os piores tipos de barulho.

Respiração pesada, gemidos, risadinhas e beijos altos e confusos. O fato de que eu conseguia ouvi-los mesmo com a porta do quarto de Millie fechada apenas fazia crescer o buraco lancinante em meu peito. Apesar dos meus defeitos, sempre fui uma menina sensível. Não precisava desse tipo de negatividade na minha vida. Então, era melhor mesmo eu nunca estar lá.

Se eu pudesse identificar o momento que me levou a essa decisão – ficar longe de Dean Cole mesmo quando Millie estava no mesmo cômodo que nós – escolheria o incidente na piscina.

Era uma quinta-feira e Millie estava atrasada. Ela tinha que parar no posto de combustível a caminho de casa para encher os pneus da bicicleta. Eu estava prestes a sair da casa dos empregados onde morávamos na mansão Spencer. Tudo naquele encontro pareceu que foi arrancado da cena de um filme. Abri a porta justamente quando Dean ia bater. Nossos olhos se encontraram e meu maxilar travou, porque eu lutava contra um sorriso que estava determinada a não dar, sabendo que poderia muito bem dividir meu rosto em dois.

Dean parecia uma tentação. E não falo apenas do fato de que ele estava deslumbrante em seu casaco azul Royal do time e com uma expressão de bad-boy de molhar a calcinha. O cheiro dele, de sabão em pó e *sexo caro*, e sua altura e corpo dominantes me deixavam desesperada. Juro que, pela metade do tempo em que ele estava por perto, meu desespero por ele pairava no ar como fedor.

— Oi. — A porcaria da minha voz falhou.

— Oi *pra* você — respondeu. Nossos olhos vaguearam outra vez. Não era bom, mas também não foi a primeira vez que isso aconteceu. Isso sempre me

fez sentir culpada. Se fossem mãos, seus dedos puxariam a minha cintura agora, logo antes de abaixar o capuz do meu moletom do *Dead Kennedys* para poder ver melhor o meu rosto; os meus, agarrando seu perfeito cabelo castanho-dourado e nossos corpos grudados um no outro como duas páginas de um livro novinho.

— Millie ainda não chegou, mas pode entrar. — Dei passagem para ele e abri mais a porta. — Eu já estava de saída. Ela já já deve estar de volta.

— Para onde você vai? — Perguntou ele, colocando o braço no batente da porta e bloqueando a minha saída.

— Desculpe. — Cruzei os braços. — Não recebi o memorando. De repente isso passou a ser da sua conta?

— Talvez o memorando tenha se perdido entre a correspondência. — Ele deu um passo para frente, obrigando-me a dar um passo para trás e, Jesus, eu nem conseguia olhá-lo nos olhos, estava tão nervosa. Por sorte, minha cabeça estava no nível do seu peitoral. — Porque você com certeza é da minha conta, Bebê LeBlanc. — Meu coração pulou na garganta, tornando impossível respirar, antes de ele acrescentar — E acho que nós dois sabemos muito bem que não adianta fingir que não estou de olho em você.

Puxei meu capuz por completo para cobrir meu rosto em chamas.

Geralmente, ele era o garoto propaganda da arrogância. Aquele clichê todo de fodão briguento que os HotHoles alimentavam All Saints High sobre si mesmos. Seus súditos e lacaios comiam aquela merda e voltavam por alguns segundos. Talvez a culpa fosse minha por não ligar para aquele tipo de coisa, porém, nunca tive a marra de poder e a vibração “adulta” que os HotHoles transmitiam. Parte do motivo que notei Dean de início foi porque ele não se levava muito a sério e não era tão taciturno e babaca quanto o resto deles. Desde que começou a namorar Millie, que não foi há muito tempo, ele começou a tentar falar comigo. A princípio, me garantiu que não tocaria nela. Depois que eu disse que ele *deveria* tocar nela, ele ficou bem puto. Agora, saía com ela e se comportava de acordo – beijando-a, meu Deus, eu os ouvi no outro dia – embora não tirasse os olhos de mim. Nunca tirava.

— Eu, é... — Eu me distraí, as engrenagens enferrujadas em meu cérebro vacilavam, procurando uma boa mentira. O meu álibi era sólido. Eu precisava *mesmo* ir a algum lugar. Mas não compartilhava isso com ninguém, muito menos com os colegas do colégio e, definitivamente, não com o cara por quem tinha uma queda enorme. Só que Dean não era um cara para se

esquivar. Eu tinha que dizer alguma coisa, qualquer coisa, então, optei pela verdade. — Tenho uma consulta médica.

Olhando para cima, vi consideração e calma em seu rosto. Ele enfiou as mãos nos bolsos.

— Algum problema?

Sim. A minha vida inteira é um problema.

— Não, nada disso. — Coloquei um cacho de cabelo atrás da orelha por baixo do capuz. — Às vezes, só preciso de... — *Cala a porra da boca*, disse-me a voz. Sentir-me pequena e vulnerável não era a minha.

— De...? — Ele abaixou o queixo, me encorajando. E era uma pena a tal da química ser uma corrente inexplicável que puxava e unia duas pessoas. Porque foi assim que me senti naquele momento. Acorrentada. O jeito que ele me olhava, como se eu fosse o centro do mundo, me incomodava. Me envaidecia. Me deixava *possuída*. Deus, eu tinha que dizer alguma coisa rápido para que ele se calasse e me deixasse em paz. Independente do quanto a verdade pudesse ser embaraçosa.

— Uma massagem no peito. — Eu precisava tirar todo o muco das minhas vias respiratórias, mas isso não era algo que eu estava ansiosa para compartilhar com ele. Ergui uma sobrancelha e enfiei as mãos nos bolsos. — Sabe, para continuar sexy e tal.

Meus olhos estavam cobertos pelo capuz com segurança, mas ainda não era o bastante. Nada era o bastante ao lado dele. Mesmo com três camadas de roupa, sempre me sentia nua.

Massagens no peito eram uma coisa semanal. Às vezes, eu tinha que ir à clínica. Às vezes, uma enfermeira vinha até mim. E, embora Millie não tendo dito nada sobre a minha doença para o seu namorado, eu sabia que se ele ficasse mesmo por aqui, acabaria descobrindo.

Empurrei Dean com o ombro para poder passar e caminhei para a entrada principal da mansão. Havia um caminho pavimentado que dava direto no portão, mas eu gostava de pegar o caminho longo, passando pela enorme piscina de Vicious e pelo gramado verde da cor dos olhos de Dean. Para andar na beirada dela. *Para me sentir viva.*

Ouvi os passos de Dean correndo atrás de mim. Sem nem olhar para trás, eu sabia que ele carregava aquele sorriso que por algum motivo me deixava com raiva.

— Massagem no peito, é? — Ele soou perspicaz. — Um monte de caras

adoraria te ajudar com isso.

— Obrigada, Dean, pelo comentário estranho.

— O que há de estranho em destacar que os caras querem tocar seus peitos?

— O fato de que é o namorado da minha irmã que está me dizendo isso. E também é ligeiramente inapropriado. E por ligeiramente quero dizer extremamente.

— Nunca disse que eu mesmo queria fazer isso. — Ele fez um *tsc-tsc* acrescentando — Aliás, por que caralhos você precisaria de uma massagem no peito? Você colocou silicone ou algo assim?

Parei no final da piscina, virei e olhei em seus olhos de um jeito que parecia muito íntimo. Estávamos cara a cara. Corpo a corpo. O vento estava gelado, porém, agradável. Dei um passo para trás. De onde estávamos, Vicious podia nos ver da janela do seu quarto. A última coisa que eu precisava era armá-lo com mais munição contra Millie para que ele pudesse contar a ela que me viu paquerando seu namorado. Eu precisava me certificar de que ela estava protegida, independente de qualquer coisa.

— Tenho uma doença — falei, as palavras deixaram a minha boca antes que eu pudesse contê-las. Seus olhos escureceram, vertendo desconfiança e descrença pelo resto do seu rosto.

— Que doença? — Exigiu ele, parecendo confuso, irritado e... sentido? Talvez.

— Fibrose cística. É uma doença pulmonar.

— Tem cura? — Insistiu, sua voz era dura. Suas sobrelanceiras desabaram como pedra. Era quase como se ele estivesse me acusando de alguma coisa.

— Não. — Senti meu rosto ferver. — Nasci com ela. Vou morrer com ela. Provavelmente por causa dela também. Jovem, possivelmente. Meus pais têm o gene, os dois.

— Millie não tem. — Lá estava novamente. Ele estava querendo me pegar mentindo? Porque se eu fosse mentirosa, tenho quase certeza de que tentaria me vender como se tivesse um superpoder ou o QI de Einstein. Soltei uma risada, porque isso seria interessante e tal.

— Bom, Millie tem sorte — falei. Ela tinha. Em vários sentidos. — Só porque meus pais carregam o gene não quer dizer que todos os filhos deles terão a doença. Pode chamar de roleta russa da natureza se quiser. E fui eu quem tomei a bala no pescoço. Eis sua curiosidade do dia. Posso ir agora?

Se fosse qualquer outro cara, eu teria dado as costas e ido embora. *Simples*.

Mas com Dean “Ruckus” Cole nada era simples. Eu queria explorar cada segundo que tinha sozinha com ele. Nem sabia ao certo por quê. Era estranho, angustiante e excitante estar perto dele e assim que ele fosse embora, eu sabia que me odiaria por cada palavrinha que eu disse, por cada atitude minha e cada respiração.

— Rosie.

Levantei a cabeça e, antes que eu soubesse o que estava acontecendo, senti as palmas ásperas das suas mãos na minha cintura e meu corpo voando para a piscina. Não tive tempo de me preparar para a queda. Nem literalmente nem figurativamente. Meu corpo atingiu a água, o mergulho foi doloroso como se eu tivesse sido esmagada no concreto. Usei os braços para nadar para cima para pegar ar. O gelo da água só me bateu quando respirei desesperadamente. Abri os olhos, todo o meu corpo tremia violentamente e, antes que meus olhos se adaptassem, houve um esguicho ao meu lado. Dean também pulou. Meu coração ficou descontrolado, martelando por todos os lados. Parecia que batia no meu tórax, afundando, tentando achar seu caminho para fora, através do meu estômago, da minha garganta, querendo sair, sair, *sair*. O corpo de Dean nadou até o meu, me prendendo na parede azul-pacífico e eu comecei a socá-lo. Loucamente, socos furiosos. Não era o tipo de tapinhas que uma garota dá num garoto para paquerar ou para avisá-lo para manter distância. Não. Eu arranhei seu peito com as unhas, querendo tirar sangue dele.

Depois, comecei a chorar.

Isso também foi completamente fora do normal para mim. Nunca chorei na frente de alguém que eu não conhecesse. E só para constar, alguém que não fosse Millie, mamãe e papai, era um estranho. No entanto, aqui estava eu, com minhas lágrimas quentes e salgadas misturadas à água fria e doce.

A vida não é justa.

— Que diabos há de errado com você? — Rugi, sem parar de socar seu peito. Ele tinha tirado o casaco antes de pular e agora a única coisa separando nossos corpos era sua camiseta apertada preta e dourada e meu moletom ensopado. Sua pele estava quente apesar da água e eu precisava mais dela. Ele queria me dar. Seu corpo inteiro dizia isso. *Cantava*. Gritava do telhado dessa mansão monstruosa. Nenhuma palavra foi pronunciada, o que tornou a linguagem dos nossos corpos ainda mais alta.

Química perigosa – alertava. – *Fuja, Rosie.*

— Seus pulmões funcionam bem — grunhiu ele na minha cara, segurando

meus pulsos e me prendendo contra a parede, com força. O que ele estava fazendo? Vicious poderia nos ver. Diabos, Millie também. Se ela entrasse pelo portão agora, o que pensaria? Seu namorado e sua irmã juntos na piscina. Corpos colados. Almas coladas. — Você está bem, caralho! — Acrescentou ele, sua testa estava a centímetros da minha.

Ele estava tentando me convencer ou a si mesmo?

E por que diabos eu me importava, afinal?

Eu me obriguei a me acalmar. Precisava colocar um pouco de juízo neste cara. Ele tinha que me soltar antes que fôssemos pegos fazendo o que quer que estivéssemos fazendo.

— Dean — falei, tão friamente quanto consegui, soltando meus pulsos e colocando as mãos espalmadas em seu peito. Ele respirou fundo e fechou os olhos. Pingava água de seus cílios e tudo nele era bruto, molhado e delicioso. Em algum lugar no meu cérebro, eu sabia que isso era descomunal. Isso que compartilhávamos neste instante. Nunca senti isso com nenhum outro cara. Esta partezinha da vida era nossa, mesmo que eu não quisesse que fosse.

— Rosie — rebateu ele.

— Eu estou doente — repeti.

— Não diga isso. Você não está doente. É só uma condição de merda.

Balancei a cabeça, água e lágrimas voando por todos os lados.

— Não é só uma condição. Eu vou morrer bem jovem, Dean. Com cerca de trinta anos, talvez quarenta... cinquenta se eu tiver sorte.

— Cala a boca — censurou entredentes. Ele bateu na parede atrás de mim com a palma da mão e eu estremeci não só por causa do frio. — Isso é mentira! — Descarregou. — Você não vai, não.

Eu precisava encontrar outra estratégia. Rápido.

— Ouça, você não pode fazer isso, certo? Podemos ser amigos — menti porque a esta altura eu sabia que não poderíamos. — Mas você não pode sair me jogando dentro das piscinas no meio do outono, primeiro, porque eu *estou* mesmo doente e, mesmo que não estivesse propensa a pegar uma pneumonia, não é divertido ser jogada numa água gelada de jeito nenhum, e Millie. Não é justo com ela. Você não pode tratar a irmã dela desse jeito. Como se... Como se...

— Como se o quê? — Instigou ele com as pupilas queimando.

Como se me quisesse.

Será que ele me quer?

Meus hormônios estavam se rebelando. Meus princípios morais me queimavam por dentro. Cada pelo no meu corpo se eriçou. A mão dele serpenteou entre nós e segurou uma das minhas bochechas, colocando minha cabeça para cima, me obrigando a olhar para ele.

— Caralho. Como. Se. O. Quê. Rosie?

Havia algo em seus olhos. Uma intensidade que nunca vi antes. Era perturbadora, porque algo me dizia que ele não fazia ideia do que estava fazendo. Ele só sabia que era errado. E, assim como eu, ele estava confuso, machucado e furioso.

— Como se me quisesse — ecoei baixinho meus pensamentos.

— Mas eu quero — assumiu. — Talvez esteja na hora da dança das cadeiras. Sua irmã não gosta muito de mim, Bebê LeBlanc.

Ele também não gostava muito dela. Ele se *importava* com ela. O que o tornava ainda mais sedutor, porque nosso objetivo era o mesmo: proteger a pessoa que eu amava intensamente.

Mas, ao mesmo tempo, a amargura me consumia sempre que eu observava o quanto o relacionamento deles era um completo e absoluto desperdício. Quando eu testemunhava como os olhos dela flutuavam para Vicious quando ele estava por perto. Como Dean e eu nos olhávamos de longe. Eu queria pegar minha irmã pelos ombros e sacudi-la. Dizer para ela dar um jeito nessa merda toda e ficar com o cara que faz o coração dela derreter. Mas eu não estava em posição de pedir nada a ela, levando em consideração que meus pais arrancaram nossa família de Fairfax, na Virgínia, e nos fizeram mudar para a Califórnia para que eu pudesse ter uma assistência médica melhor. Já que eu tinha amigos e uma vida social e ela não tinha nada, precisamente por causa dessa decisão. Então, eu deixei que ela tivesse ambos: o corpo de Dean e o coração de Vicious.

— Se você não me soltar — meus dentes tremiam e não por causa do choque —, vou contrair uma infecção pulmonar. *Dean*. — O nome dele foi um aviso e desta vez ele me deixou empurrá-lo com as mãos, nadando para longe de mim e me observando subir na margem da piscina, com as roupas pesadas e ensopadas me puxando para baixo.

Não me virei para olhar para ele. Estava com muito medo de que visse meus olhos, dopados pela euforia, contaminados pela luxúria. E meu rosto, rosado em contraste com o resto de mim: trêmula e arroxeadada.

Eu o vi pela minha visão periférica nadando para a margem, sustentando os

antebraços nos azulejos molhados com o queixo apoiado em suas mãos fechadas.

— Essa merda é tóxica. Precisamos parar com isso antes que vá mais longe — resmungou ele, mais para si mesmo do que para mim.

— Mais longe que o quê? — Tirei meu moletom e joguei o tecido pesado numa espreguiçadeira por ali. — Do que beijar e ter rala e rola com a minha irmã até o esquecimento e depois voltar a dar em cima de mim? — Minha voz estava trêmula.

— Rosie — disse ele. Uma risada estridente escapou de mim. *Rosie, uma ova*. Ele estava com a minha irmã. Verdade que eu o empurrei para ficar com ela, mas isso não me deixava nem um pouco menos amargurada. — Não vire isso contra mim. Você me disse para ficar com ela. *Você* também me disse para tocá-la, caralho. O que quer que eu faça? Ignore-a?

Eu odiava que ele tivesse razão e odiava que algo tão racional me fizesse *sentir* tão irracional.

— Isto — gesticulei entre nós dois de onde eu estava na beira da piscina — não vai acontecer. Você namora a Emilia, Dean. Nunca poderemos ficar juntos.

— Quem disse? — Provocou.

— Eu disse. E a sociedade. E a lógica. E a cultura. E, cacete, cada filme de amor e livro de romance a que já me dediquei.

— Mmm. — Um sorriso brincalhão encontrou seus lábios deliciosos de novo.

— Isso não pode estar certo.

— Está — rebati. — Julieta não tinha uma irmã mais velha chamada Julia que Romeu experimentou antes de decidir que era com ela que ele queria ficar.

— Julieta nunca ficou frente a frente com a porra dos sentimentos dela — gritou ele, esmurrando os azulejos. — Desde quando você é tão covarde? — Dean pulou para fora da piscina tão rápido que pareceu uma ilusão de ótica. Ele se pôs à minha frente rosnando. — Desde quando você dá a mínima para o que as pessoas pensam? Eu te julguei completamente errado. Se fugir disso, vou dar uma chance a esse negócio com a Millie.

Soou como uma ameaça.

— E o que você vem fazendo nesse tempo todo? — Bufei. Não era culpa dele. Quando ele me notou, ela quis namorá-lo e ele não podia dar para trás. Além disso, ele tornava a vida dela muito melhor. Já se foi o tempo em que

seu armário ficava entupido de lixo e as pessoas murmuravam “lixo branco” quando ela passava no corredor.

— Esperando por você — respondeu ele e nós dois suspiramos quando a chuva começou a bater levemente em nossos corpos parados.

— Bem — Sorri docemente e me custou cada gota de energia para lhe mostrar meus dentes e minhas covinhas. — Você tem permissão para se apaixonar pela minha irmã. Como eu disse, nunca nada vai acontecer entre nós dois.

Cinco segundos depois, Millie apareceu na piscina, trazendo sua bicicleta. Dissemos a ela que eu caí na piscina e que ele pulou para me salvar. Meu rosto estava ruborizado, a piscina não era tão funda e eu nadava muito bem. Mas os olhos de Millie estavam em outro lugar, assim como o seu coração, e eu tive a sensação de que mesmo que ela nos pegasse com as calças arriadas não teria importância.

Não cheguei a comparecer à minha consulta naquele dia.

Porém, peguei pneumonia, o que me garantiu uma viagem ao pronto-socorro e uma estada de quatro dias no hospital. Perdi duas provas importantes e tive que passar horas com um colete de percussão.

E naquela quinta-feira seguinte, quando cheguei em casa depois de evitar Dean e Emilia, um livro me esperava no meu travesseiro, junto com um bilhete. *O Cavaleiro de Bronze* em brochura. O *Post-It* amarelo dizia:

Foda-se a sociedade.

Foda-se a lógica.

Foda-se a cultura.

Foda-se sua doença.

E sabe do que mais? Foda-se você.

Aqui está um livro sobre como merdas como as nossas podem dar certo.

Leia.

**Dean.*

Entretanto, no dia seguinte, eu o enfiei pela fenda do armário de Dean com um bilhete.

Faça-a feliz. Vou te matar se algum dia machucá-la.

A ficção é mágica. A realidade é dolorosa.

**Rosie.*

Nunca mais falamos sobre isso até Millie ir embora.
Mas comprei uma cópia de *O Cavaleiro de Bronze* para mim.
Eu o li.
Memorizei.
Recitei.
E nunca, nunca o esqueci.

Dean

Onze anos antes...

No fim das contas, Millie e eu formávamos um casal bem respeitável. Isto é, antes que ela fodesse com tudo.

Não rotulei o que tivemos. Será que era amor? Provavelmente não, mas eu me importava com ela e gostava de sua companhia. O único problema era que eu gostava mais ainda da companhia da sua irmã. Porém, isso estava se tornando cada vez menos um problema, já que a Bebê LeBlanc recuou e, embora nunca tenha dito nada explicitamente, eu sabia que ela estava me evitando. Ela deixou as coisas mais simples.

Só que Vicious não.

Famoso por complicar as coisas, ele fez o que se esperava dele: estragou tudo.

Vicious tentou me dar o troco de vários modos por namorar Emilia LeBlanc. Infelizmente para o filho da puta, eu não era um fracote como seus fãs. Nós brigávamos, física e verbalmente, semana após semana por causa disso, mas eu sabia que terminar com Millie a deixaria exposta a ele e eu não o queria tocando nela. Ele a humilhava, provocava e odiava. Ele teve bastante tempo para chamá-la para sair. Agora, ela queria ficar comigo e Rosie me empurrou direto para os braços dela.

E por mais que eu quisesse agradar Millie, queria agradar Rosie ainda mais.

Pra caralho.

No fim, Vicious conseguiu se vingar de um jeito que enfraqueceu as minhas defesas. Acontece que essas merdas eram fortes, só que nada inquebráveis.

Ele beijou Rosie.

Ele deu uma festa em sua casa e estávamos esfriando de quase termos metido porrada um no outro. Isso não era incomum. O que *foi* incomum foi o jeito que ele me fez provar do meu próprio veneno pela primeira vez. E vou te falar, foi horrível.

Eu estava caminhando para a cozinha da casa dele para pegar uma garrafa d'água depois de tomar um *Xanax* para relaxar. Chapado *pra* caralho, eu sabia que precisava ir ver Millie. Na última vez que a vi naquela festa, ela voltou correndo para a casa dos empregados parecendo chateada por causa de Vicious.

Saí empurrando corpos suados e brilhosos e quando finalmente cheguei à geladeira, descobri que os Spencer estavam sem água. Olhei em volta, a cozinha era um ambiente colossal, escuro, com madeira de cerejeira, que combinava mais com o Palácio de Buckingham. Para todos os lugares que eu olhava havia pessoas. Um casal se pegando encostado à pia, um monte de jogadores virando doses na ilha e garotas cheirando o *Ritalin* que eu trouxe naquela noite. Empurrei duas das garotas que cheiravam e abri a porta da despensa, sabendo onde as garrafas de água eram guardadas.

Acendi a luz e congelei.

Vicious estava lá, em cima de Rosie igual à escuridão que estava prestes a engoli-la inteira. Os lábios dele estavam nos dela e os dela nos dele, e eu queria separá-los um do outro e rasgar o corpo dele em pedacinhos, órgão por órgão.

Eles se beijavam. Os olhos dela estavam fechados. Os dele não. Ele ergueu o braço e me mostrou o dedo, seus lábios ocupados sorriam enquanto ele segurava a cintura dela com a mão livre, puxando o corpo dela para ele. Não havia paixão ali. Nenhum desejo. Tudo parecia técnico e frio *pra* caralho. Ela merecia muito mais.

Como quem, babaca, como você?

— Que porra é essa? — Meus dentes esmagavam cada palavra que saía da minha boca. Minha voz a assustou e ela deu um pulo, colocando a mão no coração. — Tire suas mãos dela antes que eu as quebre. — Senti a escuridão na boca do meu estômago espalhando-se como tinta, me dominando.

Vicious virou a cabeça para me olhar, uma de suas mãos ainda estava no cabelo de Rosie. Ele sorriu maliciosamente.

— Vem tirar.

Foi um convite que fiquei mais do que feliz em aceitar. Segurei-o pela gola e o afastei dela, batendo-o contra uma caixa de mini champanhes. Eu era maior, mais forte e muito mais assustador. A cabeça dele se chocou na caixa pesada. Ele me empurrou. Eu o empurrei com mais força.

— Dean! — Gritou Rosie. Racionalmente, reconhecia que ela não era minha. Reconhecia, sim. Mas não *entendia*. Havia outros caras. Eu os via conversando com ela no colégio e nas festas. Eles nunca chegavam muito longe com ela. Rose LeBlanc tinha esse nome por um motivo. Ela era cheia de espinhos do caralho. Era muito bonita, tão ridícula e inacreditavelmente sedutora, que, assim como as rosas, ela cultivava pequenas farpas para se proteger. Porque todos queriam tê-la.

Todos, inclusive você, babaca.

— O que pensa que está fazendo? — Sibilei na cara de Vicious. Dez minutos antes, foi ele que quase me deu uma coça. Nós trocávamos de papel constantemente. Não era difícil de ver por quê. Ninguém dizia em voz alta, mas agora, finalmente fazia sentido.

Os dois estávamos com a porra da irmã errada.

— Estou fazendo o que você quer fazer. — Os olhos dele se estreitaram e ele lambeu o lábio inferior, ainda inchado por causa do beijo. — Enfiando a minha língua na boca de Rosie LeBlanc. Ela é gostosa. — Ele riu, batendo com gozação em minhas costas. — Tem gosto de chiclete de tutti-frutti com 7UP e da garota que nunca será sua.

Joguei-o do outro lado da despensa e ele caiu em cima de um saco de nove quilos de arroz. Eu queria matá-lo e, sem dúvida nenhuma, iria fazer isso se Rosie não tivesse me derrubado, me empurrando para o lado oposto do cômodo pequeno usando sua força inexistente.

— Jesus. Parem com isso. Você é um caos enorme. Vai embora.

— Palhaçada — gritei na cara dela, puxando meu cabelo. — Você nem gosta dele!

— Isso é irrelevante. Posso fazer o que eu quiser.

— E o que você quer é arrancar a porra do meu coração?

Merda. Falei em voz alta, não falei? Fui eu quem a magoou. Minha cabeça despencou e eu senti todo o sangue correndo para os meus olhos. Uma parte

de mim estava contente por me mudar para a universidade em breve. Esta cidade fervia com fofocas e dramas fora de controle. Eu não queria estar lá quando a merda toda transbordasse.

— É — sussurrou ela, uma mistura de euforia e culpa marcava seu rosto. Ela também parecia tão bêbada quanto eu. — Talvez seja exatamente isso que eu queira.

— Eu não acho que você queira me machucar. — Levantei a cabeça, olhando em seus olhos. — Acho que Vicious quer e você entrou no jogo dele porque está de porre. Deixa eu te levar para casa.

— Não, obrigada. — Ela desviou o olhar.

— Engraçado você falar isso, acho que está na hora de você pegar as suas merdas e dar o fora da porra da minha propriedade, Cole. — Ouvi Vicious atrás de mim, enfiando um baseado na boca. Um baseado que *eu* dei a ele. *Babaca.*

— Se alguma vez voltar a tocar nela, vou me certificar de que não tenha mais lábios para beijar ninguém. Apenas para referências futuras. — Dei de ombros, apagando a luz da despensa onde eles ainda estavam, apenas para ser um babaca.

Um passo. Outro passo. E mais outro. Sair da casa de Vicious foi a viagem mais longa que já fiz. Havia uma urgência dentro de mim para fazer alguma coisa, mas claro que não fazia ideia do que era. Queria terminar com Millie, mas duvidava que faria alguma diferença. Rosie continuaria sem sair comigo, ela talvez até me odiasse mais por dar o fora na irmã dela. E Vicious definitivamente iria encurralar Millie e fazer da vida dela um inferno.

Naquela época eu nem sabia o quanto as coisas estavam ruins *pra caralho*, porque, depois daquela festa, Vicious se gabou de Rosie ficar atrás dele durante o mês inteiro, fazendo Trent e Jaime acreditarem que ela o queria, quando, na verdade, ela estava implorando para que ele não contasse nada à irmã. Ela não sabia que ele já havia feito isso. Só que eu sabia, porque Emilia me disse, em meio a lágrimas, aliás, que piada era esse relacionamento... alegando que tinha medo que a irmã saísse ferida.

Rosie não sabia, mas seu pequeno erro de bêbada na despensa me empurrou mais ainda para dentro de um buraco sem fundo e direto para os braços dos meus vícios.

Naquela noite, eu estava muito bêbado para dirigir, então, chamei um táxi para voltar para casa.

Depois, rastejei até a porta.

Tranquei a porta.

Peguei uma garrafa de *Jack Daniels* da gaveta da minha mesa de cabeceira.

E fiz o que tinha vontade de fazer com Vicious.

Acabei com aquela desgraçada.

CAPÍTULO SEIS



Dean

Abri o porta-malas do táxi que nos esperava quando saímos do aeroporto e joguei nossas malas lá dentro. A esta altura, eu estava razoavelmente sóbrio. E por “razoavelmente sóbrio” quero dizer que poderia distinguir rostos, cores e formas grandes. Bom o bastante para os meus pais, então, Rosie também teria que lidar com essa merda.

Virando a cabeça para dar uma olhada nela pela primeira vez desde que embarquei no avião, embriaguei-me dela. Estive desorientado na maior parte do voo. Não que isso importe. A Bebê LeBlanc não teria conversado comigo nem se eu fosse a última pessoa capaz de falar no planeta Terra.

Mas aquilo foi antes e isto é agora e, agora, ela parecia ter muito a me dizer. Bati o porta-malas, encostei-me nele – o idiota do taxista estava lá dentro conversando com a esposa pelo telefone em decibéis mais apropriados a um espetáculo da Broadway – e cruzei os braços, esperando que ela despejasse sua doce ira em mim.

— Eu deveria visitar a Mamãe Cole? Dizer a ela que seu filho tem problemas com bebida? — Ela fez uma careta, temperando a pergunta com uma pequena tosse. Era adorável. A Bebê LeBlanc nem conhecia a minha mãe, muito menos tinha o poder ou a autoridade para falar com ela. Puxei o rabo de cavalo dela ao passar, abrindo a porta do banco de trás e sinalizando com o queixo para ela entrar. Ela entrou. Dei a volta no veículo e entrei no assento ao lado dela.

— A bebida não é um problema. É quando não estou bebendo que as coisas começam a ficar fodidas. — Pressionei os joelhos no assento do motorista de propósito. Eu era muito alto e muito grande para este carro e, seja como for, o escroto mereceu isso. Ele não calou a boca desde que entramos, mal tomando

fôlego para perguntar aonde estávamos indo.

Ela pegou um hidratante labial e enfiou o dedo nele, depois, passou nos lábios. O cheiro açucarado de algodão doce preencheu o banco traseiro. Eu queria lambar o gloss brilhante do dedo dela, depois, enfiá-lo em seu jeans skinny, assisti-la se dedando com a minha saliva nele. Ela estava falando comigo agora. Claro que eu não fazia ideia do que ela dizia. Pisquei, tentando focar novamente.

— Não posso acreditar que estou dizendo isso, Dean, mas estou preocupada com você.

— Engraçado, porque eu estou preocupado com você. — Passei os dedos pelos cabelos, sabendo muito bem que isso a fazia comprimir as coxas. — Preocupado que você não consiga resistir a mim por muito mais tempo.

— Você vive perigosamente. — Ela ignorou minha resposta, o que eu amava nela. Ela nunca mordida a isca. Mas iria. Em algum momento, ela iria sucumbir à pressão que eu colocava nela desde que terminou com o Dr. Imbecil. Porque desistir não existia no meu dicionário. Quando eu queria alguma coisa, eu pegava. E eu a queria. Muito.

— E você não vive de jeito nenhum — repliquei. — Essa merda de controle de velocidade em que coloca a sua vida? Dormir, trabalhar, fazer trabalho voluntário, num ciclo? Vou colocar um fim nisso em breve.

Ela virou a cabeça para me olhar e engoliu em seco. Eu fingi olhar para frente, dando-lhe tempo para se lembrar de que ela gostava do que via. Atraindo-a para uma teia. Esperando que ela ficasse enrolada antes de devorar a minha presa.

Relaxando em meu assento – tínhamos uma viagem de quarenta minutos até Todos Santos – declarei minhas intenções. É justo mantê-la informada sobre o plano.

— Só para você saber, Bebê LeBlanc, vou foder você em breve — falei categoricamente, sem dar a mínima para seus olhos arregalados e sua boca aberta, sem dar a mínima para o motorista que parou de falar alto e agora nos olhava pelo retrovisor com interesse. — Pode não ser nesta semana, pode até não ser neste mês, mas vai acontecer. E quando acontecer, você terá que encarar seus medos e dizer para a santa da sua irmã que estamos juntos, se não, digo eu. Porque assim que eu te foder, ninguém mais será o bastante para você. Nunca. Mais. Então, vou logo falar aqui e agora, você é bem-vinda no meu pau quando quiser, a qualquer hora do dia. Eu nos vejo como algo de

longo prazo, então, é importante para mim te manter feliz.

— Devidamente anotado, Sr. Iludido.

— Fico contente por termos nos entendido, Senhorita Em-breve-estará-na-Minha-Cama.

Rosie

O que te faz sentir vivo?

Cheiro familiar. Dos meus lençóis, do perfume e das primeiras respirações pela manhã. Do suor fraco quando os primeiros raios de sol roçam a minha carne. O cheiro de casa.

Ele sempre me fez sentir como se estivesse brincando comigo. Não era pelo fato de que queria dormir comigo. Eu era a rainha dos relacionamentos descartáveis e curtos. Saber que não se pode ter nada mais faz isso com você. Eu não curtia relacionamentos, igual a Dean.

Ele era o ex-namorado da minha irmã e meu primeiro amor. Esses dois fatos nunca deveriam estar conectados. Diabos, eles nem podiam estar juntos na mesma frase.

Isso não os tornava menos verdadeiros.

Minha lealdade à minha irmã, que trabalhou em dois empregos para nos sustentar para eu poder me desgarrar do controle sufocante dos meus pais e morar em Nova York, era mais forte que a minha necessidade de furtar o calor do corpo dele. De qualquer forma, mesmo que ele não fosse de Millie, eu tinha uma política rigorosa de não-namorado e um cara como Dean estava destinado a roubar meu coração. Na verdade, havia uma partezinha dele que Dean ainda não me devolvera.

Uma governanta pequenina e atemporal abriu a porta da mansão de Vicious e Millie e me recebeu. Lavei o rosto em um dos muitos banheiros no primeiro andar e me dei um sermão em frente ao espelho.

Você é legal. Você é adulta. Você está no comando. Não os deixe te tratarem como bebê.

Depois, me deixei ser notada caminhando pelo salão do palacete italiano que minha irmã comprou recentemente com seu futuro marido.

Passei por corredores dourados, arcos arredondados e grandes lustres em gotas, passando pelo quarto de empregada – acho que Millie e Vicious foram gentis o suficiente para deixar *sua* “criada” dormir sob o mesmo teto, uma cortesia que não foi oferecida à minha família quando meus pais trabalharam para os Spencer – antes de finalmente chegar à sala de visitas. Analisei o espaço infinito, enfiando meus dedos gelados nas costas do sofá vitoriano de seda. O único motivo por que cheguei tão longe na mansão sem ser notada foi porque ela era do tamanho do Louvre.

Minha irmã e eu éramos criaturas humildes – nascidas e criadas para encontrar alegria nas coisas não-materiais – e, mesmo assim, até eu podia admitir que viver num lugar desses te traria alegria nua e espontânea. Era arejada, linda e romântica.

Exatamente como Emilia.

Inclinei a cabeça devagar, assimilando tudo. Até alguns meses atrás, Millie, Vicious e meus pais viviam em Los Angeles, no mesmo duplex luxuoso. Quando Vicious e Millie decidiram se esconder no paraíso suburbano que era Todos Santos e comprar esta casa, meus pais se jogaram na oportunidade de ficar perto da filha mais velha e ocuparam um quarto aqui. Eu disse um quarto, mas, na verdade, eles tinham seu próprio banheiro, sala de estar e ouvi que tinham duas cozinhas neste lugar. Dificilmente ficaria aglomerado por aqui.

Eu amava a minha vida em Nova York. A imundície urbana, os esgotos fervilhantes e os rostos diversos. Eu amava a minha independência – me grudava a ela como se fosse o ar, sabendo o quanto a vida com meus pais poderia ser sufocante – só que eu estaria mentindo se dissesse que não sentia como se um punhal negro girasse em meu coração.

— Você chegou! — Rugiu minha irmã, me fazendo virar nos calcanhares. Eu me larguei no encosto de madeira do sofá dela, sorrindo de orelha a orelha.

Ela estava diferente. Um diferente *bom*.

Ela não estava mais magricela, seus olhos não estavam encovados e seu cabelo rosa arroxado, atraente e impecável da raiz às pontas. Ela usava um vestido evasê branco salpicado de cerejas vermelhas, combinando com sandálias azuis de tiras que não faziam sentido nenhum, a menos que você fosse Emilia LeBlanc.

— Ah, Rosie — disse quando me joguei nela, fazendo com que nós duas cambaleássemos para trás quando a sufoquei com meu amor. — Senti sua

falta como se fosse uma parte do meu corpo. Faz algum sentido? — Ela me arrancou dela por um segundo para que pudesse analisar meu rosto, acariciando minha bochecha. Seu enorme anel de diamante rosa brilhava tanto que eu pisquei momentaneamente com a luz do sol refletida na pedra rara de 21 quilates.

Eu deveria ter ficado com inveja.

Inveja de seu noivado e da sua casa e de seu noivo e da proximidade com nossos pais. Inveja da sua *saúde*. Inveja porque ela tinha tanto, porque eu tinha tão pouco.

Com ou sem palacete italiano, ela merecia isso. E não, não era estranho que ela sentisse a minha falta como se fosse uma parte do corpo, porque eu sentia falta dela como se fosse um pulmão. A vadia me viciou desde o útero. Ela tinha o talento de cuidar de mim sem me fazer sentir um fardo, algo que mamãe nunca conseguiu ter sucesso.

Millie sorriu, segurando meus ombros e me analisando, fazendo o levantamento de sempre.

— Você está tão bem — reclamei, franzindo o nariz. — Odeio quando você eleva muito os padrões. Você sempre faz isso.

Ela beliscou meu ombro e riu.

— Cadê seu namorado? Achei que ele viesse com você.

Por algum motivo além da lógica, me encontrei corando quando Dean cruzou a minha mente. Millie, claro, falava de Darren. Nunca me importei em contar à minha família que terminamos. Millie já tinha bastante coisa para lidar com o planejamento do casamento sem que eu adicionasse o término à mistura. O plano era contar esta noite, mas eu usaria qualquer desculpa para adiar o inevitável. Preferia fazer um tratamento dentário com um mecânico do que dizer isso aos meus pais.

— Eu queria passar um tempo com a minha família, com cada um de vocês.

— Estampeí um sorriso. Ela ergueu uma sobrancelha, me chamando silenciosamente de mentirosa e alisou meus cabelos castanho-claros.

— Ainda não consigo acreditar que você tem um namorado — refletiu ela. — Pensei que nunca sossegaria.

— Bom, estou ficando velha. Vinte e oito anos é tipo sessenta e cinco na contagem da fibrose cística. — Dei de ombros. — Vamos voltar a este assunto no jantar.

Onde vou partir seus corações e contar que Darren saiu de cena.

Ela me cutucou em direção ao corredor com um suspiro.

— Mamãe está te esperando. Ela está na cozinha, fazendo uma caçarola.

Meu prato preferido. Um calorzinho cortou a minha barriga. *Ela se lembrou.*

Mal havia alguma semelhança com o jeito que meus pais tratavam Millie e eu. Eles respeitavam, admiravam e se aconselhavam com a minha irmã mais velha, enquanto eu era tratada como um bebê, sufocada e protegida como a um ovo rachado prestes a quebrar a qualquer minuto. Contudo, papai era um trilhão de vezes melhor que mamãe. Ele, pelo menos, adorava minha personalidade sarcástica e torcia para que eu encontrasse a minha independência em Nova York. Mamãe estava ocupada demais se preocupando com a minha saúde, ela não tinha tempo para me conhecer totalmente, para se apaixonar pela pessoa que eu era. Sempre em modo integral de mamãe urso, sem levar um segundo para conhecer sua cria.

Para ela, eu era o símbolo da criança doente, a inútil, a malandra. A garota tola que arriscava a vida trabalhando numa cafeteria idiota em Nova York ao invés de optar por viver perto da família. A garota que nunca sossegava com um bom rapaz.

Porque Vicious é um rapaz tão bom.

Este era o segundo motivo por que a minha família estava alheia ao meu término com Darren. Namorar um médico significava que eles largariam do meu pé depois que Millie se mudou para Los Angeles. Evidentemente, isso era parte do charme de Darren. Sua (não conhecida por ele) habilidade em manter meus pais longe dos meus ouvidos falando sobre voltar para a Califórnia e viver sob o teto deles como o *Jimmy Bolha*: triste e introvertido.

Eu não era o *Jimmy Bolha*. Eu era uma fadinha fascinada por música que preparava uma ótima xícara de café, lia a revista *Vice*, fazia mães nervosas de recém-nascidos prematuros rirem e sempre estava pronta para uma boa festa.

Eu era uma pessoa. Com qualidades e ideais.

Mas em Todos Santos nunca me senti assim.

— Papai está por aqui? — Brinquei com o cabelo elétrico de Millie enquanto seguíamos para a cozinha.

— Foi ao centro da cidade com Vic. — Ela me apressou. Um aroma de legumes, canela e carne suculenta de dar água na boca flutuava no ar. — Eu precisava de algumas coisas da farmácia. Eles voltarão logo.

Na cozinha, o encontro decepcionante com mamãe me lembrou de por que eu arrumei uma mala e me mudei para o outro lado do país assim que me formei

no Ensino Médio. Ela me abraçou, deu um tapinha nas minhas bochechas e me perguntou quando Darren chegaria, me fazendo sentir como um prêmio de consolação.

Abri a boca, pronta para contar tudo aqui e agora, mas mamãe interveio antes que eu pudesse formar qualquer palavra, me dizendo que estava orgulhosa de mim, que estava muito feliz por eu finalmente ter encontrado um homem respeitável com quem sossegar.

Vá em frente e diga, eu queria gritar. Nem todo mundo é nobre o suficiente para se sacrificar tanto por uma garota doente.

— Imagino que ele esteja ocupado. Espero que você não esteja dificultando a vida dele por causa disso, Rosie. Fico contente que ele consiga lidar com tudo. — Mamãe deu um tapa um pouco forte demais em meu rosto, seu peito pesado subia e descia ao ritmo de sua respiração. Mamãe era uma mulher grande, com grandes cabelos castanhos, grandes olhos azuis e grande tudo mais. Desde que me lembro, ela tinha uma fina camada de suor cobrindo sua pele macia. Eu costumava amar a sensação dele grudando em minha pele quando a abraçava.

— Bem... — Limpei a garganta. *Eu deveria acabar logo com isso. Arrancar igual a um Band-Aid.* — Na verdade...

— Mal posso esperar para conhecer o rapaz. Até comprei um vestido novo. A primeira impressão é a que fica. Tenho uma boa sensação quanto a este, Rosie. — Ela agitou o dedo na minha cara. — Vocês já estão morando juntos há um tempo e ele sabe da sua situação com...

Eu sabia exatamente com *o quê*. Desde que contei à minha família sobre *aquela* situação um ano atrás, logo depois que Millie foi embora, eles começaram a me tratar como um cachorro velho com artrite e problemas urinários.

Darren deveria chegar no final de semana do casamento. Ele pensou que, a esta altura, nós poderíamos contar à minha família que seríamos os próximos. Pensou errado.

Mamãe comprar um vestido novo para conhecê-lo significava que ela não estava menos eufórica. Seu traje usual não dava exatamente para competir com *Carrie Bradshaw*. Eu a deixei mergulhar em sua felicidade falsa, guardando a bomba para quando eu não estivesse sem dormir e ligeiramente cansada da viagem.

Viver em Nova York significava que eu dava as ordens e escolhia a dedo a

informação que compartilhava com a minha família. Meus pais e minha irmã não tinham como saber que terminei com meu namorado. Ninguém poderia ter contado a eles.

Com exceção de Dean Cole.

Fiz uma anotação mental para enviar uma mensagem de texto para Dean sobre manter a boca fechada.

— Então, Rosie, como vai o trabalho? — Perguntou mamãe em meio a um barulho de uma cozinha animada ao fundo, tirando a caçarola do forno com suas luvas floridas. O cheiro de bife, cebola e macarrão de ovo gorduroso flutuava pelo ambiente, rastejando para dentro do meu nariz e fazendo meu estômago roncar. Millie lambeu os lábios, contemplando o prato como se ele fosse Jamie Dornan. Ela normalmente não gostava de caçarola, mas talvez tivesse se dado conta do quão radicalmente errada estava, porque a caçarola da mamãe era a oitava maravilha do mundo. Eu estava prestes a responder à pergunta de mamãe quando ela me interrompeu. *De novo.*

— Minha querida menina, você está com fome? Sente-se. Vou te dar um pouco agora mesmo. — Ela deu um tapinha no ombro da minha irmã mais velha. Calei a boca, esperando para ver se ela me induziria a responder sua pergunta. Se ela realmente ligava para o meu trabalho.

Mamãe correu de um canto a outro, servindo um prato a Millie enquanto eu fiquei parada ali, com os braços cruzados, assistindo à cena. Charlene LeBlanc era em seu âmago uma beldade antiquada do sul e servir comida às pessoas, principalmente às crianças, corria em seu sangue, denso e vital como oxigênio. Mas havia algo mais ali. A urgência com a qual ela alimentou Millie, como se a minha irmã fosse incapaz ou, se preferir, como se tivesse perdido todos os seus dentes.

— Rosie? Você também quer um pouco? — Ela olhou por trás do ombro enquanto abria a geladeira, tirando uma jarra de seu característico chá gelado caseiro. Pedacos de pêssgo flutuavam preguiçosamente por cima e eu babei. Eu queria os dois, mas para a minha surpresa, me ouvi dizendo:

— Não, obrigada.

Mamãe se virou e tirou o cabelo lavanda de Millie da testa dela.

— A caçarola está boa? Sei que é seu prato preferido.

Millie assentiu, comendo mais um pouco e minhas entranhas estavam prestes a explodir.

— Na verdade — abri a geladeira, me sentindo em casa, não que mamãe

tivesse especialmente feito eu me sentir acolhida —, a comida preferida de Millie é o seu sanduíche de carne de porco. Macarrão e caçarola de bife é o *meu* preferido. — Apanhei uma garrafa de cerveja de uma das portas, claro que a geladeira era de porta dupla e tão grande quanto o nosso apartamento antigo em Sunnyside. Torci a tampa da garrafa e tomei um gole. Ainda era cedo para beber, mas acho que devia ser 17h em algum lugar do universo. Onde quer que fosse, era lá que eu gostaria de estar.

Minha irmã e mamãe me encararam através de uma cortina de pura surpresa, a boca de Mille ainda cheia de comida. Eu queria que ela a engolissem com o chá gelado que eu tanto amava — Millie nunca gostou de chá gelado, ela curti mais *Coca-Cola* — para que eu não tivesse que ver a confusão nadando em seus olhos. — Desculpe. — Levei a garrafa aos meus lábios e balancei a mão com desprezo. — Voo longo e turbulento com a companhia de Dean Cole. Acho que vou levar minha bunda amargurada lá para cima, se você não se importar.

Millie se levantou. — Vou te mostrar o seu quarto — ofereceu. — É bem bonito. Até comprei pôsteres de suas bandas preferidas e pendurei. Deixa eu pegar a sua mala — acrescentou, e a culpa por orquestrar aquela pequena cena para irritar mamãe imediatamente me atingiu.

— Você não vai fazer isso. — A voz de mamãe era inflexível e me deu nos nervos, causando um incêndio. — Eu pego a sua mala. Encontro com vocês lá em cima.

Segui Millie pelas escadas, completamente envergonhada. O silêncio estava tão alto que ricocheteava nas paredes. Estavam todos se dando bem antes de eu chegar.

Sabendo que eu tinha a tendência para tornar as coisas estressantes — com a minha doença, minha atitude e minha existência em geral — jurei abaixar a cabeça e sair do caminho deles pelo tempo que ficasse ali. Verdade seja dita, era um dos motivos por que eu não queria vir mais cedo.

Querendo puxar conversa, perguntei à minha irmã mais velha:

— Então, por que, do nada, mamãe está agindo como se você tivesse seis anos de idade e te obrigando a comer?

— Por nenhum motivo — falou Millie, gesticulando para quadros aleatórios pendurados nas paredes e estátuas nos cantos dos corredores arejados. — Você conhece mamãe. Ela gosta de alimentar, de aninhar e de se preocupar.

— Verdade, mas ela nunca teve problema com você carregando peso por

mim — insisti. A risada de Millie era estranha em seus lábios.

— Ela está agindo como se eu fosse feita de algodão desde que fiquei noiva. Quer que tudo seja perfeito. Noivas não ficam tão bonitas com um corte gigante em suas cabeças ou com um gesso no braço.

Desisti do assunto, principalmente porque estava muito cansada para explorá-lo mais a fundo e, parcialmente, porque eu já tinha o suficiente com o que me preocupar. Precisava fazer mudanças de último minuto para a sua festa de despedida de solteira e ainda tinha que dar a notícia sobre Darren no jantar.

— Estou feliz de verdade que você esteja aqui. — Ela esfregou meu braço, nós duas éramos pequenas, mas eu era minúscula. Parecia apropriado que eu fosse do tamanho para se carregar no bolso, principalmente porque me sentia assim sempre que mamãe estava por perto. — Sei que é ocupada. Você tem sua vida em Nova York e eu quero que saiba que valorizo que tenha vindo. Muito mesmo, Abelhinha.

Conversamos mais um pouco antes que ela voltasse para a cozinha. No instante em que fiquei sozinha, me joguei no colchão *queen-size* com dúzias de travesseiros fofos, tirei meu celular do bolso de trás da minha saia jeans branqueada e escrevi uma mensagem para Dean. A primeira mensagem de texto que mandei para ele na vida.

Rosie

Pais e irmã não sabem que terminei com Darren. Por favor, não diga nada. Vou contar à noite.

Ele respondeu alguns segundos depois.

Dean

Merda. Preciso cancelar o comunicado de imprensa que agendei. Está tão ruim assim por aí?

Fez bem ele ter me feito uma pergunta, sabendo que estava realmente esperando por uma resposta.

Rosie

As porcarias de sempre dos LeBlanc. E você?

Dean

Devorando um sanduíche enquanto ouço mamãe contando as fofocas da cidade sobre as novas regras da grama. Vivendo um sonho. Ligue se precisar de resgate.

Rosie

Você não é o meu super-homem.

Dean

Sou o que quer que você precise que eu seja.

Rosie

Isso foi tão açucarado que até me deu vontade de comer.

Dean

Engraçado você mencionar comida, estou justamente pensando em certa parte do seu corpo que deve ser bem mais deliciosa que meu sanduíche.

Eu soltei uma risada estranha quando minha cabeça atingiu o travesseiro, depois, fechei os olhos. O sono me pegou, e o orgasmo também, diversas vezes. Nos meus sonhos. Meu coprotagonista? Dean “Ruckus” Cole.
Merda.

CAPÍTULO SETE



Dean

Eu era um pouco mimado.

Eu sabia disso, agradecia por isso, não tinha nenhuma porra de problema com isso.

No minuto em que cheguei em casa, minha mãe e meu pai pularam em cima de mim como se eu fosse o próprio Deus. E, para eles, eu era. Cresci acreditando que o sol brilhava diretamente da minha bunda e que eu era feito de ouro puro e orgasmos em cadeia. Que foi o que meus ‘pais helicópteros’ enfiaram na minha cabeça e que foi o que acabei me tornando. Eles não tratavam Payton e Keeley, minhas irmãs mais novas, de forma diferente e elas se tornaram tão bem-sucedidas quanto eu. Keeley estudava medicina em Maryland e Payton era professora assistente na Universidade de Berkeley enquanto trabalhava em sua tese sobre algo tão impressionante quanto fácil de se esquecer.

O que posso dizer? Os papais Cole tinham filhos bonitos e exemplares.

Tirando o fato de que dependia do álcool e da maconha para esquecer que Nina existia, eu era bem perfeito.

O CEO perfeito.

O empresário perfeito.

O filho perfeito.

O amante perfeito.

Eu provavelmente poderia continuar, mas qual seria o sentido? Eu também era competente com grandes habilidades de gerenciamento de tempo.

— Seu sanduíche, querido, com aquela mostarda especial do mercado agrícola que você gosta. — Helen, minha mãe, encostou os lábios na minha testa antes de sentar ao meu lado à mesa da cozinha. Eli, meu pai, sentou-se

em frente a mim, com um sorriso orgulhoso nos lábios.

Conversamos sobre trabalho, política e fofocas locais por um tempo, até mamãe olhar para baixo e começar a brincar com seu colar de pérolas sobre seu cardigã verde limão.

— Querido, preciso te contar uma coisa e não quero que fique chateado.

Naturalmente, eu já estava irritado.

Tirei os olhos do meu sanduíche, mastigando, enquanto seus movimentos ficavam mais nervosos e sua garganta oscilava.

— Recentemente... estivemos em contato com Nina. — Mamãe alisou nervosamente o tecido de seu cardigã. Eu não deveria ter ficado surpreso por Nina ter ligado para mamãe, mas, por algum motivo, eu estava. Papai tirou os óculos e beliscou a ponte do nariz.

— Você não pode virar as costas para ela, Dean. Está na hora de conversarmos sobre isso — falou ele.

— Não há nada o que conversar. Ela é assunto meu, não de vocês. O que ela queria?

— Ela me pediu para te convencer a vê-la. — Os olhos desoladores de mamãe imploravam.

— Ela é louca *pra* caralho.

— Dean, olha a boca — repreendeu meu pai como se eu tivesse quatro anos. Tanto faz. Eu gostaria de ver como ele teria lidado com alguém igual a Nina. Ele tinha a porra da Helen Cole. Alguém maravilhosa, compreensiva e *humana pra caralho*. Julgar é fácil. Lidar com merdas complicadas, nem tanto.

— Então...? — Eu relaxei na minha cadeira. — Fale, Helen. — Usei o primeiro nome dela, o que sempre a tocava e ela se retraiu.

Você é um babaca de nível máximo, Ruckus.

— Eu preciso dar uma chance a ela, certo? Ela tem o direito de se explicar. *Está na hora de conhecê-lo. Pense no vínculo em potencial.* Fala sério, já ouvi tudo isso, mas sempre estou pronto para ouvir outra vez.

— Não é justo colocar tudo isso na sua mãe. — Papai pôs a mão sobre a dela. Eu pisquei.

— E é justo *comigo*?

— Você terá que enfrentá-la em algum momento — argumentou mamãe.

— Dispenso a porra da sua opinião. Nunca vou olhar *pra* cara dela de novo. Me teste. Sério, você deveria fazer isso.

— Precisamos resolver essa situação. *Não* é desse jeito que os Cole se comportam. — Meu pai começou com sua voz autoritária. O todo-poderoso Eli Cole era a definição de uma boa pessoa. Sempre querendo fazer a coisa certa. — Você sabe por que ela está te ligando. Está na hora de encarar o que ela tem a dizer.

— Se ela quisesse que eu o conhecesse, iria de boa vontade, mas por dinheiro, não.

— Isso pode ser providenciado. — Ele coçou a barba com a armação dos óculos, não fazia ideia do que estava falando. Eu não iria arrastar Nina para o tribunal e brigar com ela durante anos por causa disso.

Levantei e me debrucei na mesa.

— Vocês me amam? — Perguntei aos dois.

— Claro. — Papai riu.

— Então, confiem em mim quando digo que é melhor não conhecê-lo. Não estou pronto para lidar com isso agora. Respeitem. Deixem para lá.

Eu me senti um merda – certamente agi como um –, subi a escada para o meu antigo quarto e me preparei para o banho. Meu celular apitou. Eu não estava com vontade de falar com ninguém, mas dei uma olhada mesmo assim.

Rosie

Preciso que venha me buscar. Sem carro + jantar infernal = horas desesperadoras exigindo medidas desesperadoras.

Tentando pegar a porra do meu queixo do chão, eu ri. Ah, o jogo começou.

Dean

Chego em dez minutos.

Rosie

Promete que não vai dar em cima de mim.

Dean

Sim... não.

Eu lhe dei um segundo para processar isto antes de enviar outra mensagem.

Dean

Irei. Verei. Vencerei (e depois gozarei).

Rosie

Não consigo acreditar que estou tão desesperada a ponto de te aturar. Pelo menos prometa que não vai contar a ninguém que vamos nos encontrar.

Dean

Tá bom, tanto faz.

Como se alguém desse a mínima. A esta altura, Rosie e eu éramos dois barris de pólvora em uma máquina operada sem problemas. Vicious e Millie tinham sossegado. Jaime e Melody estavam casados e tinham uma filha. Até o bad boy do Trent estava usando calças compridas e fazendo toda a coisa de família moderna, dividindo a guarda compartilhada de sua filha Luna com Val, a mãe dela. Todos sossegaram e brincavam de adultos.

Todos, menos nós dois.

Ela era a irmã menor desbocada e que gostava de aprontar, e eu, o drogado bêbado cujo relacionamento mais sério era com seu traficante de drogas. Ninguém se importava se nós fodêssimos nossos cérebros com o passar do tempo contanto que nos mantivéssemos quietos e não estragássemos nossas deixas nem sujássemos as roupas de madrinha e padrinho.

Foi disso que a Bebê LeBlanc se deu conta, porque ela estava ocupada demais protegendo os preciosos sentimentos de sua amada irmã. Sentimentos que nem mesmo existiam. Enfiei meu celular no bolso de trás e caminhei até o closet no meu quarto para colocar uma camisa limpa. Peguei minhas chaves da mesa de cabeceira e meu celular apitou novamente.

Rosie

Você tem alguma erva?

Tentei, mas não consegui não rir, meus dedos deslizaram pela tela.

Dean

E quanto aos seus pulmões? Eles não estão com defeito ou alguma merda dessa?

Rosie

Traga seu produto, engraçadinho.

Satisfazê-la era o único jeito. Rosie queria testar seus limites. Ela não sabia que eu não tinha nenhum? Bom, essa era uma lição que ela aprenderia em breve.

Do jeito divertido.



Rosie

O que te faz sentir vivo?

Brincar com um tipo diferente de fogo. Cometer erros. Assumi-los. Assumir para mim. Pegar o que eu quero e chamar de meu. Mesmo que não seja. Mesmo sabendo que nunca poderia ser.

Prisioneiros de guerra deveriam ser torturados nos braços e pelas línguas dos meus pais. Foi a conclusão a que cheguei depois de passar oito horas com mamãe e papai.

Eu era uma garota durona. Lidar com uma doença longa e com risco de morte te dá aquela camada extra de durabilidade. Igual à cobertura incolor de esmalte que ninguém vê. Então, o fato de que eu estava à beira das lágrimas me pegou desprevenida.

Eu não tinha um carro, então, sentei na frente da escada que dava à mansão e esperei que Dean viesse me buscar, com a cabeça pendurada entre as minhas pernas.

Os acontecimentos do jantar se reproduziam na minha cabeça, me fazendo engolir duro e lutar contra as lágrimas que ameaçavam cair. Estávamos todos sentados à mesa, servidos pelo pessoal de Vicious, comendo ostras King Coffin Bay da *Australia* (aparentemente, as ostras americanas não faziam

mais parte do cardápio, agora que meus pais eram ricos por associação) regadas ao vinho, conversando sobre os preparativos finais do casamento.

Tudo estava relativamente tolerável... até não estar mais.

— Certo, acho que está na hora de discutirmos o elefante na sala. — Papai pôs sua taça de vinho na mesa e ergueu os olhos para encontrarem os meus.

— Quando você planeja se mudar de volta para cá, Rosie? Nós apoiamos bastante sua experiência em Nova York. Você era nova e precisava de uma aventura, mas está na hora de seguir em frente. Você não é mais criança e sua irmã não está mais lá para segurar a sua mão.

— Papai, Rosie é senhora de si. O senhor não pode lhe dizer o que fazer — interferiu Millie, a voz dela era um bálsamo suave em meus nervos ferventes. Mamãe suspirou. A prataria tilintou. Umedeci os lábios, desconcertada demais para pronunciar uma palavra sequer. — Vocês estão sempre no pé dela, papai. Rosie é adulta.

— Ela não é como você, querida. É um pouco irresponsável. Nós amamos nossa Abelhinha exatamente como ela é, mas as coisas estão mudando. Ela fica mais fraca a cada ano.

— Ela é doente! — Rugiu mamãe, passando um guardanapo de linho no nariz antes de levá-lo aos seus olhos e fazer a mesma coisa. Estremeci. Ela passou a conversa da primeira marcha direto para a quinta. — Olhe para ela. — Ela apontou para mim. — É só pele e osso. Ela não te parece magrinha?

Millie suspirou para mim, desculpando-se, e lançou um olhar à mamãe.

— Ela sempre foi magrinha.

— Magra demais — enunciou mamãe.

— Todo mundo é magro demais para você, mamãe. Nosso gato parecia um guaxinim porque você dava comida demais para ele. — O mesmo gato que tiveram que dar quando descobriram que eu tinha fibrose cística. Jesus, eu era tão divertida quanto ter lepra.

— Tudo bem, pessoal. — Funguei, odiando que Vicious estivesse assistindo a esta interação. — Até parece que eu não estou aqui. Não me deixe ficar no caminho de vocês enquanto discutem o meu futuro.

— Você vai voltar para casa. Deve ficar conosco, não ficar andando por aí numa cidade grande procurando por problema. — A voz de mamãe beirava o pânico.

— Eu vou ficar em Nova York.

— Paul — gemeu ela. — Diga a ela.

— Sim, papai. — Sorri. — Me diga.

Paul LeBlanc não me trairia. Sempre se podia contar com papai para calar mamãe quando se tratava de mim. Millie tentava me proteger, mas não tinha esse tipo de autoridade.

Papai olhava entre mamãe e eu.

— Sinto muito, Abelhinha. — Ele balançou a cabeça e, a princípio, eu achei que ele estava se desculpando em nome da sua esposa. — Mas sua mãe está certa. Também fico preocupado com você longe. — Ele se mexeu. — Entretanto, talvez precisemos levar em consideração que você tem Darren agora. — Papai coçou a barba, ponderando isso em sua mente. — Ele parece cuidar bem de você. Não acha, Charlene?

Seu pai não é um misógino – tentei convencer a mim mesma. – Ele acabou de soar como um há um segundo.

— Sobre isso... — Tossi, sentindo as palmas das minhas mãos ficando suadas e meu coração rodopiando como um bêbado inveterado, cambaleando para fora do meu corpo para o prato mais próximo. Talvez alguém fosse gentil o bastante para apunhalá-lo. — Darren e eu terminamos. — O quê?! — Rugiu papai, levantando num disparo e batendo na mesa de madeira maciça. Ele parecia tão chocado quanto eu. Será que ele esqueceu que a minha vida amorosa era definitivamente da minha conta?

Eu franzi a testa, observando Millie colocar a mão sobre a de mamãe, pedindo, em silêncio, que ela parasse. Quando olhei para cima, me dei conta de que ela estava chorando tanto que todo o seu corpo arfava.

— Ela não tem ninguém lá. Ninguém. E está definhando, morrendo.

É. Minha família era tipo um monte de drama llama.

Os olhos de papai ainda ardiam, ameaçando queimar minha pele com cicatrizes cruéis.

— Ele se mudou há algumas semanas. — Mantive a voz neutra, pousando a palma da mão no guardanapo de tecido branco que nem havia usado ainda.

— Ele queria casar. Até chegou a fazer o pedido, com uma aliança e tudo. Só que como vocês sabem, não estou interessada em casamento. Principalmente considerando minhas complicações recentes. — Eles sabiam exatamente o que a Dra. Hasting, a especialista que Vicious contratou, me disse no ano passado, depois que ela fez alguns exames em mim. — Ele vai ficar bem. — Eu me vi confortando-os ao invés do contrário. — Eu também. Ele merece

uma vida melhor que esta.

Houve um silêncio. O tipo de silêncio que goteja em seu corpo e mordisca seus ossos. Prendi o fôlego, pronta para um ataque físico que me mandaria voando para o outro lado da sala.

Vicious recostou em sua cadeira e brincou com o cabelo de Emilia.

— Deveríamos nos retirar. Parece que seus pais e sua irmã têm muito a conversar.

Os olhos questionadores de Millie encontraram os meus do outro lado da mesa. Balancei a cabeça. — É nosso único jantar em família antes do ensaio. Todos ficam.

Mamãe chorou mais forte e continuou dizendo que o bebê dela estava morrendo. Diversão no lar dos LeBlanc. Fique ligado para o pós-festa.

— Mamãe. — Eu ri, sentindo meu rosto fervendo de constrangimento. — Não estou morrendo. Eu me cuido muito bem.

— Jesus Cristo, Rose, quanta bobagem. — Bufou papai, batendo outra vez na mesa. Também não deixei passar que ele não mais se referia a mim como Abelhinha. Ele apontou para mim com o rosto se contorcendo em desgosto. — Você fala do nosso tempo em família como se desse a mínima para a sua irmã. Esta era a sua oportunidade de não ser um fardo para sua mãe e eu. Sua chance de finalmente dispensar sua irmã de cuidar de você. E, no clássico modo Rosie de ser, você estragou tudo — repreendeu ele.

Meu garfo caiu no chão e meus olhos arregalaram, uma mistura de surpresa e raiva dilatava as minhas pupilas. Não conseguia acreditar no que ouvia. Papai nunca falou comigo desse jeito antes. Diabos, ele mal me dizia não, mesmo quando eu quis uma porcaria de pônei. Foi quando ele impôs um limite, mas só porque não podia pagar. Com exceção do pônei – e de me manter longe dos meninos, claro – eu era praticamente ouro.

Foi ele quem disse que mamãe deveria me deixar ir para Nova York, foi até mais longe, comprando uma passagem só de ida.

Foi ele quem me disse para ir atrás dos meus sonhos, mesmo se eles me levassem para a direção oposta de onde ele queria que eu fosse.

Ele era o pai que acreditava de verdade que eu conseguiria. Viver como uma pessoa normal.

E ele estava mentindo. O tempo todo.

— Não estou despejando meus problemas de saúde em ninguém nesta mesa

— gritei. — Vivo no outro lado da porcaria do país. De onde isso está vindo?

— Você precisa voltar. Você tem que voltar, você não está bem. — Bufou mamãe, jogando o guardanapo em cima do seu prato de entrada, que ainda estava cheio de comida. — Sua irmã se matou de trabalhar em dois empregos para que você pudesse morar em Nova York. Antes de deixar a cidade, ela suavizou sua vida com um apartamento de alto nível que já foi pago e até mesmo cobriu as mensalidades de sua faculdade de enfermagem. E o que você faz com toda essa bondade? Faz café!

— Ei. — Foi a minha vez de bater na mesa e, caramba, doeu. — Desde quando você vira a cara para certos empregos? Você foi cozinheira por quarenta anos.

— Eu não tive alternativa! — Gritou mamãe.

— Nem eu! Eu saí da faculdade porque a Dra. Hasting disse para fazer isso! Ela se levantou e saiu num rompante da sala de jantar, me deixando sem fala.

Papai, Vicious e Emilia me encaravam. Os homens, decepcionados, minha irmã, com pena. Lágrimas apunhalavam meus globos oculares, implorando para que as deixassem sair. Eu nunca chorava e odiava demonstrar fraqueza. Principalmente quando todas as coisas que eu fiz na vida foram para provar à minha família que eu conseguiria tudo sozinha. Que eu não precisaria de ajuda. Que as minhas pétalas estavam caindo, mas que eu ainda era uma flor.

— Rosie... — disse Millie com suavidade. — Dê um tempo à mamãe.

— Pare de defender sua irmã. — Papai passou a mão no rosto. Cada sílaba que ele pronunciava se espalhava como fogo selvagem dentro de mim. Ele estreitou os olhos para o varandim atrás de mim, incapaz de me olhar. — Você está matando a sua mãe e a si mesma. Você tinha um namorado médico. Um homem que te daria tudo que você precisasse.

— Ele era um podólogo. Isso é tipo um meio médico. Não tem um doutorado melhor que Ross Geller.

Sim. Eu tirava a maioria das minhas referências culturais dos episódios de *Friends*. Me processe.

Papai não achou meu comentário engraçado. Na verdade, ele ignorou tudo enquanto pegava lentamente seu telefone e o maço de tabaco que mastigava sempre depois do jantar, pronto para ir embora também.

— Você terminou com ele porque é egoísta. Porque ficar significa encarar a música, querida. Porque você não consegue se comprometer com nada, e é

por isso que largou a faculdade de enfermagem, mora num apartamento já pago e trabalha como garçonzete aos 28 anos. Sua irmã vai se casar em uma semana. — Ele respirou fundo, fechando os olhos como se precisasse de forças para terminar a frase. — E aqui está você, nos deixando preocupados de novo. Sua mãe não precisa de tempo. Ela precisa de uma filha saudável.

— O que aconteceu com o “faça o que quiser fazer”, papai? — Levantei num ímpeto, cada músculo do meu rosto tremia de raiva. Eu não tinha ninguém. Ninguém além de Millie. Ninguém para valorizar quem eu era sem me estapear com o rótulo de “doente” e “fraca”. — O que aconteceu com o “você pode fazer qualquer coisa, contanto que se esforce”?

Ele balançou a cabeça. Meu pai era um homem pequeno com um corpo esbelto e musculoso de trabalhar pesado o dia inteiro, mas ele parecia muito grande e imponente naquele momento.

— Você tinha dezoito anos quando se mudou, Rosie. Está com vinte e oito agora. A maioria dos homens quer sossegar e ter uma família a esta altura. Como pôde descartar um que não só teria sacrificado essas coisas para estar com você, mas poderia realmente cuidar de você? — Ele se virou para a minha irmã que estava boquiaberta. — Ela precisa ouvir isso. Não pode ser exigente.

Dito isso, ele também saiu da sala.

— Acredito que seja a minha deixa para te deixar recolher os pedaços — resmungou a voz sombria de Vicious, depositando um beijo no topo da cabeça de Millie. Ele seguiu papai para o lado de fora. As portas fecharam com um barulho suave que fizeram meu coração chacoalhar.

Minha irmã olhou para seu prato, esfregando as coxas como fazia quando estava nervosa. Seu lindo vestido prateado subindo e descendo em suas pernas.

— Sinto muito — foi só o que ela disse. Pelo menos, ela não me ofereceu a merda de sempre e as verdades alternativas que as pessoas davam às outras para consolá-las.

— Papai nunca disse uma palavra atravessada para mim antes. — Sufoquei-me com minha frase. Precisava do meu inalador. Precisava dos meus pais. Precisava de um abraço. Os olhos de Millie moveram-se para encontrar os meus. A dor rodopiava dentro deles. Ela também achava que eu era uma causa perdida. Só não queria me pressionar como eles fizeram.

Agora que estávamos sozinhas, lágrimas correram pelo meu rosto.

— Eles te amam — disse.

— E eu os amo — repliquei.

Ela se levantou, alisando o tecido do vestido.

— Sei que essa era a última coisa que você gostaria de ouvir, mas precisa considerar se mudar de volta para cá. Preciso da minha irmã do meu lado, Abelhinha. Sinto tanto a sua falta. E mamãe e papai estão loucos de preocupação.

— Pela minha saúde ou pela consciência deles? — Descansei as mãos nas minhas coxas e olhei para ela com crítica. — Há quanto tempo você sabe disso? Que papai acredita que sou uma garota estúpida e que mamãe age como se eu estivesse no corredor da morte?

— Rosie...

— Você também acha que eu não sou um bom partido? — Eu ri em meio às lágrimas. Jesus, a loucura não me caía bem. — Você também acha que Darren me fez um enorme favor ficando ao meu lado porque estou muito doente?

— Claro que você é um bom partido! — Exclamou ela.

Sim.

Só que eu não era tão bom partido quanto ela. A necessidade de lhe provar que ela estava errada queimava cada osso do meu corpo.

— Por favor, me deixe sozinha. — Descansando os braços na mesa, enterrei o rosto entre eles.

Ela me deixou.

Fechei os olhos, deixando a tristeza me carregar por um rio de autopiedade e bati a cabeça na toalha branca de mesa três vezes.

Merda.

Merda.

Merda.

Bem-vinda a Todos Santos, Rosie.

CAPÍTULO OITO



Rosie

O que te faz sentir vivo?

Correr com os pés descalços. Sentir os galhos batendo em meu rosto, em meu peito e nos meus pés. Me machucar. Sofrer. Correr riscos.

Dean me pegou num modelo antigo de caminhonete vermelha de cabine estendida. Eu não fazia ideia de onde ele a conseguiu, mas nessa altura, eu estava disposta a pular numa van enorme cheia de estranhos usando balaclavas, oferecendo um monte de doces suspeitos, para conseguir sair deste lugar.

Relaxar não estava nos meus planos para aquela noite, ou assim eu pensava. Eu simplesmente queria roubar alguns momentos pacíficos de respiração estável em algum lugar onde não seria criticada.

No minuto em que o carro de Dean estacionou em frente aos portões da mansão, saí correndo, me jogando no banco do carona e colocando o cinto de segurança.

Eu estava horrível na minha saia jeans e camiseta branca larga – era uma camiseta da Associação dos Podólogos que Darren conseguiu numa convenção no início do ano – e meus cabelos contavam a história de um voo de cinco horas e de uma soneca agitada.

— Dirija — mandei, olhando para frente, ainda incerta de como Dean “Mulherengo” Cole por algum motivo tinha se tornado meu salvador e o que isso dizia sobre minha situação geral. Eu não queria olhar para ele e dar a chance de lhe mostrar o que estava por trás dos meus olhos, porque se ele conseguisse decifrar esses sentimentos, veria tudo. Todas as verdades cruéis. Ele não perguntou para onde. Apenas puxou uma garrafa de *Jim Beam* e disse:

— Abra a janela. Vou colocar uma música.

Pela primeira vez na minha vida, fiquei contente por ele ser quase alcoólatra. Arranquei a garrafa da mão dele assim que ela entrou no meu campo de visão.

— Saúde. — Levantei-a antes de dar um gole generoso.

Demos voltas por Todos Santos durante uma hora, dirigindo pelo Liberty Park, passando por All Saints High e pela marina bem iluminada que atraía turistas do mundo todo. O vento salgado do oceano batia em meu rosto e me dava um pouco de conforto. Bebi mais. A estação pirata do rádio tocava músicas tristes de amor em espanhol e, mesmo que eu não entendesse nenhuma palavra, elas ainda faziam meu mundo cair. Tentei usar o tempo para regular as batidas do meu coração e lembrar a mim mesma que estava tudo bem.

Bebi a metade da garrafa, mas não era por isso que a minha visão estava embaçada e meus dedos tremiam conforme eu envolvia o gargalo do *Jim Beam*. Não. Isso era a raiva.

Você não pode ser exigente.

Você teve a sua chance e estragou tudo.

Que se fodam. Que se fodam com uma vara de três metros.

Dean não disse uma palavra, me dando o espaço que eu obviamente precisava, dirigindo sem rumo e parecendo ridiculamente sexy ao fazer isso. Era bem possível que este cara chapado fosse o único homem dos quatro HotHoles que possuía realmente algumas células de inteligência emocional. Não que alguém adivinharia ao conversar com ele. Ou ao olhar para ele. Dean Cole transformara o adorável maconheiro em uma arte. Ele nunca deixava ninguém ver o que estava por baixo da superfície. O que me lembrava...

— Trouxe a erva? — Fui a primeira a falar. Ele encarou a estrada, o ouro brilhando em seu pulso no escuro... Quanto será que custou esse relógio?

Mais do que todos os meus bens mundanos, era o meu palpite, uma mão batia no volante, a outra despenteava seus cabelos de seda cor de chocolate ao leite.

— Você está usando *lingerie*? — Brincou.

— Claro. — Ri de deboche.

— Então, eu tenho erva. Para mim, é tão necessária quanto as roupas de baixo.

— Encantador. — Revirei meus olhos automaticamente.

— Aparentemente sim, porque é a primeira vez que te vejo sorrindo neste dia e é por *minha* causa.

Eu estava sorrindo? Merda, talvez eu estivesse.

Ele estacionou numa colina gramada com vista para Todos Santos. A pequena cidade do Sul da Califórnia ficava exatamente num vale entre duas montanhas. Esta pequena reserva proporcionava a vista perfeita para as luzes da cidade. As enormes piscinas azuis das mansões nas proximidades brilhavam na noite escura, postes de luz iluminavam a marina.

A reserva estava deserta, exceto por uma quadra de basquete a alguns metros de onde estávamos. Era bem iluminada e havia adolescentes jogando bola de um lado para o outro, mas eles não pareciam se importar com a caminhonete nem conosco.

— De onde veio esta coisa? — Gesticulei com o indicador em volta da caminhonete, curvando meu corpo para ficar de frente para ele. Até onde eu lembrava, a família de Dean tinha uma quantidade infinita de *Volvos*. Era a marca perfeita para o tipo de família.

— Do meu tio no Alabama. — Ele umedeceu o lábio inferior, me analisando com aquelas esmeraldas brilhantes. — O único presente que ele me deu. Nem tenho certeza de por que fiquei com ela, mas você queria descrição, então, vim num carro que Vicious não reconheceria.

— Você guardou uma caminhonete surrada pela possibilidade remota de algum dia precisar dela? — Não consegui evitar uma gargalhada. — Quem é você, Dean Cole, e a CIA sabe sobre você?

Dean jogou a cabeça para trás, entrelaçou os dedos atrás do seu pescoço e riu.

— Cala a boca.

E a verdade era que eu era uma delas. Aquelas garotas de quem eu sentia pena, que deixavam sua aparência, seus músculos e seu status penetrar no cérebro delas e rastejar até suas calcinhas, fazendo a parada desnecessária em

seus peitos. Porque parecia que ele tinha apanhado meu coração e esmagado-o com as mãos.

— Certo, Sr. Suspeito — provoquei.

— Isso não é justo. Eu nunca carreguei um cadáver nesta coisa.

— Poderia ter me enganado. A coisa meio que fede — soluzei, sabendo muito bem que estava bêbada. — Era nela que você pegava seus casinhos quando estava no colégio?

— Não. Sou um babaca sentimental. Eu nunca desonraria este bebê com uma foda aleatória.

— Você é cheio de surpresas, Dean Cole.

— E você está prestes a ficar cheia de mim, Rosie LeBlanc.



A grama estava molhada por causa dos irrigadores, mas caminhei descalça mesmo assim. Isso me proporcionava um conforto frio contra o calor insuportável de agosto no Sul da Califórnia. Cheguei a um banco no topo da colina, com vista para a cidade, e me sentei. O bom de Todos Santos era a falta de fábricas industriais e de poluição. Um dos motivos por que meus pais aceitaram um emprego aqui quando eu era adolescente foi para ajudar o meu problema com o muco, para garantir que meus pulmões ficassem puros. Uma manta de estrelas brilhantes sobre nossas cabeças me lembrava de que éramos pequenos e que elas eram enormes.

Dean tirou duas latas de cerveja da caçamba de sua caminhonete (não perguntei o que diabos elas estavam fazendo lá) e abriu uma, entregando-me, antes de engolir a outra e colocá-la no chão a centímetros de mim.

— Sabe — disse ele, as pontas de seu despenteado cabelo sexy brincavam com as pontas do meu. O cheiro dele era de *menino*, uma mistura doce e um toque de colônia cítrica refrescante —, cada estrela que se vê no céu noturno é maior e mais brilhante que o sol.

— O quê? — Soltei uma gargalhada. — Isso é mentira. O sol é enorme!

Dean olhou para mim, tão sério quanto um infarto, e foi neste momento que me dei conta de que eu havia acabado de o convidar para o meu coração. O que eu de boa vontade abri a porta. Era como jogar o corpo num abismo, com

os olhos bem abertos, os braços estendidos e um sorriso no rosto. *Isso é trágico*, pensei. Eu esqueci como era passar um tempo *de verdade* com Ruckus. Esqueci o caos que ele despertava dentro de mim.

— O sol é apenas uma estrela anã amarela, Bebê LeBlanc. — A voz dele era tranquila; seu olhar quente, não. — É glorificada porque estamos familiarizados com ela e é a mais próxima. A maioria das pessoas ama o que quer que esteja mais perto. Estamos acostumados a isso.

Ele não estava mais falando sobre as estrelas e nós dois sabíamos disso.

Seu conhecimento sobre astronomia me pegou desprevenida. Talvez porque eu quisesse reduzi-lo ao cara drogado que não ligava nem sabia de nada além do seu futebol, mulheres e números chatos.

Ele pegou um baseado do seu bolso de trás, levantando os quadris para conseguir tirá-lo e o enfiou em seus lábios em formato de coração, o fogo do isqueiro iluminou cada curva de seu rosto de Adônis. Ele deu um trago e o passou para mim.

Houve um momento em que o baseado pairou entre seus dedos. Eu esperei que ele recuasse. Que fizesse cara feia. Que me dissesse que eu era louca por fumar. Mas nada disso aconteceu. Ele deixou que eu mesma tomasse essa decisão.

Ele me fez sentir como uma adulta.

Peguei o baseado, me permitindo um sorrisinho que escondi no escuro. Todos os outros me tratavam como se eu fosse feita de vidro. Apenas Dean fez coisas que poderiam ter me destruído. Dei um trago. Inalei. Exalei. Continuei viva. Isso era uma vitória no meu mundo.

Mas claro que eu tive que tossir como um cachorro prestes a vomitar um ou os dois pulmões. Dean me olhou de lado, sorrindo.

— Da próxima vez que quiser ficar chapada, vou fazer uns brownies de maconha para você.

Eu o ignorei, olhando para o céu. Foi legal esquecer minha família, mesmo que por um segundo. Mesmo que fosse com o homem que eu considerava relativamente um inimigo.

— Uma vez eu ouvi que o sol se aproxima mais de nós todos os anos. Que algum dia ele irá queimar o planeta inteiro — falei, circulando o céu com meu dedo, e passei o baseado para ele. Dean deu um gole em sua cerveja, tudo em sua linguagem corporal era luz, juventude e irresponsabilidade. Por um segundo, ele pareceu um adolescente.

O adolescente que um dia eu amei.

— Bem, o sol provavelmente vai durar no mínimo sete bilhões de anos a mais do que sua idade atual de quatro bilhões e meio de anos. Em seguida, é mais provável que se transforme em uma estrela vermelha gigante e se reduza a uma anã branca. É seguro dizer que quando isso acontecer, nem a minha bunda chapada, nem a sua empinada estarão aqui para testemunhar esse show de merda. — Ele deu um tapinha na minha cabeça com a mão que segurava a cerveja, como se eu fosse uma criança preciosa. — A menos que você esteja planejando continuar por aqui. Você vai ser uma senhorinha gostosa *pra* caralho. Mesmo com um bilhão de anos.

Eu ri tão alto que a minha voz ecoou no céu.

— Nem preciso dizer que não estarei por aqui.

— Nenhum de nós estará. — Ele deu de ombros e me passou o baseado. Nossos dedos se tocaram e a eletricidade rolou pela minha pele, fazendo cócegas. Eu ignorei a sensação, pensando: *Só que a minha hora provavelmente vai chegar antes da sua.*

Quantos anos mais eu tinha? Vinte? Dez? *Menos?* Esse era o problema da fibrose cística. Não era tão imediato e urgente como câncer ou ELA. Eu ainda tinha tempo. Só que não tanto quanto as outras pessoas.

Talvez tenha sido o álcool ou a erva, ou a vida em geral, mas aconteceu. Depois de alguns bons anos, aconteceu. *De novo.*

Minha ex-terapeuta me disse uma vez que era completamente normal, considerando as circunstâncias. A percepção da morte – o quanto ela era real – me pegou e o pânico correu pelas minhas veias numa dose alarmante. Eu congelei. Parei de respirar – não por escolha própria – quando imagens do meu corpo dentro de um caixão atacaram meu cérebro. Esses ataques de pânico vêm acontecendo há um bom tempo. Desde que eu tinha dez anos e o conceito de morte começou a fazer sentido. Foi nessa época que eu soube que não morreria de velhice.

Eu estava tendo um ataque de pânico enquanto curtia com o Sr. Traquilão, mas ele não poderia saber disso, porque esses ataques não eram extremos. Depois de alguns segundos, eu voltei a respirar e a única coisa física que me incomodou foram as ondas de calor desconfortáveis que pareciam ter me batido na cara e uma palpitação fora de controle.

Na época em que ia à terapeuta – meus pais me levaram a alguém especializado em adolescentes com doenças terminais – tentamos encontrar a

raiz do meu problema. Todo mundo ficava desconfortável com a ideia da morte, mas eu era uma das raras adolescentes que passava noites em claro deitada na cama imaginando seu corpo morto sendo cremado. A terapeuta era boa. Admito. Ela perguntava se eu me lembrava de ser um feto. Eu dizia que não. Depois, perguntava se eu tinha alguma lembrança de não estar viva. Eu dizia que não. — A morte é assim, Rosie. Você não se lembrará de que aconteceu, então, de certa forma, é quase como se você vivesse para sempre. Sobretudo quando meus ataques de pânico chegavam, eu tentava me lembrar dessa conversa, mas normalmente ajudava apenas a me distrair completamente com outra coisa. Então, eu balancei a cabeça, dando uma olhada no rosto tranquilo de Dean e perguntei:

— O que mais você sabe sobre as estrelas? E me poupe da parte divertida em que elas explodem e todos nós morremos.

Ele enfiou um cacho que caiu na minha testa atrás da minha orelha.

— Quando o sol explodir, ninguém estará aqui para testemunhar. Bem, ninguém além das Kardashians. Esse povo está em tudo quanto é canto, caralho.

Dei um soco em seu ombro, brincando sem querer.

— Para com isso, Cole. *Kourtney and Khloe Take Miami* é o único prazer pelo qual me sinto culpada.

— Isso é claramente triste. Principalmente quando o vizinho do andar de cima pode te levar para qualquer lugar em sua cobertura. Eis um prazer digno de culpa.

— Foco — grunhi. Ele apagou o baseado no banco e o jogou numa lata de lixo ali perto. Ele riu sua risada cem por cento autêntica, aquela contra a qual nenhuma garota tinha a mínima chance. Sua voz era gostosa na minha pele. No ar. Em todos os lugares.

— Então, eu tenho esse sistema de arquivos na minha cabeça e se você contar a qualquer pessoa, eu nego, nunca mais falo com você e digo a todo mundo que sabemos que você tem hepatite e que deu o fora no Dr. Cara de Cu porque ele te passou frieira. — Ele apoiou uma mão no encosto de madeira atrás de nós e curvou o corpo em direção ao meu.

— Agora você só está me implorando para fazer isso. — Juntei os lábios, consciente de todos os sorrisos sedutores que eu dava.

Dean terminou o resto da cerveja antes de pegar a minha e bebê-la também, soltando um arroteo intencional antes de continuar.

— Sou quase um nerd da astronomia. Rotulo pessoas de acordo com a parte do sistema solar que elas poderiam ser. Por exemplo, Trent é Júpiter porque ele é grande *pra* caralho. Vicious é Arcturo: vermelho e com raiva o tempo todo. Posso continuar, mas desconfio de que vou me arrepender. — Ele analisou meu rosto, esperando que eu risse. Quando ri, ele continuou com cuidado.

— É mais fácil encaixar as pessoas em algo concreto, sabe?

O cabeça de vento. O drogado. O mulherengo que ama festas. Ruckus.

Sim, eu fazia uma ideia.

— Que tipo de estrela eu sou? — Minha voz saiu densa. Eu estava bêbada. Estava com desejo. Estava fora de mim.

Nossos braços estavam colados e nosso suor começou a se misturar, mas nenhum de nós dois se mexeu para quebrar o contato.

Nem mesmo um segundo se passou antes de ele responder, o que me fez acreditar que já havia pensado nisso antes.

— Você é Sirius.

— Sirius?

— Isso. — Ele se mexeu no banco, esfregando a barba inexistente em seu queixo quadrado. Tentei ignorar o fato de que ele me olhava com algo mais do que só desejo, porém, se tornava mais difícil a cada segundo.

— Ao contrário da crença geral, estrelas não brilham. Só existe uma estrela que os cientistas concordam que reluz. Ela brilha tão forte que às vezes as pessoas a confundem com um OVNI. Ela não é grande, mas se destaca. É Sirius, e você também é assim. Você brilha, Bebê LeBlanc. Brilha tanto que às vezes é a única coisa que eu vejo.

Eu não sabia em que estava pensando. Talvez não estivesse pensando em nada. Mas naquele momento, me senti corajosa. Tão corajosa que a honestidade tomou posse da minha boca antes de a lógica impedi-la.

— Quero que me faça esquecer, Dean. Só por uma porcaria de noite — murmurei. Encarei o espaço. — Esquecer esta cidade maldita e os meus pais julgadores e... — soltei um suspiro profundo. *E da morte.*

Ele inclinou todo o corpo em minha direção e segurou meu rosto, gemendo como se me tocar apenas o frustrasse ainda mais.

— Ei. Olhe para mim.

Não vale a pena.

Não o bastante.

Não tanto quanto Millie.

— Você é o ex-namorado da minha irmã — murmurei, sem protestar, tentando me justificar. Esperando reunir alguma lógica e voltar atrás.

— Nós ficamos juntos por um segundo — reclamou ele.

— Você tirou a virgindade dela.

— Ela foi *embora* — falou ele, esmagando a última palavra entre os dentes.

— Ela foi embora sem nem me oferecer a delicadeza de um telefonema. Ela nunca foi minha. E, por esse e por outros motivos, eu nunca fui dela.

— Ela me contou que uma vez você pediu que ela nunca te deixasse. — Eu engoli em seco, enfiei as mãos sob a minha bunda suada enquanto encarava meus chinelos.

— Sem ofensas a Millie, mas eu não quero que *ninguém* me deixe.

Silêncio... E depois:

— Eu não quero te fazer esquecer. Quero te fazer lembrar. E estou prestes a fazer isso, Rosie. — Ele respirou forte na minha pele. — Estou prestes a reescrever as páginas da porra da nossa história, bebê.

Sua boca desabou sobre a minha, e seus dedos encontraram meu cabelo. Agarrei sua gola em meus punhos e o puxei para baixo junto comigo, deitando no banco e abrindo as pernas para ele. Seus lábios eram quentes, molhados, perfeitos e não hesitaram nem pediram permissão. Eles me tomaram. Exigindo avidamente. Meu corpo inteiro zumbia de calor e êxtase. Ele agarrou meu cabelo com uma mão e passou a que estava livre entre nós dois, envolvendo um de meus seios, e o apertou.

Sua língua invadiu a minha boca, me conquistando, derretendo cada rejeição que tinha na ponta da minha língua em manteiga quente. Será que eu estava tão bêbada assim ou ele era realmente muito bom? A mão dele se moveu mais para baixo. Ele virou minha saia jeans e levou a mão à minha calcinha, esfregando o tecido, criando um atrito que me fez gemer em sua boca e perder o controle ao qual me agarrava.

Quente. Tudo estava quente.

Meu rosto.

Meus nervos.

Deus, parecia que meu coração estava em chamas.

— Caralho, você está molhada — disse ele, beliscando meu clitóris por cima da calcinha. Arranhei a camisa dele e arqueei as costas, implorando.

— Me fode — grunhi em meio ao nosso beijo obsceno. Era diferente de tudo

o que eu já havia experimentado. Nossas línguas estavam em guerra (a dele vencia), nossas mãos desesperadas e nos esfregávamos um no outro como se estivéssemos tentando começar um incêndio.

Eu sabia que logo conseguiríamos. *Química perigosa*. Nossos corpos estavam sintonizados de um jeito que só as almas ficam. Impecavelmente. A sensação da pele dele na minha era como ser beijada em todos os lugares até o ponto mais isolado do meu corpo.

Ironicamente, meu pedido o fez descolar a sua boca da minha e eu fiz cara feia.

— Você está muito bêbada? — Ele analisou meu rosto, completamente sóbrio. Ele bebeu apenas uma cerveja e, pelos seus padrões, era como beber chá de ervas.

— Não tão bêbada a ponto de não saber o que estou fazendo — respondi.

— Parece algo que uma pessoa bêbada diria — rebateu. Coloquei a mão entre nós dois e agarrei seu volume por cima do jeans, esfregando-o. *Duro como pedra*. — Por favor.

Ele fechou os olhos, descansando a testa na minha enquanto respirava fundo. Ele tentava lutar contra isso. Tentava encontrar serenidade. Era o que eu deveria ter feito. Só que eu estava voraz nesta noite.

— Se eu te comer é porque você quer, não por causa de uma porcaria de vingança familiar.

— Sim — assenti. — Eu quero.

Ele se levantou, ofereceu a mão e me guiou para a caminhonete vermelha em que nenhuma garota havia sido comida antes.

A viagem mais longa que já fiz, mas foi uma que valeu a pena.



Na cabine, Dean abaixou o banco do motorista e deitou nele, dando um tapinha em seu peito musculoso.

— Vem aqui — mandou. Ele não parecia estar brincando. Ele não soou sedutor. Ele soou sério e profundo. O senhorio mais tentador com o qual já cruzei. Obedeci, montando nele, e cheguei ao seu rosto. Eu ainda estava de calcinha e minhas pálpebras pareciam pesar cinco quilos cada, mas sabia o

que estava fazendo.

Dean tirou minha calcinha, me segurou pela cintura e me empurrou para a sua cara, sua língua mergulhando dentro de mim me penetrou num movimento repentino. Gritei de prazer e de surpresa, agarrando seus cabelos, e arqueei as costas.

— Fode a minha língua, Bebê LeBlanc. Fode com vontade.

Meus quadris balançavam enquanto eu fazia exatamente isso, sentindo sua boca quente em mim, seu polegar massageava em círculos meu clitóris devagar, mas firme, enquanto sua mão livre apertava a minha bunda, ditando o quão rápido e forte eu sentava na cara dele. Ele emitia barulhinhos felizes que eu só havia sonhado em ouvir de Darren. Como se isso fosse sua ideia de paraíso. Como se o que estávamos fazendo fosse *certo*.

Depois de alguns minutinhos, me fechei em volta da língua dele, minhas coxas vibravam, cada músculo do meu corpo tremia com um orgasmo que serpenteava em mim como um terremoto. Joguei a cabeça para trás e gritei o nome dele com os olhos fechados.

Em seguida, antes que eu tivesse a chance de abri-los, ele me virou para que ficasse deitada debaixo dele e ele ficasse por cima, com os joelhos entre as minhas pernas abertas. Dean desafivelou o cinto e subiu a camisa, revelando aquele abdômen perfeito que tentei não comer com os olhos no outro dia. Jesus, ele era uma obra de arte. Na verdade, eu reparei nele por isso.

— Vou te fazer cantar a porra do meu nome — sibilou ele, com os olhos fixos nos meus — com a boceta.

Abri ainda mais as pernas enquanto ele metia os joelhos mais fundo no meu sexo.

Ele colocou a mão no seu bolso de trás e tirou um preservativo da carteira. Rasgando a embalagem com os dentes, e o colocou enquanto segurava a minha blusa. Ele puxou o tecido até enterrá-lo na minha pele e rasgá-lo do meu corpo.

Ai.

E também... *Que porra é essa?*

Abaixando-se, pôs uma das minhas pernas sobre seu ombro e escorregou para dentro de mim sem aviso. O maxilar dele era de granito, seus olhos brilhavam de necessidade carnal. Agarrei seu tríceps volumoso, gemendo pelo prazer que não conseguia conter completamente em meu pequeno corpo, e o deixei meter em mim como um animal, enquanto ele atingia meu ponto G várias

vezes, montando em mim como se sua missão de vida fosse me dividir em duas.

— Ah, Dean. — Não pude evitar gritar e, embora estivesse quente lá fora, a condensação nas janelas à nossa volta nos mostrava que estava muito, muito mais quente do lado de dentro.

Dean agarrou meu cabelo novamente, mais forte desta vez do que havia feito no banco, e eu virei a cabeça para o espaço entre nossos corpos para poder assistir.

— O que eu faço com você? — Ele soou ameaçador. Quase maligno. Eu assistia seu pau (*ei, é uma camisinha roxa?*) saindo e entrando de mim, o jeito que seus quadris esmagavam os meus furiosamente a cada vez que ele impulsionava para dentro. Os sulcos de seu tanquinho também ficavam perfeitamente visíveis deste ângulo. Havia escuridão ali. No que estávamos fazendo. O Dean todo americano, com rostinho de bebê e amável tinha um lado muito perigoso e me permitiu uma espiadinha dele.

— Você está... — gaguejei. Ele puxou meu cabelo mais forte por uma resposta. Doeu, mas ao mesmo tempo, foi extremamente gostoso.

— Diga, Bebê LeBlanc.

— Você está me fodendo.

— Porra, isso, eu estou te fodendo. É bom?

— Si-sim.

— Estou indo fundo demais?

— Nã-não.

— Estou muito violento?

— Nã-não.

— Que bom. Porque estou prestes a ficar.

A mão dele serpenteou para trás das minhas costas e me virou no lugar e, por um segundo, seu pau não estava mais enterrado dentro de mim. Ele me colocou de joelhos, mas caí de barriga quando meteu novamente, desta vez por trás; levantou meu quadril com o braço – seus músculos estavam apertados e suados na minha coxa – criando o ângulo perfeito para me rasgar com seu mastro grande e grosso.

— Tão fundo. — Fechei os olhos novamente, sentindo outro orgasmo escorrendo do meu crânio para a base da minha espinha. Dean “Ruckus” Cole era um deus do sexo. Isso não deveria ter me surpreendido, mas ele estava certo: o que compartilhávamos não era normal. Era insano.

Insanamente bom.

— Não goze ainda. — Ele meteu mais uma vez e enfiei meus dentes no vinil do assento, agarrando a espuma amarela sob ele enquanto tentava reprimir outro grito.

— Não consigo segurar — ofeguei, enfiando, sem ar, as unhas na cabine surrada. Ele estava fazendo sexo comigo como se estivesse tentando me matar. E, de certo modo, matou. Matou todas as chances que eu tinha de gostar de fazer sexo com outra pessoa.

— Você precisa da minha permissão para gozar, LeBlanc. Implore.

Em algum lugar dentro de mim, eu sabia que a coisa toda era uma loucura. Bêbada ou não, eu conseguia distinguir o certo do errado. Mesmo assim, obedeci, porque eu meio que gostei do fato de que, por um instante, eu não era a vadia que o odiava e ele não era o cara que eu nunca poderia ter.

— Por favor, me deixa gozar.

— Goze no meu pau, amor.

Desabei mais ainda no assento e gemi quando outro tsunami varreu meu corpo. E eu vi estrelas. Estrelas que ele pôs lá: estrelas que brilhavam bem mais que as do céu.

Dean me virou de novo, mas desta vez, meus olhos estavam meio abertos. Ele deu mais algumas estocadas, o rosto dele estava assustadoramente sem expressão, tirou de dentro de mim, arrancou a camisinha e gozou na minha barriga e no meu sutiã.

Olhei para ele, sem saber se estava hipnotizada, enojada, ou satisfeita demais para diferenciar os dois.

Ele pegou minha blusa rasgada – a camisa da Associação dos Podólogos que foi uma cortesia de Darren – do banco ao nosso lado e a amassou, limpando seu gozo do meu corpo com ela.

— Diga adeus a esta camisa e a tudo o mais que outro homem que não seja seu pai já te deu. Fui claro?

— Você é extremamente possessivo — reclamei, olhando para ele com os olhos semicerrados como se ele fosse o meu sol, a lua e tudo que valia a pena olhar na constelação.

— É porque você é extremamente minha.

— E o que neste mundo te faz pensar assim? O fato de que nós transamos?

— Eu fingi rir, mas não havia nada de engraçado nesta declaração. Ou no que acabamos de fazer.

— Não — disse ele, movendo a mão para o lado esquerdo do meu peito. Ele a colocou sobre o meu coração e apertou. — Esta coisa bem aqui? Bate por mim, porra. Você sabe disso. Eu sei disso. Continue mentindo, Rosie. Vou tirar a verdade de você. De um jeito ou de outro.

CAPÍTULO NOVE



Dean

Tudo latejava quando voltávamos para a mansão de Vicious. A Bebê LeBlanc adormeceu e eu ainda era capaz de sentir seu sexo em meus dedos e seu xampu de coco na minha camisa, e acho que isso fodeu com a minha mente, porque me vi dando voltas no bairro quatro vezes às três da manhã, sem estar pronto para me despedir.

Você está com um problemão, babaca, repreendeu-me a lógica. Você não precisa dessa merda. Envolver-se é um risco. Você precisa cuidar de seu assunto com Nina e parar de beber.

Mas a lógica não tinha espaço na minha mente. Eu estava completamente ocupado com tudo sobre Rosie LeBlanc e não estava nem aí que ela estivesse doente e tivesse seus próprios problemas com que lidar. Ela estava com o meu casaco sobre o sutiã, o de dez anos atrás que eu havia achado na caçamba da caminhonete. A camisa rasgada do Dr. Cara de Cu estava onde deveria estar: numa lata de lixo no meio da porra do nada.

Estacionei em frente à entrada principal da mansão e considerei o que faria a seguir. Ela estava roncando, emitindo um som que tinha mais a ver com um urso pardo do que com uma menina pequenina, e eu não fui capaz de acordá-la.

Enfim, peguei seu corpinho e a carreguei para dentro da casa. Seus chinelos ficaram presos entre seus dedos conforme eu passava pelas portas, espiando as que estavam entreabertas até encontrar a dela, o quarto com o pôster do The Strokes.

Coloquei-a na cama, a enrolei, protegendo-a com a coberta como se faz com

um bebê, e dei um beijo em seu nariz.

— Aliás — sussurrei para a minha *Bela Adormecida*. — Acho chinelos pessoalmente ofensivos e ainda quero me aproveitar de você de novo.

— Dean — ela bocejou, balbuciando enquanto se espreguiçava —, eu *te* acho pessoalmente ofensivo, *porque* todo mundo se aproveitou de *você*.

— Bem-vinda ao clube, querida. Nós temos camisetas.

— Que bom, porque você rasgou a minha.

Meu pau saudou aquela bela resposta, mas isso teria que esperar.

— Isso mesmo. Não quero ver as coisas daquele filho da puta nunca mais em você — resmunguei, evitando pronunciar seu maldito nome. Qual era mesmo? Declan? Darren? Não importava. Não era como se ela fosse usá-lo outra vez.

— Argh. — Ela se virou de costas para mim, se enterrando no cobertor com os olhos fechados. — Estou tão feliz por não ter que te ver até o jantar de ensaio.

— Não fique tão feliz ainda. — Afastei uma mecha de cabelo do rosto dela, fazendo sua pele se arrepiar.

— E por quê? — Perguntou ela e, aparentemente, Rosie LeBlanc tinha a habilidade de ter longas conversas durante o sono.

Abaixei-me, encostando meus lábios aos dela, minha língua saindo para passear pelo seu lábio inferior antes de chupá-lo, demorado e com força. Era o tipo de beijo provocante e prazeroso que te deixa pensando no próximo por uma semana inteira.

— Porque acabei de decidir que estou me mudando para a mansão para passar um tempo com você — sussurrei e caminhei para a porta, apaguei as luzes e sorri para a escuridão azul da noite. — Surpresa, Bebê LeBlanc. Agora não somos só vizinhos, somos praticamente colegas de quarto.

Dirigi para casa naquela noite, peguei minha mala que não tive tempo de desfazer e mudei minhas coisas para a casa de Vicious. Eu diria para ele que meus pais estavam reformando partes da casa, se ele perguntasse. Ainda bem que ele nunca dava a mínima para nada.

Era melhor assim. Recentemente, meus pais estavam me atazanando muito sobre encontrar Nina e eu não ligava para a mesma conversa de sempre. Eu também não ligava para o motivo de eles estarem tão empenhados em me fazer conhecê-lo.

Porque tudo o que me importava era a minha próxima conquista: *Ela*.



Apanhei Trent no aeroporto de San Diego no dia seguinte, desta vez, fui com o *Volvo XC90* de papai. A caminhonete vermelha ficou na garagem. Eu dificilmente a usava, mas Rosie pediu para manter nosso pequeno encontro em segredo e, por enquanto, estava numa de acalmá-la.

Se Vicious me visse buscando-a, ele começaria a fazer perguntas que só me irritariam.

E assim que ouvisse minhas respostas, nós iríamos cair na porrada outra vez. Não que eu me importasse particularmente. Dar alguns socos na cara dele era a minha ideia de meditação. Embora eu preferisse sair sem o excesso de drama. Vicious, por outro lado, fazia o tipo exagerado de babaca de *Sweet Valley*. Ele amava fazer uma enorme produção de merda.

Estacionei em fila dupla diretamente em frente ao portão de entrada e abaixei meus óculos *Ray-Ban*, conferindo a horda de comissárias de bordo de uniforme azul que cruzavam a estrada na minha frente. Como se sentissem meu olhar, duas delas viraram as cabeças na minha direção e sorriram. Sorri de volta, depois abaixei o olhar para checar meu telefone.

Jaime

Eu e as meninas vamos pousar em SD dentro de quatro horas. Te vejo do outro lado, filho da puta.

Vicious

Olá, Capitão DST. Espero que esteja sóbrio o suficiente para ler isso. Certifique-se de buscar Trent hoje. A disposição dos lugares está te esperando em seu e-mail. Ligue quando terminar.

Trent

Tire os olhos do colo. Parece que está se masturbando.

Rindo, olhei para cima e avistei meu melhor amigo saindo das portas

deslizantes com uma mala de rodinha. Dizer que Trent Rexroth era um cara bonito era o mesmo que dizer que cianeto era ligeiramente insalubre. O cara fazia cabeças virarem. De mulheres e de homens. Claro que todos nós éramos colírios para os olhos, mas só havia um filho da puta que sempre roubava a cena. Ele vinha diretamente para o meu carro, em toda a sua glória de ex-zagueiro, com seus dois metros, cara de aristocrata, arrasado. Todas as garotas por ali olharam duas vezes, depois a terceira, só para ter certeza de que este cara era realmente humano e, quando ele entrou na minha *SUV*, duas delas até tiraram fotos em seus celulares. Devem tê-lo confundido com aquele cara do retrato falado, sabe, aquele com os olhos azuis adormecidos da *Calvin Klein*.

Trent deu um tapa nas minhas costas, o sinal internacional de “Bom te ver, mano” e afivelou o cinto.

— Estou ficando velho ou elas estão ficando menos atraentes? — Ele apontou com o queixo para outro harém de comissárias de bordo, desta vez, vestidas com uniformes cor de vinho.

— Definitivamente você está ficando velho. — Mantive meu papel de mulherengo, mesmo não me sentindo desse jeito também. — Talvez esteja na hora de tomar *Viagra*.

— Talvez esteja na hora de calar a boca. — Trent me lançou um olhar seco, abriu o porta-luvas e pegou um baseado que ele sabia que estaria esperando por ele.

— Espere até sairmos do aeroporto. — Joguei o carro na rua. Ele obedeceu, lendo os e-mails de seu telefone nesse meio tempo.

— Como vai Luna? — Perguntei, olhando os retrovisores. A filha dele já tinha quase um ano. Bebês nunca foram a minha praia, eu não queria fazê-los, mas amava praticar usando proteção, porém, Luna tinha coxas roliças que pareciam *croissants*, um sorriso enorme e batia palminhas e fazia uma dança esquisita sempre que eu a via pelo *Skype*. Realmente não havia nada do que não gostar nela. *Com exceção de sua mãe*.

— Ela está bem — disse Trent depois de uma longa pausa, olhando pela janela com uma careta. O cara tinha uma alma antiga. Não estava preparado para o estilo de vida que tínhamos. As mulheres. O dinheiro. A erva. Ele não gostava de nenhuma dessas merdas de verdade. As únicas duas coisas que eu já o vi gostando de verdade eram o futebol, que já tinha acabado há muito tempo depois de muitas lesões em nosso último ano, e sua filha.

— Que. Mentira. Não acredito. Que porra está acontecendo? — Dei um soco no braço dele. Estávamos saindo do aeroporto e entrando numa estrada deserta. Era meio-dia de um sábado e ninguém dirigia em Todos Santos a menos que estivessem indo roubar uma porra de mansão. O baseado foi aceso, mas os olhos cinza de Trent continuavam apagados.

— Luna é incrível — falou, deixando de fora um enorme “mas”.

— E? — Incentivei-o a continuar.

— E Val não é — falou impassível.

Resumo rápido: Val era a stripper brasileira que engravidou de Trent depois de uma transa de uma noite. Ela estava se recuperando do vício em cocaína, mas Trent jurava que ela voltara aos trilhos depois que ele desembolsou o dinheiro para a reabilitação. Eles não estavam juntos, mas faziam a coisa toda de coparentalidade.

— Ela voltou a usar? — Arqueei uma sobrancelha.

Ele jogou a cabeça para trás, esfregando os olhos.

— Até onde eu sei, está limpa. Ela só parece... *desligada*.

— Alguma vez ela esteve ligada? — Pisei no acelerador, minha mente vagava para outro lugar. Rosie parecia absolutamente infeliz quando a peguei ontem. Não tinha certeza se era por causa de Vicious ou pelo resto de sua família, mas apostava que era a última opção. Ela era a única pessoa que eu conhecia além de mim mesmo que não dava a mínima para os surtos de poder de Vicious e suas babaquices em geral. Vê-la sofrer despertava algo em mim. Ontem foi alucinante. O melhor sexo que já tive desde... Caralho, *sempre*? Isso não podia estar certo. De duas coisas que eu tinha certeza:

1. Rosie provavelmente estava arrependida da merda toda neste momento; e
2. Haveria uma reprise em breve e, desta vez, eu garantiria que ela estivesse sóbria.

Trent virou o rosto para mim.

— É putaria eu achar que Val não ama nossa filha de verdade?

Silêncio, e então:

— Pare de viajar. — Peguei uma bola de espuma no centro do painel e joguei nele, uma risada constrangedora saiu da minha boca.

— Ela não passa tempo nenhum com ela. Minha filha ou está com a babá ou comigo. E não é como se ela não tentasse. Ela tenta. Mas acho que Luna a deixa muito infeliz. Val está acostumada com a vida noturna. Antes disso, ela esfregava a virilha num poste para viver. O alarme dela está programado para

as duas da manhã e ela ainda aperta o botão de *soneca*. Ela acha a maternidade chata.

— Ela também acha que roubar esperma é um jeito legítimo de fazer a vida — grunhi, puxando meu cabelo. Porra, Val. Ela era manipuladora, sim; sorrateira, claro; e suspeita *pra* caralho, mas por baixo do exterior com problemas com o pai, eu a imaginava uma garota legal. Trent devia estar exagerando. Ele tinha elevado muito o conceito de pai, levando sua filha para aulas de natação e de ginástica antes mesmo que ela rolasse. Val iria mudar de ideia. Ela era uma garota forte e Luna iria passar da fase onde se caga em intervalo de horas e chora no resto do tempo.

— Sei lá, cara. — Trent deu de ombros, fumando e olhando pela janela. — Eu só... — ele parou, passando os dedos pela sua cabeça raspada. —  s vezes, parece que algo ruim vai acontecer, mas não consigo impedir.

— Porque pode ser que aconteça — falei. — E porque você não pode. Chama-se realidade.

— A realidade é uma merda.

—   o que dizem — concordei. — Tem que deixar *pra* lá e garantir que *você* faça a coisa certa.

Quando passamos pela placa verde exuberante de boas-vindas a Todos Santos, tentei me lembrar da mesma coisa.

Sobre Nina.

Sobre Rosie.

Sobre tudo.



Dean

E aí, dorminhoca? Essa ressaca t  te matando?

Passou uma hora antes de ela responder, mas eu sabia que tinha visto a mensagem. Ela devia estar digitando e apagando, obcecada, debatendo, se odiando, *me* odiando. Tudo bem. Tudo fazia parte do processo. Então, finalmente, ela respondeu. Uma palavra:

Rosie

Sim.

Fiquei encarando a palavra. Nenhuma garota nunca havia me mandado uma mensagem de texto com uma palavra só antes. Essa menina era tipo um acampamento egocêntrico. Comecei a digitar minha próxima mensagem quando outra chegou.

Rosie

Desculpe. Sinto tanto que isso tenha acontecido. Não consigo nem me olhar no espelho. Não consigo sair do quarto, porque não quero encarar Millie. Que tipo de irmã eu sou? Por favor, vamos fingir que a noite passada nunca aconteceu.

Dean

Tudo bem.

Rosie

Tudo bem?

Dean

Se é o que precisa dizer a si mesma antes de fodermos de novo, não vou estourar sua bolhinha. Acho que deveríamos almoçar no *In-N-Out*. Tenho a sensação de que o jantar de ensaio vai ser chato pra caralho. O que acha?

Rosie

Acho que você não sabe ler. Eu disse que não faremos isso NUNCA MAIS.

Dean

Eu disse *In-N-Out*. Não que iria te pegar numa varanda com vista romântica para o Oceano Pacífico.

Dean

(Mas estou dentro se você quiser fazer isso).

Rosie

Não.

Dean

Vou levar erva.

Rosie

NÃO.

Dean

Vou levar meu pau.

Rosie

Como isso ajuda?!

Dean

Depois da noite passada, acho que você sabe a resposta para essa pergunta ;)

Rosie

Sem chance, Ruckus. Hoje, você está por conta própria. Esqueça que um dia aquilo aconteceu. Eu sei que eu vou.

Sorri, recostei e li a mensagem dela outra vez. Em breve, ela iria voltar atrás – e para o meu pau.

Depois que deixei Trent na nova casa dos pais dele em Todos Santos, fiquei lá por umas duas horas para pôr a conversa em dia com Trisha e Darius Rexroth. Eles eram praticamente meus segundos pais. Depois, fui direto para a academia no clube de campo de onde meus pais (de verdade) eram membros e suei um pouco. Socar sacos de areia e correr na esteira me acalmou, ainda que só um pouco.

Depois que acabei de malhar, fui para a sauna e sentei num banco de madeira, encostando na parede.

Você precisa parar de beber, babaca.

Eu precisava parar de fazer um monte de merda tóxica, mas qual o sentido? Qual o sentido de não foder três mulheres ao mesmo tempo, ou de beber até desmaiar, ou de fumar todas as manhãs e todas as noites para relaxar?

Isso não era para dizer que eu estava infeliz. Eu gostava do meu trabalho.

Fazer dinheiro era bom. Gastá-lo em porcarias que eu não precisava era ainda melhor. E eu tinha uma família ótima que queria ver mais. Mas o espaço entre as ligações da minha família e dos meus amigos e as longas horas que eu passava no trabalho era vazio, então, eu o preenchia com boceta, álcool, maconha e perseguir incansavelmente a única garota de quem eu deveria manter distância.

— Dean? Dean Cole?

O cara que entrou na sauna parecia familiar. Pisquei para espantar minha mais recente ressaca (cortesia dos quatro gins que tomei depois de me acomodar na casa de Vicious ontem à noite). Olhando de novo, eu o reconheci. Matt Burton. Um cara do colégio. Estivemos no time de futebol juntos. Não era uma estrela de forma alguma – esse título foi guardado para Trent e para mim – mas, ainda assim, era um garoto popular. Ele ficou barrigudo, o que era de se esperar, nem todo mundo era um filho da puta vaidoso como eu, e seu cabelo parecia mais ralo. Nós nos cumprimentamos com um soquinho de mãos, porque abraçar quando não havia nada além de duas toalhas separando nossos paus era inaceitável. Ele se largou ao meu lado.

— Você está ótimo. — Matt soltou um suspiro pesado.

— Você parece feliz. — Sua risada confirmou minha opinião.

Ele levantou a mão esquerda e mostrou, triunfante, uma aliança de ouro.

— Eu estou. Casado e com duas filhas. E você?

— Você me conhece. — Encolhi um ombro. Mas, aparentemente, ele não conhecia, porque ainda esperava uma resposta. — Ainda explorando minhas opções.

— Aqui na Califórnia? — Ele fungou. A barriga dele estava saindo da toalha. Olhei para a minha toalha. Meu abdômen mal tocava o tecido branco. Minha pele bronzeada agarrava-se ao meu tanquinho como uma fã desesperada do *Pats* depois do *Super Bowl*. Talvez comer tacos fizesse Matt feliz, mas comer bocetas *me* fazia feliz. Ambos se pareciam, mas bocetas tinham menos calorias. Além disso, sempre havia espaço para mais uma.

— Na verdade, Nova York. E você? — Perguntei por educação. Eu não dava a mínima. Matt era um cara legal, mas vi meus antigos colegas de time e amigos da faculdade se casarem. Eles sempre engordavam, ficavam chatos e estranhamente satisfeitos com seus rituais cotidianos entediante. Não, obrigado.

— Fiquei aqui. Comprei uma casa nos arredores de Todos Santos. Desenvolvimento promissor. Me formei em contabilidade e recentemente me tornei sócio na empresa do meu pai.

Blá, blá, blá.

— Que maravilha. — Levantei. Estava me sentindo um pouco zozinho. Acho que estava mesmo na hora de cortar todas as merdas que enfiava no meu corpo. — Bom, tenho que ir. Foi legal colocar a conversa em dia.

— Dean — disse Matt e eu senti sua mão no meu ombro, e por que caralhos a mão dele estava no meu ombro? Virei-me. Ele também estava de pé. Nós nos olhamos. Não como amigos. Não como inimigos. Como nada. Eu queria ir embora.

— Você está bem? — Perguntou ele. Se havia alguma pergunta mais irritante na história das perguntas deveria ser “pode gozar fora? Eu não engulo”. Mas “você está bem?” definitivamente vinha logo atrás.

— Estou — falei, deixando o “por quê” de fora. Eu não me importava com o motivo da pergunta.

Matt me lançou um sorriso estranho, tirando a mão da porcaria do meu corpo, colocando-a no quadril.

— Sabe, eu sempre achei que você se casaria com a garota LeBlanc. Vocês dois tinham uma faísca.

Soltei uma risada. Não amargurada, mas achando graça.

— Quem? Millie?

Ele balançou a cabeça, sua expressão desabou com uma careta.

— A outra. A que sempre vinha nos assistir jogar com as amigas e te comia com os olhos. Ela era gostosa. Só que não se exibia. Por outro lado, parecia uma vadia desbocada.

Rosie.

Ainda gostosa.

Só de ouvir outra pessoa dizendo isso provocou meu babaca ciumento interior e eu quis socar a cara dele. Talvez fosse porque ainda sentia sua boca em meu ombro, sua boceta pulsando com calor em meus lábios e seus gemidos pairando sobre a minha pele. O que quer que fosse, me fez empurrar Matt na parede de madeira com minha expressão mortal e sussurrar:

— Ei, Matt? Da próxima vez que falar de Rosie LeBlanc desse jeito, certifique-se de que eu não esteja por perto. Porque se eu ouvir, vou te meter a porrada e garantir que você não consiga mais ver como ela está hoje em dia.

Aliás, ela ainda é mais bonita do que qualquer mulher que um dia já concordou em te tocar, e você estava certo, seu filho da puta genial, algum dia ela será minha esposa. Adeus.

CAPÍTULO DEZ

Rosie



O que te faz sentir vivo?

Arrependimento. Porque o arrependimento te lembra que a vida tem peso. Algumas vezes é mais pesada. Outras, mais leve.

**Querida amnésia seletiva,
Preciso de você agora mesmo.
Sua,
Garota idiota incurável.**

Sentada na cama, vestindo meu colete de percussão e olhando para a parede coberta de pôsteres, meu pé pendia no ar enquanto eu reproduzia cada segundo da noite passada.

Estúpida, estúpida, estúpida.

Eu era a idiota. Não Dean. Dean simplesmente pegou o que eu lhe ofereci tolamente na minha bebedeira. Jesus, ele foi a voz da razão (aqui está uma frase que eu nunca pensei que pronunciaria, nem mesmo em pensamento) que me perguntou repetidamente se eu estava bêbada demais. Dean, que foi fofo o bastante para me enrolar no cobertor.

A gente sabe que está numa situação ruim quando o Sr. Mulherengo Aos

Montes é seu cavaleiro numa armadura da *Brooks Brothers*.

Foi um momento de fraqueza, e nunca mais voltaria a acontecer. Hoje, eu iria me comportar muito bem no jantar de ensaio. Millie tinha apenas uma madrinha – esta que vos fala – e eu não iria estragar tudo. Não depois de tudo o que ela fez por mim.

Além disso, até onde me dizia respeito, Dean e eu nunca fizemos sexo. E com certeza não fizemos o melhor sexo da minha vida – tão obsceno e quente, foi um nível completamente diferente do que eu já experimentei antes. Porque se uma árvore cai na floresta e ninguém está lá para ouvir, ela ainda emite algum som?

Em outras palavras, o que Millie não sabe, não poderia machucá-la. Eu não diria uma palavra. Nem Dean.

Uma batida na porta me fez pressionar o botão de pausa na minha reprodução da cena em que Dean me empurrou para sua língua quente e mordeu meu clitóris. *Uma cena que nunca aconteceu*, lembrei a mim mesma. Ajeitei o cabelo, tirando-o do meu rosto.

— Está aberta.

Millie entrou com uma bandeja de guloseimas. Seu sorriso era de desculpas. Provavelmente por causa de ontem à noite. Sorri de volta, alcançando uma gaveta perto da cama e a abri.

— Trouxe seu café da manhã — anunciou.

— Trouxe sua sobremesa — falei. Ser fã de música tinha as suas vantagens. Millie também gostava de punk rock e de música alternativa, mas, ao contrário de mim, ela era ocupada demais para procurar essas pequenas bandas indie promissoras que abriam seus caminhos para o cenário musical. Já eu... era para isso que eu vivia. Para procurá-las e caçá-las. Então, eu sempre me certificava de ter uma pilha de demos para dar à minha irmã sempre que a via.

Apresentei um *USB* com o formato do Ernie de *Os fantasmas se divertem* e o ergui diante de seus olhos.

— Espere até ouvir a voz de Zack Wade. — Sorri. — Ele tem talento para tocar as cordas do violão e dos seus hormônios.

Ela colocou a bandeja com as panquecas, o xarope de bordo e um café recém-coado na minha mesa de cabeceira, resmungando — Meus hormônios estão funcionando muito bem — antes de morder o lábio. Após uma inspeção mais atenta, seus olhos pareciam vermelhos e o seu cabelo roxo, uma bagunça.

— Cara, está tudo bem? — Levantei, abraçando-a e segurando seu peso ao mesmo tempo. Eu ainda estava com o colete e havia um tubo gigante entre nós, mas estávamos tão acostumadas a isso que nenhuma de nós deu atenção. Millie ficou completamente mole em meus braços. Era melhor que o causador do problema não fosse Vicious. Embora eu tivesse que admitir uma coisa: desde que eles começaram a sair, ele tem sido um homem maravilhoso para Millie. Pena ser um babaca com todos os outros.

— Estou ótima! — Ela agitou a mão, desconsiderando a pergunta e endireitou a postura. — Deve ser uma intoxicação alimentar ou o nervoso. Vicious vai me levar ao médico. Já são 10h e você não saiu do quarto. Vim ver se você está bem.

Eu não estava bem. Eu estava o contrário de bem. *Só estava ocupada demais fantasiando sobre seu ex-namorado, a segundos de enfiar a mão dentro da calcinha.*

— Desculpe. — Abracei-a de novo com meu queixo em seu ombro. — Estou aproveitando essas pequenas férias. Geralmente eu abro a cafeteria às 6h30 e não vou para a cama antes das 22h ou 23h.

— Ainda faz voluntariado com os bebês? — Ela franziu o nariz. Olhei para as minhas mãos, me preparando para outro sermão. — Você precisa parar. — Sua voz era de perdão.

— Sim, bom, isso não vai acontecer.

— Você está se machucando. Por que faz isso?

Porque eu não poderia me voluntariar em nenhum outro lugar. Todos os outros – hospitais, clínicas, hospícios – estavam cheios de pessoas doentes e meu sistema imunológico era tão frágil quanto o meu coração quando se tratava de certo HotHole.

— Acredite, não sou nenhuma santa. Se eu não amasse fazer isso, não faria. E você? Animada com o ensaio desta noite? — Mudei de assunto.

Millie expirou e se jogou nas almofadas. Voltei a sentar, mas não fiquei olhando para o teto como ela. Não dava para fazer isso com o colete.

— Acho que sim. A despedida de solteira é pelo que estou realmente ansiosa. Vai ser legal passarmos um tempo juntas.

Millie e eu só ficamos separadas durante um ano, quando eu estava no último ano, antes de embarcar num avião e me juntar a ela em Nova York. Fomos de morar juntas durante anos a viver em lados diferentes do país.

— Quer que eu vá com você ao médico? — Acariciei seu cabelo. — Posso ir

comprar café, olhar seu carro se não encontrar um lugar para estacionar. Ser sua cadelinha. — Mexi as sobancelhas.

— Não precisa. — O olhar de Millie mudou, as mãos dela pousaram nas minhas coxas, mas, desta vez, ela não fez carinho.

Eu não era idiota. Os sintomas somaram-se rapidamente. Ela ficou enjoada de manhã, zozza o dia inteiro ontem e mamãe não queria que ela levantasse nada pesado. Ainda assim, antes de ser uma estudante de enfermagem e um ser humano com um cérebro ativo, eu era uma irmã. Uma irmã que sabia que a minha irmã não me esconderia esse tipo de notícia.

Porque não havia nada que eu quisesse mais do que vê-la feliz.

E eu sabia que um bebê faria Millie muito, muito feliz.

— Tem alguma coisa que você não esteja me contando? — Perguntei, mantendo a voz mais casual possível.

— Não — disse ela secamente, acariciando meu braço novamente, como sempre fazia para me acalmar. — Está tudo ótimo.

— Não foi isso que perguntei.

— Mas essa é a resposta que vai ter. — Ela limpou a garganta. — Quero dizer, fala sério, Abelhinha. Vou me casar em poucos dias. Posso ter uns dias de folga.

Justo. Virei no lugar e desliguei a máquina presa ao colete e fiz todo o ritual de dobrar e guardar tudo. Depois disso, conversamos um pouco mais. Sobre tudo sobre os preparativos do casamento e como ela achava que eu meio que parecia a Emma Stone de certos ângulos (ela mencionou isso... não eu).

— Boa sorte no médico — falei quando Vicious chamou Millie do andar de baixo e ela passou pela porta. A bandeja ainda estava na minha cama e ficaria intocada até que eu me livrasse dela. Perdi meu apetite no jantar de ontem e não o recuperei.

Joguei-me na cama e fechei os olhos de novo, ignorando a martelada entre eles e mamãe gritando com papai no andar de baixo para ir à loja comprar bolinhos para Millie.

Eles não dirigiram nenhuma palavra a mim durante toda a manhã e, já que Millie não havia falado neles, sabia que eu ainda estava sendo ignorada. Ficaria feliz desse jeito pelo resto da visita.

Não iria pedir desculpas por quem eu era. Por quem eu queria ser.

Independente e livre.

CAPÍTULO ONZE

Dean



Eu estava colocando os e-mails do trabalho e as merdas administrativas em dia quando Vicious apareceu em sua varanda onde eu estava sentado e se largou no outro sofá. Pelo sorriso de merda em seu rosto, eu imaginei que alguém tivesse morrido ou que ele sabia de algo que iria me deixar louco ou, no mínimo, me abalar um pouco. Ele não queria ser um filho da puta do mal. Acho que apenas nasceu assim.

Trabalhar no terraço foi uma boa ideia, porque eu não conseguia me concentrar em nenhum outro lugar. Vi a mãe de Rosie bater na porta dela duas vezes, choramingando nasalmente para que ela fizesse isso e aquilo – para o que Rosie mal respondia – e seu pai reclamando com Millie no corredor sobre como sua filha mais velha deveria simplesmente comprar uma passagem para Rosie e tomar a decisão por ela.

— A irresponsabilidade dela irá lhe custar a vida. — Eu o ouvi dizer.

— Ela está me deixando de cabelos brancos. Cabelos brancos! — Acrescentou a mãe.

Babacas.

— Olá, cara de cu — cumprimentou-me Vicious.

— Oi, cuzão — devolvi, tirando um baseado de trás da minha orelha e acendendo-o despreocupadamente, olhando para Vicious como se ele tivesse acabado de mijar em uma das quatro tigelas de sopa diferentes na mesa e eu não tivesse certeza de em qual. Eu sempre desconfiava dele. Ele também de mim.

— Importa-se em compartilhar? — Ele projetou o queixo em direção ao meu baseado. Eu traguei e passei para ele, a fumaça esgueirou-se dos meus lábios.

— Então, de verdade, por que você está aqui? Seus pais não estão reformando merda nenhuma. Eu vi Eli no centro da cidade hoje de manhã quando levei Em na consulta médica.

Coloquei meu *MacBook* na mesinha de centro e me recostei, batendo com meu isqueiro *Zippo* no lábio enquanto analisava sua pergunta antes de dar a notícia para ele.

— Vim atrás da Bebê LeBlanc.

— Espero *pra* caralho que você esteja falando de Rosie e não da minha futura filha.

— Cristo. — Revirei os olhos, inclinando-me para frente para arrancar o baseado dele. — E as pessoas *me* acusam de ser o bizarro.

Vicious sorriu. Ele não estava puto. Nem mesmo estava surpreso. Surpreendentemente, ele também não ficou contra.

— Finalmente, hein? Por que demorou tanto?

Dei de ombros. — Eu não sabia que ela estava em Nova York. E, quando soube, e ela se mudou para o apartamento, veio com o namorado. Agora ela está solteira. Não por muito tempo.

Vicious me olhou cético, com os lábios curvando-se para um lado. Claro que ele não dava a mínima se eu vim atrás de Rosie. Isso fazia todo o sentido para ele... E por que não faria? Sua futura esposa, por outro lado, tinha uma opinião diferente.

Millie e eu éramos civilizados, mas ela não confiava em mim. O que era irônico, considerando a *nossa* história.

— Emilia não vai gostar disso.

— Eu também não gostei quando Emilia começou a foder um dos meus amigos mais próximos no meu apartamento. Eu superei. Bem rápido, devo acrescentar.

— Veja como fala, porra — explodiu Vicious com os olhos em chamas, antes de sorrir. — Você levou dez por cento meus da empresa.

— E te devolvi. — Sorri.

— Por um valor absurdo.

— Que você tem — repliquei. — Você é bilionário. Nós dois sabemos que você pagou porque eu precisava te fazer pagar. Você pode limpar a bunda com o dobro do valor que me pagou e nem assim vai perceber que está faltando na sua conta bancária. Foi uma lição. Você aprendeu alguma coisa?

— Sim. — Vicious me olhou torto. — Que você não é menos escroto que eu,

ainda que definitivamente esconda melhor. Millie acha que você é encrenca. Agora era a minha vez de dar o sorriso de “eu não estou nem aí”. Eu nem estava tentando me defender. Qual o sentido?

— E tenho que concordar. — Ele pegou o baseado.

— Estou magoado. — Segurei o lado esquerdo da minha camiseta *Armani* laranja e fiz uma careta. — Mas vou sobreviver.

— Se você vai sobreviver ou não depende exclusivamente de como as coisas com Rosie vão desenrolar. Se você partir o coração dela, usá-la e cagar tudo, terei que escolher um lado. — Eu sabia qual lado ele escolheria. Vicious e eu éramos sinceramente bons amigos. Conversávamos ao telefone o tempo todo. Ríamos juntos. Mas também desconfiávamos um do outro. Era apenas algo normal. Nunca houve competição entre Jaime e Trent, ou entre Trent e eu, nem entre Vicious e Jaime. Mas sempre houve uma guerra silenciosa e sangrenta entre Vicious e eu.

E eu sabia que os sentimentos ruins que nutria por ele floresceram apenas porque eu me via nele e odiava isso.

A crueldade.

A frustração.

A brutalidade crua escondida embaixo do sorriso de dentes brancos e ternos de quatro dígitos.

— Está me ameaçando? Que gracinha. — Peguei o baseado, dei um último trago antes de colocá-lo num cinzeiro no meio da mesinha de centro. A fumaça disparou das minhas narinas infladas enquanto eu falava. — Não sou nenhuma garota ingênua do sul, Vic. Não tenho medo de você.

Vicious se levantou. — Não foda com tudo.

A mensagem nas entrelinhas era: *mas pode contar comigo.*

Baguncei meus cabelos.

— Você não fodeu as coisas com a Millie. — *Obrigado, mano.*

— Eu quase fodi. — *Não cometa os mesmos erros que eu.*

— Eu sei mais das coisas que você. — *Eu não ousaria.*

— Estou contando com isso. — *Então, o que está esperando? Vá atrás dela.*



Dean
Fazendo o quê?

Rosie
Separando umas demos. Ouvindo música. Tentando não me jogar da varanda. E você?

Dean
Almoço no *In-N-Out*? Podemos ir à praia antes do ensaio. Relaxar.

Rosie
Você já tinha convidado. A resposta ainda é não.

Dean
Por que não?

Rosie
Por causa do que aconteceu ontem à noite.

Dean
O que aconteceu ontem à noite?

Rosie
Sou tão fácil assim de esquecer?

Dean
Você disse que queria que eu esquecesse. Mas era mentira, não era?

A verdade era que a Bebê LeBlanc não sabia o que queria. Ela se sentia culpada, mas, ao mesmo tempo, me desejava como crack. Sempre foi assim, mas, desta vez, eu iria pressioná-la o quanto fosse necessário até que descesse de seu trono de moralista.

Rosie
Pare de me mandar mensagem, Dean.

Dean

Vi sua mãe a caminho do seu quarto. Ela vai te encher de novo se ficar aqui. Saia comigo. Prometo que não vou te tocar.

Rosie

E o que você ganha com isso?

Dean

Você.

Simples. Sincero. Verdadeiro.

Eu sempre a quis depois que Millie foi embora. Provavelmente antes disso. Tudo bem... *definitivamente* antes. Mas eu esperei, sabendo o meu lugar. Se Jacó conseguia ser paciente, eu também.

Ela não respondeu de imediato; portanto, estava considerando. Rosie queria me ver. A semana foi difícil para ela. Cutuquei-a de novo.

Dean

Quero aprender mais sobre música. Você quer dar o fora daqui. Vamos voltar a tempo para o ensaio.

Rosie

Dean...

Dean

Sem tocar.

Rosie

Tudo bem.

Pequenas vitórias.

Eu estava prestes a me levantar e ir até o quarto dela quando meu celular acendeu e entrou uma chamada. *Nina*. Eu sabia o motivo da ligação e fiquei tentado a atender. Ela tinha algo meu que eu queria, mas o preço que eu teria

que pagar para tê-lo era alto demais. Não pelo dinheiro, embora ela tivesse exigido um valor enorme. A sua *liberdade*.

Ela estava acostumada a ter tudo. Meu tempo. Meu coração. Minha devoção. E jogou tudo fora.

Se você me enganar uma vez, você é o idiota; se me enganar duas vezes, você é a porra de uma pessoa praticamente morta. Eu não acreditava em segundas chances a menos que fosse com Rosie. Então, eu a deixei livre, apenas mantendo-a viva.

Eu não deveria querer tanto atender aquela ligação e a rejeitei.

Rejeitei todos os pontos de interrogação, os pensamentos torturantes, o mergulho no desconhecido.

Eu não deveria ter feito isso. Mas fiz.

CAPÍTULO DOZE



Rosie

Onze anos antes...

O que te faz sentir vivo?

Minha família. As imperfeições deles. O amor intenso deles. A preocupação incondicional deles. A dedicação deles a uma causa perdida. A mim.

A noite anterior da partida de Millie para Nova York não foi muito diferente de qualquer outra noite. Dormimos na mesma cama, ainda que tivéssemos quartos separados. Com os pés na parede, encarando o teto, abraçando um travesseiro ou uma a outra. Essa era a nossa posição característica. Algumas vezes era na minha cama. Outras, na dela. Eu odiava amar dormir na cama dela porque tinha o cheiro dele. Eles não estavam transando, mas o cheiro dele estava em todos os lugares.

Nos lençóis dela. Na mesa dela. Na minha alma.

Desta vez, estávamos no meu quarto e as estrelas brilhando no escuro olhavam de volta para a gente. Eu sempre amei as estrelas. Elas me lembravam do quanto os meus problemas eram pequenos neste universo imenso.

— Dean e eu transamos — resmungou ela na escuridão e segurou a minha

mão. Eu enrijei e fechei os olhos. *Pense nas estrelas.*

Tudo parou. Meus pulmões ardiam, meu corpo doía e as lágrimas queimavam a parte de trás do meu nariz. O quarto ficou mais escuro; minha respiração, mais pesada. Ela não sabia. Minha irmã, que era tão perspicaz, que sabia de tudo sobre mim, sobre o meu corpo, sobre a minha saúde, meus amigos e meu gosto musical, não fazia ideia do que o seu namorado fazia comigo. Só de ouvir o nome dele feriu meu coração. Meu estômago virou, ondas de calor rodopiavam dentro dele. Mas, claro, ela estava cega aos meus sentimentos. Estava ocupada demais com os dela.

— Foi bom? — Fingi um sorriso. E a odiei. E o odiei. Mas, acima de tudo, odiei a mim mesma.

Ela encolheu um ombro, que roçou no meu.

— Foi um erro.

— Você acha?

— Eu *sei*. — Ainda estávamos olhando para o teto e não uma para outra e, por isso, eu estava grata. — Todo o nosso relacionamento é. Acho que ele está comigo porque tenta me proteger de Vicious. Ele não entende que isso só alimenta o fogo no cara.

— E você? — Consegui perguntar por cima da bola de lágrimas girando na minha garganta.

— E eu... — Ela forçou o aperto na minha mão. — Eu gosto do Dean. Quem não gosta? Ele é a definição de diversão. Mas eu não...

Ama. Como eu amo.

— Estamos tentando fazer acontecer, mas tem alguma coisa faltando. A *mágica*. Ele diz que está cem por cento nisso. E age em conformidade com isso também. Mas nunca me pergunta sobre Harvard. Não que eu o culpe, mas ele simplesmente se inscreveu, se matriculou e fez planos sem mim. Enfim... É legal. Não é como se eu quisesse ir com ele. Ei, Rosie?

— Sim?

— Qual o seu sonho?

Pisquei uma vez, e de novo. Ela não sabia, mas eu estava lutando contra as lágrimas e não só porque ela perdeu a virgindade com o cara que eu amava.

— Eu não tenho um sonho. — A resposta veio depois de alguns segundos que eu tentava regular minha pulsação.

— Por quê?

— Porque qual seria o sentido? Não terei tempo para ir atrás dele.

Em vez de discutir, Millie tentou uma abordagem diferente. Ela inclinou o corpo em minha direção, afagou meu rosto com o polegar e perguntou:

— E se o tempo não fosse um problema?

— Então... Acho que ser mãe seria legal. Quero dizer, sim, quero ser financeiramente independente. Talvez me tornar uma *designer* gráfica ou uma enfermeira ou qualquer coisa. Mas o que eu queria mesmo era cuidar de alguém e amá-lo incondicionalmente. E, claro, fazer isso num lugar legal.

— Acho que você daria uma ótima mãe. Onde moraria se tivesse a oportunidade? — Ela sorriu. Eu não sabia onde ela queria chegar. Eu nem sabia se ela estava indo a algum lugar.

— Nova York? — Considerei. — Sim. A Grande Maçã. Parece um bom lugar para desaparecer.

Ela sorriu na escuridão.

— Então, é para onde eu vou te levar.



Dean

Onze anos antes...

Cumprimentei Matt Burton depois do jogo e tirei a lama grossa dos meus pés. A temporada de futebol acabou há meses e nós nos formamos há uma semana, mas às vezes fazíamos jogos amistosos nas cidades vizinhas. Principalmente com outras escolas particulares que faziam parte do louco e caro programa de futebol no qual All Saints High se inscrevia todos os anos. Desta vez estávamos em Sausalito. Nós vencemos. Com Trent no banco nos assistindo jogar – o gesso dele estava amarelado, velho e cheirava a peido azedo – foi meu dever guiar o Saints de All Saints High de um buraco de vinte e cinco pontos contra o St. John's Rangers. Estava impossível, até não estar mais, e marcamos dezenove pontos no último quarto. Fizemos todas as jogadas. Éramos fantásticos *pra* caralho e como o primeiro zagueiro jogando seu último jogo pelo colégio, não falhei em reparar: a ausência de Vicious no

jogo (férias no Havaí) não fez nenhuma diferença.

Não apenas não precisávamos dele, mas seu temperamento e sua animação de merda provaram ser uma distração. Prova disso, perdemos o jogo anterior em Monterey e ele estava lá, com seu ar superior em abundância.

— Impossível não amar os amistosos. — Burton deu um tapa nas minhas costas e eu fiz o mesmo. Jaime se aproximou de mim, seus cabelos loiros pingavam suor em sua testa e estragavam sua pintura de guerra. Ele segurou a minha nuca e me puxou para um abraço.

— Arremesso incrível. — Ele esfregou as faixas escuras na minha bochecha como se fosse a porra da minha namorada.

— Tudo foi incrível, cara. Sou eu. — Beije os meus bíceps, parecendo muito sério, mas obviamente zoando. Ele deu um soco no meu peitoral e riu enquanto íamos todos até o Treinador Rowland debaixo da chuva. Vinte minutos depois, estávamos tomando banho, nos preparando para subir no ônibus de volta para Todos Santos. Dormiríamos durante a viagem de nove horas, mas era um pequeno preço a se pagar por toda essa glória.

Depois que saí do chuveiro, tirei umas roupas limpas da minha bolsa, pronto para me vestir. Enquanto eu fazia isso, um bilhete caiu no chão. Peguei-o antes que molhasse, reconhecendo a letra da minha namorada. Será que ela me deixou uma carta de boa sorte? Isso não era incomum para Millie. Ela era tão meiga que às vezes parecia excessivo. Um sorriso casual estampou a minha cara, comecei a ler.

Dean,

Essa é a coisa mais difícil que já tive que fazer. Nem sei ao certo como começar. A única coisa que quero que você saiba antes de ler isto é que não é sua culpa. Eu me importo demais com você. Você me deu o que ninguém mais nessa cidade jamais me deu. Segurança, respeito, tempo e amor.

Meu sorriso se transformou numa carranca. Isso não parecia uma carta de boa sorte. Parecia uma carta de *adeus*. Alguém bateu nas minhas costas ao ir para o outro banco no vestiário e outra pessoa gritou no meu ouvido. Eu estava alheio a todos.

*Tenho que ir embora. Acredite quando digo que **tenho** que ir. Aconteceu algo que não posso desfazer. Já que a última coisa que quero é complicar a sua vida, preciso te deixar. Por favor, não tente me encontrar. Apenas piorará tudo. Quero que siga seus sonhos e viva a sua vida.*

Não mereço sua lealdade, Dean. Nunca mereci.

Tomando uma boa dose de ar, li o último parágrafo, sentindo minhas mãos apertando o papel com força.

Você é a pessoa mais viva que conheço. Afastar-me de você é difícil, mas ficar em Todos Santos seria ainda mais. Espero que entenda e, na hora certa, até pedirei avidamente que me perdoe. Conheci outra pessoa.

Com amor,

Millie



Dean

Onze anos antes...

O que eu estava fazendo batendo na porta delas, e que irmã eu esperava ver: Millie ou Rosie? Eu sabia a resposta para a última pergunta. Só me sentia uma porra de um babaca em admitir isso.

Millie e eu tínhamos terminado. Foi melhor assim. Eu vi como era o amor. Vi em Jaime com Mel, a nossa professora de Literatura. O amor era como mergulhar um e outro na gasolina e queimar juntos. O amor era como dançar com loucura no escuro, observando todas as suas luzes brilhantes. O amor era como ansiar por ar quando seus pulmões já estavam cheios.

O. Amor. Não. Era. Isso.

Agora, ela foi embora e meus pensamentos foram atraídos imediatamente para a sua irmã. A pior parte era que eu não estava puto com Emilia. Eu estava um pouquinho frustrado. E...

Não diga aliviado. Nem pense nisso, babaca.

Foda-se. Mas eu estava.

Charlene LeBlanc atendeu à porta. Ela nem tentou esconder o fato de que estava esperando meu rabo patético aparecer em sua porta às sete da manhã de um domingo. Ou que ela chorou por horas, ao que parecia.

— Posso ver a sua filha? — Perguntei. Inconscientemente, não mencionei o nome dela porque queria deixar isso com o destino. Apesar de ver Rosie aqui e no colégio, balançando a bunda numa saia jeans curta e ensinando às pessoas sobre a história do punk rock britânico, eu não a via direito há meses. Millie, eu via o tempo todo. Não que ela me visse. Aparentemente, ela nunca me viu de verdade.

— Ela se foi. — A mãe dela assoou o nariz num pedaço de lenço que deveria ter sido substituído dois sopros atrás. — Ignorou minhas ligações a noite inteira. O que aconteceu? Vocês brigaram?

Balancei a cabeça. Da última vez que falei com Millie, estávamos planejando ver um filme. Não transamos desde a primeira vez quando comemoramos o aniversário de dezoito anos dela. Acho que nós dois não estávamos muito ligados, mas admitir em voz alta era desnecessário. Eu iria para Harvard dentro de algumas semanas.

— Não, senhora. Estou tão surpreso quanto você.

Ela me convidou para entrar e eu recitei cada encontro que tive com Millie no último mês, deixando de fora a parte que tirei a virgindade dela, pela segurança do meu pescoço. Charlene parecia angustiada, bem no limite de um infarto, então, seu marido saiu do quarto deles e se juntou a nós, fazendo mais algumas perguntas, tentando extrair uma confissão de mim que eu não devia a ninguém.

Enfim, depois de trinta minutos, Rosie surgiu de seu quarto. Era com ela que eu queria falar. Se alguém tinha respostas, ou até pistas, seria ela.

— Posso falar contigo por um segundo? — Perguntei, levantando da cadeira. Ela ainda estava com os olhos sonolentos e vestia apenas uma camiseta enorme do *New York Dolls* que deixava suas pernas longas e bronzeadas nuas e lindas. Tentei ignorá-las, desviando o olhar para garantir que o pau de

dezoito anos preso em meu corpo não a cumprimentasse acidentalmente na frente dos pais. — Me encontra na piscina?

Ela assentiu, assustada e sonolenta demais para protestar. Alguns minutos depois, saiu para a piscina, ainda vestindo nada além da blusa e de chinelos. Eu amava sua devoção aos chinelos, embora todas as vezes que eles estalavam no chão, eu quisesse tacar fogo neles. Levantei de uma espreguiçadeira e caminhei, entrelaçando os dedos na nuca.

— Cadê ela? — Perguntei. Rosie olhou para baixo, mas não respondeu. — Tá, tudo bem. Não precisa me contar. Mas você sabe?

— Sei. — Ela assentiu. — Ela me mandou uma mensagem mais cedo.

— Ela está segura? — Minha voz estava sufocada. Eu estava preocupado com Millie, mas também com Rosie. Ela era extremamente apegada à irmã mais velha. Eu? Sabia que superaria minha ex-namorada em breve. Era o meu ego que precisava de carinho.

— Ela está segura — confirmou Rosie, alisando os cabelos amassados com os dedos.

— Sabe por que ela fez isso?

— Tenho um palpite.

— Está esperando um convite especial antes de compartilhar?

Ela balançou a cabeça, ignorando o estúpido que eu era.

— Sinto muito, Dean. Sei que te coloca numa posição horrível, mas não posso. Você sabe para quem é a minha lealdade.

Houve um breve momento de silêncio antes de nossos braços encontrarem um ao outro e nos entrelaçarmos num abraço mortal. Digo mortal não porque nos apertamos como se estivéssemos tentando sangrar a verdade e as mentiras, e tudo entre elas, de nossos corpos, mas também porque parecia fatal.

Não quero que você morra.

Não quero parar de te ver agora que me formei.

Sou apaixonado pelo seu rabo sarcástico desde que você abriu a porta para mim e, agora, estou sofrendo como se você tivesse me atropelado e não faço ideia de como consertar essa merda pra gente.

Minutos se passaram antes de nos soltarmos. Quando olhei para ela, lágrimas corriam livremente pelo seu rosto e eu sabia que era uma visão rara. No colégio, ela era aquela vadia temível com quem ninguém ousava se meter.

— Obrigado — falei, pelo abraço. Talvez até pelas lágrimas.

Ela passou uma mão no meu peito.

— Você merece alguém que seja sua. Apenas sua. De ninguém mais.

— Rosie — chamei quando ela começou a voltar para a casa dos empregados. Parecia um adeus e eu não queria que fosse. Eu tinha que dar uma virada nesse encontro. Ela virou a cabeça para me olhar.

— Mantenha contato.

Ela sorriu.

— Manter contato é exatamente o que não deveríamos fazer, Cole.

CAPÍTULO TREZE

Rosie



O que te faz sentir vivo?

Cantar como se ninguém estivesse ouvindo. Dançar como se ninguém estivesse olhando. Comer como se as calorias não existissem.

— Eu chamo isso de maiochup, porque é uma mistura de catchup e maionese — disse a Dean enquanto estávamos sentados no capô de seu Volvo, comendo lanches do *In-N-Out* de frente para o mar, numa colina dourada num lugar onde ninguém poderia gritar comigo por causa da decepção que eu era. Misturei a maionese e o catchup transformando-os num molho laranja e coloquei em uma batata frita, mordiscando na ponta dela quando terminei. Dean deu uma mordida em seu hambúrguer, sem fritas, e ficou me olhando. Evitei olhar para a cara dele durante toda a viagem. Não conseguia olhá-lo nos olhos sem me lembrar do quanto eles me provocaram quando ele me fodeu todinha. Não conseguia olhar para os seus lábios sem me lembrar de como eles chuparam meu clitóris. Não conseguia olhar para seus braços sem me lembrar de como eles me envolveram e me reivindicaram naquela caminhonete suja. E, claro, eu ainda sentia o fluxo de seu gozo quente nas minhas costelas, mesmo ele tendo limpado com a camisa do meu ex-namorado, e eu tendo tomado banho depois que Millie saiu do meu quarto

hoje de manhã.

— Ainda não acredito que você não me deixou comprar uma cerveja. — Ele engoliu o sanduíche, encarando o oceano.

— Enquanto estiver comigo, você não tem permissão para beber nem fumar maconha — falei, sem sentir nenhum efeito de sua carranca. Meus pés estavam pendurados para fora do capô e desfrutei da brisa do verão na minha pele.

— Vai chupar um pau — resmungou ele.

— Vai sonhando — bufei, mas uma bola se formou na minha garganta quando me dei conta de que isso não podia mais ser uma piada. Ele tirou os olhos do hambúrguer, pensativo e sério.

— Eu não sonho com nada, querida. Acho que a esta altura você sabe que quando quero algo, eu faço acontecer.

Droga, eu estava ficando molhada de novo.

Havia algo no ar. Um fio de nervosismo fervente que ficava pulando entre nós dois. Tantas coisas tinham que ser resolvidas, só que eu não queria falar sobre nenhuma delas. Eu só queria sobreviver a esta viagem.

Depois que comemos, enfiei um *USB* no *MacBook* dele e compartilhei algumas das minhas bandas preferidas. Whitney, Animal Collective, Big Ups e The Chromatics. Ele pareceu curtir, porém, nunca dava para ter certeza em se tratando de Dean Cole, porque ele parecia curtir de tudo.

— Lembra o que costumávamos ouvir quando estávamos no colégio? — Dean sorriu do nada. Franzi o nariz, tentando parecer indiferente quando, na verdade, eu estava eufórica.

— Você quer dizer a música que vocês costumavam ouvir. Eu só a tolerava quando não tinha outro jeito.

— Para com essa merda, gata. Você gostava de pop e R&B igual a todo mundo.

— Eu tinha um gosto eclético — protestei, sabendo que ele estava se referindo a mim balançando a bunda com roupas provocantes ao som de Jennifer Lopez nas festas de Vicious, ainda que eu fosse uma apaixonada incurável por bandas indie dos anos 1990.

Ele pulou no chão, juntando os papéis e os copos vazios.

— Não saia daí. Uma explosão do passado está chegando.

Fiquei ali, olhando ele ir para a lata de lixo mais próxima e jogar nossos restos fora. Os músculos dele estavam proeminentes, mesmo por baixo da

camisa branca e da calça caqui sob medida. Meus olhos permaneceram em seus bíceps, descendo para sua bunda firme, antes de ele se virar e olhar para mim.

Depois sorriu.

Piscou.

E murmurou:

— Peguei.

Desviei o olhar, sentindo meu rosto enrubescer. Claro que ele estava certo. Eu queria transar com ele de novo e não conseguia pensar em mais nada além de seu corpo no meu. Quando ele voltou a se sentar ao meu lado, pegou seu *MacBook* e colocou *Naughty Girl*, da Beyoncé, para tocar.

— Lembra dessa? — Ele se virou para mim e riu. — A primeira vez na vida que a Bebê LeBlanc ficou bêbada.

Cobrindo o rosto com as mãos, minha mente foi atacada pela recordação de dançar em cima da mesinha de centro de Vicious. Eu estava tão bêbada que pensei que seria uma ideia excelente me juntar às minhas amigas líderes de torcida que dançavam na mesa. *Elas* sabiam o que estavam fazendo. *Eu* parecia que estava espantando milhares de moscas imaginárias. O resultado ao tentar imitar seus movimentos, sem conseguir, foi sair batendo nelas no percurso, até Vicious perguntar — Que porra a pequena LeBlanc está fazendo? Está tendo uma convulsão na minha mesa? Alguém a tire dali antes que ela machuque as outras garotas. — Menos de um segundo depois, senti Dean enfiando o ombro musculoso nas minhas coxas, me jogando por cima dele e me girando até que eu comecei a gritar para que ele me colocasse no chão.

— Que seja. Foi difícil me encaixar como uma novata que se transferiu da Virgínia. Tive que fazer sacrifícios. Você se lembra dessa música?

Arranquei o laptop das mãos dele e coloquei outro vídeo para tocar. *Roses*, do OutKast. Dean caiu na gargalhada com os olhos contraindo de júbilo.

— Faça — motivei. Era o momento em que ele dançava. E a dança que fez na festa de Vicious, imitando a coreografia do vídeo da banda. Fazia parte de uma aposta perdida – *dã* – mas também foi hilário; a lembrança se instalou na minha mente onze anos mais tarde, fresca como se tivesse sido ontem. Eu ainda conseguia sentir o cheiro do álcool e dos hormônios pairando no ar naquela noite. — Por favor, Dean. — Juntei as palmas das mãos. — Bem lá no fundo do seu cérebro, por baixo de todas as células mortas presenteadas

pelos seus hábitos de fumar maconha e assistir a filmes pornô, tenho certeza de que ainda se lembra dessa dança.

— Só porque você pediu com jeitinho. — Ele pulou do capô de novo e disse — Coloque do início — fingindo pôr gel no cabelo e se olhar num espelho invisível. Era tudo tão surreal que não consegui evitar uma risadinha como se eu fosse uma colegial, o que só fez seu já enorme sorriso alargar.

Apertei o *play*, tirando os olhos do vídeo original para olhar Dean dançando, o mar brilhava atrás dele. Ele fez quase tudo certo, desde a parte onde desliza de joelhos no começo da música até o fim, quase sem estragar a cena. Minha barriga doeu de tanto rir, mas a cara dele estava séria. E quando a música terminou, ele seguiu em minha direção, pegando o laptop.

— Minha vez.

Olhei a hora no meu celular.

— Tudo bem, mas depois temos que ir. Está ficando tarde e precisamos nos arrumar para o ensaio.

Já eram 16h. Não conseguia acreditar que passamos tanto tempo juntos sem nem perceber. *Química perigosa*, as palavras se instalaram no meu cérebro igual a uma poeira densa. *Tenha cuidado, Rosie*.

— Sim, sim, chegaremos a tempo para a Princesa Santa e o Príncipe Babaca. Não se preocupe. — Ele gesticulou para mim, com o olhar fixo na tela. *Drops of Jupiter*, do Train, começou a tocar. Meu sorriso sumiu.

— Não me lembro de ouvirmos essa música juntos. — Engoli em seco. Ele veio para o meio das minhas pernas, sua cintura numa posição perfeita para que eu me envolvesse nela, mas não fiz isso, meus olhos encaravam seus lábios desesperadamente. Sempre estávamos à distância de um suspiro de nos beijarmos.

— Nós não ouvimos. Você ouviu uma vez que pensou que estivesse sozinha em casa. Passei para devolver o livro de Millie. A música meio que ficou na minha cabeça depois disso, porque fiquei imaginando que porra você estava procurando. Não consegui descobrir, Rosie. Ficava para morrer quando via outros caras dando em cima de você. Porque o que quer que precisasse, eu não queria que encontrasse *neles*.

Vergonhosamente, o sentimento era mútuo. Sempre que ele rejeitava Millie e cancelava com ela, meu coração estufava um pouco. Ela não é a mulher da vida dele – convenci a mim mesma. — *Eu sou*.

— Você não tinha direito nenhum de sentir ciúmes. — Abaixei o olhar para

os meus chinelos pretos. Ele balançou a cabeça em negação.

— Nunca disse o contrário. E você também não tinha direito nenhum de sentir ciúmes. Mesmo assim, aqui estamos nós.

Aqui estávamos.

Eu me mexi depressa, ignorando qualquer tentativa dele de me beijar. Entrei no *Volvo*, coloquei o cinto de segurança e puxei os joelhos para o peito, enterrando o rosto entre eles, rezando *pra* cacete para que Dean não lesse a minha mente. A volta para casa foi calada. O fato de que ele não tentou transar comigo outra vez provou que talvez Dean fosse um homem de palavra.

Depois, quando os pneus cantaram ao parar e nós dois descemos do carro, falei:

— Acho que devemos parar com isso.

— Eu não acho — respondeu ele com o tom de voz seco e resolutivo.

— Estamos num jogo arriscado. — Engoli em seco.

Ele abriu a porta para mim e sorriu.

— Então, que bom que sou a porra do melhor jogador da cidade.



Eu estava sentada entre mamãe e papai, com um vestido maxi roxo que Millie me deu de presente para usar na festa de ensaio. Eles também vestiam roupas elegantes. O jantar de ensaio foi agendado para bem antes do casamento em si, porque metade das pessoas que foi convidada tinha um casamento de verdade para ir no dia anterior. Todos Santos era pequena e todos eram alguém com quem se queria socializar. Manter as aparências era crucial.

O local onde Vicious e Millie escolheram para casar era em uma vinícola que tinha sofrido uma séria crise de identidade. A área externa tinha um cenário havaiano, com palmeiras, gramado exuberante e arranjos de flores coloridas por todos os lugares. Havia um salão de jantar do tamanho de um salão de baile, com cisnes, fontes e outras coisas que a faziam parecer um cruzamento entre o paraíso e um filme da *Disney*. Depois entramos e o lugar

parecia totalmente antigo. Nós nos sentamos num tipo de mesa de jantar chique da Europa do século XVI sob candelabros do tamanho de Mumbai.

Mamãe estava me perturbando com a coisa de Nova York de novo, ameaçando retirar a ajuda que Vicious dava com a minha assistência médica. O impulso de queimar meu sutiã e marchar nas ruas antes de ela retirar meu direito ao voto estava forte nesse dia.

Papai estava furioso, provavelmente para me deixar desconfortável. Algo sobre como Millie era uma filha atenciosa. Sutil como um elefante bêbado, como dá para ver.

Minha irmã e Vicious estavam sentados um ao lado do outro, dando as mãos. Ele ficava fazendo carinho nas costas dela como se a consolasse. Ela parecia mesmo um pouco pálida e muito enjoada. Talvez fosse o nervosismo. Eu também estaria nervosa se estivesse prestes a me casar com o filho de Satanás. Talvez eu estivesse apenas estendendo a deslealdade de papai para Emilia, mas também suspeitava dela.

Se estava mesmo grávida, significava que todos que conviviam com ela sabiam. Todos, menos eu.

Dean entrou dez minutos atrasado, acompanhado de Jaime e sua família, Melody e Daria, a filha deles, e de Trent Rexroth. Contra as minhas melhores intenções, meus olhos grudaram desesperadamente em Dean antes de olhar para o resto. Trent parecia ocupado com o celular e os olhos de Dean analisaram o local – presumi, e esperava toalmente, que procurassem por mim – então, quando ele finalmente me viu, meu coração hesitou e parou.

Desviei o olhar.

Ele se virou e cumprimentou um homem que eu não conhecia.

O encanto se foi.

Uma recepcionista mostrou o lugar dele, sorrindo demais para o meu gosto e verificando se sua mão esquerda tinha uma aliança.

Já que Dean se sentou na outra ponta da mesa, eu tive que me concentrar em não ficar olhando para ele o tempo todo. Por sorte, Gladys e Sydney sentaram à minha frente. Sydney me pôs a par do que aconteceu em Todos Santos enquanto Millie e eu estávamos longe e Gladys nos contou seus contos preferidos de Los Angeles. Tinham servido dois aperitivos e uma entrada quando o coordenador do evento decidiu que devíamos começar os brindes.

Papai fez o primeiro brinde ao casal feliz. Ele levantou sua taça de champanhe ao nível dos olhos e falou sobre como Millie e Vicious eram um

casal incrível, deixando de fora a parte em que não suportava seu futuro genro até o momento em que ele colocou uma aliança com um diamante do tamanho de sua mansão no dedo da filha. Depois, Vicious fez um brinde, seguido por Jaime, o padrinho principal, que brindou à noiva. Quando chegou a minha vez de brindar ao casal, levantei e sorri, segurando a taça de champanhe com força. Os nós dos meus dedos estavam brancos como a neve. — Não estrague tudo — resmungou mamãe através de um sorriso cheio de dentes. Meu sorriso não fraquejou, mas algo explodiu dentro de mim. Outra pétala caiu do meu coração. Os olhos de Millie brilhavam enquanto ela me olhava e meu coração acelerou.

Que se fodam. Isso é para Millie. Não vou decepcioná-la.

— Quem me conhece sabe que sou uma grande fã da minha irmã. Ela é a minha rocha, minha alma gêmea e a razão de eu ainda estar de pé aqui, viva e bem. Quando o coração dela bate por alguém, o meu entra em consonância e pulsa por essa pessoa também. Baron, tem uma coisa que não posso negar: você a faz feliz. Até brilhar. — Analisei o rosto dele por uma reação, mas não havia nada. Talvez minha irmã não estivesse grávida. Talvez eu estivesse ficando louca. — Alguns amores são velhos e, claro, outros são novos e desvairados. O de vocês é ambos e foi isso que fez com que os sentimentos de um pelo outro ultrapassassem tudo. Até o passado. — Engoli em seco, percebendo que eu também queria apagar meu passado com um futuro novinho em folha. — Desejo a vocês alegria, liberdade, saúde e riqueza, embora eu ache que estejam cobertos dela — parei e o salão explodiu em risadas. Algumas pessoas aplaudiram. Reprimi uma tosse desesperada antes de continuar. — Então, acho que gostaria de fazer um brinde a duas das minhas pessoas preferidas. À mulher que amo mais que a própria vida e ao homem que passa sua vida fazendo a dela feliz. Baron e Millie, vocês não precisam das minhas palavras para que isso dê certo. Vocês têm tudo sob controle. Mas, por via das dúvidas, desejo tudo o que desejarem para si mesmos e mais. Agora, abaixem essas taças e divirtam-se.

Dei um gole na minha bebida e meus olhos moveram-se para o conforto de Dean. Algumas pessoas me saudaram, mas era Dean quem eu queria impressionar. Ele levantou a taça até seus lábios, olhando para mim do outro lado do salão e eu balancei a cabeça num gesto quase invisível. *Sem beber.*

Ele abaixou sua bebida e lambeu o lábio inferior, seus olhos diziam *mas foder pode.*

Eu iria cuidar dele. O pensamento era tão irracional quanto a própria ideia. Por que eu iria querer e por que ele iria deixar? Mas, ao mesmo tempo, eu não conseguia vê-lo jogar sua saúde fora desse jeito. Não quando eu sabia realmente o significado de saúde.

Ao sentar de novo, mamãe jogou um braço sobre meu ombro e me apertou contra seu peito em um meio abraço que retribuí depressa. Eu estava derretendo de volta ao meu antigo eu feliz antes de ela sussurrar em meu ouvido:

— Obrigada por não arruinar isso, querida. Papai e eu estávamos preocupados.

Pálida, afundei na cadeira de seda com a garganta seca. Meu celular acendeu com uma mensagem e eu o peguei como se fosse minha tábua de salvação.

Dean

Preciso te beijar de novo.

Rosie

Você não pode me beijar de novo.

Dean

É só nessa porra que eu penso.

Queria gritar que é só nisso que penso também.

Rosie

Diga algo interessante. Algo sobre as estrelas.

Dean

Marte é coberto de ferrugem e suas tetas em breve estarão cobertas com a minha porra. Diga algo sobre música.

Rosie

Slash já fez uma audição para a banda Poison, mas não quis se juntar a eles porque queriam que ele usasse maquiagem.

Dean

Esse jogo é chato. Eu ainda quero te beijar.

Droga, meu coração. Eu não acho que ele esteja equipado para lidar com um cara como ele.

Olhei para cima para observá-lo. Seu celular estava ao seu lado, mas ele estava envolvido numa conversa casual com uma morena bonita. Meu peito se contraiu. Ao mesmo tempo, lembrei a mim mesma que Dean podia fazer o que diabos quisesse.

Olhei para o outro lado, embora meus olhos continuassem implorando para que eu desse outra olhada nele. O ensaio estava tranquilo até este momento e eu queria acabar logo com isso e voltar para casa, de preferência para um canto na mansão onde meus pais não pudessem me encontrar.

Era a vez de Trent fazer um brinde. A esta altura, parecia que todos os membros vivos do sul da Califórnia estivessem obrigados a desejar algo para o casal feliz. Perguntei-me se isso era porque Vicious não tinha pais para brindar por ele. O pai dele morreu há pouco mais de um ano e sua madrasta tinha saído de cena. Pelo menos, eu tinha uma desculpa para deixar meus olhos vagarem na direção de Dean e da morena misteriosa. Eles não estavam mais conversando e meu celular vibrou ao lado do meu prato.

Dean

Se um olhar pudesse ferir, esta garota estaria morta agora. Isto está rolando. Nós estamos nisso. Podemos pegar o caminho longo e frustrante, mas você será punida por isso. Na cama. Ou podemos fazer com que seja sem dor. Você que manda.

Não respondi a esta mensagem. De novo. Levantei o olhar para Trent Rexroth, que sustentava um sorriso superficial e começou a falar. Ele estava no meio de uma frase quando seu celular tocou e ele olhou para baixo para ler a mensagem, franzindo a testa.

A taça de champanhe escorregou de seus dedos antes que ele a pegasse no ar – reflexos de matar, mas eu não estava surpresa – e a colocou de volta na mesa. Então, pegou o telefone, virou e correu para a porta de entrada.

Dean seguiu-o imediatamente e, antes que eu percebesse, Jaime e Vicious também foram.

Murmúrios explodiram de todos os cantos da mesa e papai tentou acalmar a tempestade gritando mais alto do que o necessário para que todos ficassem

tranquilos.

Abordagem interessante.

Olhei para baixo e mandei uma mensagem para Dean.

Rosie

O que aconteceu?

Ele não respondeu.

O pânico fazia uma maratona pelas minhas veias e meus pensamentos vagaram para o pior cenário possível. Será que algo acontecera com Luna, a filha de Trent?

— Vá ver o que está acontecendo. — Mamãe leu a minha mente, acotovelando minhas costelas. — Sua irmã está preocupada. Eu não quero que ela se aborreça.

Levantei e dei uma corridinha até a entrada. Particularmente, eu não estava com vontade de bisbilhotar, mas estava com menos vontade ainda de discutir com mamãe. Além disso, alguém tinha que ir dar uma olhada neles. Infelizmente, eu era a intrometida.

A área externa era ampla, com uma nave branca e delicada pronta para o final de semana, um jardim selvagem, dois vinhedos de cada lado e cascatas artificiais envolvendo o cenário pitoresco.

E lá, numa escada que levava ao salão de baile, Trent Rexroth estava sentado. Ele parecia pálido e trêmulo, nada igual à sua identidade forte e equilibrada. Uma casca vazia do herói do futebol transformou-se num milionário gostoso. Seus olhos brilhavam com lágrimas por cair e ele continuava repetindo para si mesmo com o rosto enterrado nas mãos:

— *Ela não pode fazer essa merda comigo. Mas que porra!*

— O que você está fazendo aqui? — Perguntou Vicious quando me viu, sua mão estava nas costas de Trent, agachado ao lado de Dean e Jaime. — Volte para dentro.

— Não fale com ela desse jeito, porra. — Dean mostrou os dentes, chicoteando Vicious mais do que o necessário.

Sem sair de onde estava, falei:

— Millie está preocupada. Vim ver se está tudo bem.

— Nada está bem. — Jaime andava de um lado para o outro, mas evitou dar mais alguma informação. Dean levantou e caminhou em minha direção,

segurando meu braço com sua mão quente e me levando de volta para o salão vazio que levava ao salão de baile.

— Mamãe e papai me mandaram para averiguar. — Minhas bochechas coraram, e quem diabos era essa garota e o que ela fez com meu antigo eu? Eu a queria de volta. Ela também não aceitaria nenhuma das merdas de Vicious.

— Ignore aquele idiota. Você não fez nada de errado. — Dean correu a mão para cima e para baixo no meu braço, fazendo minha pele ferver. — Diga a Millie que está tudo bem.

— Está? — Levantei as sobrancelhas, inclinando a cabeça para o lado.

— Não — admitiu com o maxilar cerrado. Ele parecia tão frágil naquele momento que eu não tinha muita certeza se era para ele que eu estava olhando. Geralmente, ele portava uma auréola invencível, o tipo de autoconfiança que ele e seus amigos exibiam como um cartão black da *American Express*.

— O que houve? — Perguntei, chegando-me a ele sem nem ter intenção de fazer isso.

— Val foi embora — anunciou, a cabeça baixa enquanto ele enrolava os dedos em seus cabelos e puxava, seu crânio devia estar doendo com a força de sua mão. — Caralho, ela foi embora, Rosie. A babá encontrou Luna sozinha num apartamento vazio. Sem roupas, sem sapatos, sem mãe em lugar nenhum. Sentada com uma fralda lotada, chorando a plenos pulmões. Só Deus sabe por quanto tempo ela ficou ali sem comer nada. Ela estava chorando tanto que perdeu a voz. A babá a levou para o hospital para ser examinada. Trent vai embarcar num avião dentro de uma hora para trazê-la para cá.

— Jesus. — Tapei a boca com a mão. Suas maçãs do rosto estavam vermelhas e ele parecia receoso. Por um segundo, pensei que fosse dizer mais alguma coisa. Ou talvez até chorar. Mesmo que fosse uma única lágrima solitária que caísse de seus cílios como se fosse pular de um precipício. Mas ele não fez nada disso, endireitou os ombros, ajustou a auréola e limpou a garganta.

— Sinceramente? Foi melhor assim — declarou ele, batendo mentalmente na minha bunda. *O quê?* — Nem todo mundo nasceu para ser pai ou mãe. Bom para Luna. Teria doído mais se Val fosse embora quando ela tivesse seis ou sete anos. Aposto que ela nem vai ficar chateada quando crescer.

Demorei um segundo olhando para ele – olhando de verdade – tentando ler o que quer que estivesse escrito na sua cara, mas eram coisas sem sentido. Uma mistura de sentimentos demais, arrependimentos demais, tudo demais, comprimidos em uma única expressão torturada.

— Não me olhe desse jeito, Rosie. Acredite. Luna não precisa de Val.

— Tudo bem. — Empurrei a cabeça dele para o vão do meu pescoço, abraçando-o. A dor percorreu seu corpo forte e eu a engoli de bom grado, a necessidade de senti-lo me esmagava. — Está tudo bem, Dean.

— É melhor sem ela — repetiu ele com a voz sufocada de agonia.

Eu estava cega. Fora de mim. Dilacerada e jogada no chão como confete.

Queria pegar o que ele estava sentindo e engolir como uma pílula amarga. Isso não combinava com ele. Mesmo com o álcool, a maconha e as fodas vazias, Dean Cole não era de ficar triste.

Ele não era Sirius.

Ele era o planeta Terra.

Ele era o oxigênio.

Ele era *tudo*.

Permiti seu rosto desaparecer dentro do meu ombro e o abracei até que não houvesse mais nenhum espaço entre nós. Nós nos derretemos um no outro, as batidas do coração dele contra a minha pele, meus cabelos em seu nariz, seus dedos na minha cintura. Nossos corpos unidos, ainda mais do que na caminhonete vermelha.

Dean não deixou cair nenhuma lágrima, mas isso não queria dizer que ele não chorou. Chorou sim, e eu chorei com ele. Por Luna, que tinha apenas um ano e já estava passando por algo mais traumático do que a maioria das pessoas experimenta na vida. Por Trent, que, de alguma forma, sempre foi obrigado a crescer, sempre foi o cara que se dava mal. E chorei por mim, porque soube, bem ali naquele momento, que uma parte de mim já era dele apesar dos meus esforços. Nunca parei de amar Dean Cole. Nem por um maldito segundo. Apenas me convenci de que parei de me importar.

Até não estar mais convencida disso.

Até agora.

CAPÍTULO QUATORZE



Dean

Da tristeza germina a vida. É o que meu pai sempre dizia. Naquela noite, dormi no quarto de Rosie. Não transamos. Não ficamos de sacanagem. Nós nem nos beijamos. Mas nossas pernas estavam entrelaçadas e nossas peles se tocavam, e isso foi mais real do que qualquer outra merda que experimentei em qualquer cama, em qualquer momento. De manhã, tive que me esgueirar para poder pegar um táxi para o aeroporto, mas lhe deixei um bilhete.

Isso está rolando, Sirius.

Atenciosamente,

**Seu Cavaleiro de Bronze*



O voo para Vegas passou num borrão. Eu estava sóbrio e consciente ontem, o dia em que passei com Rosie, e a sensação era esquisita... mas boa. O torpor em que estava era natural, de imaginá-la vestida como uma stripper, me algemando na cama e sentando na minha cara até eu não conseguir mais respirar e a boceta dela estar completamente dormente. Entretanto, Trent recebeu aquele telefonema e meu mundo entrou em colapso.

A traição de Val oprimiu meu estômago junto com o que Trent disse depois que descobriu:

— Ela nunca mais vai ver a filha de novo a menos que se comprometa primeiro a ser uma mãe. Estou farto das merdas dela.

Por mais que doesse admitir, ele também estava certo *pra* caralho. Não dava para ser um pai meia-boca. A parentalidade não era uma foda preguiçosa num domingo de manhã. Ou você está totalmente nisso ou está absolutamente fora. Qualquer coisa no meio iria foder com o psicológico da criança e eu tinha que me lembrar disso, agora mais do que nunca.

Trent voou para Chicago para pegar Luna, os pais dele o esperavam em Todos Santos e o ajudariam a sair desse pesadelo, e Jaime e eu cancelamos a festa de despedida de solteiro imediatamente. Foi Trent quem nos ameaçou com violência física para irmos em frente com nossos planos iniciais de ir para Vegas. Seus motivos:

1. Ele estava indo a Chicago para que a filha tivesse alta do hospital, onde ficou com uma babá muito assustada e profundamente traumatizada, então, não era como se ele estivesse vadiando enquanto esperava nossos rabos reais virem segurar sua mão.

2. Vicious só iria se casar uma vez (levando em consideração seu péssimo temperamento e sua atitude de “foda-se tudo”, todos nós sabíamos que não haveria uma segunda Millie para tolerar suas merdas).

3. Val abandonou a filha dele e ele não tinha tempo para lidar com os nossos problemas de homens brancos de primeiro mundo.

Era um domingo de agosto e a *Strip* estava fervilhando de turistas, garotas bêbadas seminuas e cristãos radicais furiosos com um microfone tentando levar todos os pecadores de volta para a luz. Depois que deixamos nossas malas na suíte presidencial, Vicious tirou seus sapatos *Oxford* de couro e disse:

— Eu amo minha futura esposa, amo *pra* caralho, mas espero que não esbarremos muitas vezes com as amigas irritantes dela nesta viagem. Preciso ver sua irmã caçula da mesma forma que preciso de uma bala na porra da minha cabeça.

— O que quer dizer com isso? — Tirei meu *Rolex* e minha camisa *Versace* colorida, indo para um dos banheiros. Precisava vomitar e tomar um banho para me sentir humano de novo. Nina me ligara inúmeras vezes durante o

curto voo... Cinquenta? Sessenta? Parei de contar, ela deixou várias mensagens no correio de voz que não me incomodei em ouvir.

A merda com Trent me fez recordar do quanto eu precisava manter distância dela e dele, mesmo que a curiosidade queimasse cada osso da porcaria do meu corpo. Só que não era justo e, embora meu pai estivesse certo – *a vida não é justa* – era eu quem dava as ordens nesta, e a minha decisão era nunca encontrá-los.

E essa era a porra da decisão final.

— Elas estarão em Vegas. Rosie mudou os planos no último minuto. Elas vão ficar neste hotel.

Virei-me, passando um dedo sobre meu lábio inferior.

— A Bebê LeBlanc está na Cidade do Pecado?

Vicious deu um sorriso malicioso, me analisando com seus olhos frios e mortos.

— Estará dentro de duas horas. Elas pegaram o voo seguinte. Por quê? Que porra você vai fazer quanto a isso, cara?

— O que ela deixar. — Tirei os sapatos, chutando-os.

— Primeiro, faça Rosie desempenhar seu papel por Emilia. — Ele jogou um pacote de *Marlboro* que usamos para os baseados, e errou, de propósito. — Eu sei que Em não dá a mínima para você, mas não quero que ela se sinta traída pela irmã.

Jaime saiu de um dos banheiros e entrou no amplo espaço antes que eu tivesse a chance de informar a Vicious que eu não iria obedecê-lo, nem a Millie.

— Trent vai ficar um pouquinho fodido depois disso. — Jaime suspirou, pegando os *Marlboros* descartados.

— Obrigado, Capitão Óbvio. — Vicious deu meia-volta, afastando-se do quarto, provavelmente para tomar banho. Jaime esbarrou o ombro no meu, abriu uma garrafa de água e levou-a à boca.

— Ele sabe que você está comendo a irmã da garota dele?

— O que me denunciou, *Sherlock*? — Arranquei os *Marlboros* da sua mão ao mesmo tempo em que mandava uma mensagem para o meu cara em Las Vegas, pedindo maconha o quanto antes. Mesmo que eu não fosse fumar, não era justo privar Jaime e Vicious do passatempo preferido deles.

Jaime se jogou no braço do sofá branco e felpudo e tomou outro gole d'água.

— E por falar em Capitão Óbvio. Além do mais, você a comeu com os olhos

durante o jantar de ensaio quando ninguém estava olhando. Foi sutil, o que significa que você realmente se importa com o que ela pensa de você. — Ele parou e abaixou as sobrancelhas. — Mas eu prestei muita atenção, então, embora você tentasse esconder, ainda assim eu vi. Você queria deitá-la na mesa e fodê-la com o rosto enfiado no prato de outra pessoa.

Obrigado, Jaime. Eu iria guardar esse pensamento e colocá-lo em meu banco de porrada para um dia chuvoso.

— Ela vale a dor de cabeça? — Jaime inclinou a cabeça para o lado, com o olhar inquisidor. Dei um tapinha em seu ombro. Adorável *pra* caralho este cara.

— Ela *é* a dor de cabeça.

— Fico feliz por você, mano. Já faz um tempo que você esteve ocupado com algo além de bebidas e trabalho. — Ele sorriu. — Mas ainda precisamos conversar sobre as potenciais complicações. Da última vez que Vicious e você foram para o mano-a-mano, você comprometeu a Fiscal Heights Holdings no caminho. Não vou deixar que aconteça novamente.

Evitando corrigi-lo – eu não fui para o mano-a-mano com Vicious, ele contratou e dormiu com a minha ex-namorada sem o meu conhecimento depois de nos separar quando éramos adolescentes, – pisquei, mostrando a ele que suas palavras mal foram computadas. Eu sempre estava sob controle e a Fiscal Heights Holdings *nunca* sofreu com nada. E mais importante: ninguém – sem nenhuma porcaria de exceção – iria ficar entre mim e o que eu queria. Tirei o telefone do bolso outra vez, desta vez, mandando mensagem para ela.

Dean

Em qual quarto você vai ficar?

Rosie

Em um onde você não é bem-vindo. Precisamos manter isso platônico.

Isso seria definitivamente um não. Seria como se contentar em olhar um *cheesecake* de dar água na boca sem nunca comê-lo. E eu iria comê-lo várias vezes. Merda, eu iria me lambuzar.

Dean

Para de ser engraçadinha. Já determinamos que está rolando. Agora, você simplesmente está me castigando por namorar a sua irmã. Diga que estou errado.

Ela não respondeu. Claro que não. Ela estava louca por mim. Mais do que isso. Ela estava louca por tudo em mim, não apenas pelo meu corpo, e o sentimento era recíproco. O que compartilhamos ontem? Não era algo que acontecia com uma Kennedy ou com uma Natasha. Porra, nem com Emilia isso aconteceu. Rosie e eu estávamos conectados por um pavio invisível. Inclusive quando eu namorava sua irmã. Inclusive quando ela tinha um namorado e morava no andar de baixo e eu estava dez andares acima comendo alguém querendo bater algum tipo de recorde. Eu mal podia esperar pelo segundo em que explodiríamos, porque quando acontecesse... *fogos de artifício*. As fagulhas já estavam ali. Ela podia me falar todas as merdas que quisesse, mas se sentia da mesma forma.

Dean

Caralho, vou te devorar, Bebê LB.

Rosie

DEAN. Mudando de assunto. Curiosidade sobre astronomia?

Dean

A Via Láctea gira depressa a aproximadamente 100 km/h, e você está prestes a ter meu leite derramado na sua boceta. Música?

Rosie

Seus batimentos cardíacos imitam a batida da música que você está ouvindo. Dean Cole não está tão errado em sua teoria com relação à minha irmã. Ele terá que trabalhar duro por uma segunda edição.

Fechei nossa conversa e abri uma nova com Sydney, que eu conhecia do colégio, pedindo-lhe que me desse todos os detalhes. Quando elas iriam pousar e se acomodar nos quartos, qual era a programação. Disse para ela não falar disso com ninguém, porque estávamos planejando uma surpresa para Millie.

Quando, na verdade, eu estava planejando uma surpresa para Rosie.

Eu iria comer meu *cheesecake* e ficar com ele. Impossível? Observe.



Deus abençoe Sydney Seiládeque.

Mesmo sendo alheio à sua existência quando estávamos no Ensino Médio (só tinha o número dela porque Millie criou um grupo especial para as pessoas que foram ao jantar de ensaio), ela se tornou uma das minhas pessoas preferidas em Vegas. Para começar, Sydney me disse onde as garotas estariam naquela noite. Já que Vicious não queria nenhuma stripper em sua festa (ele sempre odiou pessoas, principalmente pessoas tentando tocá-lo. Além disso, ele era um filho da puta, mas um filho da puta fiel), estávamos planejando ir a um restaurante chique e ficar no cassino até de manhã.

Imaginei que poderíamos ir à boate que elas iriam depois do show da Britney Spears. Os bailarinos não ficavam se pegando o tempo todo? Obrigado, Srta. Spears, por preparar a libido da minha garota para a nossa escapada tarde da noite.

Não fiquei surpreso por Rosie colocar a porra da sua melhor jogada na mesa e suspendê-la tacando um balde de água fria. Enquanto os homens bebiam e fumavam na suíte presidencial, conversando sobre Trent com uma merda de pornô passando ao fundo como se tivéssemos dezesseis anos, Rosie de alguma forma conseguiu levar as garotas para uma aventura especial de *cupcake*, um passeio a um estúdio famoso de tatuagem, uma festa na *Jacuzzi* e um show.

Eu sabia de tudo isso porque Sydney Caralho Nãoconsigolembrarosobrenome me deu atualizações a cada hora, presumindo que Emilia, a noiva, fosse ter uma surpresa agradável. E ela teria. Eu levaria o noivo junto comigo. Mas as minhas intenções eram puramente egoístas, eu estava atrás da sua irmã caçula.

— Você provavelmente deveria contar a Vic antes que ele fique puto — disse Jaime quando saí do banho, passando o colarinho de sua camisa engomada em frente ao espelho impecável de parede inteira. Eu ri, deixando a toalha cair e vestindo a cueca. Jaime já tinha visto meu pau várias vezes, ele provavelmente conseguiria identificá-lo numa fila de reconhecimento policial com mais cem suspeitos. Nossos dias de futebol significavam que ficávamos

todos confortáveis uns com os outros. Talvez até confortáveis demais.

— Contar o que para ele? — Eu me fiz de desentendido. Vicious já sabia, mas eu gostava de foder com meus amigos tanto quanto o HotHole a seguir.

— Você está falando do acordo Erickson-Estavez? — Estávamos trabalhando com duas empresas gigantes de engenharia à beira de uma fusão, e Vicious ficou fora da jogada por causa de seu casamento iminente e tal. De todos os quatro, Jaime e eu provavelmente éramos os que trabalhavam mais duro. Jaime, porque era simplesmente uma merdinha responsável que tinha que fazer tudo certo e perfeito. Eu, porque não tinha filhos nem outras responsabilidades, assim, mergulhar em números e iniciar ligações de negócios com a Ásia e a Austrália no meio da noite eram sacrifícios que eu ficava feliz em fazer.

— Ele está redigindo o contrato de Erickson-Estavez enquanto conversamos. Você sabe exatamente do que falo. Mais especificamente de *quem* falo.

— Ele sabe e está de boa com isso, mas mesmo que não soubesse, a vida é minha e isso diz respeito a mim — lembrei-o, encolhendo os ombros dentro da minha camisa social azul marinho, enquanto prendia as abotoaduras, e acrescentei. — Além disso, até onde sei, foi ele quem tentou roubar a minha namorada bem debaixo do meu nariz quando ainda estávamos juntos, inclusive, mas sem se limitar a isso, beijou Millie enquanto namorávamos. Só para garantir ser um idiota em tempo integral, ele também beijou Rosie. Então, de verdade, com exceção de tentar enfiar a língua na boca da minha mãe, ele maculou todas as mulheres com quem me importo. — Salvo por Payton e Keeley, minhas irmãs. A verdade era que Keeley me dissera numa noite quando estava bêbada que Vicious saiu com ela quando estávamos no primeiro ano. Isso definitivamente deu um empurrãozinho a mais até onde ia a minha moral em relação a perseguir Millie.

Pelo menos, meu pequeno discurso calou a boca de Jaime. Rosie era minha, caralho. Todas as partes dela. Dos dedos dos pés até o fio de cabelo fininho no topo de sua cabeça. Cada pedacinho seria reivindicado e marcado. E a beleza disso era que ninguém se oporia. Ninguém além da própria Rosie.

— Aqui está o endereço da boate. — Joguei meu celular com o aplicativo do *Yelp* nas mãos de Jaime e ele o pegou no ar. — Chame o serviço de limusine lá embaixo. Vou ver se Vic está pronto.

— Dean. — Jaime segurou meu pulso quando me virei para ir até a porta pegar a minha calça.

— Amor — ronronei na cara dele, sorrindo. — Sei que sou irresistível, mas tenho certeza de que Mel é mais flexível, com o passado de bailarina e tal. — Jaime estreitou os olhos para mim e soltou meu pulso como se fosse merda.

— Jesus, será que dá para não ser tão esquisito por um segundo? Ouça, sou a última pessoa para te dar sermão sobre com quem estar.

— Porque você fodeu a minha professora de Literatura quando eu tinha dezoito anos. — Assenti com uma risada. — Casou com ela, engravidou e quase deu um infarto na sua mãe no meio do processo. Sim, concordo. Nem você nem Vicious podem me dizer o que fazer.

— Mas... — Ele levantou a voz e, caramba, Jaime Followhill tinha certa autoridade, quase me esqueci disso. — Juro por Deus, Dean, se isso for só mais uma transa casual e você for foder com a dinâmica do grupo, com nossas famílias e amigos, por uma trepada rápida...

— Não é só uma foda — gritei. Precisava lembrar a mim mesmo que Jaime tinha um bom motivo para mencionar o assunto. Eu era conhecido como o cara que enfiava o pau em qualquer coisa que tivesse duas pernas e um vestido, então, que porra eu estava esperando? Mas eu não era Vicious. Eu não estava cego para o que estive na minha frente por anos. Confessei o que queria dessa garota desde o primeiro dia.

Nunca persegui tanto ninguém e, com Rosie, eu nem mesmo decidi que faria isso. Era como a carreira de Jimmy Fallon. Simplesmente aconteceu antes que alguém pudesse impedir.

— Quais são as suas intenções? — Perguntou Jaime, olhando fixo para mim, sério como um funeral. *Quais são as minhas intenções?* Morar em Londres o fazia soar como um lorde inglês ou alguma merda dessas. Tirar sarro dele deveria ser a prioridade, mas uma parte de mim queria que ele, e as outras pessoas, parassem de falar comigo como se eu fosse um galinha que se recusava a diminuir o ritmo até que seu pau caísse.

— Jaime — rosnei, minha narinas estavam infladas. Coloquei-me na frente dele, sentindo de novo a fúria de quando tinha dezoito anos. — Eu não te perguntei quais eram as porras das suas intenções quando você deitou a Mel na mesa dela e a fodeu na sala de aula, então, não venha me fazer essa pergunta. Rosie já é adulta. As pessoas precisam parar de agir como se ela fosse um animalzinho de estimação velho que ninguém quer. O que temos é nosso. Não de vocês. Não é de Vicious e não é de Emilia. Qualquer um que pense diferente é bem-vindo a resolver isso comigo. E, fiel ao estilo da nossa

irmandade, não serei gentil, educado, nem vou me desculpar por isso. Fui claro?

Não esperei a resposta. Virei e saí. Tinha um encontro.

Ela apenas não sabia disso ainda.

CAPÍTULO QUINZE

Rosie



O que te faz sentir vivo?

Desejar alguém. Tanto que dói lá no meio, sua visão embaça e sua moral é jogada pela janela.

Minha irmã não estava bebendo.

Era só isso que ocupava a minha mente. Não o fato de que nos divertimos *pra* cacete. Nem o show incrível da Britney Spears. Nem as bebidas alcoólicas falsas, grandes e de aparência radioativa que bebemos o dia inteiro. Mas o fato de que Millie não consumiu nenhuma gota delas ou de nenhum outro tipo de álcool.

Éramos de origem francesa. Para nós, festejar sem vinho ou champanhe era como dançar sem os membros.

Olhando para ela do canto de uma boate barulhenta e lotada com luzes de neon e corpos seminus suados, suguei do meu canudo, tomando outro coquetel.

— Sua irmã está *tããã* grávida. — Ele estourou seu grande chiclete rosa enquanto se olhava no reflexo de um pedaço cintilante de espelho em forma de colmeia pendurado no teto. Estávamos todas com o mesmo tipo de vestido – rosa, a cor preferida de Emilia – com decote em coração e camadas

franzidas de tecido fino e macio. Achei o modelo num brechó. Ele gritava “Millie” pelo universo inteiro, então, comprei-o, entrei em contato com a marca e pedi mais quatro para todas nós.

— Não está, não — insisti, mas era inútil. Nem eu acreditava em mim mesma. — Sou a pessoa mais próxima dela. Ela nunca esconderia isso de mim.

— Ela não está bebendo, está com uma aparência péssima e, no almoço, comeu um *cupcake* com pickles fritos em cima. Encerro o caso, mas se precisar de mim para fazê-la mijar num palitinho, conheço um cara que faz isso acontecer. — Ele se encostou na parede ao meu lado.

Olhei para a minha irmã. Millie balançava a bunda com Gladys e Sydney na pista de dança, jogando os cabelos molhados para frente e para trás e murmurando a letra de *The Thong Song*, do Sisqó. Talvez o DJ tivesse perdido uma aposta naquela noite. Ninguém sabia. Mas eu não estava no clima de ser uma esnobe musical.

Ele deu um tapinha no meu ombro.

— Ei! Você está tomando um porre e não quer se aventurar em lugar nenhum bêbada. Largue a bebida. Vamos dançar um pouco.

Ela puxou a minha mão e eu não reclamei, porque não fazia sentido.

Ele e eu nos juntamos a Millie, Gladys e Sydney e dançamos por cerca de uma hora. Millie disse que precisávamos dar um tempo para comer um taco e, já que ninguém nunca dizia “não” para tacos, pegamos uma mesa na área do restaurante da boate e nos empanturramos.

Pedi licença e fui ao banheiro, quando voltei, vi Gladys abaixada na cabine onde estávamos sentadas, passando a mão na barriga de Millie. Sydney jogou a cabeça para trás, riu e fez um gesto com as mãos, indicando seios enormes.

Minha irmã estava grávida.

As amigas dela sabiam.

Meus pais sabiam.

Todo mundo sabia.

Todo mundo... menos eu.



Dean

Qual é desse seu fascínio por música, afinal?

Meus dedos tremiam de raiva, mas não era esse o único motivo por que eu não o respondi. Meu olhar mirou o rosto de Millie e contraí os lábios. O resto das garotas tinha voltado para a pista de dança e ficamos apenas minha irmã e eu. Perguntei mais uma vez se tinha algo que ela quisesse compartilhar comigo. Ela disse “outro taco” e riu. Meu estômago se contorceu, depois, ferveu de raiva. Ela era uma mentirosa, como todos eles. Não havia mesmo nenhuma diferença entre ela e papai. Bem, havia. Papai, pelo menos, parou com a farsa e me contou exatamente o que pensava de mim. Millie ainda era uma covarde que queria proteger meus preciosos sentimentos mentindo para mim.

Foda-se.

Eu precisava de Dean.

Dean fazia as coisas desaparecerem. Ele era a maconha. Ele era o álcool. Ele era a música. Só que mil vezes mais viciante do que todos eles.

Rosie

Escutar uma boa música é como se drogar. Libera hormônios que te deixam feliz. Qual é desse seu fascínio por astronomia?

Dean

Houve um tempo na minha vida, um tempo sombrio, que eu tive que passar meus verões num lugar onde não queria estar. As noites eram longas e entediantes, então, eu saía e deitava no feno. As estrelas eram a única coisa que me faziam companhia e acho que me apeguei um pouco a elas. Elas me lembravam de que, sob o céu, havia coisas melhores esperando por mim. As pessoas que eu amava, os lugares que eu queria visitar, todas as garotas que eu iria foder...

Rosie

Um romântico incurável. Estou ficando arrepiada. Pare com isso.

Dean

Você ficará mais arrepiada em um segundo. Vire-se.

Rosie

?

Dean

Interpretação simples, Bebê LB. Vire-se.

Ele estava ali.

Meu coração pulou na minha garganta, mas, ao mesmo tempo, uma lava quente derreteu dentro da minha barriga, inundando a dor e o sofrimento, criando uma necessidade urgente da qual eu estava desesperada para dar conta. Era totalmente possível que este homem estivesse se tornando cada vez mais atraente a cada segundo. Eu o observei em sua camisa azul marinho engomada e calça social cinza, vindo em minha direção como uma força prestes a arrancar telhados e calcinhas pelo caminho.

Eu estava tão focada em Dean que nem percebi que as garotas voltaram à mesa e que os garotos também estavam lá. Exceto Trent, claro.

Vicious sentou-se ao lado de Emilia. Jaime fez um sanduíche entre Sydney e Gladys, cumprimentando-as com um breve aceno, e Dean ficou em pé, me encarando sem nem esconder o que havia em seus olhos. *Sem vergonha.*

— Vou pegar bebidas para todos. — Disparei de onde estava sentada, mas não estava mais com vontade daquilo. Aquele ato de boazinha. Não era eu. Eu não era boa e não era legal, e, esta noite, eu iria foder o ex-namorado da minha irmã. Uma foda com raiva que apagaria os últimos dias da minha memória, mesmo que por um ou dois segundos.

Quando passei por Dean, ele jogou o braço sobre meu ombro. Cada pelo no meu corpo se eriçou e arrepios salpicaram a minha pele.

— Você não vai me perguntar o que eu quero? — Sibilou ele na minha cara, lambendo o lábio inferior carnudo, deixando-o brilhoso, uma reluzente maçã proibida.

— Não me importo com o que você quer, Dean. Você vai beber água. Como eu disse, pode se autodestruir o quanto quiser, mas não quando estiver comigo.

— Argumento apresentado. Que fique claro, contudo, que você pode fazer o que quiser quando estiver com meu pau.

— Sem beber nem fumar — repeti séria, olhando torto para ele.

Deu para ouvir o sorriso em suas palavras quando ele falou — Você se

importa, sim —, olhando meu traseiro enquanto eu passava correndo.
Sim, eu me importo, pensei com amargura. Desejando não me importar. *Eu me importo de verdade*.

As coisas estavam prestes a se complicar.

Ruckus iria fazer jus ao seu nome.



Dean

Dez Anos Antes

As aulas terminaram. Assim como Millie e eu.
Jaime se mudou para a faculdade no Texas, levando uma lembrança de casa junto com ele: nossa professora de Literatura, Melody Greene. Trent fez uma cirurgia na perna e ficou acamado pelo resto do verão. E Vicious... Vicious ficou louco, como se tivesse sido *ele* que fora abandonado.
Depois que Millie fugiu, Rosie parecia estar puta com o mundo. Eu queria ser o saco de pancadas dela. Ela não deixaria.
Havia outras coisas que eu queria, mas não era a hora certa de ir atrás. Então, resolvi estar lá para apoiá-la, uma alma fodida por outra.
Eu não estava exatamente puto pela minha ex-namorada ter me dado um chute na bunda. Até onde eu sabia, ela me deixou por outro. Isso deveria ter me deixado furioso, mas por mais que me esforçasse, não conseguia encontrar a porra do furor por que Vicious fervia.
Rosie disse que eu deveria parar de vir ver como ela está, mas isso era como me dizer que eu não poderia tocar meu pau. Completamente impossível.
Eu vinha vê-la todos os dias.
Nós ficávamos sentados do lado de fora, perto da piscina em silêncio total.
Eu queria falar com ela sobre as estrelas, mas não falei.
Eu queria falar com ela sobre o nosso futuro, mas não falei.
Eu queria falar com ela sobre nós dois, mas não havia nós dois, e seu medidor de esquisitice provavelmente estava apitando como um louco porque eu ia vê-la todas as tardes.
Um dia, vi Vicious passando pelo seu gramado bem cuidado enquanto eu ia

pelo caminho de pedras para a casa dos empregados. Ele parou e me encarou, piscando como se tivesse acabado de ver um fantasma.

Aproximando-se de mim com passos lentos, ele enfiou as mãos nos bolsos, me analisando com olhos frios e atentos, preparando-se para a batalha. Estufei o peito, colocando meu sorriso falso no rosto. Ele queria guerra? Teria uma.

— Você acha mesmo que tem chance com a desbocada depois do que aconteceu com Millie? — Urrou ele, incapaz de deixar que a palavra *caralho*, uma palavra que ele usava *pra caralho*, saísse de sua boca. Porque ele sabia. Vicious sabia que tirei a virgindade de Millie, foi ela quem me pediu. Eu desconfiava que era mais para deixar de ser virgem do que por minha causa... E essa era a única coisa que ele nunca poderia apagar das páginas da história. Nem mesmo Baron Spencer poderia adulterar a realidade.

Esfreguei o queixo.

— Sei que as minhas chances com a Bebê LeBlanc são tão boas quanto as suas com Millie. Estou aqui para me certificar de que ela está bem. É um conceito estranho para você, mas, às vezes, as pessoas só querem ser legais com as outras. O que deu em você, afinal? Parece... culpado. — Franzi a testa. Tudo na minha postura estava pronto para atacar e fazê-lo em pedacinhos.

— *Culpado*? — Ele riu, mas não era sua risada de sempre. A ameaçadora e autoconfiante. Quer dizer que o canalha *sabia* de alguma coisa. Claro que eu não fazia ideia do que era. — E por que *eu* me sentiria culpado? Foi você que foi atrás da minha garota.

— Sua garota — repeti, deixando escapar uma risada descrente. Foi estranhamente libertador abordar o elefante na sala. O mesmo elefante que conseguiu destruir e arruinar todas as coisas em nossas vidas durante o último ano. — Ei, babaca, notícia de última hora: Emilia LeBlanc era o alvo móvel preferido de todo mundo até eu marcar o meu nome no rabo dela. Sim, eu desconfiava de que você gostava dela. Tinha a sensação de que era até algo mais, mas de fora? — Dei um passo em direção a ele e ficamos perigosamente perto da porra da cara um do outro e de rolar na grama até um de nós sangrar até a morte. — Você destruiu a vida dela. Vivia dizendo que ela era um lixo branco caipira. Vivia fazendo com que ela não se sentisse bem-vinda. Eu quis me aproveitar disso? Sim. — Dei de ombros. — Sou um adolescente com um pau em funcionamento. Mas, mais do que qualquer

coisa, eu quis garantir que ela não se enforcasse por sua causa.

— Muito nobre da sua parte. — O peito dele estufou contra o meu e *iríamos* entrar em guerra, agora eu sabia. — Pobrezinho do Ruckus. — Vicious levou os punhos aos olhos e fingiu secar lágrimas invisíveis. — Foi ruim ficar com Emilia todos esses meses?

— Não — falei, empurrando-o. Ele me empurrou de volta. Sorri. — Ela era ótima, entretanto, a gente nunca sabe, não é? — Ele engoliu em seco.

— Talvez ela tenha fugido porque você é uma merda na cama — disse ele. Muito maduro.

— Ou talvez ela tenha fugido porque estava cansada de *você* — devolvi. O rosto dele se contorceu de dor, e ele *era* culpado. De quê, eu não sabia, mas inocente não era. Disso eu tinha certeza. Decidi insistir no assunto. Saber a visão dele sobre as coisas.

— Qual a sensação, Vicious? De ser o perdedor que nunca saberá o gosto da garota de seus sonhos?

— Você deve saber, Cole. Estamos no mesmo barco, e este navio está afundando. — Agora, foi a vez dele jogar na minha cara e, novamente, eu nem pisquei. Eu não tinha medo de Vicious. Via através das suas camadas e sabia exatamente quem ele era.

Um cara como eu.

Que se escondia atrás de paredes de músculos, boa aparência, carros chiques, roupas perfeitas, pais ricos e um mistério sombrio. Nunca se pode ter medo de quem você é. Por isso que eu era o único entre os meus amigos que o desafiava repetidamente.

— Você fodeu com tudo — sussurrei na cara dele e vi em seus olhos azuis que ele sabia que eu estava certo, porque havia algo rodopiando neles. Algo que ameaçava afogar quem quer que ousasse chegar perto. — Você fodeu com tudo e agora estamos todos fodidos. — Eu o empurrei, virando e indo em direção da porta de Rosie.

Quando ela abriu a porta, Vicious já tinha ido embora. Deve ter subido para seu quarto para fumar um bem grosso.

Rosie não pareceu surpresa em me ver. Mas ficou sem ar quando segurei seu rosto, entrei na casa dela e a beijei muito e sem aviso.

O beijo não foi apenas violento, foi absolutamente brutal. Faltou afeto da mesma maneira que sobrou desespero.

Eu estava atormentado.

Descuidado.

Arruinado.

E não pela irmã que eu deveria amar.

Ela ansiava por ar. Eu ansiava por ela. Nossas línguas se enrolaram, se comprometeram, se apaixonaram, sob um feitiço de magia negra.

Eu a segurei pela nuca. Talvez forte demais. Como eu não sabia que meu corpo poderia responder à outra pessoa desse jeito? Cada terminação nervosa no meu corpo estava em chamas. Os joelhos dela falharam. Ela desabou, mas se segurou na minha camisa até o último minuto, de alguma forma se recompondo fisicamente. Mas psicologicamente... nós dois estávamos envolvidos demais.

Psicologicamente, estávamos fodidos.

Nem registrei que ela retribuiu o beijo por um longo e inebriante minuto antes de se afastar, seus olhos arregalaram de choque e medo. Ela entrelaçou os dedos na cabeça, puxando as raízes dos cabelos, seus lábios lindos e inchados abriram-se.

— Ai, meu Deus. — Ela tomou fôlego. Eu a senti naquele beijo e as coisas que ela me deu... Nunca poderia tomá-las de volta. Eram minhas e eu tomaria o resto dela, mesmo que não fosse naquele dia. Mesmo que levasse a porra da vida inteira.

Se ela tiver uma vida inteira, idiota.

— Puta merda — resmungou de novo. — O que eu fiz? Saia!

— Rosie...

— Dá. O. Fora. Daqui. Dean. Sério, se você voltar aqui de novo...

— Pode apostar que vou voltar — falei com firmeza. — Vou atrás de você mesmo que leve anos para te ter.

— Não vai, não. — Havia algo em sua voz, ou talvez tivesse sido o jeito com que ela me afastou, que tornou tudo isso muito definitivo. — Vou garantir que não, de um jeito ou de outro. Você está morto para mim, Cole. Morto desde o momento em que colocou as mãos na minha irmã. Não haverá um amanhã para nós. Não haverá um Cavaleiro de Bronze. E da próxima vez que nos virmos, Dean, você vai agir como se não nos conhecêssemos. Porque não nos conhecemos. Você não é nada para mim. Nunca foi. Volte aqui mais uma vez e vou falar para o meu pai sacar da espingarda.

Ela bateu a porta na minha cara.

E, pela primeira vez, não espiou pela janela para roubar outro momento meu.

Dean

Presente

Eu amava ver Rosie dançar.

Ela era tão ruim que eu não conseguia evitar rir. Mas ela não ligava. A garota não estava nem aí, e isso era o que eu mais amava nela. Sua habilidade de cantar fora do tom e dançar como se ninguém estivesse olhando, quando todos os olhos estavam nela como se fizesse uma pose, tipo a Madonna, enquanto pulava como se seus pés estivessem pegando fogo.

Ela girou na pista de dança e me encontrou, nossos olhares se conectaram. Eu estava apoiado no bar, bebendo água, como prometido, erguendo a garrafa na direção dela.

Vicious se esfregava em Emilia.

Jaime estava lá fora ao telefone com Trent.

Sydney, Gladys e aquela garota que trabalhava com Rosie dançavam juntas.

E, mais uma vez, ela e eu fomos deixados por nossa conta.

Nina ficava ligando e mandando mensagem sem parar, apesar de ignorá-la, e Trent estava passando por um mau momento, mas de alguma forma, eu ainda sentia aquela euforia natural que me batia sempre que eu saía com a Bebê LeBlanc.

Rosie olhou para baixo no seu celular e enfiou os polegares na tela, digitando uma mensagem. Isso fez meu coração passar a quarta marcha e eu agarrei o meu telefone ao lado do corpo, esperando pelo *bip* que soava como um *bang*.

Rosie

Acho que vou levar alguém para o meu quarto de hotel esta noite. Tive um dia difícil e preciso relaxar.

Dean

É um convite?

Rosie

Está mais para um golpe. Você sabe qual era a pior parte de quando você e Millie estavam juntos? Ouvi-los namorar. Isso me matava. Foi por isso que depois de um tempo eu parei de estar em casa quando você estava por lá.

Levantei a cabeça e lá estava ela, balançando os quadris, um cara aleatório a abraçava pela cintura por trás e sorria em seu pescoço conforme correspondia seu ritmo. Os olhos dela estavam em mim, e ela estava com aquela expressão. O olhar de “o que você vai fazer quanto a isso, hein?”. Eu iria tirá-lo da cara dela.

Aqui estava eu, assistindo outra pessoa tocá-la, cada centímetro do meu corpo em carne viva por uma raiva violenta. A raiva que não senti tantos anos atrás quando Millie foi embora. Ah, tudo certo, ela estava dentro de mim. Só estava esperando ser inflamada completamente por outra pessoa.

Vou acabar com este merda.

Olhei para baixo e digitei.

Dean

Não me teste, LeBlanc. Não somos mais adolescentes. Nossas ações têm consequências.

Rosie

E...?

Dean

E com as ações que tenho em mente, vou pegar de dez a quinze anos de cadeia. Pare com essa merda antes que ele se machuque.

Senti minha pulsação nas pálpebras. Na minha espinha. Na porra do meu saco. Estava em todos os lugares, porque meu coração martelava como se quisesse pular para fora do meu peito direto nas mãos dela. Era como cheirar duas carreiras de brown-brown, a pólvora corria pelo meu sistema.

Pela primeira vez em muito tempo, eu me importei.

Separá-los e fazer uma cena passou pela minha cabeça, mas eu não era esse tipo de pessoa. Eu era o filho da puta calmo e idiota que sorria para o mundo, mesmo quando este jogava merda nele. E Rosie jogou merda em mim porque

eu merecia. Porque eu *beije*i a sua irmã quando ela estava na mesma casa. Porque eu não impedi que isso acontecesse. Porque era uma vingança e ela queria ir longe com isso. Eu a deixaria explorar o alcance, mesmo que me doesse, mas a linha seria limitada no beijo. Rosie era minha, caralho. Ele podia olhar, mas ao diabo se tentasse tocar.

O cara virou Rosie e eles dançaram juntos, porém, ela manteve uma distância apropriada dele, provavelmente sabendo que ele não iria gostar de uma viagem ao pronto-socorro. Acho que o cara não era feio. Altura mediana e jovem, cerca da idade de Rosie, vestido casualmente. Nada de especial.

Ele gritou alguma coisa no ouvido dela por causa da música e eu senti minhas narinas se alargando como um touro raivoso. Ela fez um gesto com os dedos para que ele esperasse um minuto, olhou para baixo e digitou uma mensagem.

Rosie

Qual a sensação?

A sensação era de morte. Mas aquele fogo em seus olhos parecia recente. Recente demais para ser só por minha causa. Havia outras coisas ocupando a mente de Rosie. Coisas de família. Eu sabia e, desta vez... desta vez eu seria o saco de pancadas. Porra, como eu queria sentir seus pequenos punhos no meu corpo inteiro.

Dean

Já entendi. Agora, pare com isso.

Ela não respondeu.

E não parou com porra nenhuma.

Meus olhos viajaram e o idiota pegou a mão dela, levando-a para a porta dos fundos da boate. Olhei em volta. Todos os nossos amigos ainda estavam ocupados dançando, bebendo e, em geral, sem dar a mínima. Meu plano de encurralar Rosie ricocheteou na minha cara de modo espetacular.

Porque Rosie não era Millie. Rosie não podia ser encurralada.

Rosie nunca era a presa. Algumas vezes, ela era a porra da caçadora.

Usei cada grama do autocontrole no meu corpo para me impedir de correr atrás deles. Não, eu andei calmamente. Tranquilo. Enervado, empurrando

peessoas e pisando em pés a caminho da porta que dava para o lado de fora num beco nos fundos da boate. Passei pela escuridão, através de luzes saturadas. Amarela, verde, vermelha e roxa rodopiando juntas. Elas provavelmente seriam lindas se estivesse bêbado, mas eu não estava. E, quando finalmente saí no ar quente e imóvel de Las Vegas, travei.

As costas dela estavam pressionadas numa parede de tijolos aparentes e ele pairava perto dela, com os lábios a centímetros de experimentar o que me pertencia.

— Sai. De. Perto. Dela. Porra — sibilei, indo em direção a eles. Os dois viraram as cabeças e pensei que Rosie tinha visto a fumaça saindo dos meus ouvidos, porque ela engoliu em seco visivelmente e pôs as mãos no peito dele, fazendo uma barreira.

— Desculpe. — Sua voz era rouca. — Ele é um ex ciumento. Não o *meu* ex, só que não recebeu o comunicado ainda.

Evidentemente, o Sr. Hélice ali não queria ser a pessoa a me comunicar. O cara estava com cara de quem tinha mijado nas calças e eu tive que lembrar a mim mesmo que, para ela, ele era apenas um meio para chegar a um fim. Pobre coitado.

— Assumo daqui. — Bati um pouco forte demais no ombro do cara. Ele olhou boquiaberto entre nós dois. Queria saber se tudo bem deixá-la comigo, mas, ao mesmo tempo, *esperava* que sim, porque eu ainda parecia o zagueiro monstro que só respondia às palavras “Deus” e “pai”.

Rosie assentiu, limpando a garganta.

— Desculpe, Adam. Curta o resto da sua noite.

— É o que pretendo fazer — disse Adam, dando meia-volta e indo embora, seus passos ficaram mais rápidos à medida que se aproximava da porta.

Prendi Rosie na parede, desta vez sem dar a mínima para suas regras idiotas, e esfreguei meu corpo devagar no dela. Eu estava com uma ereção latejante, que pressionou seu umbigo, exigindo sua atenção. Ela arqueou as costas e ficou nas pontas dos pés, buscando nosso toque, com a boca pedindo pela minha.

— Adam? — Ergui uma sobrancelha, afastando o rosto. Esse jogo era para dois, pelo menos até ela se dar conta de que não era nenhum jogo. Era real.

— Cara legal. — Ela ainda encarava meus lábios, com a respiração pesada e não era por causa da sua doença idiota.

Envolvi-a com os braços, meus lábios pairavam sobre seu ombro.

— Fico feliz que ache isso, porque ele acabou de te custar um orgasmo.

Ela gemeu, arrastando os dentes pelo lábio inferior quando a minha mão deslizou para dentro da calcinha dela e roçou a sua abertura molhada.

— Preciso de uma distração esta noite. — Ela me puxou mais para perto. — Preciso da sua ajuda.

Enfiei dois dedos nela e comecei a bombear. Ela ofegou, agarrou meus cabelos, mas não a deixei envolver as pernas em mim. Não. Que se foda. Esta garota... ela não sabia de nada. De. Porra. Nenhuma. Com quem estava lidando. Eu podia ser mais legal que Vicious, contudo, ainda era um HotHole. Ainda era um pecador... E ainda era o lobo sobre quem a vovozinha lhe alertou.

— Isso — ofegou. — Bem aí.

Enfiei outro dedo até que a fodi com a minha mão inteira, esfregando meu corpo no dela para criar o atrito pelo qual seu clitóris latejava. Ela começou a tremer, perdendo o equilíbrio. Seus joelhos estavam cedendo e se ela achava que eu iria pegá-la, estava solenemente enganada.

— Olhe para as estrelas — grunhi.

Ela não deu a mínima para as estrelas, buscando minha boca outra vez. Eu não a beijei. Ela não merecia ser beijada. Eu queria que ela viesse para mim, não sob a sombra de um orgasmo iminente, colocasse os lábios nos meus e dissesse.

Eu sou sua. Sempre fui sua. Nunca serei de outra pessoa.

— É melhor fazer isso, Bebê LeBlanc. Não gosto de ficar me repetindo.

Revirando os olhos, ela obedeceu. Nós dois olhamos para cima. Contra todas as probabilidades, o céu estava cheio de estrelas. Não dava para ver merda nenhuma na *Strip*, mas nesta noite, deu. Deu porque *ela* estava lá.

Suas coxas fecharam-se em volta da minha cintura, assim como sua boceta, ao redor dos meus dedos. Afastei-me, com os olhos vazios, os lábios franzidos, olhando para ela como se não fosse nada além de uma transação de negócios. Uma mera inconveniência que esbarrei durante meu dia.

— Que diabos você está fazendo? — Sua boca caiu como uma pedra e eu quase ri quando pressionou a virilha na minha barriga, implorando que eu terminasse o serviço. Encostei os lábios em seu ouvido.

— Consequências, Rosie. Acostume-se a elas. Não vou te deixar como o resto da sua família. Da próxima vez que você permitir que um babaca qualquer coloque as mãos nisso — segurei seus quadris e os conduzi para o

meu pau latejante —, é melhor acreditar que haverá punições. Vou te deixar safar desta vez, porque você é novata, mas só para você saber: isso *está* rolando, isso é meu e disponha. — Lição aprendida.



Naquela noite, Rosie invadiu a minha suíte. Não foi bem uma operação dos fuzileiros navais. As garotas estavam chapadas por terem bebido o dia inteiro e Millie, que aparentemente estava sóbria por um motivo que ia além da minha compreensão, pegou no sono na boate, cansada *pra* caralho. Rosie estava no limite entre bêbada e sóbria, porém, de jeito nenhum perto do estado em que estava quando ficamos em Todos Santos. E vejam só, ela ainda queria a surpresa do caralho do Grande P. do Dean. Perguntei por quanto tempo mais ela iria nos menosprezar antes de perceber que estávamos mergulhando de cabeça num buraco de coelho e que ele era tão profundo que não dava para subir de volta. O mesmo para o qual tentei empurrá-la quando éramos adolescentes.

Vicious e Jaime estavam lá embaixo, apostando nas mesas de vinte-e-um. Ouvi uma batida suave na porta e a abri. Ela estava parada na soleira, ainda com aquele vestido rosa que fez todas as outras garotas na despedida de solteira parecerem vaginas do tamanho de gente, mas, por algum motivo, a fez parecer uma princesa, e meu coração fez uma coisa estranha em meu peito.

E era engraçado como as pessoas diziam que eu era encrenca, quando a encrenca parecia uma garota pequena de olhos azuis com um vestido rosa enorme e sardas cor de terra.

Rosie parecia furiosa.

Suas orelhas de fada estavam rosadas, sua boca retorcida com desdém e seu pé batia naquele carpete vermelho como se ela estivesse tentando pisoteá-lo até a morte. Tem sido assim há dias e isso me irritou. Rosie não era ela mesma em Todos Santos nem em Vegas. Ela não estava autoconfiante, divertida e atrevida. Ela estava com raiva, irritada e desesperada. Eu tinha a sensação de que tinha muito a ver com sua família e, agora, eu sabia que ela

não quis aceitar minha passagem de avião não só por causa do dinheiro, mas também por causa de como ela se sentia nesse lugar.

— Você precisa de um banho frio para se acalmar um pouco. — Dei meu conselho não solicitado.

— Preciso de uma noite quente para me fazer esquecer — discordou ela, me empurrando para dentro do quarto ao entrar. Deixei que comandasse, dando a falsa impressão de que ela estava no controle, e a segui, olhando para sua bunda redonda naquele vestido.

— Entre no chuveiro, Sirius.

— Acho que não, Planeta Terra.

Se um sorriso pudesse dividir o rosto em dois, eu teria ido direto para o hospital naquele segundo.

— Planeta Terra? — Estalei a língua. — Fiquei curioso e com tesão.

Ela virou a cabeça e apoiou o queixo no ombro.

— Você é caótico, louco e cheio de guerras e angústia. Mas é o lugar mais animado em que já estive.

Caralho. Eu vou colocar uma aliança no dedo dela, que, provavelmente, terá o mesmo peso que ela, se não mais. Não era só toda essa semana louca falando. Ela estava me acarinhando. Cada parte de mim. Até a merda mais obscura com a qual ninguém queria ter nada a ver.

— No chuveiro — repeti, com a voz séria, caminhando e batendo na bunda dela. Não com muita força. *Ainda*. — Por cada minuto que você me deixar esperando, vou te negar outro orgasmo.

A garota praticamente correu, tenho certeza de que quebrou alguns recordes relacionados à fibrose cística.

Ela tirou o vestido, os sapatos e a calcinha. Azul bebê, de renda e seda, e eu fiquei tentado a enfiá-la no meu bolso, mas lembrei que se fosse ser do meu jeito, em breve Rosie teria a porra do guarda-roupa inteiro no meu closet e eu não precisaria disso. Ainda assim, eu provavelmente levaria algumas calcinhas dela comigo para o trabalho. Só para me fazer aguentar o dia.

Abri a torneira, a água estava gelada, e acenei para ela entrar enquanto eu ainda estava totalmente vestido. Ela me olhou desconfiada, e embora estivesse completamente nua, não tentou esconder o corpo. Não que ela tivesse algum motivo para isso. Rosie LeBlanc era uma obra de arte se é que eu já tenha visto uma.

— Eu sou doente — falou.

— Você vai ficar bem — garanti. Eu não era a porra de um médico, mas amava tirá-la da zona de conforto, gostei de sua reação quando percebeu que para mim ela não era uma flor murcha. Ela era uma árvore forte e bem troncuda. Trocadilho intencional, claro.

— E você? — Perguntou.

— O que tem eu?

— Não vai entrar?

— Se pedir com jeitinho.

Ela riu, cruzando os braços sobre o peito nu. Era a primeira vez que eu via os peitos dela, mas demorei alguns segundos para me dar conta disso, porque, na minha mente, ela sempre esteve nua. É engraçado como o cérebro humano funciona.

— Por favor, entra aqui no chuveiro comigo? — Pediu revirando os olhos.

— Desculpe, é assim que você pede com jeitinho? — Abri o zíper da minha calça social e tirei meu pau. Eu estava completamente duro, meu pau despontava na minha mão com a cabeça apontando furiosamente para ela. Seus olhos arregalaram quando ela deu uma boa olhada nele pela primeira vez.

Vendo sua reação de perto, absorvendo cada movimento que ela fazia, cada piscada, cada contração, esperei. Ela demorou um segundo para se recompor antes de diminuir o espaço entre nós dois e um vislumbre daquela Rosie de Nova York brilhou através da garota parada na minha frente. Quando estávamos colados um no outro, ela segurou meu pau e me olhou nos olhos, me desafiando. A água ainda corria no chão.

— Peça com jeitinho — repeti. — E entro aí com você. Peça com *mais jeitinho* e até abro a água quente.

Ela ficou de joelhos, enfiou os dedos na parte de trás da minha coxa e envolveu meu membro com a outra mão. Sua mão era pequenina e meu pau, grande, então, seus dedos nem se tocaram quando ela me segurou. E sim, claro, isso me excitou. Ela passou lentamente a ponta da língua pela cabeça, foi tão quente quanto ela se sentia, antes de tomar um pouco de mim, me lambendo como se eu fosse a porra de um pirulito. Adorei como ela chupou meu pau. Foi tão diferente das minhas transas de uma noite de sempre, que puxavam a porra do meu caralho como se estivessem tentando arrancá-lo do meu corpo. Não. Rosie me provocava. *Desfrutava de mim*. Ela lambeu até eu segurar seu cabelo para manter sua cabeça no lugar e começar a empurrar em

sua boca, fodendo enquanto ela gemia.

Eu ia gozar e isso estava fora de questão. Não assim. Não agora.

— Porra, gata — falei, colocando-a de pé e levando-a de volta para o chuveiro. Eu a prendi nos azulejos dourados, abrindo a água quente. A água descarregou sobre a gente. Também foi furioso. Eu ainda estava de sapatos, calça social e camisa, mas não dava a mínima. Minha boca se encerrou na dela e nós dois colidimos e explodimos como duas estrelas solitárias em algum lugar na atmosfera escura.

— Foi com jeitinho? — Ela ainda lutava contra uma tosse de quando eu enterrei meu pau em sua boca. Só o som dela gorgolejando era capaz de me levar ao limite e me fazer descarregar.

— Não. Não com jeitinho. Perfeito. Igual a você.

Eu a levantei e ela envolveu as pernas na minha cintura. Entrei nela com tanta força e inesperadamente que ela gritou e não foi de prazer.

Fodi loucamente, sabendo que a água ainda não estava quente o bastante e que eu precisava mantê-la quente. Ela gritou e me agarrou, e nós dois balançamos para trás por causa do impacto, eu ainda a segurando pela bunda. Deitei-a no chão e prendi seus braços sobre a cabeça, segurando-a pelos pulsos.

— Que porra está te corroendo, Rosie? Por que você está triste? — Exigi saber enquanto metia dentro dela tão desesperadamente que senti suas coxas afastando-se de mim. Como se o atrito fosse demais. Rosie iria me sentir, eu todinho, por muito mais do que esta noite.

— Shh. — Ela pôs os lábios nos meus, chupando as gotas de água do meu lábio inferior e soltando com um estalo. — Por favor, só me deixa ter esta noite.

Eu a fodi até não haver mais nada dela para foder, até ela virar uma boneca de pano, mole e sem ossos, satisfeita depois de dois orgasmos violentos que a fizeram se contorcer debaixo de mim como se estivesse sendo eletrocutada.

Depois, gozei dentro dela e foi quando me toquei. Foi quando eu finalmente lembrei que não me incomodei em colocar a porra de um preservativo.

Caralho. Só... caralho!

Tive certeza de que ela sentiu. A porra quente e densa derramando dentro dela quando me aliviei, só que ela não disse nada. Nem quando escorreu pela sua coxa, e não havia como confundir com a água que corria das duchas múltiplas. Ela não tomou conhecimento. Não. Rosie continuou a me encarar

com os olhos semicerrados.

— Merda. — Minha testa caiu em seus lábios e balancei a cabeça, nossos cabelos colados em nossas peles. — Eu sinto muito. Caralho. Desculpe. Bebê. Eu não... juro que estou limpo.

Ela correu os dedos pelos meus cabelos molhados.

— Tudo bem. — O tom de sua voz não tinha nem cor nem emoção. Ela não parecia nem preocupada nem puta. Ele não parecia *nada*. — Eu também estou limpa.

— Vou descer e comprar uma daquelas pílulas do dia seguinte — murmurei, odiando ter ido *disso* para *aquilo*. Do desejo puro e simples e da raiva saudável para falar sobre como iríamos impedir uma gravidez indesejada e possíveis DSTs. Eu estava tentando evitar o que tinha certeza que seria uma tempestade de merda fermentando dentro de seu cérebro. As garotas eram sensíveis sobre esse tipo de coisa, Nina me provou isso e, *caralho*, fui e cometi o mesmo erro com Rosie.

— Estou bem, Dean, sério.

Ela pôs as mãos no meu peito e me empurrou, se levantou e começou a pegar seu vestido e seus sapatos enquanto eu fiquei deitado lá, com a água ainda me atingindo como se fossem agulhas.

Caralho.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Dean

Voei de volta para Todos Santos na terça-feira, deixando Vicious e Jaime para trás.

Eles pareciam estar se divertindo sem mim, sendo melhores amigos e tal, então, dei o espaço que precisavam para experimentar maquiagens e amostras de absorvente ou qualquer que seja a merda que as garotas faziam. Porque, de verdade, esses dois filhos da puta eram muito ligados para serem homens. É só a minha opinião.

Na verdade, me senti mal em deixar Rosie para trás, principalmente levando em consideração o jeito que fodi significativamente com tudo na noite de domingo ao meter nela sem a porra de um preservativo. *Babaca.*

Embora, uma coisa eu tenha a meu favor... eu era um babaca leal e Trent precisava de mim. Ele não dissera merda nenhuma, mas li nas entrelinhas, e na nossa última ligação, havia algo de errado ali. Ele não estava sendo totalmente ele mesmo. Trent sempre teve essa calma. Mesmo quando sua carreira no futebol foi destruída ao quebrar a perna, mesmo quando Val engravidou e apareceu na porta dele pedindo dinheiro, mesmo quando a vida o pegou pelo pescoço e o sufocou com força, ele sempre sorriu e mostrou o dedo ao seu destino cruel.

Mas não nessa nossa última ligação.

E foi por isso que embarquei naquele avião.

Sempre me senti mais próximo de Trent. Desde o primeiro dia.

Talvez fosse pelo fato de que ele não tenha nascido como o resto: rico, privilegiado e pronto para mandar na parte do mundo que seus ancestrais conquistaram para ele. Talvez fosse porque ele era um cara decente, humilde e satisfeito com o que tinha, mesmo que sua família vivesse num lugar que custava menos do que nosso orçamento anual para o paisagismo. Algo me atraiu nele como pessoa, e ele era o único homem dos HotHoles em quem eu confiava totalmente. O único homem para quem já pensei em contar sobre Nina. Não que tivéssemos ido tão longe, mas, sim.

Trent sempre esteve ao meu lado.

E eu lhe mostraria que o sentimento era recíproco, mesmo ao alto custo de

me divertir com Rosie.

Quando todos nós nos formamos nas respectivas faculdades pelo país (Jaime, no Texas; eu, em Massachusetts; Vicious, em Los Angeles; e Trent, em alguma porcaria de faculdade pública em San Diego), eu nem pisquei antes de lhe dar um empréstimo de quatro milhões de dólares para que ele se tornasse sócio e lançasse a Fiscal Heights Holdings conosco.

Eu não pisquei, mas meus pais me crucificaram *pra* caralho. Tive que interceder por ele de algum modo, não era como se eu tivesse essa quantia na minha conta bancária, então, tanto Trent quanto eu passamos nossos verões longe da faculdade arquivando merdas no escritório do meu pai e indo ao *Starbucks* de graça. Fornecendo serviços gratuitos de táxi para as minhas irmãs. Agindo como putinhas designadas pela minha família.

E, claro, Trent e eu assinamos um contrato draconiano para papai se certificar de que teria seu dinheiro de volta.

Trent morou numa quitinete em Chicago por muito tempo depois que todos nós nos tornamos empreendedores ricos para poder devolver o dinheiro de Eli Cole. Na verdade, ele só se mudou para um lugar maior depois que Luna nasceu porque precisava acomodar a nova inclusão inesperada à sua vida. Eu diria família, mas eles não eram bem uma família, principalmente depois que Val fugiu da cidade como uma mãe desnaturada.

Engoli em seco.

Óbvio que eu sabia que Trent tinha ajuda. Os pais dele estavam lá para apoiá-lo. Mas tudo em mim estava desesperado para ver com meus próprios olhos que Luna estava bem. Então, fiz uma mala antes de todos os outros, deixando Las Vegas, e Rosie, para trás.

Dean

Mudança de última hora: voltando para Todos Santos para passar um tempo com Trent.

Rosie

Se ele precisar de alguma coisa, me fala. Adoraria ajudar.

Dean

Obg. Mais uma vez, desculpe por domingo à noite. VOCÊ precisa de alguma coisa?

Rosie

Não. Esqueça isso. Sério. Nós dois estamos limpos, certo?

Dean

Certo.

Já que Rosie não fazia o tipo que roubava esperma, o que estava mais para o hobby de Val, julguei que ela tomava pílula ou algo assim. Seria bom se ela acabasse com o meu sofrimento e confirmasse isso, mas não era da porra da minha conta. Eu precisava seguir em frente e aceitar o que ela dizia. Independente do quanto eu me importasse com este assunto em particular.

Dean

Vou sentir sua falta.

Rosie

Você vai sobreviver. Senti sua falta por onze anos.

Dean

Vou garantir que agora você tenha bastante de mim.

Quando em Todos Santos, meu celular vibrou com uma chamada. Eu estava tão distraído com tudo sobre Trent e Rosie que atendi antes de verificar o número. Não era do meu feitio e, assim que apertei o botão verde, lembrei por quê.

— Pois não?

— *Jesus, finalmente. Pensei que nunca atenderia* — Nina grunhiu de frustração. Meu coração parou e meu maxilar travou. O mundo se inclinou sobre um eixo por um segundo antes de retomar o sentido, larguei minha mala no chão fazendo barulho e abri o armário de bebidas de Vicious, encarando a fileira elegante de garrafas de vidro como se elas pessoalmente me provocassem. Eu não era idiota. Vi a ligação direta entre meus problemas com *ela* e o fato de eu beber e fumar maconha.

Sempre que pensava nela, queria esquecer.

Sempre que falava com ela, queria uma distração.

E ela sempre aparecia. Sempre pedindo um monte de merda que não merecia.

Sempre bagunçando a minha mente. Eu a queria na minha vida? Será que não a queria? Eu a perdoei? Será que *poderia* perdoá-la? Eu queria saber quem ele era? Será que *ele* iria querer *me* conhecer?

— Você não desiste, não é? — Estalei os lábios.

— *Na verdade, não. Somos muito parecidos. Precisamos conversar, Dean, e você sabe disso* — ronronou ela. Ela tem jeito com as palavras. A sedutora perfeita. Um flerte constante. Pena que tudo seja desperdiçado comigo, mas havia outro lembrete do quanto éramos parecidos. Isso me deixava mal, porque ela era a única pessoa que eu odiava mais do que qualquer outra coisa.

— Não estou interessado, Nina, e você pode enfiar o resto do seu discurso de “todo filho precisa de um pai” no cu, onde ele pertence.

— *Tenho sua felicidade na palma da minha mão.* — Ela me ignorou. Eu sabia exatamente o que queria dizer.

— Ainda não estou interessado.

— *Me dê seiscentos mil e será sua. Pode encontrá-lo. Conhecê-lo. Conversar com ele. Não seria incrível?*

Talvez. Talvez não. Eu ainda estava indeciso. O fato de que ela pensava que não tinha problema me chantagear depois de todos estes anos era por si só impressionante.

— Eu te dei vinte mil há menos de uma semana para que você ficasse longe de mim. Te dei dinheiro para sumir e parar de ligar. Paguei para te tirar da minha vida e, aparentemente, mesmo assim, você não consegue fazer a única coisa que deve. Talvez este tenha sido o meu último pagamento, vendo que sua palavra não vale merda nenhuma.

Essa foi a pior mentira que já saiu da minha boca. Esta galinha dos ovos de ouro não iria parar de transferir pequenas somas em dinheiro para ela. Ela mal tinha para as contas e para comida, nunca trabalhou, e da última vez que tentei parar com o dinheiro fácil, ela me ligou centenas de vezes num dia, mandou vários e-mails para bloquear a minha conta e me enviou tantas mensagens de texto que tive que trocar de número. Duas vezes. Eu sabia que estava nutrindo seu péssimo hábito, mas não valia o aborrecimento. Ela era uma causa perdida. Tudo o que queria era me ter, me fazer batalhar por ela, tomar conta dela e amá-la.

Ela tinha que se contentar comigo apenas mantendo-a acima da linha da pobreza. Porém, como eu disse antes: a merda que aconteceu com a Luna abriu meus olhos. Eu não queria conhecê-lo. Queria esquecer que ele existia e

seguir em frente.

— *Vamos, meu amor* — choramingou. — *Eu preciso mesmo do dinheiro.* — Ela arrastou a palavra “mesmo” de um jeito que achei especialmente irritante. — *Vá trabalhar. É um conceito estranho, mas é factível. Você é uma mulher capaz* — falei. *Mais ou menos.*

— *Não preciso trabalhar. Tenho algo que você quer: ele.*

Eu o queria mesmo e isso me matava. Eu nem queria necessariamente conhecê-lo. Apenas ver como ele era. Quem sabe de longe. Tentei contratar alguns investigadores particulares quando me formei em Harvard, mas eles voltaram de mãos vazias. *Ela* sabia exatamente o que estava fazendo. Além disso, era bem improvável. Acho que ela sabe de verdade onde ele está, mas não estava perto dela.

Pequenos milagres a se agradecer. Aposto que ele está melhor sem ela.

— Conheci uma garota. — Mudei de assunto. Como se ela se importasse. Como se isso fizesse alguma diferença.

— *Ah?* — Respondeu ela, soando tanto surpresa quanto descontente. — *Pensei que você sempre conhecesse garotas. Seu passado te condena.*

— *Nossos passados são parecidos, Nina. Você me ofusca no departamento de foder pessoas. Pelo menos existe uma coisa na qual você se destaca.*

— *Muito sensível, Dean? Só estava conversando.*

Ela só estava me dando uma porra de dor de cabeça. Claro que Nina não ficava intimidada pela minha falta de interesse em agradá-la.

— *Ela sabe que você não acha que as mulheres são reaproveitáveis?* — Ela mastigou algo no outro lado da linha. O pau de alguém, provavelmente.

— *Ela é pra casar.* — Meu maxilar travou.

— *Por quê?*

— *Porque é o oposto de você.*

E era. Rosie era corajosa, audaciosa, leal e espirituosa. *Com potencial para ser uma mãe maravilhosa.* Ela era uma garota que trabalhava duro e não gostava de receber favores de outras pessoas. E, diferente de mim, Rosie não usou nenhum dos atalhos que foram oferecidos a ela. Sua doença significava que ela poderia ter ido pelo caminho mais fácil, mas a Bebê LeBlanc nunca andou na linha. Ela dançava sobre ela, com os chinelos estalando no chão.

Levei uma garrafa de rum aos lábios e dei um gole, depois outro. Fui tão bem por três dias, sem tocar em nenhuma gota de álcool, nem em Vegas, e foi tudo pelo ralo no minuto em que atendi a porcaria do telefone.

— *Você sabe que ainda me ama, apesar de tudo* — manifestou-se Nina, rindo timidamente. E eu tinha que admitir que, revoltantemente, ela não estava totalmente errada.

Pela vista da varanda de Vicious, encarei as árvores que floresciam.

— *Ah, e Dean?*

— Sim?

— *Esta é uma verdade que você não quer deixar escapar. Vai mudar tudo.*

Eu não duvidava.

— Pare de ligar. Parei de atender. Tchau, Nina.



— Seu cabeça de merda. Cadê você? — A voz de Trent ecoou do outro patamar. Levantei do sofá antigo de Vicious, segurando a cabeça como se ela estivesse prestes a explodir. Os pais de Rosie moravam no segundo andar, mas acho que eles não estavam em casa. A mãe dela se juntou ao Comitê de Tortas de Todos Santos e o pai trabalhava meio período como jardineiro. Vicious me disse uma vez que não havia como convencer aos LeBlanc a desacelerar e parar de trabalhar, mesmo depois da aposentadoria. Eu não fiquei surpreso. As filhas não eram diferentes.

— Bem aqui — grunhi sem me mover nenhum centímetro.

Trent e Luna entraram na enorme sala de estar. Ela oscilava como um pato, seus cachos cor de mel e sua pele macia e morena faziam seus olhos verdes saltarem. Luna se jogou entre as minhas pernas para um abraço. Eu a peguei e a trouxe para o meu peito, e ela envolveu seus bracinhos gorduchos no meu pescoço.

Trent colocou a testa na parede, enfiando as mãos nos bolsos.

— Como ela está? — Perguntei, apertando Luna contra o meu corpo, cheirando seu cabelo.

Ele deu de ombros, olhando pela janela.

— Ela acha que está viajando com vovó e vovô. Continua colocando meu telefone na orelha e espera ouvir a mãe.

— Li em algum lugar que nossa lembrança mais antiga pode ser dos dois anos de idade. Talvez ela não vá se lembrar de que aquela cadela foi embora.

— Ofereci meu apoio dando uma informação de merda que vi em alguma revista enquanto esperava pela minha consulta no dentista. Acho que a maioria das pessoas tentava convencê-lo de que Val voltaria em algum momento, mas eu não era uma delas. Qual o sentido de mentir? Eu conhecia o tipo dela. Traziam uma criança ao mundo, abandonavam-na e só dariam uma olhada na cria se vissem alguma oportunidade à espera de ser paga.

— E eu li em algum lugar que a lembrança mais antiga pode vir do ventre. Talvez ela vá se lembrar de tudo. — Ele me lançou um olhar seco.

Touchè.

Coloquei Luna no chão. Ela balançou até conseguir equilíbrio, depois, segurou a minha mão e sorriu.

— Olha, sem ofensa, cara, mas você não sabe como é, *tá* bom? Você nunca teve que lidar com esse tipo de merda antes.

Eu não o corrigiria. Isso não era sobre mim. Eu queria apoiá-lo, mesmo que ele fosse ser um montinho de merda por um tempo.

— Cresça, Trent. Você tem dinheiro suficiente para contratar as melhores babás do mundo e Luna é uma criança tranquila. Você tem seus pais, seus amigos, *eu*. Não está sozinho nessa.

— Eu sei, eu sei. — Trent esfregou o rosto, indo até o armário de bebidas e tirou uma garrafa de *whiskey Glenmorangie*. — Luna, mostre ao tio Dean como você dança — pediu, cansado, enquanto se servia de um drinque, seu sorriso era frouxo. A menina começou a balançar como a Beyoncé no Madison Square Garden e nós dois batemos palma para ela durante alguns minutos, antes de Luna se distrair com uma porta e decidir fechá-la e abri-la quinhentas vezes seguidas.

— Ela é bem esperta para a idade que tem — comentei.

— Muito. Ela também fica tagarelando o tempo todo. Talvez eu esteja sendo só um pai coruja, mas acho que ela é especial. Especial demais. — Ele balançou a cabeça, intrigado. — Especial *demais* para ser descartada desse jeito pela mãe.

— O que você vai fazer, cara?

Ele me encarou através da borda de seu copo enquanto dava um gole, seu silêncio me dizia que ele já tinha uma ideia. Abaixando o copo, ele estalou a língua.

— Meus pais têm uma casa nova aqui em Todos Santos. Chicago é grande e cruel e eu trabalho uma quantidade insana de horas. — Ele me encarou, por

muito tempo e com dureza, e eu soube imediatamente o que estava me pedindo. Bati nos lábios com os dedos cruzados.

— Vamos conversar.

— Esta é a minha suposta vida. — Trent fez um gesto com os braços musculosos, olhando de relance para Luna outra vez, que ainda estava abrindo e fechando a mesma porta dupla com uma devoção que seria melhor ser poupada para a cura do câncer. — É uma Confusão com C maiúsculo, e a minha filha está no meio desse show de merda, arrastada para a lama e sujeira, as consequências das péssimas decisões de seus pais destruíram a vida dela. Isso acaba aqui. Ela precisa de estabilidade.

— Qual é exatamente a sua proposta? — Estalei o pescoço, olhando fixamente para ele. A sede da Fiscal Heights Holdings era em Nova York, e eu a geria. Perfeitamente, se me permito dizer. Eu era o solteiro dedicado, e me dedicava às minhas horas. Vicious trabalhava em Los Angeles e se deslocava de Todos Santos todos os dias. Ele não deixaria a Califórnia por nada. Era onde ele nasceu e era onde ele morreria. Jaime estava em Londres, lidando com nossas contas europeias, e Trent estava em Chicago, nossa mais nova e menor filial. Porém, ela estava crescendo, e rápido. Havia dinheiro a ser feito e o dinheiro falava. Porra, ele gritava, principalmente para gente como nós.

— Vicious deveria ficar com Chicago. — Trent me encarou com um olhar mortal.

Eu sorri.

— Vicious deveria fazer um monte de coisas. Sabe essa lacuna entre o que ele deveria fazer e o que ele realmente faz? É onde ele prospera. — Eu não estava brincando.

— Você precisa me apoiar quando eu trazer isso à tona na nossa próxima reunião. — Ele me olhou fixamente com o maxilar travado. Puxei meu lábio inferior.

— Você precisa de mais do que o meu voto para que isso aconteça.

— Jaime também está dentro.

— Jaime vai ficar contra Vicious? — Minhas sobrancelhas saltaram. Jaime sempre ficou do lado dele, mesmo quando era hora de chamar a atenção de Vic pelas suas merdas.

Olhando para Trent, vi alguém disposto a lutar. Com força. O cara que sempre fazia a coisa certa. Se alguém merecia uma folga de nós quatro, era

ele. Assenti, colocando uma mão na cabecinha de Luna.

Protege os desgarrados. Expia teu passado. Quebre a porra do ciclo.

— Quando? — Perguntei.

— Novembro me parece bom. Ação de Graças e tal. Vamos estar aqui mesmo.

Eu assenti. — Vamos te trazer de volta à Califórnia.

Batemos os ombros e demos tapinhas nas costas um do outro.

— É isso aí.

CAPÍTULO DEZESSETE



Rosie

O que te faz sentir vivo?

Dean. Dean Cole me faz sentir viva.

O resto da nossa escapada em Vegas se arrastou, apesar dos meus esforços. Levei as garotas ao Museu Mob (Museu Nacional de Crime Organizado e Polícia), a uma churrascaria (minha primeira escolha era shushi, mas por mais que eu estivesse chateada com a minha irmã, provocá-la não estava no topo da minha lista) e a um spa. Millie e eu trocamos um total de vinte palavras em toda a viagem e compartilhávamos um silêncio tenso sempre que ficávamos sozinhas. Eu era seca, educada e distante. Ela estava infeliz, preocupada e incomodada.

E, logo, vinha a culpa. Ela devorava meu interior como um tumor crescente. Eu nem tinha certeza de qual era a pior parte. A parte em que eu transei com o ex-namorado dela (a esta altura, não dava para negar que Dean e eu estávamos mais do que transando, e isso também era um problema) ou a parte em que não participava da festa que Gladys, Sydney e Elle davam quando dizia respeito à minha irmã.

Na quinta-feira, embarcamos num avião de volta para casa e, mesmo que eu temesse encontrar meus pais, o alívio tomou conta de mim. No minuto em

que voltamos para a mansão, entrei no meu quarto, desabando na cama de dossel. Exaustão nem começava a explicar o que eu estava sentindo. Meus pulmões gritavam de agonia de tanto dançar, caminhar e... Bem, vamos apenas dizer que transar no azulejo gelado não foi a melhor ideia que já tive. Eu praticamente sentia o muco cobrir minhas vias respiratórias. E, enquanto precisava agendar uma consulta para ver a Dra. Hasting o quanto antes, não podia ir embora daqui antes do casamento.

Quando rolei para o lado da cama para enviar uma mensagem a Elle e perguntar como foi o voo dela para Nova York (ela não poderia participar do casamento, pois tinha um evento de família), minha irmã mais velha escancarou a minha porta e irrompeu no meu quarto como uma tempestade.

— Precisamos conversar.

Virei-me, esparramada num trono de almofadas fofas e coloridas, e o furacão nos olhos dela se acalmou assim que viu minhas bochechas molhadas e meus olhos vermelhos. Ela ficou com o semblante preocupado. A Millie era assim. Mesmo quando eu agia como uma criança mimada em sua festa de despedida de solteira, ainda assim ela se derretia sob a minha carne fria.

Dei um tapinha no lado vazio da cama num convite silencioso. Para o lugar onde sentávamos, ríamos, chorávamos e olhávamos para as estrelas brilhantes no céu e fazíamos planos loucos. Agitei a bandeira branca. Em troca, ela saiu de onde estava (não era fora do quarto, mas também não era do lado de dentro) e fechou a porta ao passar.

Rindo e tossindo ao mesmo tempo, abaixei a cabeça.

— Então, vamos conversar, irmã.



— Nunca quis que você descobrisse desse jeito. Nunca — disse Millie com os braços atrás da cabeça, encarando o teto.

Meu rosto estava enterrado entre o queixo dela e sua axila e, deste ângulo, dava para ver a veia azulada que aparecia dentro de seu decote, correndo por seu seio esquerdo, enquanto seu corpo se preparava para a amamentação.

— Mas eu também não podia exatamente mencionar isso para você por alto e nós duas sabemos por quê. Papai está no seu pé, mamãe está muito assustada

agora que sabe que você está sozinha em Nova York e a última coisa que eu queria era colocar mais pressão em cima de você. Péssima decisão, eu sei, mas só porque as pessoas descobriram muito antes do que deveriam graças aos meus enjoo matinais e à tendência a me sentir mal sempre que sinto o cheiro de café. — Ela respirou fundo e esfregou o rosto no meu. — Gladys e Sydney descobriram há uma semana. Eu ia te contar antes da festa de despedida de solteira, entretanto, você se superou com a viagem à Vegas e nunca tivemos um tempo sozinhas.

— Eu trabalho com bebês — fiz beicinho, abraçando um travesseiro no peito e puxando um fio solto. — Você *poderia* ter me contado por alto. Ainda assim, eu não teria ficado nada além de eufórica por você. Por que pensou que não seria assim?

Ela engoliu, olhando para baixo, para o espaço entre nós duas.

— Porque, Rosie, amor e paixão são duas forças que podem deixar uma pessoa louca, apesar das melhores intenções. — Ela virou para me encarar, colocando uma mão debaixo da orelha. — E você é apaixonada pela maternidade. Eu não quis jogar isso na sua cara junto com este casamento, e com a cerimônia extravagante e tudo mais. Isso também é estranho para mim, tá bom? Não estou acostumada a ter as coisas fácil na vida.

Eu a puxei para um abraço, cheirando o pescoço dela, o cheiro de perfume de flor de cerejeira que ela sempre usou. Ela tinha cheiro de lar.

— Nunca fiquei tão feliz com a felicidade de outra pessoa — falei, cada palavra leve e fácil, porque era a verdade. — E se acostume com toda essa bondade, porque, definitivamente, você a conquistou honestamente. Agora, me conte tudo. De quanto tempo você está?

— Nove semanas. — Ela mordeu o canto do lábio, escorregando uma mão sobre a barriga lisa. — O cheiro de café me faz vomitar e só de pensar em bacon a minha espinha se arrepiá desconfortavelmente. Ah, Rosie, e meus seios. Eles doem *tanto*. Estão sensíveis e enormes. O que só deixa Vicious ainda mais fascinado por eles. — Ela revirou os olhos e soltou uma risada. — Dizem que o primeiro trimestre é o pior, e daí em diante é uma maravilha.

Eu a poupei das histórias sobre as jovens mães com quem trabalhei, e como o trabalho de verdade começava quando o bebê saía, e a abracei, entrelaçando as minhas pernas nas dela.

— Cara, como você me aguenta? Sério. Sou, tipo, a pior pessoa no mundo. Agi como uma pirralha mimada a semana inteira só porque, por alguns

miseros segundos, senti como era ser você. Não o centro do mundo de todos.

— Jesus. Rosie, não é nada de mais. Você estava um pouquinho quieta em Vegas, mas...

— Não, Millie, não é só isso — resmunguei.

Será que eu ousar dizer? Acho que sim. Ela está me contando a sua verdade. É justo que eu conte a minha.

— E...? — Millie se desconectou do nosso abraço, me olhando com curiosidade. Deslizei para cima, sentando com as costas na cabeceira. Olhei para as minhas mãos com tanta força que a minha visão ficou embaçada. Cometi o crime. Estava na hora de cumprir a pena.

— E eu dormi com Dean.

Não olhei para cima. A hipótese de magoar a minha irmã de repente ficou real e muito bruta. Por vinte e poucos anos, a minha vida foi desprovida de responsabilidades. Com exceção de continuar viva, claro. Eu era deixada de lado constantemente, contanto que tomasse meus remédios, fosse para as sessões de fisioterapia e fizesse a desobstrução das minhas vias respiratórias todas as manhãs e tardes. Agora, eu tinha que pedir perdão. Mostrar arrependimento. Lidar com as consequências.

Começando com a última pessoa que jamais quis magoar: minha irmã.

Eu estava disposta a fazer do jeito certo. Desistir de Dean, sabendo perfeitamente que ele era o único homem que eu estava destinada a amar, o único que *sempre* amaria, porque a minha irmã era mais importante. Mais importante que ele e mais importante que *eu*.

Então, prendi o fôlego com os olhos meio fechados e esperei pelo veredito de Millie. Embora meus pulmões estivessem queimando, implorando, *ofegantes*, prendi o fôlego. Queria que ela me desse um soco na cara, me chutasse no estômago, me dissesse que eu era a pior pessoa no mundo e me mandasse embora da casa dela. Contanto que isso significasse que ela ainda me daria uma chance de consertar tudo.

— Como foi? — A voz dela veio do nada.

O que...?

— Eu... hmm... Como é?

— Ele é bom? — Foi a vez de Millie deslizar para cima e sentar ao meu lado. Ela jogou uma perna por cima da outra e bateu nos lábios. — Eu só estive com ele uma vez. Cá entre nós, ele mal me tocou. Na metade do tempo, nós apenas nos beijávamos enquanto eu fazia o dever de casa. — Ela riu e,

caramba, ouvir isso me fez bem.

— Foi... — estreitei os olhos, analisando minha irmã atentamente. Será que ela estava bêbada? Chapada? Não podia ser, já que estava esperando um bebê. Mas não parecia que se importava nem um pouquinho. Eu sabia que ela já o tinha superado. Sabia que, para começar, eles nem estavam apaixonados. Depois que Millie fugiu para Nova York, fiquei de olho em cada movimento dela de longe, me certificando que seu coração não estava partido. Ela estava arrependida e magoada pelo jeito que terminou tudo com Dean, mas nunca sentiu saudade. Então, eu soube que não sentiria a dor de um coração partido. Mas isto... Isto também era estranho.

— Foi...? — Incentivou minha irmã, abaixando o queixo.

Despudorado. Bruto. Avassaladoramente intenso. O melhor que já tive.

— Bom... — Tossi no meu pulso — Vamos apenas dizer que, enquanto eu tenho muitas críticas quando se trata da personalidade, você não vai me ouvir reclamar da performance dele. Então... Você não está mesmo chateada?

Ela deu de ombros. — Ele é um HotHole, Rosie. Eles são tão maus que nem conseguem soletrar a palavra “bom”, mas acho que você já sabe disso. Contanto que proteja seu coração. — Ela pôs a mão sobre o lado esquerdo da minha camisa do Anti-Flag. — Sou a favor disso, o que quer que *isso* seja. Só quero o melhor para você. Ele te faz feliz?

Dean me fazia feliz? Eu não podia responder a isso com sinceridade. Quando estivemos juntos, ou eu estava bêbada ou com raiva. Às vezes, os dois. E eu sempre o deixava se sentindo tão culpado que havia uma pitada de sal em todos os encontros sexuais. Em todos os momentos de corpo a corpo. Mesmo quando eu o segurei perto de mim na noite em que descobrimos que Val deixou Trent, não consegui deixar meu coração bater por Dean. Precisava da permissão de Millie primeiro.

— Acho que pode fazer — respondi, sentindo a emoção e o temor rodopiando no fundo do meu estômago.

— Então, está decidido. Você tem a minha bênção. — Ela bateu palmas e sorriu.

Com esta bênção, a qual não encarei de forma leviana, já que, afinal, era a minha passagem para a felicidade, também fiz uma promessa. Seria a melhor madrinha na história das madrinhas no domingo. O oposto de Annie. A perspectiva de me redimir fez meu coração bater mais rápido.

— Obrigada, Millie. — Soltei o ar que ainda segurava desde que começamos

esta conversa, e meus pulmões comprimiram de alívio.
— Não me agradeça. Agradeça ao amor. Ele vence tudo.
— Até mesmo Dean “Mulherengo” Cole? — Brinquei.
Minha irmã deu um tapa na minha coxa, rindo.
— Ah, tenho a sensação de que principalmente ele.

CAPÍTULO DEZOITO



Dean

Caralho, eu odiava casamentos.

Quase me esqueci deste pequeno fato, *quase*, entretanto, a colisão de Vicious e Millie de comida fresca, cores vibrantes e suor e convidados bem-vestidos me lembrou de que se algum dia eu fosse me amarrar, seria em Vegas.

Era bom Rosie e eu termos passagens de avião para Nova York no primeiro horário da manhã de amanhã, porque eu estava desesperado para dar o fora de Todos Santos e começar minha perseguição incansável atrás dela. Eu a chamei de *Operação A Irmã LeBlanc Certa*. E começaria dando a porra da notícia em rede nacional para que ela parasse de se sentir tão culpada sempre que transávamos. Essa era uma das raízes do nosso problema, e eu estava ansioso para arrancá-la de sua base e matar a vergonha e o preconceito que via quando ela me olhava nos olhos.

Bebê LeBlanc e eu não tivemos muito tempo um para o outro entre quinta-feira e domingo. Passei por ela no corredor algumas vezes e, sempre que passava, nossos dedos se cruzavam, ou nossos ombros se encostavam, ou ela me dava aquele sorriso. Aquele que ela inventou especialmente para mim e não dava para mais ninguém.

Ela estava ocupada. Correr de um lado para o outro com a irmã para salões de beleza, spas, e os últimos ajustes consumiam tempo. Ela parecia muito cansada o tempo todo, mas mantinha a cabeça erguida. Tentei me esgueirar para dentro do quarto dela na noite em que voltou para Todos Santos, na quinta-feira, mas encontrei Millie dormindo ao seu lado.

Maldita Millie. Negando-me Rosie, mesmo onze anos depois.

Obedientemente, fiz meu papel no casamento. Formei uma linha simétrica com Trent, Jaime, Vicious e meu pai, Eli, que era uma enorme parte do

sistema de apoio de Vicious, para receber os convidados. O ar estava úmido e o sol tão furioso quanto uma adolescente com TPM que acabou de pegar o namorado batendo uma punheta para a foto de Demi Lovato. Eu suava dentro do meu *smoking* sob medida de cinco mil dólares e me coçava para não pegar uma taça de champanhe e engoli-la, mas queria manter minha promessa a Rosie. Chega de bebidas, pelo menos até eu vencer a necessidade de beber para esquecer. Eu ainda fumava maconha, porém, não mais que um baseado por dia.

Porque a abstinência era o motivo número dois de por que os viciados têm uma recaída.

Primeiro motivo? Coração partido. Eu estava tentando me esquivar deste também.

Com sorrisos cheios de dentes estampados em caras felizes, nós cumprimentamos damas de aparência elegante e velhos ricos. Trent parecia um pouco melhor hoje e Vicious sorria como se tivesse acabado de ganhar na loteria. Uma pontada de inveja espetou meu coração, não por causa de com quem ele iria se casar, mas pelo fato de que Emilia concordara em se estabilizar com ele. Eu tinha a impressão de que a sua irmã era uma criatura mais difícil de domesticar.

— Bem-vindo.

— Obrigado por vir.

— Tem tanto tempo que nos encontramos. Como estão as crianças?

Blá, blá, blá. A fila de pessoas não diminuía. Tudo o que eu queria era dar uma olhada em Rosie. Mandeí uma mensagem para ela mais cedo naquele dia e desejei boa sorte, o que era uma coisa idiota de se dizer, porque não era ela quem estava se casando. Ela disse que tinha algo para me contar, mas teria que esperar até mais tarde.

E era só nisso que eu pensava até a cerimônia começar numa colina com visão para o mar.

Eu estava ao lado de Vicious quando o casal feliz disse os votos, junto com Jaime e Trent, e observei Rosie do outro lado do altar, sorrindo para Emilia com o tipo de felicidade pura que eu apenas vi em crianças. Olhar para ela sem nenhuma interrupção era o meu analgésico. Ela parecia a porra de um anjo em seu vestido elegante de deusa grega com pérolas brancas. Um cisne com penas despenteadas no cabelo, amarrado para trás num coque francês bagunçado. Ela sorriu para Millie e pegou o buquê de flores de cerejeira de

suas mãos quando chegou a hora de trocar as alianças. Depois da cerimônia, andei na direção oposta para resistir ao impulso de pegá-la e beijá-la *pra* cacete até que seus lábios estivessem feridos e inchados. Em vez disso, peguei o celular e comecei a digitar uma mensagem para ela, sabendo que não iria ver nenhuma mensagem tão cedo. E vamos apenas dizer que eu estava me sentindo especialmente tagarela, porque não havia outro jeito de explicar as merdas que meus dedos inventaram.

Dean

Você está linda pra caralho, sabia disso?

Dean

Venha morar comigo.

Dean

Sério. Foda-se tudo e todos. Vamos fazer isso.

Dean

Querida, Srta. LeBlanc, é o seu senhorio. A respeito do reajuste de aluguel, vou aumentar em um trilhão por cento. É pegar ou largar.

Dean

Mas, sério, Bebê LeBlanc. Vamos fazer isso, porra.

Lá se foi deixar claro que ela soubesse que eu estava sóbrio. Eu parecia um bêbado idiota.

Depois da cerimônia, veio o jantar. A disposição dos lugares dizia que Rosie e eu estávamos sentados em pontas opostas da mesa – foda-se isto e foda-se a minha vida – e mesmo que ela provavelmente já tivesse olhado seu celular, ainda não me respondeu. Tudo bem. Eu era paciente. Ela tinha tempo.

Na verdade, nada disso era verdade.

Eu não era paciente e, sobretudo, *ela* não tinha tempo.

Trent se levantou para trocar a fralda de Luna e meu pai escorregou para o lugar dele num segundo e abraçou meu ombro.

— Linda cerimônia — comentou.

Dei de ombros.

— Claro.

— Você está se divertindo, filho?

Divertindo era uma palavra forte. Eu estava tolerando este evento até ser a hora de ir para casa e me deleitar com a minha sobremesa. A boceta da minha namorada.

Enfiando as mãos nos bolsos, recostei-me.

— A comida é boa.

— E percebi que você não tocou em álcool. Que bom.

— Foi uma ideia incrível de Rosie. Parece que até agora está dando certo. Em grande parte, de qualquer modo. — Voltei ao momento em que atendi a ligação de Nina acidentalmente. — É melhor assim. A novidade de beber excessivamente passa por volta dos trinta.

— Ela é o motivo de você estar na casa de Vicious? — Papai sorriu, levantando uma sobrancelha.

Eu disse aos meus pais que queria ficar na mansão dos Spencer na minha primeira noite em Todos Santos para poder apoiar meu amigo, mas essa merda era tão convincente quanto uma prostituta virgem. Nunca fiz nada por ninguém a menos que quisesse. Principalmente por Vicious. Então, todo mundo presumia que eu tinha motivos ocultos.

— Talvez. — Umedeci os lábios, meu olhar procurava a bunda empinada dela e o coque francês em meio ao mar de senhoras extravagantes. Eu não nos anunciei como um casal. Não ainda. Não tinha certeza de quando e se Rosie contaria à irmã, e mesmo que eu quisesse pegar o microfone e anunciar para todo mundo, tinha que ser cuidadoso com os sentimentos dela. Só que ela estava louca se achava que eu a pouparia por muito mais tempo.

— Por quê? — Perguntei ao meu pai.

— Você namorava a irmã dela, certo?

— Durante o último ano. Por nove meses. — Dei um gole na minha água e lancei o braço nas costas da cadeira dele — Está mais do que superado. Para nós dois.

— Evidentemente. — Papai gesticulou com o queixo para o casal feliz, no momento em que Vicious pagou a noiva e deu um beijo nela, com a língua atacando sua boca, no que começou lento e sedutor e logo mudou para o tipo de merda que era necessário fazer a portas fechadas. Jaime estava lá para bater nas costas de Vicious e lembrá-lo de que duzentos pares de olhos estavam vendo.

— Nina andou me ligando recentemente. Mais do que o normal — contei ao

meu pai. Ele era o único com quem eu falava sobre Nina. Mamãe era parcial, protetora demais comigo, e todos os meus amigos ... bem, não sabiam de nada.

Papai franziu os lábios, fazendo uma carranca.

— Por que não lhe dar o que ela quer?

— Você está falando de rios de dinheiro e me dar a pior enxaqueca da história das dores de cabeça? Ela quer seiscentos mil.

Momento de silêncio.

— Você quer vê-lo?

Eli Cole era advogado. Um advogado de família para ser exato. Casos como o meu caíam em sua mesa todo santo dia. Pessoas como Nina o arrastavam para dentro e para fora do tribunal como uma porta giratória, então, ele sabia exatamente como as coisas poderiam ficar confusas para mim.

Eu fiz um *tsc-tsc*, meus olhos ainda flutuavam pela multidão, procurando pela pessoa que eu queria ver o tempo todo.

— Não. Sim. Sei lá. Qual o sentido, sabe? Ele é parte de mim. Não é exclusivo dela. Entretanto... Por que reabrir uma ferida fechada? Acho que estamos melhores sem isso. — Juntei as sobrancelhas. — Eu realmente não deveria ter porra nenhuma a ver com ele no meu estado atual.

— Você está mal? — Papai pareceu nervoso em sua pergunta. Pensei um pouco nela.

— Não necessariamente. Só acho que nem todo mundo serve para ser pai como você.

Papai assentiu.

— Qualquer que seja a sua decisão — disse ele com cautela —, apenas lembre que sua mãe e eu te apoiaremos.

— Obrigado, pai — falei.

Trent voltou com Luna nos braços e eu passei o resto da noite fazendo-a rir.



Eu me esgueirei para a cama de Rosie por volta da meia-noite. Nosso voo sairia na manhã seguinte, mas passar a noite separados não era uma

opção. Ela dormia profundamente, depois de toda a agitação ao redor de Millie o dia inteiro, sendo a madrinha perfeita, e até correu para uma *Target* do outro lado da cidade para comprar chinelos para Millie (os mesmos pelos quais Rosie suplicava) porque ela tinha medo que os pés da irmã ficassem com bolhas.

A Bebê LeBlanc parecia em paz, enfiada debaixo de um cobertor com a boca ligeiramente aberta. Seus olhos se agitaram, me dizendo que ela estava sonhando. Seus dois inaladores, tubos cor de laranja com pílulas e um colete estranho estavam largados na mesa de cabeceira. Isso me dizia que ela desmaiou antes de ter a chance de se preparar para dormir. Deslizei para o espaço ao lado dela e a abracei por trás, apertando-a perto do meu peito. Ela ainda cheirava a suor e álcool, e eu não consegui evitar uma risada. Ela nem tomou banho quando voltou para casa. Minha pequena selvagem.

— Dean — murmurou dormindo, e eu fiquei duro. Soou mais como um gemido, mas talvez eu estivesse ouvindo o que queria ouvir. Não tivemos tempo para conversar durante o dia todo e eu senti falta dela como se fosse a porra de um pulmão. *Pulmões*. Os pulmões dela falhavam todos os dias e nós os passávamos quase sempre separados. Eu não tinha certeza de por quanto mais tempo conseguiria viver sem vê-la regularmente, todos os dias, pelo menos algumas horas por dia. Não podíamos voltar para o que éramos. Para encontros ocasionais no elevador, reajustes falsos de aluguel e provocações leves e sem sentido que não levavam a lugar algum.

— Dean — falou de novo, sua bunda balançando na minha virilha, implorando por contato. Tomei fôlego e pressionei meu pau entre suas nádegas, cobertas por nada além de um short de pijama fino. Rocei em sua abertura e soltei um gemido. Desta vez, não iria montar nela sem um preservativo. Só que ela pedia por mim, então, com toda certeza daria o que ela queria.

— Mmmm — gemeu de prazer em seu sono, abrindo um pouco as coxas para me conceder um acesso melhor. Ela gostou, por isso, considereei como um sinal para tirar seu short e meter a ponta do meu pau na fresta da sua bunda quente. *Caralho*. Esta garota... Segurei um de seus seios e enrolei o mamilo entre meu polegar e o indicador, beliscando.

— Sentiu minha falta, amor? — Murmurei em seu pescoço, sem esperar de verdade que ela respondesse.

— Sim — falou arrastado, meio embriagada, ainda letárgica. — Contei a

Millie sobre nós. — A bunda dela pressionou ainda mais meu membro e agora a metade do meu pau pulsava no meio de suas nádegas. — Ela está feliz por mim.

Put. Merda. Do. Caralho.

Eu quis pegá-la, rodá-la e comê-la, o que estava fora de questão, porque não só Rosie estava dormindo, como toda sua família roncava também. Ouvi a serenata de roncos a caminho do quarto dela.

Este não era o tipo de conversa que teria com uma garota adormecida, então, enfiei a mão no short dela e comecei a esfregar seu clitóris em círculos, abraçando-a por trás e sentindo meu pau pular e se mexer entre suas nádegas. Eu queria deslizar para dentro daquele buraco. Demais. Porém, anal era definitivamente uma daquelas coisas necessárias de se conversar antes de fazer.

— Goze nos meu dedos, Bebê LeBlanc. — Enfiei um, dois, três dedos na boceta dela e me delicieei com os barulhos deles sendo sugados conforme colocava e tirava, primeiro devagar, depois, mais rápido quando seus quadris começaram loucamente a ir atrás da minha mão. Encostando meus lábios na concha da orelha dela, sussurrei — Goze, Sirius. Eu te amo.

O orgasmo dela explodiu nos meus dedos e ela gritou, abrindo os lábios de desejo. Tive que enfiar meu antebraço em sua boca para abafar o grito. Aparentemente, Rosie gostou tanto de ser dedada que rolou e se sentou em cima de mim, me montando no escuro antes de eu ter a chance de reagir.

Ainda não tinha certeza se ela estava dormindo ou acordada. Parecia estar em algum lugar no meio dos dois. Seus olhos estavam vidrados, os lábios vermelhos, abertos e convidativos, enquanto ela roçava em mim com sua boceta descoberta no meu pau nu.

Eu queria fodê-la desesperadamente, mas ainda não tínhamos conversado sobre uma coisinha. (E não, não era sobre o fato de eu estar apaixonado pela sua bunda audaciosa. Ela não tomou conhecimento nem ouviu, provavelmente, e isso nem era novidade para mim. Sempre soube que a amava. Muito antes de admitir para mim mesmo).

— Você toma pílula? — Perguntei. Se não, eu iria ter que correr bem rápido até o outro lado do corredor e pegar um preservativo. Nem estava certo se tinha algum. Sempre mantinha um na carteira, mas não fora substituído desde aquela vez na nossa primeira noite em Todos Santos. Embora eu não tivesse problema nenhum em me esgueirar para dentro do quarto de Vicious e Millie

(sim, na noite de núpcias deles) e roubar suas camisinhas enquanto estivessem lá. Mesmo que eles estivessem nus e fodendo. Era nesse nível que eu queria Rosie.

— Nada de pílulas — murmurou ela, seu corpo inclinado para trás, me dando uma surra enquanto ela empurrava meu pau para dentro da sua boceta. *Caraaaaalho.*

— Bebê... — Segurei o braço dela, beijei seu pulso, a sua palma e as pontas dos seus dedos um milhão de vezes. — Você está meio dormindo. E eu sou meio que um canalha por entrar aqui e te dedar enquanto você está praticamente inconsciente. Precisamos de uma camisinha. Deixa eu pegar uma bem rapidinho, tá bom?

Mas ela continuou a se mexer, montando em mim como uma louca e, embora eu soubesse que era uma péssima ideia, meu pau assumiu o comando e se entusiasmou, me dizendo para foder com as consequências. Toda vez que ela desceu no meu pau e se fechou em volta dele, eu quis colá-la na cama e falar para esperar um minuto. Eu até pensei em virá-la, subindo e fodendo sua boca com meu pau para fazer aquilo parar.

Tentei argumentar com a minha lógica quando me vi desarmado embaixo dela, incapaz de negar o que ela queria, mesmo que fosse louco e perigoso. Fiquei traumatizado com Nina, mas Rosie não era ela. Mesmo que engravidasse, não seria nada de mais, certo? Luna era fofa. Mesmo Trent tendo me feito trocar sua fralda de cocô hoje. E talvez eu pudesse ser um bom pai algum dia. Só não tinha certeza se daqui a nove meses seria uma boa data.

— Não precisa, não precisa — resmungou Rosie, se recuperando. Ela ainda estava meio sonolenta. Para uma garota exausta, ela fez um trabalho excelente me montando. Meu saco se comprimiu e eu senti a adrenalina familiar na minha espinha. Estava prestes a gozar. Eu ia gozar e Rosie não tomava pílula.

Ei, babaca, você também é um idiota, sabia disso?

— Bebê... — gemi, mas era inútil. Não iria pará-la, mesmo que a realidade do que aconteceria depois fosse me destruir.

— Dean — gemeu. — Goze.

E eu gozei.

Gozei dentro dela, duas vezes agora, sem proteção.

Ela desabou no meu peito depois do ato, esfregando o nariz no meu pescoço, com meu pau ainda dentro dela. Senti meu gozo quente pingar entre nós dois,

grudando na minha barriga, e senti o peso das minhas ações. Era um milhão de vezes mais pesado do que a mulher em cima de mim.

— Eu gozei dentro — sussurrei, para mim mais do que para ela.

Encostando os lábios no meu pescoço, ela disse:

— Não posso ter filhos.

E adormeceu em cima de mim.

Caralho.

CAPÍTULO DEZENOVE

Rosie



O que te faz sentir vivo?

O amor. Quando é intenso e privado. Bruto e delicioso. Mas ele também me lembra de que um dia, em breve, tudo terminará para mim.

Passamos o voo de volta para casa de mãos dadas e nos beijando. Acordar ao lado dele foi como um sonho. Entretanto, a ironia não me escapou, tudo no nosso relacionamento estava afundado em sátira. Dean foi muito imprudente entrando no meu quarto e me dedando enquanto eu dormia, mas eu logo retribuí. Lembrei-me de montar nele, preguiçosa e lentamente, meu clitóris esfregando em seu tanquinho. Peguei o que precisava, depois voltei a dormir. Eu estava tão cansada (minhas pernas estavam doloridas, meus pulmões precisavam de um tempo da vida e a minha cabeça ainda latejava por causa da música e daquele barulho todo) que margeava entre inconsciente e consciente sobre o que estava ao meu redor.

No avião, contei a Dean sobre a minha conversa com Millie, pulando a parte onde ele me chamou para morarmos juntos por mensagem de texto ontem. Não que eu não quisesse. Porque eu queria. Mas por enquanto, só queria desfrutar *dele*. Não iria cometer os mesmos erros que cometi com Darren. Não iria me jogar em compromissos e, embora soubesse que Darren e Dean

não eram nada parecidos (para começar, meus sentimentos por Dean me levavam direto para os braços da insanidade, e essa vadia sabia como te prender a ela), desta vez eu não iria ferrar com tudo.

Não seria bonito. Na verdade, a vida comigo seria feia e eu nem tinha certeza se ele estava disposto a permanecer a caminhada inteira. Além disso, eu ainda tinha que contar a ele sobre a minha condição. Sobre a minha incapacidade de ter filhos. Sobre a realidade que me esperava, uma realidade que só iria piorar, e em que isso implicava. Os remédios. Os coletes. As massagens. As sacolas que eu carregava para onde fosse. As deficiências inevitáveis quando meus sistemas parassem um por um. Tudo.

E Dean tinha seus próprios segredos. Eu também sabia disso.

Quem o esperava no Alabama, e quem era a garota com quem ele falava no telefone no dia em que invadiu meu apartamento para me convencer a ir a Todos Santos? Não havia sentido tocar no assunto. Ele tinha que vir a mim por vontade própria e me contar tudo, assim como eu tinha que reunir a coragem para entrar no assunto sobre a minha saúde e os meus problemas.

Neste momento, eu não queria que fosse complicado.

Neste momento, eu queria *viver*.

— Aliás, Millie está grávida. — Encostei os lábios em seu pescoço e chupei de leve quando a mesma comissária de voo que nos atendeu na viagem a San Diego uma semana atrás passou pela gente e me lançou um olhar estranho. Da última vez, nós parecíamos prestes a nos matar. Agora, eu estava a três segundos de me juntar ao clube de milhas na frente de uma dúzia de viajantes adormecidos de primeira classe.

Dean movimentou a cabeça e analisou meu rosto. Ele pareceu ligeiramente atormentado com a notícia, e eu fiz uma careta.

— Deus, Dean, não me diga que você não gosta de crianças — brinquei. Ele pegou a minha mão, encostando os nós dos meus dedos em seus lábios. Sua expressão era tão firme que pensei que as rugas entre suas sobrancelhas fossem dividir seu rosto em dois.

— Como você se sente com isso? — Ele ignorou minha afirmação. *Espere, será que ele não gosta mesmo de crianças?* Eu desconfiava que fosse um assunto delicado para ele tanto quanto era para mim.

Olhei para baixo, sorrindo.

— Estou mais feliz que qualquer outra pessoa. — Mordi meu lábio inferior.

— Vou gastar cada centavo que tiver comprando todos aqueles brinquedos de

bebê em Nova York, vou aprender como tricotar.

— Ai, porra. Continue. — Ele serpenteou uma mão entre as minhas coxas e se inclinou para frente para morder meu lóbulo. — Conte mais sobre tricotar. Seu papo safado está com tudo hoje.

Dei um soco em seu peito, ainda admirada pelo fato de que estava dormindo com este homem lindo. Sempre namorei caras bonitos, mas Dean estava em outro patamar.

— Estou falando sério. Mal posso esperar para ser tia. Você acha que é menino ou menina?

De novo aqueles olhos tristes e pensativos que vinham do nada. Será que ele escondia algo de mim? Será que era a mesma coisa que eu escondia *dele*?

— Menino — respondeu, beijando meu pescoço. — Você?

— Menina. — Esfreguei meu nariz no dele, dando um beijo de esquimó.

Quando voltamos para o prédio onde morávamos, ele me levou até a minha porta, puxando as nossas malas, e quando eu ia me virar e fechar a porta do meu apartamento (porque não havia possibilidade nenhuma de dormirmos juntos, eu estava cansada demais para tomar banho depois do casamento e já fazia 24 horas desde que o meu corpo e o sabonete tiveram um encontro gostoso), ele enfiou a mão e me impediu de fechá-la.

— Acho que precisamos estabelecer algumas regras. — Sua voz era profissional.

Abri uma fresta da porta, espiando timidamente.

— Acha? — Sorri.

— Pode apostar. Regra número um: Tenho o direito de usar a minha chave para entrar na sua casa e vice-versa. — Ele enfiou a mão no bolso e apresentou uma chave, a qual colocou na minha mão, fechando meus dedos sobre ela. — Regra número dois: seus dias de namoro acabaram. Você é minha agora.

— Você também é meu? — Arqueei uma sobrancelha.

— Sempre fui, Bebê LeBlanc. Este pau era só um aluguel que agora está sendo usado pela sua dona legítima. — Ele continuou. — Regra número três: chega de segredos. Se alguma coisa nos incomodar — seu tom de voz ficou um pouco mais sombrio —, conversaremos sobre isso. Nós tratamos da porra do assunto. E não nos esquivaremos das merdas ruins, porque eu *sei* que haverá algumas merdas ruins pelo caminho, e, ainda assim, estarei nisso de cabeça. Entendeu?

— Parece justo. — Assenti, prestes a fechar a porta de novo. Eu estava cansada de verdade. E embora feliz, também precisava de um banho e limpar minhas vias respiratórias depois do voo.

— E querida? — Ele olhou por sobre o ombro, apertando o botão do elevador.

— Sim, Sr. Mandão?

— Parabéns, você tem um novo namorado.

— Você não é o meu namorado.

— Seu status do *Facebook* diz o contrário.

— O quê?!

Ding. Ele entrou no elevador com um sorriso astuto no rosto enquanto a porta fechava.

— Curta a porra da publicação, Rosie. Adeus.



Dean

Eu tinha um cara da tecnologia com muito tempo livre (e provavelmente um desperdício de esperma) nas mãos que fez as coisas acontecerem. Foi assim que Dean Cole e Rosie LeBlanc entraram num relacionamento no *Facebook*, mesmo não sendo amigos dois dias atrás. Eu queria me certificar de que Rosie sabia que isso não era outro casinho prolongado e que da próxima vez que alguém do nosso grupo subisse ao altar, seríamos nós, e seríamos *nós* em todos os sentidos. Ela estaria de chinelos e eu a cansaria até que tivessem que remover meu pau do seu corpo cirurgicamente.

Como foi descobrir que a minha ex-namorada teria um bebê? Foi como ter mil facas no meu estômago, mas não porque ela engravidou do cara com quem cresci.

Não posso ter filhos.

Sempre que pensava no jeito que ela sussurrou isso no meu ouvido, sentia como se tivesse virado uma garrafa inteira de *whiskey*. Era injusto. Injusto que a porra da Nina pudesse ter um filho, mas Rosie não. Rosie era a

definição de instinto materno. Ela tinha compaixão suficiente para cinco pessoas. Como ela conseguia ser voluntária num hospital infantil? Como se eu soubesse... mas entendi por que Millie não quis contar a Rosie sobre isso até que fosse a hora certa.

— Sr. Cole. — Sue entrou no meu escritório, acenando. Era terça-feira, mas Sue parecia uma manhã de segunda. Estava vestida de preto da cabeça aos pés e exibia um sorriso congelado de uma boneca de porcelana barata. — Como o senhor está hoje? Como foi o casamento do Sr. Spencer?

— Estou ótimo, o casamento foi memorável e não estou no clima de conversa fiada, então, vamos ao que interessa. — Eu rodava uma bola de tênis na mão e a observava da minha cadeira executiva. Depois de toda a merda que aconteceu, a melhor parte foi que Rosie finalmente se deu conta de que Millie não estava nem aí para nós dois. Fiquei aliviado quando a Bebê LeBlanc me contou que sua irmã estava tranquila quanto a nós. Não porque eu me importava com o que Millie pensava. Mas porque *ela* sim.

Eu achava que Millie iria adverti-la sobre meus modos de homem galinha. Não que eu fosse galinha. Eu era apenas... *um homem*. Que merda eu deveria fazer? Sentar e esperar que Rosie se desse conta de que sempre fomos nós?

— Preciso que ligue para todas as floriculturas neste bairro e mande todas as rosas que tiverem, não importa a cor, para o *The Black Hole*, na Broadway. Endereçadas a Rosie LeBlanc — disse para Sue. Seus olhos saltaram do *iPad* pela primeira vez desde que entrou na minha sala e me miraram como se eu fosse um alvo.

A ideia de fazer isso eu mesmo passou pela minha cabeça por exatamente um segundo. Ligar para estas floriculturas, ou pedir à nossa recepcionista temporária para fazer isso, não era exatamente um bicho de sete cabeças. Entretanto, percebi que havia uma linha tênue entre ser atencioso e uma boceta, e para o diabo que eu iria saltar para o lado infeliz apenas para satisfazer a minha assistente. Sue ainda trabalhava para mim. Eu tinha três acordos esperando em minha mesa, com e-mails sem resposta e quatro ligações de negócios que precisavam ser organizados. Não iria poupar seus sentimentos e me afundar em mais trabalho. Ao mesmo tempo, isso tinha que ser feito.

— Ahn? — Perguntou ela, enfiando o *iPad* sob o braço fazendo beicinho. — Alguma mensagem para acompanhar? — E se olhos falassem, eu seria inundado por uma *mensagem* cheia de ameaças profanas e danos físicos.

Falei para Sue o que os cartões deveriam dizer (no plural, um para cada buquê) e embora não mencionasse meu nome, não tinha dúvidas de que Rosie saberia quem estava por trás do gesto. Era melhor saber. Fiz uma anotação mental para perguntar a ela se o Dr. Cara de Cu ainda mantinha contato. Se sim, precisava fazer uma visita a ele, garantir que ele entendesse que eu assumiria daqui.

Sue deslizou o dedo sobre o *iPad*, finalmente tomando as providências necessárias conforme pedi, antes de levantar o olhar de volta para mim.

— Todas as rosas do bairro?

— Todas as rosas em Manhattan — emendei.

— Isso pode te custar um bom dinheiro.

— Eu tenho uma linda conta bancária, Sue — sorri para ela arrogantemente.

— Posso pagar por esta porra. Algo mais?

— Na verdade, sim. Posso te fazer uma pergunta, Sr. Cole?

De novo com o “Sr. Cole”. Esta garota não deixaria isso para lá. Esfreguei a mão no queixo e me recostei.

— Vá em frente.

— O que a Srta. LeBlanc tem que o resto da população humana não tem? — Indagou ela, querendo dizer que nunca mandei flores a ninguém, muito menos uma quantidade que poderia potencialmente encher uma floresta inteira. Sorri, porque a resposta era simples *pra* caralho e complicada *pra* caralho, ao mesmo tempo.

— Meu coração, Sue — declarei. — Ela tem o meu coração.

CAPÍTULO VINTE

Rosie



O que te faz sentir vivo?

Preliminares verbais.

A perseguição.

A caça.

Mas, principalmente... a parte onde eu me rendo.

Rosie

Deixa eu adivinhar: você transou com a Sue.

Dean

Acho que será mais fácil se eu te der uma lista das mulheres com quem não transei em Manhattan do que o contrário.

Rosie

Lembre-me de por que vou transar com você outra vez?

Dean

Porque nenhum outro homem sabe que para te dar um orgasmo de tremer a terra, você quer que puxe seu mamilo no mesmo exato momento em que belisco seu clitóris. Porque você gosta de mim, talvez

até me ame, embora eu esteja disposto a esperar até que admita isso para si mesma. Devo continuar?

Rosie
Por Deus, Dean.

Dean
Deus e Dean são sinônimos. Economize bateria. Escolha só um da próxima vez que me mandar uma mensagem. O que quer jantar?

Rosie
Fiz planos com Elle.

Dean
Não é o meu prato preferido, mas não vou mudar seus planos. Ele pode se juntar a nós. Vou reservar um lugar na Taverna Red Hill às 20h.

Isso foi *antes* de ele me mandar flores.

Embora, para ser completamente honesta, chamar o que ele fez de me mandar flores era como chamar o Oceano Pacífico de pocinha. Havia mil, talvez mais, rosas de todas as cores chegando aos montes. Vans estacionavam em fila dupla em frente ao Café e, sinceramente, eu estava começando a ficar um pouco irritada com a quantidade de gorjetas que tive que dar aos entregadores.

— Se eu derreter mais um pouco por causa do seu namorado, darei à luz um ovário horrível aqui e agora — ameaçou Elle, arrancando cartão após cartão das dezenas de rosas vermelhas e brancas que enchiam o Café com o cheiro atraente de frescor e de natureza. Todas elas traziam apenas uma palavra e diziam a mesma coisa:

Minha.

Minha.

Minha.

Minha.

Minha.

Um harém de clientes se perguntava vocalmente qual era a ocasião e, quando

Elle respondeu, elas me imploraram uma foto do meu namorado. Depois de lhes mostrar a foto do perfil do *Facebook* dele, em que está fumando com as pernas cruzadas em sua mesa no escritório com um terno alinhado preto e branco, elas me disseram que se eu não casasse com ele dentro de um ano, seria uma completa idiota, porque obviamente o homem era perfeito.

Tendi a concordar.

Millie e eu passamos a noite anterior conversando pelo telefone por três horas. Ela estava na lua de mel nas Maldivas tomando coquetéis sem álcool, de maiô, mas ainda encontrou tempo para me animar. Mamãe e papai não fizeram nenhum esforço para consertar as coisas comigo e eu tampouco os procurei, não até eles desistirem da ideia idiota de me fazer mudar de volta para Todos Santos, mas amei ouvir sobre os desejos de Millie e como seu ventre estava duro e inchado. Ou como ela pegou Vicious quase chorando na consulta da ultrassonografia que tiveram, mesmo ele dizendo que tinha um cisco no olho.

Molengão.

Depois eu contei a ela o quanto eu gostava de Dean, confessando que meu amor por ele tinha mais de uma década. Ela chorou quando ouviu o quanto meu coração doía quando eu os via juntos, mas acho que foram os hormônios porque ela também chorou quando dei um pequeno spoiler sobre o próximo episódio de *Keeping Up With the Kardashians*. Ela me contou que Vicious disse que o interesse de Dean por mim era verdadeiro e sincero, e eu não quis contar a ela que já sabia disso, porque seu ex-namorado e eu compartilhamos mais do que apenas uma conversa fiada quando eles estavam juntos. Coisas que não incluíam palavras. Ou toques. Coisas que torturavam e nos provocavam ao ponto de deixarmos loucos um ao outro.

Depois, ela mencionou que Dean teve um caso com Sue e eu simplesmente tive que meter meu nariz no assunto.

Quando Dean me anunciou como sua namorada no *Facebook* (como diabos ele fez isso, eu ainda precisava descobrir), fez de coração. Ele não passaria por todo esse aborrecimento para me enganar com outras pessoas pelas minhas costas.

Balancei a cabeça e voltei ao Planeta Terra, pegando uma caneca fumegante da lavadora de louças debaixo do balcão e secando-a.

— O intrometido do Dean se convidou para o nosso jantar desta noite — contei a Elle e ela sorriu tão largamente que foi contagioso. Ou pelo menos

foi disso que me convenci quando minhas bochechas doeram de tanto sorrir.
— Você acha que a bunda sexy e vaidosa dele vai se empanturrar de pizza com a gente? — Perguntou ela. Ele desistiu da dieta desde que a padaria no fim da rua reabriu. Balancei a cabeça.
— Ele vai fazer uma reserva no *The Red Hill Tavern*.
— Esse lugar é insano de tão caro!
— Eu não acho que ele espera que a gente pague.
— Eu acho que ele espera que você pague com favores sexuais.
Eu não quis dizer nada, mas lá no fundo, já estava pronta esperando pela conta.



A boa notícia: o HotHole estava encantando Elle.
A má notícia: ele também me surpreendeu no processo.
Eu os observei calada, enrolando o macarrão com os camarões no meu garfo enquanto Elle dava gritos altos repetidas vezes quando Dean dizia algo engraçado ou lhe fazia uma pergunta, ou era simplesmente carismático e envolvente como de costume.
Nunca estive no *The Red Hill Tavern* antes, sobretudo porque não podia pagar, mas mesmo que pudesse, quem tinha tempo para reservar um local com três meses de antecedência? Principalmente porque as complicações de saúde colocavam constantemente um amortecedor nos meus planos. Nunca sabia quando teria que fechar a porta e me esconder do mundo ou me sentar na cama com um colete gigante por horas a fio, esperando meus pulmões pegarem leve com o resto dos meus órgãos.
O *The Red Hill Tavern* era adorável. Fiquei feliz por termos ido lá. A comida era ótima, mas a companhia? Essa, sim, valia a pena.
Luzes amarelas giravam de lustres em forma de lágrima; carvalho velho e clássicas toalhas de mesa xadrez vermelho e branco e velas verdadeiras e bem utilizadas brilhavam por toda parte.
Pensei na felicidade que Dean tinha na palma das mãos. A felicidade que ele me oferecera tão generosamente, porém, aceitá-la era perigoso, porque isso o colocava atrás do volante do veículo chamado vida.

Ele parecia um motorista irresponsável. Por outro lado, desde que começamos isto, ele não fora nada além de forte e resiliente. Uma pedra em que me apoiava quando as coisas em casa desabavam.

Quem teria imaginado? Dean ‘Ruckus’ Cole, Mulherengo Em Excesso.

— Então... Você trabalha com um monte de milionários? — Ronronou Elle, seus lábios brilhavam com uma camada extra de batom e óleo de oliva da comida deliciosa que devoramos.

— Querida — ele riu dissimuladamente, comendo uma garfada de seu filé mignon —, eu só trabalho com bilionários.

— Você acha que consegue me arranjar um?

— Tem certeza? Geralmente, eles não se parecem com suas contas bancárias.

— Mas eles têm filhos, certo? — Perguntou Elle.

— Têm. — Dean sorriu. — Gosto do jeito que pensa.

Neste exato momento, o telefone dele vibrou.

— Desculpe, tenho que atender. — Ele franziu a testa para o seu celular e se levantou, nos deixando para admirar suas costas largas e sua bunda mágica em seu terno cor de carvão sob medida. Elle bateu palmas duas vezes quando ele estava a certa distância, indo em direção à porta que dava para o lado de fora. Ela me segurou pelos ombros.

— Rosie, este homem! — Exclamou ela. — Diga que ele é péssimo na cama para eu poder manter minha lealdade à sua amizade.

Perfeito nem começava a descrever o que ele era debaixo dos lençóis, porém, eu definitivamente precisava de um repeteco para lembrar a mim mesma por que eu estava colocando meu coração em jogo deste jeito, sabendo que alguém como ele nunca sossegaria com alguém como eu por muito tempo.

— *Certifique-se de que Dean saiba antes de vocês avançarem com isso — disse-me mamãe quando dei a notícia sobre morarmos juntos. — Você não vai querer que ele sinta como se estivesse sendo enganado por uma mulher que não pode ter filhos.*

— Cara. — Balancei a cabeça, tentando silenciar as palavras de mamãe. — Nem pense nisso. Não se fazem mais desses.

— Continue nesse ritmo e aposto qualquer valor que você será vítima de um crime passional. — Elle espetou o ravioli com o garfo e o levou à sua boca aberta. — Alguém poderia te matar. Provavelmente outra vadia ciumenta. Talvez a assistente? Quero dizer, nenhuma mulher deveria ser a dona orgulhosa de um homem como Dean.

— Ele não é uma propriedade. — Revirei os olhos, mastigando um pedaço de pão.

— Não, mas é um produto sexy. — Elle beliscou os lábios antes de rirmos juntas. Ela perguntou como estava Trent (ficou decepcionada por não conhecê-lo antes do casamento), entretanto, Dean voltou para a mesa. Ele não parecia mais a fim de brincadeiras, divertido e descontraído. Pelo contrário, parecia que tinha visto um fantasma. Enfiando o celular no bolso de trás, disse:

— Já paguei a conta. Estão prontas para irmos?

Eu não precisava estar tão perto dele para sabe que andou bebendo. O simples cheiro de álcool puro em seu hálito entregava. Ele penetrou nas minhas narinas com o frescor reservado a um espírito pesado. Eu quis arrancar a sua cabeça, mas não poderia fazer isso na frente de Elle e, talvez, nunca. Ele parecia perturbado de um jeito que me deixava fisicamente desconfortável.

Elle e eu trocamos olhares confusos, nossos pratos comidos pela metade ainda estavam na mesa esperando para serem apreciados. Minha amiga abriu a boca e eu tive a sensação de que ela iria perguntar se poderíamos ficar para a sobremesa. Definitivamente não. Ele precisava sair daqui e eu queria poupá-lo da justificativa.

— Sim, estou bem cansada e está ficando frio. — Eu não estava com frio, porém, Elle e todos que me cercavam sempre ficavam preocupados que eu pudesse pegar um resfriado. — Deixa eu ir ao banheiro rapidinho antes. A minha bexiga não quer ser amiga do vinho da casa.

Quinze minutos depois, estávamos dentro de um táxi a caminho de casa. Dean chamou um táxi primeiro para Elle (e pagou) e, mais uma vez, encontrei com seus olhos furiosos, aqueles que exigiam que eu o acorrentasse em um porão e o convencesse a se casar comigo.

Quando estávamos no táxi, virei para Dean para perguntar o que aconteceu.

Um olhar dele e eu me dei conta de que era uma má ideia.

— Quer fazer alguma coisa? — Preferi perguntar. — Ainda é cedo.

— Depende. Você vai me dar alguma merda para beber? Porque eu vou beber. Muito.

Pensei nisso por um segundo. Ele não bebeu durante toda a semana quando estávamos juntos, incluindo no casamento e em Vegas, dois eventos que praticamente pediam por isso. Se eu lhe dissesse que não queria ficar, ele

levaria para o outro lado. Como se eu só o quisesse nas minhas condições. O que estava longe da verdade. A verdade era que eu ficaria com ele de qualquer jeito que conseguisse tê-lo e era importante para mim apoiá-lo para provar isso.

— Não — falei. — Pode beber.

— Então, sim, fique. Preciso de você esta noite.

E eu precisei dele a semana toda.

Ele estava lá por mim.

Eu estava lá por ele.

Uma coisa era certa: quando um de nós caía, o outro caía junto, sem perguntar nada.



Cinco dedos de conhaque e Dean nem permitiu que a bebida cara fizesse cócegas em suas papilas gustativas antes de jogar a cabeça para trás e terminar o cálice de um só gole. Ele apoiou o quadril no bar e puxou o cabelo, encarando a janela de parede inteira com vista para Manhattan. Esta cidade era poderosa. Assim como ele. O problema era que desde a primeira vez quando nos conhecemos, na verdade desde que éramos adolescentes, eu não o via como o homem grandioso e bem-sucedido que ele era. Eu via um menino perdido, e este menino? Eu não tinha certeza se muitas pessoas conseguiriam chegar a ele.

— Quer conversar? — Meus dedos dançavam em sua mobília enquanto eu ia em sua direção, memorizando cada curva da madeira escura e do tecido peluciado dos assentos. Esta garota, a chata que ficava perguntando o que havia de errado, ela não era eu. Mas me importar com Dean era eu. E eu desconfiava de que sua mudança repentina tinha algo a ver com esta mulher chamada Nina. As ligações misteriosas tinham um propósito, disso eu tinha certeza, mas eram uma ferida aberta. A última coisa que eu queria fazer era abri-la ainda mais e vê-lo sangrar.

Verdades podiam ser desconfortáveis. Era por isso que as pessoas frequentemente iam atrás delas. Na maioria das vezes, não eram para todos verem. E era por isso que Dean não sabia por que eu não podia me tornar

enfermeira. Por que ele não fazia ideia de que eu não podia ter filhos. Meu namorado balançou a cabeça. Sem nenhum pingo de emoção em sua voz, pediu:

— Vem aqui.

Percorri a distância até ele e envolvi meus braços em seu pescoço, olhando em seus olhos. Havia desobediência em minhas pupilas. Ele precisava de uma distração do que quer que o incomodasse o bastante a ponto de deixá-lo louco e fazê-lo beber e fumar até a morte.

Dean tinha um problema. Ele sabia disso. Eu sabia disso.

Ele tinha um problema e este problema o empurrava direto para os braços dos seus vícios. Ele precisava fisicamente do álcool e da erva para esquecer o que quer que o estivesse incomodando. Eu quis arriscar, estava desesperada para cavar mais fundo nos lugares escuros de sua alma e tirar todos os segredos, limpando a bagunça, mas não podia. Isso me matava, só que eu tinha que apoiá-lo, da maneira que ele quisesse.

— Você é linda — resmungou ele, passando um dedo na linha do meu maxilar com a mão que não segurava o licor.

— Você está bêbado — falei impassível, rindo nervosamente.

— Verdade. — Seus olhos predadores brincavam com meu corpo de um jeito que nenhum outro homem poderia fazer com as mãos. — E você ainda era linda quando eu estava sóbrio e ainda será linda quando eu cuidar da porra de uma ressaca do inferno amanhã de manhã. — Suas mãos deslizaram para a minha cintura e ele me segurou com força, me virando e me colocando no bar. Minha lombar encostou em suas inúmeras garrafas luxuosas e a superfície debaixo de mim fez meus ossos se arrepiarem, mesmo através da minha calça jeans skinny preta e rasgada.

Sua mão escorregou para os botões do meu jeans e ele logo o puxou até estarem no chão. Minha camiseta amarela do Sex Pistols foi jogada no sofá cinza em menos de um segundo, meus chinelos, desapareceram. Depois, Dean me deitou no bar com a palma da mão em meu peito e, quando as garrafas se enterraram nas minhas costas, ele as tirou da superfície com o braço, uma dúzia delas caiu no chão num uníssono de cores, sons e luzes.

— Jesus! — Engasguei, o barulho de vidros estilhaçando soava no ambiente como um alarme. Dean pegou a garrafa de conhaque que estava ao seu lado e tomou outro gole antes de colocar um pouco no meu umbigo e chupar dali, seus lábios quentes na minha pele fizeram minha barriga explodir de nervoso

e necessidade.

— Eu não sou uma pessoa ruim — falou arrastado, aparentemente do nada e para ninguém em particular. Seu nível de embriaguez me preocupara de verdade, mas mesmo que Dean ainda fosse um mistério, uma coisa era muito clara: Ele não queria ser cuidado nem contido. Ele queria ficar fora de controle.

Seus demônios saíram para brincar e, esta noite, eu seria sua vítima. Eu estava lá, deitada em seu altar, esperando para ser punida por algo que não fiz. Sua dor seria distribuída entre nós dois.

E eu estava contente por tirá-la, mesmo que fosse só por esta noite.

— Não, você é a melhor pessoa — murmurei quando ele ajoelhou e arrancou a *lingerie* da minha pele. Marcas vermelhas e lancinantes varriam as minhas coxas como vergões. Ele jogou o tecido enrolado por trás do ombro e mergulhou, saboreando o que estava entre as minhas pernas como se fosse a fonte da vida, roçando o dente no meu ponto quente e dolorido, me deixando louca. Ele era um zumbi faminto, banquetecendo-se com seu bocado de carne, e eu não tinha nenhuma chance contra sua escuridão.

Dean Cole não era nada como as pessoas o julgavam. Ele era o pior tipo de demônio. O que se escondia atrás de um sorriso educado, roupas elegantes e bons modos.

— Merda, Dean — ofeguei forte, saindo da realidade, dos meus sentidos, de *mim mesma*. — Você vai me matar.

— Não, Rosie. Eu vou te salvar — grunhiu, colocando os polegares no meu sexo e me abrindo ao ponto de sentir uma dor deliciosa. Depois, ele enfiou a língua dentro de mim, me fodendo impiedosamente enquanto eu segurava na beirada do bar e gritava. Por ajuda, de prazer... Não tinha certeza.

— Jesus. Ai, Deus. — Eu me balancei para a esquerda e para a direita, tentando escapar da adrenalina profunda que me atingia.

— Diga que estou fazendo o certo — rosnou, apertando a carne sensível das minhas dobras e puxando-a lentamente entre seus dentes até eu gritar de novo. Uma dor deliciosa rodopiou pelo meio das minhas pernas. Eu queria que ele fizesse isso outra vez e ele fez, antes de dizer — Eu não quero conhecê-lo, Rosie. Não consigo lidar com isso neste momento.

Sobre o que ele estava falando? Quem era *ele*? As pequenas células em funcionamento do meu cérebro inebriado pela luxúria estavam nervosas para saber. Quem era louco o bastante para magoar este homem lindo e gentil? E,

mais importante, quem tinha o poder de fazer isso?

— Está. — Minha voz tremia tanto quanto minhas pernas descontroladas enquanto eu tentava deslizar pelo bar e fugir do orgasmo violento que ameaçava dilacerar meu corpo. — Você está fazendo o certo, Dean. Seja o que for.

— Eu a odeio — disse ele, com a língua me penetrando, profundamente. Seus lábios, seus dedos, seus dentes, me devoravam completamente. Ele falava sobre outra mulher enquanto estava comigo. Isso deveria ter feito os alarmes na minha cabeça dispararem, as sirenes vermelhas girarem a 500 Km/h. Mas não fez.

Não fez porque era *ele*.

— Então, eu também a odeio — gritei, sentindo os joelhos tremerem e meu corpo ficar entorpecido quando uma onda quente de prazer me invadiu, envolvendo meu corpo. Eu uivei, um animal atacado, puxando seu cabelo, com as coxas fechando em sua cabeça até que ele teve que abri-las com seus dedos fortes. Depois, fiquei deitada por um segundo sem me mexer e observei enquanto ele desafivelava o cinto, tirando a calça antes de me pegar pelas coxas e me deslizar para cima.

— Estou com raiva. — O verde em seus olhos dançava como chamas.

— Eu sei.

— Se quiser ir embora, vá agora. Se vale de algo, acho que deveria ir.

— Vou ficar.

— Você não vai gostar do que vai ver.

— O que eu vou ver?

— Um lado meu do qual não me orgulho.

Engoli em seco, ficando boquiaberta.

— Estou dentro, não importa que parte vai me dar de você.

— Você não sabe o que está dizendo — zombou. — Eu vou te machucar.

— Que bom. — Coloquei uma mão em seu peito. — É disso que gosto em você. Você me trata como um ser humano capaz e não como uma rosa murcha.

E foi assim que tudo mudou. A escuridão sugou o pôr do sol da cidade que nos observava, vidros rangiam sob os sapatos dele, prometendo dor, seus olhos se fecharam e eu fui deixada sozinha com um estranho. *Com um selvagem.*

As luzes foram apagadas e ele me puxou para si, mas quando pensei que ele

fosse me pegar... foi quando me deixou cair. Um aglomerado de vidros transparentes debaixo de mim. Até meus ossos gemeram em protesto quando ele me pegou pelo braço e me jogou na cama, me arrastando pelo chão preto e branco. Minha pele foi cortada por ser arrastada no vidro. O tapete de veludo preto me saudou quando entramos em seu domínio, debaixo de uma cama *king-size* extragrande de um tipo que você só vê nos filmes. Eu nunca havia estado em seu quarto antes e engoli em seco quando pensei em todas as mulheres que estiveram. Todas as Kennedys. Todas as Natashas.

Todas as verdades desconfortáveis e dolorosas.

Ele soltou o meu braço e me deu um pequeno chute em direção a uma otomana perto da janela de parede inteira.

— Cotovelos — ordenou uma voz metalizada e fria que não era a dele, e eu fiquei de joelhos, colocando os cotovelos no sofá, encarando as luzes artificiais de Nova York que piscavam. Dean ficou atrás de mim, mas eu não conseguia ver o que estava fazendo. Minha bunda estava nua, porém ainda estava de sutiã. Deduzi que ele estivesse pairando em algum lugar por ali, mas não podia dizer com certeza. Não virei a cabeça para olhar. Ele queria que eu ficasse com medo. Eu queria estar com medo. Isso estava acontecendo.

— O engraçado é que — começou ele, andando atrás de mim em seu quarto e eu estremeci ao som de sua linda voz. Ouvi o ruído do líquido denso quando ele tomou outro gole de seu conhaque. — me chamavam de Ruckus e de *Coringa* no colégio. *O Bufão*. O cara engraçado. O palhaço.

E ele não era nada disso. Eu percebia isso agora, mas na época do colégio, também fazia a mesma imagem. Como não faria? Ele era muito bom em vendê-la e por um preço bem alto.

— Mas você sabe o que eu sou, Rosie? — Ele parou de se movimentar atrás de mim.

Fechei os olhos, absorvendo o cheiro masculino de seu quarto em meus pulmões desesperados e sentindo meu coração desconexo dentro do meu peito.

— Você é um Pierrô — sussurrei. — Você é um palhaço triste e solitário.

— Sempre esperta e perspicaz. — Uma pontada de sua própria voz gotejou em seu tom. Ele deu três ou quatro passos em minha direção (ouvi e contei) e, mesmo eu ainda estando quase toda nua e não conseguindo vê-lo através do reflexo do vidro impecável da janela, me senti segura.

— Você sabe por que o Pierrô é triste? — Perguntou Dean.

— Coração partido. — Engoli em seco, lutando contra as lágrimas. — Ele sofre por um amor que nunca poderá ser dele.

Eu quis me virar. Abraçá-lo. Desfazer as últimas horas que o deixaram do jeito que estava. Contudo, não fiz nada disso. Senti sua mão acariciar uma das minhas nádegas, sua respiração fazendo cócegas no espaço entre meu pescoço e o ombro.

— Fuja, Rosie — disse Dean. — Fuja antes que eu foda com tudo e nos arruíne.

— Me teste — insisti. — Me quebre. Me use. *Lute* comigo. Você perseguiu sua presa durante meses. Anos. Uma década inteira, caramba. Você vai simplesmente deixar passar?

O estalido em minha nádega me fez tombar para frente e me assustou *pra* cacete. Nunca me bateram antes. Não porque eu fosse contra. Acho que era uma das coisas que nunca tive tempo de fazer. Como pular de *bungee jumping* ou assistir *A Lista de Schindler*. Talvez fosse pelo fato de que todos os homens com quem estive sempre me trataram como uma coisa frágil que estava prestes a morrer em suas mãos. Ou talvez tivesse a ver com o fato de que eu nunca me despi completamente da minha insegurança e da vergonha quando estava na cama com qualquer um.

Mas Dean não era qualquer um.

Ele era o cara.

Gemi, o desejo e a dor rodopiavam pelo meu corpo, voltando para a minha bunda onde senti Dean pela última vez, implorando por mais. Parecia obsceno, mas eu não me importava de ser obscena com ele. Ele nunca me julgou. Pensando bem, ele devia ser a única pessoa na minha vida que me aceitava por quem eu era. Até mesmo Millie tentou me convencer a me mudar de volta para Todos Santos.

O som da carne batendo contra a carne agrediu meus ouvidos antes que sentisse um segundo estalido e, desta vez, foi em algum lugar entre minha bunda e minha vagina. Babei e minha cabeça afundou na otomana, meus olhos reviraram. Por que parecia tão divino quando o homem que alegava que queria me “salvar” me machucava? Talvez porque uma parte de salvar a doentinha Rosie era lhe mostrar que ela era capaz de sofrer sem quebrar.

— Suba.

Trepei na otomana até a parte superior do meu corpo estar estendido nela e a

minha bunda exposta. Dean se agachou atrás de mim (senti seu corpo nu contra o meu) e enfiou quatro dedos de uma vez só. Doeu, mas eu preendi a respiração e sobrevivi. Ele brincou um pouco com a minha excitação antes de tirar os dedos e me oferecer meus fluidos.

— Experimente sua boceta. — Sua voz era indiferente. — Experimente a porra que fiz com você — acrescentou.

Embora isso fosse outra primeira vez que nunca pensei em fazer, levei meus lábios aos seus dedos brilhantes e os lambi. Enfiando-os dentro da minha boca, ele exigiu depois de um breve momento:

— Chupe até deixá-los limpos, Rosie.

Meu gosto era doce e quente. Nem metade do quanto achei que seria ruim.

Ele limpou o resto dos meus fluidos na minha bunda e deu outro tapa. Desta vez, dei um pulo para frente, mas não lamentei. Acho que ele gostou de eu não ter reclamado. Seu gemido me dizia isso.

Quando a ponta do pau dele começou a provocar a minha entrada por trás, balancei a cabeça de um lado para o outro, esperando que ele metesse. Porém, ele não meteu. Ele fez isso durante um minuto, me deixando louca, antes de eu implorar:

— Dean...

— Mmm?

— Não me torture, por favor. Faça.

— Fazer o quê?

— Entre.

— Palavra errada. Tente outra vez.

Putá merda.

— Me fode, por favor. — Engoli.

— Camisinha? — Indagou. Seu tom era nervoso. Como se estivesse esperando alguma coisa.

— Eu tomo pílula. — A mentira teve um gosto amargo na minha boca e eu já estava quebrando as regras que acordamos ontem. A parte da sinceridade. Eu não precisava tomar pílula. Mas *ele* não precisava saber disso. De qualquer maneira, não até eu estar pronta para lhe contar. Aparentemente, nós dois não precisávamos saber de um monte de coisas. Que começo de relacionamento fodido era esse.

— Toma? Porque em Vegas, você não tomava.

Jesus, este cara...

— Tomo — choraminguei, esperando por mais. O que quer que implicasse o *mais*.

— Se está dizendo — provocou ele, espalmando a mão no meu pescoço ao mesmo tempo em que empurrava em mim de uma vez só por trás. Gritei quando ele martelou em mim, o sangue no meu corpo correu para a minha cabeça, para o meu sexo, para todos os lugares. Dean não estava brincando quando disse que iria me machucar. Desta vez não se conteve. Ele me fodeu com tanta força que tive certeza de que minhas coxas iriam queimar e meu interior latejaria por semanas.

— Vire-se — ordenou ele do nada, ainda dentro de mim, bombeando. Será que estava tão bêbado a ponto de não saber o que estava me pedindo? Consegui fazer uma careta entre os gemidos.

— Não posso, você está em cima de mim.

— E daí? Vire-se.

— Você é pesado.

— E você é forte. Lute comigo.

Ignorando a sensação do orgasmo formigando, coloquei as palmas das mãos no chão e tentei me impulsionar para cima, mas ele se inclinou para frente, colocando intencionalmente mais peso nas minhas costas para me impedir. O fato de que ele tentava ativamente me fazer fracassar me irritou, então, impulsionei com mais força. Dean tinha o corpo de um jogador profissional de rúgbi. Um metro e noventa com noventa quilos de músculos magros e definidos. Eu não tinha nenhuma chance. Ao mesmo tempo... estava preparada para lutar.

Era isso que a minha doença me obrigava a fazer.

O que morar perto de Vicious e de seus amigos HotHoles me ensinou.

O que a vida me fez.

Fiquei relaxada, permitindo que ele me manipulasse. E quando ele começou a meter ainda mais forte em mim, me castigando pela minha derrota, impulsionei meu corpo com as mãos num movimento repentino, ganhando força e me virei. Seu abdômen estava agora grudado ao meu peito e ele riu enquanto saía de dentro de mim, ainda completamente duro.

— Junte seus peitos — sibilou e não fazia sentido negar... o cara estava estranho. Normalmente, era luz que escoava pelas frestas da escuridão. Com ele, a escuridão brilhava através das paredes da normalidade e à luz do dia.

Usei meu sutiã para fazer o que ele mandou. Ele segurou seu pau lustroso na

mão e o guiou para a região entre meus seios, entrando naquele espaço. Seu gozo denso e branco se juntou dentro do meu decote e ele assistia com olhos caídos. Minha bunda estava em chamas por causa dos tapas, mas eu ainda demorei um segundo para me esquecer de tudo e me afogar nele.

— Beba — sussurrou, enfiando o indicador em seu gozo e levando o líquido quente aos meus lábios. — Cada gota.

Bebi, e depois de acabar de lambar seu gozo dos meus dedos, ele me recompensou com mais dois orgasmos.

Adormeci em seus braços naquela noite, me sentindo mais segura do que jamais estive. Mais segura do que com Millie ou com meus pais. Definitivamente mais segura do que já me senti com Darren.

Adormeci nos braços de seus demônios, sabendo que acordaria nos braços de um homem doce.

Porque Dean “Ruckus” Cole tinha muitas faces. E todas elas eram lindas. Pelo menos para mim.

CAPÍTULO VINTE E UM

Dean



Bem, que foda.

Rosie ainda dormia quando acordei e a culpa me varreu como um terremoto furioso. Que porra foi aquela ontem? Em um segundo eu estava entretendo a amiga dela num dos lugares mais chiques de Manhattan, no seguinte, eu batalhava com ela na otomana enquanto batia em sua bundinha linda como se ela tivesse tentado atropelar meu cachorrinho. Pelo visto, não havia meio-termo em relação a ela. Ou eu tentei fazer o tipo de merda de Hugh Grant que não era eu ou lhe mostrei *tudo* de mim, em toda a minha glória fodida.

Não que aquilo fosse quem eu era. Mas era a parte que Nina deixou para trás e eu nunca me importei em consertar.

Fiquei louco ontem e me atirei direto nos braços do conhaque. Queria que Rosie não tivesse visto, mas, ao mesmo tempo, meio que fiquei aliviado por ela não ter ido embora depois de tudo.

Saindo da cama e sentindo o início de uma dor de cabeça martelando as minhas têmporas, caminhei até a cozinha para fazer uns ovos mexidos com bacon e café. Como se eu soubesse onde estavam todas as merdas que precisaria para isso, mas precisava mostrar a ela que podia fazer. O pacote completo de namorado.

O que será que eu disse? Se Vicious podia fazer, com toda a porra de certeza eu também podia.

A conversa de ontem à noite com Nina pipocava na minha cabeça enquanto eu quebrava os ovos e colocava os grãos especiais na cafeteira. Ela me ligou de um número de Nova York, então, pensei que fosse uma das muitas linhas

da minha empresa e atendi. Totalmente por acaso. Um desastre total.

— *Estou aqui* — anunciou Nina quando atendi ao telefone. Fodeu com a minha vida. Nem mesmo um “alô” em cumprimento.

— *Aqui onde? No inferno?* — Perguntei na esperança. Era onde a vaca pertencia. Se algum dia ela fosse para lá, provavelmente dominaria o local e se tornaria presidente.

A risada sedutora de Nina agrediu meus ouvidos.

— *Estou aqui em Nova York, bobinho. Eu disse que viria atrás de você. Você precisa conhecê-lo.*

— *Já não falei que não quero ver a cara dele?* — Gritei, indo para o bar e abandonando Rosie e Elle, sua amiga. Com um sinal, pedi ao barman que me servisse uma bebida. Quer dizer que ela estava na cidade... Claro que estava. Por que não? Afinal, eu dei o dinheiro para ela, não é? Então, por que eu estava surpreso?

— *Você só precisa me transferir o dinheiro e eu te deixo em paz, Dean.*

— *Nina...* — Eu ri, afrouxando o colarinho. — *Eu não vou te dar seiscentos mil só para poder vê-lo. Você está viajando pra caralho. Geralmente bebês são feitos por duas pessoas, certo? Por isso, os dois pais são responsáveis. Você fodeu com tudo — me exaltei.* — *Agora, limpe esta bagunça.*

— *Estou pensando em retirar a oferta, Dean. Você tem sido terrivelmente maldoso comigo hoje em dia.*

— *E quando eu já fui alguma coisa além de um completo babaca com você?*

— *Retorqui, virando minha bebida e apontando para o copo vazio, pedindo por outro.* — *Porque eu gostaria de voltar no tempo e retificar se eu já te tratei de outro jeito.*

— *Houve um tempo.* — *Sua voz doce me lembrou.* — *Houve um tempo em que você faria tudo por mim.*

A pior parte? A vadia não estava errada sobre isso.

— *Como vai o seu marido?* — Mudei de assunto.

— *Continua vivo — ela se irritou.* — *Infelizmente.*

Pelo menos concordávamos em uma coisa.

— *Como vai a garota nova?* — Foi a vez de Nina perguntar.

— *Por que pergunta? Acha que pode foder com isto também?*

— *Calma.* — *Ela riu.* — *Por favor, Dean. Não seja assim. Estou feliz por você. Tudo o que eu quero é assegurar meu futuro e abandonar meu maldito péssimo marido. Você tem muito dinheiro. Eu tenho o que você quer. Por que*

fica andando em círculos?

— *Porque quero que você seja pobre e infeliz. — Pronto. Falei. — E porque, aparentemente, eu não me importo em pagar o preço para que você continue assim. Aproveite seu hotel imundo, Nina. Tchau. — Desliguei e virei mais três copos de conhaque.*

Enquanto eu preparava o café da manhã, ouvi Rosie se movimentar no meu quarto. Meu coração afundou. Se eu a assustei sendo um babaca agressivo, só podia culpar a mim mesmo. Será que ela estava ganhando tempo para tentar me evitar? Ouvi o som dela abrindo a torneira, puxando a descarga, e me perguntei quanto tempo mais ela conseguiria adiar me encarar.

— Bom dia. — Ouvi sua voz rouca e me virei do *cooktop* para observá-la caminhando com a *minha* camisa social, seus cabelos castanho-claros estavam deliciosamente bagunçados. Ela sorriu para mim, um sorriso largo vindo do coração, depois se virou quando encontrou sua calça jeans. Sua bunda nua (rasguei sua *lingerie* ontem à noite) apareceu por baixo da minha camisa quando ela se curvou para pegá-la e, caralho, sua pele estava vermelha e ferida. Suas coxas estavam cheias de hematomas e havia arranhões e pequenos cortes causados pelo vidro quebrado que limpei hoje de manhã. Eu quis vomitar, mas me segurei, desliguei o fogão e coloquei ovos mexidos com bacon em nossos pratos.

— Com fome? — Limpei a garganta.

— Faminta — respondeu ela distraidamente, vestindo a calça. — Mas preciso descer e colocar meu colete de percussão, tomar meus remédios, todas essas coisas super legais. Minha própria versão de café da manhã dos campeões. — Ela fingiu flexionar um bíceps não existente.

Ela queria sair. Ir embora. Claro que ficou assustada. Eu lhe mostrei o meu lado mais feio e esperava que ela fizesse o quê? Que se divertisse com ele? Foi muito cedo. Cedo demais. Sinceramente, quando se é o meu tipo de maluco, a melhor hora para mostrar suas cicatrizes interiores para sua parceira é nunca.

— Posso trazer tudo para você — falei, esperando *pra* caralho não soar tão desesperado. Ela me lançou um olhar estranho.

— Você não sabe do que preciso.

Certo. Eu não fazia ideia. Com exceção daquele colete esquisito. Eu o reconheci de Todos Santos.

— Eu fiz o café da manhã para você. — Projetei o queixo para a mesa de

jantar que nunca usara. Normalmente, eu me sentava na ilha para comer e até isso era raro. Na verdade, eu não me lembrava da última vez que comi no meu apartamento. Sempre que estava lá, tomava vitamina de proteínas e frutas para me manter até a próxima refeição. Eu estava dominado ao máximo aqui, com uma mesa cheia de qualquer coisa que consegui encontrar na minha geladeira. Aposto que Rosie não fazia a menor ideia de que nunca fiz nada para ninguém na minha vida. Para ninguém além dela.

Seus olhos azuis analisaram a mesa, abrindo um sorriso em seu rosto.

— Ei, Dean?

— O quê?

— Vou descer só para pegar meus remédios e meu colete, depois subo de novo. Você sabe disso, não é?

— Claro. — Bufe. Não. Não, eu não sabia disso.

Meu rosto deve ter entregado uma parte da minha merda interior, porque ela riu enquanto caminhava até mim nas pontas dos pés, encostando os lábios nos meus ao me abraçar. Eu a segurei e apertei, desta vez com cuidado para não machucá-la.

— Está gostando do meu bafo matinal? — Ela pairou sobre mim, bafando na minha cara de propósito.

— Quero engarrafá-lo e fazer todos os meus funcionários usarem-no como perfume — devolvi, beijando a lateral de sua cabeça. — Mas, só por precaução, vou te comprar uma escova de dente para você não ter que descer quando tomarmos café. Nunca. Traga seus remédios. Suas roupas. Seu colete. Quer uma gaveta? — Evitei de perguntar se ela queria a porra do meu armário inteiro, embora eu achasse que seria legal ter as coisas dela por aqui. Todas aquelas camisas esfarrapadas de segunda mão e as calças jeans skinny da *Forever 21* no meu closet de níquel preto imperial que era do tamanho da sala dela.

— Hmmm. — Ela se inclinou para outro beijo e as minhas mãos coçaram para agarrar sua bunda e jogá-la no balcão para uma foda matinal, mas ela precisava de seus remédios e eu precisava não deixar novas marcas nela antes de começar o dia.

— Talvez? — Ronronou. — Só não quero apressar muito as coisas.

— Eu acho que estamos indo um pouco devagar demais — admiti. — O que tem de rápido no que estamos fazendo? Eu te quero. Sempre quis. Sei quem você é. Você sabe quem eu sou. — Embora, na verdade, ela não conhecesse

todas as partes de mim até a noite passada e o meu segredo com Nina era como meu pau: descomunal e longo, e certamente desconfortável se não estiver pronta para ele. — Não somos duas pessoas saindo pela primeira vez. Temos uma história. Química. E uma tonelada de sentimentos um pelo outro. Estou falando sério *pra cacete* sobre isso — falei, para o caso de mil rosas, jantar com a amiga dela e lhe preparar o café da manhã não a alertasse.

— Vendido. — Ela alisou a minha camisa desabotoada, me lembrando de que eu precisava me arrumar para o trabalho e, merda, eu nunca fiquei em casa depois das 8h. As pessoas na empresa devem ter pensado que eu finalmente fui morto por um dos meus casos. E aposto que Sue já estava planejando uma festa em minha memória. — Acho que uma gaveta seria legal. Obrigada.

— Você trabalha hoje? — Estava difícil soltar sua cintura.

— No Café, não. — Rosie balançou a cabeça. — Mas vou pegar um plantão no hospital infantil mais tarde.

— Posso te visitar lá depois do trabalho?

Ela riu.

— Não acho que seja uma boa ideia. Pais de primeira viagem são um pouco chatos com estranhos perto de seus bebês prematuros.

— Vai entender. — Revirei os olhos, ignorando a faca no meu peito quando ela disse isso.

— É. Amanhã?

— Combinado. — Assenti, observando-a caminhar em direção à porta, e a constatação de que a decisão de voltar aqui para cima ou não era completamente dela foi um soco no estômago.

— Ah... E, Dean? — Falou quando chegou à porta. Olhei para cima.

— Sim?

— Eu gostei muito da noite passada. Você pode deixar seu Pierrô interior sair para brincar mais vezes se quiser.

Mordi meu punho quando ela fechou a porta ao sair, sabendo que, com certeza, voltaria.

Bem... Que foda mesmo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Rosie



O que te faz sentir vivo?

Primeiros encontros. Andar de mãos dadas. Criar piadas internas. Lembranças que somente nós temos. Criar uma vida com um homem que nem sabe que não posso criar uma vida, não de verdade, e sentir o remorso me revirando por dentro.

Setembro chegou e foi embora, da mesma forma aconteceu com outubro. As estações caíam umas sobre as outras. As árvores mudaram, mas nós, não. Na verdade, foi quando as folhas começaram a cair, dançando juntas em tons de laranja, rosa e amarelo, que ficamos mais fortes e mais vivos juntos.

Dean e eu criamos uma rotina. Não era perfeita, mas aprendi muito nova que nada era. Mesmo que, para quem estivesse de fora, parecesse.

Nós passávamos juntos cada momento disponível.

Quando ele estava no trabalho e eu não estava escalada no *The Black Hole*, ia vê-lo. Sempre trancávamos a porta da sala dele e fechávamos as persianas elétricas. Às vezes, isso era o suficiente para esconder o que fazíamos lá dentro. Contudo, na maioria das vezes, eu saía com as bochechas da cor de uma beterraba e via o andar inteiro me julgando com seus olhares enquanto

eu arrumava meu cabelo e cobria com a mão o pescoço arranhado pela barba dele.

Sue, especialmente, me olhava como se eu sacrificasse bebês inocentes para poder viver.

Uma vez, entrei vestindo um casaco grosso e nada mais. Quando ele tirou meu casaco, ficou tão feliz de me ver nua que me comeu na sua mesa por quarenta minutos e perdeu a reunião com o resto dos HotHoles pelo *Skype*. E me repreendeu logo depois por não estar vestindo nada.

— Você pode ficar doente. — Ele mordeu minha nádega... e não foi de leve.

— Pare de foder com o que é meu e vista a porcaria de um suéter.

Quando eu estava na escala, tentávamos almoçar juntos. Às vezes, ele aparecia sem avisar, sentava no bar, pedia um café americano e fingia que não nos conhecíamos. Principalmente se houvesse outros clientes por ali, jogávamos um jogo onde ele dava em cima de mim falando sacanagem até atingir um orgasmo silencioso que vinha em arrepios agradáveis. Isso sempre fazia a pessoa sentada perto dele ficar embaraçada. Inclusive, uma vez um homem perguntou se eu queria que ele ligasse para a polícia para vir atrás de Dean.

Eu disse que sim antes de recusar, apenas para ver a expressão de Dean.

Nós rimos. Muito.

Também choramos um pouco.

Bem, só eu chorei. Quando se é voluntária num hospital infantil e trabalha com bebês prematuros três vezes por semana, coisas tristes são compelidas a explodir na sua cara. No final de outubro, perdemos um recém-nascido. Uma bebezinha chamada Kayla. Ela era pequenina, nascida com 24 semanas e toda enrugadinha como se fosse uma mulher de 100 anos. Eu me desmanchei em lágrimas no corredor do hospital na noite em que o médico me disse que ela não havia sobrevivido. Quando saí do plantão, Dean me esperava no outro lado da rua.

Desabei em seus braços e chorei até não ter mais lágrimas dentro de mim, e ele beijou a minha cabeça e me disse que se pudesse extrair a dor de mim como se faz com veneno, ele faria.

E acreditei nele. Cem por cento.

Só que nem tudo era maravilhoso.

O telefone de Dean era bombardeado pelas ligações de Nina todo santo dia. Ele nunca atendia, nunca, e, prudentemente, não atendia números

desconhecidos. Ela não era amante dele e nem estava mais em cena. Foram essas as migalhas que ele jogou para mim quando perguntei sobre ela. Qualquer outra coisa sobre Nina continuava um total mistério.

Inúmeras vezes eu me vi com a mão coçando para pegar seu celular, ligar e perguntar o que diabos ela queria e por que não o deixava em paz. Mas não fiz nada disso. Porque eu seria uma hipócrita doida se tentasse extrair uma verdade para a qual não estava pronta.

Quando outubro se desenrolou, e com ele os sinais oficiais do inverno, mamãe e papai voltaram a me chatear, mas foi melhor que o silêncio que sofri por todo o mês de setembro. Até onde lhes dizia respeito, eu era solteira e sozinha, morrendo lenta e dolorosamente. O que estava longe da verdade. Meus problemas de saúde estavam sob controle. Meus pulmões, junto com o restante dos meus órgãos, estavam em boas condições. Com exceção do meu coração. Este estava nas mãos do homem que o havia quebrado uma vez e eu não tinha nenhuma garantia de que não quebraria novamente.

Nosso pessoal de Todos Santos sabia sobre Dean e eu. Primeiro, havia a coisa do relacionamento no *Facebook* sobre a qual as pessoas falavam e, depois, havia o fato de que os HotHoles sabiam quase tudo uns dos outros.

Millie estava feliz por mim. Vicious era indiferente (como com todo o resto), Jaime e Mel estavam receosos, mas contentes por nós dois, e Trent, que ainda morava em Chicago com Luna, não dava a mínima porque tinha assuntos mais importantes com que lidar.

Dean nunca atendia Nina, mas às vezes, ainda bebia quando o nome ou o número dela apareciam na tela (Ele dizia que não fazia sentido trocar de número. Ela sempre descobriria qual era o novo de alguma forma.). Quando lhe perguntei por que ele não mandava prendê-la, ele disse que era complicado.

Eu odiava quando ele bebia, porém, isso não acontecia mais do que a cada duas semanas mais ou menos. Quando acontecia, eu tinha que agradá-lo por completo até o fundo do inferno e arrastá-lo de volta para a luz quando terminava. Eu me curvava e o deixava me usar como um fantoche. Talvez “usar” não fosse o termo mais exato para o que fazíamos. Eu gostava de sua versão demoníaca tanto quanto gostava de fazer amor tranquilo em frente à televisão, com caixas de comida para viagem no chão sob nós.

Gostava quando ele me batia. Gostava quando fodia a minha boca com seu pau até lágrimas escorrerem pelo meu rosto. Não reclamava quando ele me

pegava com raiva num beco escuro atrás do Madison Square Garden e me fodia contra uma parede de tijolos que fazia as minhas costas parecerem ter sido esfregadas com lixa.

Na noite antes do Dia de Ação de Graças, iríamos jantar num restaurante em frente ao *The Black Hole*. Ou assim eu pensei.

Eu estava correndo para o outro lado da estrada com meu moletom preto grosso e meu chapéu de lã (não estava nem perto de congelar, mas eu sempre me mantinha coberta por precaução) e escorreguei para dentro de uma cabine vermelha de vinil, coloquei um saquinho de papel na mesa com os biscoitos de gotas de chocolate nos quais víciei Dean e se tornaram os preferidos dele, os que Elle continuava a me implorar para parar de comer para que eu não virasse um balão. E agora, ironicamente, eu não apenas os comia o tempo todo, como também meu namorado os devorava.

Esperei por quinze minutos antes de enviar uma mensagem para ver onde ele estava. Dean sempre se atrasava, mas nunca por mais de alguns minutos.

Rosie

Sirius para Terra, você vem ou não?

Dean

Vou. Gozar na sua cara. Hoje à noite. BOOM.

Rosie

Fofó. Onde você está?

Dean

Bem aqui.

Rosie

Onde é aqui?

Dean

Em frente ao restaurante. Dentro do táxi. Esperando por você.

Rosie

?

Dean

Merda, me esqueci de dizer que não estou com fome. Então, pensei que poderíamos pular o jantar e simplesmente voar para Todos Santos para contar aos nossos pais que vamos morar juntos. Ah... e que a gente namora e essas merdas todas. Feliz Dia de Ação de Graças.

Rosie

??

Dean

Saia.

Rosie

???

Dean

Agora, Bebê LeBlanc. Tenho lugares para ir, pessoas para ver, uma boceta para comer a caminho do aeroporto.

Rosie

NÃO.

Dean

Tarde demais, já pedi uma limusine com uma divisória e vidros escuros.

Eu não falava do sexo oral. Falava da viagem surpresa para o outro lado do país.

Olhei para fora.

Ele não estava brincando.

Havia mesmo uma limusine com vidros escuros.

Este homem nasceu para ser a minha ruína.

Mas que diabos, Deus? A fibrose cística não é o bastante para o Senhor?

Indo para o outro lado da rua, estreitei o olhar quando Dean saiu do carro e abriu a porta para mim, numa reverência exagerada.

— Senhorita LeBlanc.

— Sr. Completamente Louco. — Acenei de leve para ele, me enfiando dentro do automóvel preto. Lá dentro havia champanhe e duas taças, bancos de couro de pelúcia bege e um namorado lindo e sorridente ainda vestido com seu terno de trabalho. *Eu poderia me acostumar com isso*, pensei. E era por isso que eu tinha que lhe contar tudo sobre o que a Dra. Hasting me falou. Já estava sendo desonesta por não revelar a situação acerca da minha fertilidade. Dean me serviu uma taça de champanhe e apertou o botão da divisória, me entregando a bebida. Ele bebia uma garrafa d'água.

— Então — ele umedeceu os lábios e puxou meu chapéu de lã, expondo meu cabelo e jogando-o de lado —, você acha que seus pais vão gostar de mim? — Brincou ele.

Meus pais já o conheciam. Pior, eles estavam bem cientes de que ele namorara a minha irmã. Eu não estava particularmente morrendo de vontade de contar a eles sobre Dean e eu. Sabia que aproveitariam a oportunidade para me criticar por isto também. Mas, ao mesmo tempo, eu não queria deixá-los ficar no caminho da minha felicidade.

— Sinceramente? — Respirei fundo. — Eu não ficaria surpresa se eles ficassem contra a gente.

— Eu não estou nem aí. — Ele cruzou as longas pernas, entrelaçando os dedos indiferentemente. — Você está?

Balancei a cabeça, me dando conta de que deixá-los orgulhosos era algo de que havia desistido há muito tempo. Isto havia sido selado e finalizado durante a semana que passamos em Todos Santos, mas já estava em andamento bem antes disso.

— Preciso parar no nosso prédio para pegar meus remédios e meu colete. — Remexi na minha bolsa para me certificar de que o inalador estava ali.

— Não é necessário. — Ele colocou a mão sobre a minha. — Coloquei tudo na mala para você, bebê. Pílulas, inaladores, nebulizador, colete. Com exceção de um novo par de pulmões, você tem tudo de que precisa. Estou trabalhando no último item, mas o mercado negro está lento nesses dias.

Olhei para cima e sorri.

— Você não vai gostar do que vou falar — disse-lhe e ele franziu a testa de um jeito que era totalmente extravagante para me mostrar que já estava irritado. — Acho que você não vai poder me comer aqui. Você é alto demais para conseguir fazer isto. Mesmo a limusine sendo grande.

— Acho os desafios estimulantes. Eles me mantêm jovem. — Ele afrouxou a

gravata e puxou o tecido de sua calça social para os joelhos, se preparando para mergulhar. Eu o impedi com uma mão em seu rosto com a barba por fazer.

— E eu estou usando um jeans muito apertado.

— Sou conhecido por rasgar as coisas que ficam entre mim e a sua boceta, e ai de mim se um jeans ASOS me privar da sua boceta, amor.

Amor. Ainda não havíamos dito essas palavras um para o outro e não era porque não as sentíamos. Ambos éramos novatos nesse sentimento. Nesta vida.

Encostei meu dedo indicador em seus lábios e me inclinei para o seu rosto.

— Mas eu posso cair de boca em você.

Seus olhos me seguiram conforme afundei nele, com meu rosto ao nível de sua virilha. Sendo sincera, esta parte do nosso relacionamento era uma das minhas coisas preferidas em nós dois. A luxúria privada que fervilhava entre nós. Como se nunca fosse o bastante. Como se fazer coisas obscenas em lugares públicos fosse uma *necessidade*, e não algo que precisássemos para apimentar as coisas. Porque com Dean Cole não era necessário nenhuma pimenta extra. Ele já era quente como o inferno.

Alcansei sua calça social e o trouxe para fora. Seu pau estava a meio-mastro, igual ao seu sorriso enquanto ele tirava alguns fios rebeldes do meu rosto.

— Às vezes, quando penso em como poderíamos ter estado juntos durante todos estes anos se você não fosse teimosa *pra* caralho, quero atirar meu super esperma nos seus olhos. Sabia disso?

Lambi os lábios, ainda segurando seu membro, sentindo-o inchar entre meus dedos conforme mais sangue corria para ele.

— Este é o elogio mais nojento que já recebi — admiti.

— Talvez seja porque você não o reduziu ao seu real significado. Sempre foi você, Rosie. Antes mesmo de abrir sua maldita boca, eu soube que tinha que te ter. E levou muito tempo, mas agora que você é minha, e que não haja erros, eu sou o seu dono, bebê, nada ficará entre nós dois, entendeu?

O melhor papo a se jogar para uma mulher que está de frente para um monstro enorme de um olho só que a encara, esperando para ser chupado. Inclinei-me para frente e lambi o topo do pau dele, passando a língua pela pequena fenda antes de tomá-lo por inteiro. Ele jogou os quadris para frente e a cabeça para trás, sibilando através dos dentes brancos perolados.

— Puta merda, Rosie.

— Puta merda e Rosie são sinônimos. Economize as palavras. Use apenas uma. — Eu o servi da mesma petulância que ele me ofereceu há alguns meses, e ele riu, um tipo de risada torturada de um milionário melancólico que tinha o pau dentro da boca de uma pobre garota doente a caminho do aeroporto.

Ele não segurou meu cabelo e me guiou como costumava fazer. Em vez disso, Dean assistiu numa mistura de admiração e fascinação enquanto eu fazia minha mágica nele, chupando-o com lábios tenros, dando-lhe o amor e a devoção que ele merecia por ser o melhor namorado que uma garota poderia ter. Porque ele era. Tudo o que eu nem sabia que podia ter.

Eu valho a pena.

Eu sou para casar.

E estou prestes a mostrar para o mundo que homem lindo, bem-sucedido, engraçado e inteligente tenho comigo.

Depois de dez minutos de cuidados amorosos ininterruptos no pau de Dean, eu o ouvi gemer.

— Merda, bebê, eu vou gozar.

Massageei suas coxas, dando-lhe a permissão silenciosa para fazer isso na minha boca e ele respirou fundo antes de segurar seu membro e extrair seu gozo direto para dentro da minha boca. Depois que terminou, endireitei a coluna e me joguei em seu colo. Ele me beijou, depois, roçou o nariz no meu peito.

— Esse boquete precisa ir para os livros de história, Bebê LeBlanc.

— Deus, estou feliz que não seja você o encarregado do nosso sistema nacional de educação.



Quando pousamos em San Diego e fomos para Todos Santos, já era madrugada de sábado.

Fomos direto para a cama no meu quarto, aconchegando-nos no calor um do outro. Dormi com um sorriso no rosto, sabendo que logo iria ver a minha irmã. A barriga de Emilia já estava aparecendo (ela me enviava fotografias semanais) e eu mal podia esperar para acariciar aquela barriguinha

e arrulhar como a tia louca que eu era.

A verdade era que mamãe e papai seriam uma dificuldade, mas, no geral, minha alegria pela minha irmã anulava as dores de cabeça esporádicas com meus pais.

De manhã, saí pelo corredor, ainda vestindo pijama. Ontem à noite, Anna, a governanta, abriu a porta para nós, então, eu nem tinha certeza se a minha família estava me esperando. Descobri a resposta para esta pergunta quando entrei na cozinha e vi mamãe e papai lendo jornais à mesa enquanto tomavam café.

Mamãe levantou a cabeça de sua revista. Papai não. Nenhum dos dois pareceu surpreso em me ver.

Mamãe queria correr e me apertar em seu peito, seu corpo saltava para frente, mas papai pôs a mão na mesa num gesto silencioso que a desaconselhava a fazer isto. Ele a lembrou de que eu tinha que ser punida pela minha desobediência.

— Sente-se, Rosie — disse ela com a voz triste. Cada célula do meu cérebro implorava para que eu protestasse, mas não era assim que eu queria que fosse a nossa visita. Peguei uma cadeira na outra ponta da mesa e entrelacei meus dedos. Meus pais e eu estávamos distantes, mas fomos civilizados durante os últimos três meses. Conversávamos muito por mensagem de texto. A maioria das conversas tinha relação com a saúde e rápidas atualizações sobre a minha vida. Às vezes, eles ligavam para me lembrar de desejar feliz aniversário a algum parente, de pegar alguma correspondência de Millie em nosso antigo apartamento ou perguntar quando eu iria voltar, mas era só isso.

— Acho que precisamos conversar — comecei, mas mamãe me cortou.

— Kathy, do meu clube de tricô, te viu naquele *Facebook* outro dia. Ela me ligou e falou muito. Disse que tinha uma novidade interessante para contar. Por que, Rose LeBlanc, de todos os homens em Manhattan, de todos os homens no *mundo*, você teve que colocar seus olhos em um que sua irmã namorou?

— Bom dia. — A referida irmã entrou na cozinha, tirando seu cabelo cor de lavanda do ombro. — Senti o cheiro de comida, então, vim comer tudo o que tiver. — Millie riu, porém, todas as outras pessoas na cozinha pareciam prontas para rolar no chão e sair brigando. — Sem clima para piadas? Bom, acho que vou me juntar ao funeral. — Millie apanhou uma caixa de água de coco da geladeira e deu goles grandes, massageando a barriga.

Fazia dez minutos desde que acordei e já tive minha dose de drama pelo final de semana inteiro. Millie estava com um vestido longo cor de mel sem curvas e com franjas na ponta, seus cabelos longos dançavam em seus ombros. Ela parecia uma fada. Uma fada bem grávida. Sua barriga estava do tamanho de uma melancia. Quantos bebês será que tinha ali dentro? Ela sempre me mandava fotos, então, eu sabia que era apenas um. Aos cinco meses, parecia que seu bebê crescia muito bem.

Pulei da cadeira, esvaziando meu arsenal de carinho, beijos e abraços na única pessoa da minha família que realmente os aceitava vindo de mim. Millie se afastou, ajeitou meus cabelos e contraiu o nariz.

— Será que eu cheguei cinco minutos atrasada?

— Trinta segundos, mas a bomba já foi jogada. — Suspirei. Minha irmã me deu aquele olhar: uma mistura de um olho revirado e um sorriso cúmplice, me lembrando de que era a mesma história de sempre, só num dia diferente.

— Mamãe, papai. — Millie gesticulou para que eu voltasse a me sentar, pegando uma cadeira para si e sentando-se também. — Vocês precisam nos ouvir. Estou cansada de ver Rosie se machucar.

— Ahn? — Mamãe cruzou os braços. Papai ainda fingia ler o jornal, mas seus olhos não se moviam. Isso me fez querer jogar alguma coisa nele. Esbravejar. Gritar que ele não tinha direito nenhum de estar puto. Que *eu* era quem havia me sentido abandonada e descartada. Que para alguém que me queria por perto o tempo todo, ele tinha um jeito estranho de demonstrar. Ele velava uma filha que nem tinha morrido ainda, mas não a deixaria amá-lo.

— *Sua mãe não precisa de tempo. Precisa de uma filha saudável.*

Eu me perguntava a que tipo de filha ele se referia. Talvez uma que não seguisse seus sonhos? Uma que cederia e faria o que *ele* quisesse com o precioso tempo que ainda lhe restava neste mundo? Não que eu não pudesse enxergar de onde vinha a minha família. Tenho certeza de que era de partir o coração assistir à sua filha doente construir uma vida em outro lugar. Entretanto, era isso que meus pais não percebiam.

Nova York não era sobre Nova York. Era sobre independência.

Sobre fazer o que eu quisesse, experimentar a vida fora da bolha que meus pais criaram para mim. Acima de tudo, era sobre descobrir quem eu era sem as pessoas me ditando isso.

— Dean Cole, o namorado de Rosie, ligou para Baron ontem dizendo que eles queriam vir até aqui para anunciar o relacionamento. — Millie segurou a

minha mão e sorriu, aquele tipo de sorriso que iluminava o ambiente e o ao lado. — É Ação de Graças e temos tanto a agradecer. Tenho um bebê chegando em breve e Rosie está feliz e indo muito bem de saúde. Queremos comemorar juntos. Tenho certeza de que se lembram de que Dean e eu namorávamos no colégio. Também tenho certeza de que se lembram de como *terminou*. Sumariamente. Tragicamente. Mas, talvez se recordem, não foi dolorosamente.

Millie esfregou minhas costas em círculos, tentando acalmar meus nervos. Eu estava genuinamente muito nervosa para respirar.

— Não quero remoer o passado, mas acho importante dizer uma coisa para garantir que nosso futuro seja mais iluminado: Baron e eu sempre fomos destinados um ao outro. Todos sabiam disso. Todos... menos nós dois. Quanto a Dean e Rosie? — Ela suspirou, balançando a cabeça, a tristeza brotando de sua expressão. Millie sabia o quanto isso me machucava, *nos* machucava, e queria que ela pudesse retirar tudo. — Mamãe, papai, eles eram loucos um pelo outro desde o primeiro dia. Eu não havia percebido, porque estava ocupada demais sendo uma adolescente egoísta, mas não tem como eu me magoar ou me irritar com o relacionamento deles. Olhem para ela. — Ela arrumou meu cabelo e sorriu. — Ela está radiante. E quando ela está feliz, todos deveríamos ficar felizes. Eu pareço decepcionada de alguma forma? — Ela segurou a barriga e riu, e eu ri com ela, não porque estivesse aliviada ou me sentindo otimista, mas porque a minha irmã era a definição de saúde e, mesmo eu não sendo, gostava de saber que o que eu deixaria para trás estaria seguro e completo.

Emilia se encaixava em ambos.

Papai finalmente tirou os olhos do jornal.

— É verdade, Rose? Você sempre foi apaixonada por Dean Cole?

Não consegui interpretar seu tom de voz. Era sério? Triste? Decepcionado? Contente? Será que ele pensava que eu era uma idiota por amar um homem que não era meu, ou será que ele valorizava o sacrifício que fiz pela minha irmã tantos anos atrás?

— Sempre. — Corei, baixando o olhar para os meus dedos entrelaçados. — Eu sempre o amei.

E essa era a verdade desconfortável que ninguém queria ouvir. Ninguém a não ser o homem que não sabia disso. O próprio Dean.

Meu pai se afastou da mesa com as mãos na cintura, parecendo pronto para

mais uma discussão.

— Ele está cuidando de você? Precisamos saber.

Jesus Cristo. Ou meu pai era o maior homem das cavernas andando pela Terra no século XXI ou ele realmente pensava que eu era um monte de ossos inútil. Ele confiou a minha vida a Emilia quando morávamos juntas. Ele confiou em Darren sem nem o conhecer. Mas em mim? Não. Ele colocaria sua confiança numa roupa íntima antes de acreditar em mim, pelo que parecia.

Respirando fundo e fechando os olhos, assenti de leve.

— Sim, papai. Ele toma conta de mim. — Meu maxilar rangia, cada célula feminista no meu corpo exigia que eu o colocasse em seu lugar.

— Tem certeza?

— Ele colocou meus remédios e tudo de que preciso na mala antes de irmos para cá. — Mordendo a língua para me impedir de descarregar, continuei: — Ele me mandou um táxi três vezes em uma semana para eu não perder minhas sessões de fisioterapia. E ia comigo ver a Dra. Hasting quando tinha tempo.

— Quando tinha tempo. — Papai bufou, balançando a cabeça. — Claro.

— Paul — advertiu minha mãe, olhando para a mesa.

— Tudo bem. Estou disposto a conversar com esse homem, mas isso não muda nada, Rose. Ainda te queremos aqui em Todos Santos. Se quer que sua mãe e eu fiquemos ao seu lado enquanto estiver... fazendo o que for em Nova York — ele agitou a mão com desprezo, mas pela primeira vez em semanas, desde que vim para cá da outra vez, não olhou para mim como se eu fosse perda de tempo —, você tem que fazer algumas promessas e mudanças para nos acalmarmos um pouco. Porque você *tem* uma doença, Abelhinha. E nós estamos preocupados. Tudo que te pedimos e queremos de você... é para seu próprio bem.

Abelhinha. Contendo as lágrimas, assenti.

Mamãe revirou os olhos. — Será que agora eu posso ganhar um abraço, por favor? Esta mamãe sente falta de sua filhinha.

— E esta futura mamãe precisa que Rosie faça seus biscoitos com gotas de chocolate de arrasar — murmurou Millie, beliscando minha bochecha e rindo.

Pensei que a pior parte havia ficado para trás nesta manhã.

Eu estava errada.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Dean



Às vezes, a vida é uma bola de neve e não tem como pará-la. Às vezes, você nem quer pará-la. Tudo aconteceu rápido. Eu não tive nenhum controle. Não estava brincando quando disse a Trent que não se pode impedir a vida de sair do controle. Aconteceu que o meu caos estava cheio de sexo alucinante. Nina se instalou em Nova York. Ela me ligava todos os dias. Todo. Maldito. Dia. Eu nunca atendia. Era ridículo. Ficou ainda mais ridículo quando, num dia de outubro, pouco antes de sair do escritório para buscar Rosie para assistir a um filme do Hugh Jackman (eu ainda estava com meus colhões intactos, muito obrigado), vi Nina esperando por mim na recepção, segurando um casaco barato úmido ao peito. Seus olhos estavam arregalados e, se não estou enganado, havia cílios enormes em cada pupila.

— Sinto muito, Sr. Cole. — Sue correu até mim, agarrando seu *iPad* e parecendo genuinamente agitada pela primeira vez em anos. Pelo que ouvi, Nina tentava com frequência entrar sorrateiramente no edifício, porém, minha equipe sabia que muitos seriam demitidos e pessoas pagariam se ela colocasse um pé no meu domínio. — Eu não sei como ela conseguiu passar pela segurança lá embaixo. Estamos sem recepcionista, como o senhor sabe...

Ignorando minha assistente, caminhei até Nina. Estava a oito centímetros da cara dela e meus olhos queimaram-se em sua alma quando nossos corpos se encontraram. O tipo de olhar que lhe dizia que da próxima vez que aparecesse no meu escritório sairia na forma de partes do corpo espalhadas que depois

seriam jogadas no Rio Hudson.

— Dá. O. Fora. Caralho.

— Ele quer te ver. — Ela empurrou o corpo no meu. *Patético*. Suas palavras me pegaram desprevenido, mas mantive meu equilíbrio, sem deixá-la me manipular com joguinhos para me atingir. Agora que estava olhando, prestando atenção de verdade, percebi que suas roupas estavam rasgadas e aquele batom rosa brilhante que ela tanto amava usar estava espalhado por todo seu rosto. Uma bagunça do caralho. Ela estava usando outra vez.

— Eu estou falando sério, Nina. — Minha voz era tranquila, mas minha postura, não. — Eu não me importo. Diga a ele que não quero vê-lo. Agora, dê o fora. Odiaria chamar os seguranças. Nós dois sabemos que você não pode bancar outra prisão com a ficha criminal que tem.

Isso deveria ter sido a deixa dela, mas não foi.

Nina não apareceu de novo pessoalmente, acho que ela sabia que eu seguiria com a minha ameaça, entretanto, começou a me enviar coisas que pertenciam a ele para avaliar a minha reação. Para me fazer ceder e atender seus telefonemas. Um boné preto do *Raiders*, para me mostrar que ele também amava futebol. Um copo de plástico com a estampa de Birmingham, Alabama. Uma caneta. Tanto faz. Caralho. Eu não queria que essas coisas me provocassem, mas me provocaram. E eu precisava me livrar de tudo. Estava chegando ao limite que me faria desabar.

A decisão de ir para Todos Santos não foi apenas para me afastar de Nina. Estava na hora de todos saberem quais as minhas intenções com Rosie. Eu iria me casar com aquela garota em breve. No fim do mês, moraríamos juntos oficialmente.

Estava me atirando de cabeça numa realidade caótica e não dava a mínima para isso. Acorrentei-me ao destino dela, sabendo como terminaria. Rosie começava todas as manhãs engolindo uma tonelada de comprimidos e vestia aquele colete duas vezes por dia. A cada dois dias, ela ia para a fisioterapia. Quando passeávamos, ela parava e se encostava a uma árvore, sem fôlego, sorrindo apologeticamente enquanto agarrava a lateral de seu corpo. Minha namorada não estava bem. Ela nunca ficaria bem.

E mesmo assim faríamos dar certo.

As pessoas tinham que saber, aceitar e seguir a vida.

A outra pessoa que arrastei para Todos Santos foi Trent. Jaime e eu lhe prometemos que faríamos Vicious concordar em trocar de filiais. O escroto

iria para Chicago com Millie e o bebê gostando ou não. Eu sabia que ele não cederia sem lutar, diabos, lutar era um de seus passatempos preferidos, e eu estava pronto para a batalha.

O encontro de Rosie com meus pais deveria ser discreto e íntimo, mas quando a minha mãe se deu conta de que eu estava levando uma garota para casa pela primeira vez desde... bem, sempre, ela ficou um pouquinho animada demais. E com “um pouquinho animada demais” eu quero dizer louca *pra* cacete. Ela ligou para as minhas irmãs, e quem diria? Keeley organizou uma visita direto de Maryland e Payton estava logo ali, no Norte da Califórnia, e foi assim que um *brunch* tranquilo com meus pais e minha namorada se transformou na mãe de todas as merdas, apresentado por este que vos fala.

— Estou tão nervosa que estou a ponto de vomitar no meu decote. — Rosie segurou minha mão quando estacionei um dos carros de Vicious em frente à casa deles. — O lado bom é que pelo menos vai cobrir meus peitos. Parecer nojenta é melhor do que parecer uma vagabunda, certo?

— Você acabou de usar a palavra *vagabunda*? — Mordi minha bochecha direita, contendo um sorriso.

— Estranho, não é? Acho que é o nervosismo.

— Puta merda, Bebê LeBlanc. Não sabia que as coisas estavam tão ruins.

Ela nunca conheceu os pais de nenhum de seus namorados anteriores. Nunca chegou tão longe com mais ninguém. Era quase como se tivéssemos esperado por este momento para podermos ter a experiência juntos. Não éramos crianças. Eu já estava beirando os trinta. Ela estava com vinte e oito. Éramos virgens emocionais e era como se ela tivesse acabado de me entregar sua virgindade.

Desta vez, eu pedi.

Desta vez, eu peguei.

E adorei ter experimentado algumas primeiras vezes juntos.

— Apenas seja você mesma. Tenho certeza de que será bom o bastante. E se não for — dei de ombros, estourando a bola do meu chiclete de menta — eu te substituo. Você tem uma prima gostosa, não tem?

Toquei a campainha enquanto Rosie me atirava punhais com seus olhos azuis. Em qualquer outra ocasião, eu simplesmente entraria, mas ela precisava destes segundos. A palma de sua mão estava suada e ela teve um ataque de tosse que tentou domar respirando fundo. Rosie não fazia ideia de

que já havia impressionado meus pais apenas por lidar com a minha loucura e me aceitar como eu era. No entanto, eu não iria tranquilizá-la ainda. Adorava vê-la se esforçar. Ela usava um vestido azul por baixo do casaco enorme (e, não, o decote não chegava nem perto de ser tão generoso quanto ela achava) e seu cabelo estava trançado. Aquela encenação toda de boa menina era uma farsa do caralho e vê-la mentir para mim naquele traje de boazinha me excitava.

Minha mãe abriu a porta, vestindo seu cardigã característico cor de lima em tom pastel e um sorriso melado. Ela se jogou em Rosie e a abraçou como se elas se conhecessem desde sempre, e Rosie se desmanchou em seus braços, com seu corpo rígido protegendo sua armadura. Meu pai apertou a mão de Rosie e sorriu, o tipo de sorriso que ele guardava apenas para seus filhos. Depois, deu um tapinha nas minhas costas e sussurrou algo completamente inapropriado sobre a minha namorada no meu ouvido. Payton e Keeley estavam de pé na porta como duas perseguidoras de nível avançado e elogiaram o vestido dela. Então, voltaram sua atenção para mim.

— Você ainda está malhando. — O tom de voz de Keeley era quase acusador. Ela jogou seus cabelos loiros escuros.

— Como assim? Não tem academias em Maryland? — Roci o ombro ao passar por ela e apertei seu bíceps de brincadeira. Keeley não tinha tempo para malhar e, apesar de estar um pouco mais gordinha, caía-lhe muito bem.

— Ah, olha, nosso irmão ainda é super engraçado. — Payton deu uma cotovelada nela. Revirei os olhos e minha irmã engasgou. — Como assim? Não tem senso de humor em Nova York?

Disputa juvenil a parte, as coisas começaram com o pé direito.

Rosie e eu fomos conduzidos à sala de jantar, onde *White Trash Hash*, *cowboy breakfast bowls*, *bagels* e *cupcakes de brownie* nos esperavam na moderna mesa rústica. Suco de laranja, café e leite estavam espalhados, prontos para serem devorados. A boca de Rosie quase caiu no chão, sua língua estava enrolada como um tapete vermelho, e eu não sabia direito se era porque ela estava faminta ou por causa do que estava vendo. Reprimi uma risada ao pensar em como ela deve ter imaginado a minha família. Um monte de babacas arrogantes que só comiam pratos com nomes franceses e moravam numa mansão como a de Vicious.

A verdade era que meus pais vinham de uma cidade nos arredores de Birmingham, no Alabama. Meu pai era filho de senador, mas a minha mãe

era tipo a Rosie. Os pais dela trabalhavam numa fazenda. Eles se conheceram quando ela limpava seu quarto ao cobrir a mãe que estava doente. Os pais dele a odiavam e a recíproca era verdadeira, porém, nenhum dos dois se importava com isso.

Meu pai se tornou um dos mais poderosos advogados da Califórnia, deixando para trás o resto de sua história. Só que eles eram sulistas da cabeça aos pés, e eu acho que comida cheia de gordura na mesa de jantar era uma prova do caralho disso.

— Senta essa bunda, Bebê LB. — Puxei uma cadeira, dando-lhe a minha própria versão de cavalheirismo. Sentamo-nos um ao lado do outro. Servi o café. Ela gostava dele puro. Sem açúcar. Sem leite. Sem nada. Na verdade, Rosie evitava todos os tipos de laticínios e eu percebi esse tipo de coisa porque cada detalhezinho sobre ela era observado, gravado e arquivado no meu cérebro. Mantive as mãos longe dela, sabendo perfeitamente que no minuto em que meus dedos encontrassem os dela, não parariam até estarem mergulhados no meio das suas pernas. Meus pais não faziam ideia da porra do babaca tarado que eles criaram. Eu tentava continuar desse jeito.

— Rosie, soube que você é voluntária num hospital infantil. — Keeley sorriu.

— No Hospital Infantil Mott em Manhattan — confirmou Rosie, dando um longo gole no café. — Na UTI Neonatal.

— Você deve amar crianças. Dean sabe que vai ser pai de pelo menos três ou quatro deles? — Brincou minha irmã, dando uma mordida em seu bacon gorduroso. Rosie piscou, seu sorriso estava inabalável. Meu estômago deu um nó. Porque enquanto Rosie ainda não havia me contado sobre sua situação – bom, ela contou, mas não conscientemente e, certamente, sem detalhes – isso não deixava sua realidade menos *real*. Eu não deveria ficar puto com Keeley. Ela era direta e brincalhona. Eu não deveria, mas fiquei puto *pra* caralho.

— Obrigado, Keeley, por assustar a minha namorada em apenas cinco minutos depois de começarmos o *brunch*. — Sorri, pedindo casualmente à minha mãe que me passasse a tigela com sei lá o que só para seguir com as coisas. — Não venha reclamar depois. Vou esperar seu futuro namorado com um arsenal de perguntas sobre a qualidade do esperma dele e os métodos parentais quando chegar a hora.

Rosie colocou a mão na minha coxa.

— Cara, está tudo bem. — Ela sorriu com o rosto inteiro. — Sim. Sou

apaixonada por crianças. Adoraria ser mãe algum dia — acrescentou depois de uma pausa. — E acho que seu irmão seria um pai maravilhoso. Pronto, amor. Só estou me certificando de que a ansiedade seja distribuída igualmente entre nós dois. — Ela deu afagou meu rosto e piscou.

Eu ri porque era o que ela esperava de mim, mas não foi um sorriso sincero. Aliás, nem foi um sorriso de verdade.

— Estou dentro do que quer que você queira. — Segurei sua nuca, depositando um beijo em sua têmpora. — Três filhos. Dez filhos. Um. Nenhum. Não estou nem aí contanto que seja com você.

Ao falar isso, soube que meus colhões nunca me perdoariam pelo açúcar que acabei de derramar na minha reputação, mas eles não tinham nenhuma voz sobre isso. Além disso, não os ouvi reclamar quando Rosie os lambeu ontem à noite enquanto chupava meu pau. Minha dignidade era um preço que eu estava disposto a pagar pela felicidade dela e esperava que ela lesse nas entrelinhas e entendesse que seus problemas de infertilidade não ficariam entre nós dois.

Menos crianças = mais Rosie para mim. Nenhuma reclamação quanto a isso.

— Oh — murmurou Payton. — Alguém ganhou um coração.

— O que você colocou na bebida dele, Rosie? — Keeley riu, fingindo se abanar com a mão. — Isso não é algo que meu irmão diria a menos que perdesse uma aposta.

Minha mãe sorriu tão largamente que pensei que a cara dela fosse cair em cima da sua nuca. Papai parecia um tanto desconfortável, porém, não podia ser por causa do assunto. Era ele que enfiava na minha cabeça que eu precisava sossegar. Papai continuava alternando o olhar entre seu relógio *Bvlgari* e eu. Eli Cole não era um homem que se irritava com facilidade.

— Quando vocês vão embora de Todos Santos? — Perguntou ele.

— Amanhã de manhã. Vamos passar o jantar de Ação de Graças na casa dos Spencer. — Joguei um morango na boca e mastiguei. Talvez estivesse puto por eu estar com a família de Rosie, mas ele deveria saber que conquistar os pais dela era a prioridade deste ano. Os pais de Rosie não me odiavam completamente (eu os ajudei a se recompor quando se mudaram para Los Angeles e Vicious estava em Nova York bancando o Romeu para Emilia), mas eu os entendia. Se eu tivesse duas filhas e um filho da puta transasse com as duas, também suspeitaria das intenções dele.

Eu precisava recuperar a minha imagem, garantir que eles soubessem que

perseguir uma LeBlanc não era um passatempo meu.

— Você poderia passar aqui depois? — Papai alisou sua camisa Polo. — Tem alguns assuntos que precisamos discutir.

A expressão de mamãe mudou, seus olhos suplicavam por mim agora.

— Vocês vão se divorciar? — Minha voz saiu seca, levantei uma sobrancelha.

— Ai, Senhor! — Minha mãe riu de deboche, segurando suas pérolas. — Do que você está falando, Dean? Claro que não.

— Alguém morreu? — Prossegui.

— Não — disse papai.

— E nenhuma destas garotas está grávida? — Apontei com o polegar para Keeley e Payton. Minha aposta era na Payton. A garota era um problema. Mas meus pais balançaram a cabeça ao mesmo tempo, negando isto também.

— Neste caso, fica para a próxima. — Tomei um gole d'água, recostando-me na cadeira. — Temos uma reunião do conselho no nosso escritório de Los Angeles depois do jantar, e vai demorar.

— Está tudo bem? — Papai franziu a testa. Dei de ombros.

— Estamos pressionando Vicious. Ele precisa trocar de filial com Trent, que quer ficar perto dos pais agora que Val foi embora.

Assim que as palavras saíram da minha boca, me dei conta de que Rosie não sabia merda nenhuma sobre isso. Esqueci-me de lhe contar. Não pensei que ela fosse se importar. Mas claro que se importaria. Seus pais moravam na casa de Vicious e sua irmã estava grávida de um filho dele. Embora eu soubesse que Vicious nunca venderia a mansão (ele amava demais o lugar), me senti um idiota jogando isso na cara dela do nada.

Ela se inclinou para frente e meus dedos não estavam mais tocando suas costas e seus lábios não estavam mais sorrindo e, caralho, eu era um imbecil. Ela tinha todo o direito de me dar um sermão sobre isso.

— Você ainda pode vir, mesmo que seja tarde — insistiu meu pai. Caramba, qual era o problema dele hoje?

— Não posso, pai. Já disse. Vai demorar. Se tem algo a me dizer, diga.

— É melhor não.

Pousei os talheres na mesa, devagar, levando um tempo para analisar todos os rostos curiosos à mesa antes de voltar a falar.

— Nós somos família. Todos nós. — Minha mão encontrou o pescoço de Rosie, mas ela se afastou, delicadamente, porém com determinação,

garantindo que eu soubesse que tínhamos um problema.

— Dean, querido. — Mamãe umedeceu os lábios e Keeley e Payton se olharam intrigadas do outro lado da mesa. Elas também não sabiam que diabos estava acontecendo. Ainda bem. A última coisa de que eu precisava era uma intervenção ou alguma merda desse tipo.

Nada nessa situação fazia sentido. Nossa família não tinha segredos. Bom, havia um, e era meu, mas estava enterrado a sete palmos do chão, coberto da sujeira diária e da poeira de anos de negação. A regra era que quando estivéssemos todos juntos falássemos sobre isso abertamente. Nunca nos conter.

Só que não éramos apenas nós na sala agora. Rosie também estava lá. E isso me deu a dica, meu maxilar travou e meus olhos estreitaram.

Que porra Nina fez agora?

— Aquele assunto antigo. Eu ainda não contei a Rosie sobre isso. — Esfreguei o rosto de forma cansada. — É... tudo bem. Vou colocá-la a par do assunto depois que terminarmos aqui. Ela não vai ligar. Prometo — falei, observando todas as caras à mesa ficarem incrédulas, incluindo a de Rosie.

— Por favor, se precisa dizer alguma coisa, diga. Não se importe comigo. Me faria sentir em casa — brincou a minha namorada. Nenhum de nós achou engraçado. Meus dentes rangeram.

— Algum motivo para você ter escolhido tocar no assunto agora? — Eu me fiz de tranquilo.

O *brunch* estava se transformando num tipo daquelas merdas do Jerry Springer com a qual a gente se divertia quando estava dopado, jogado no sofá bebendo cerveja.

Diga “oi” para a sua vida atual, babaca. Não é um programa de televisão, esta é a sua vida.

— Soubemos que Nina estava em Nova York. — Meu pai ergueu o queixo e foi aí que eu percebi que ele não havia tocado em nada em seu prato. Eli Cole não comeu a porra do *cowboy breakfast*. Isso era estranho. Ele se casaria com comida gordurosa se fosse legal. Mamãe só o deixava comer assim uma vez por ano.

— Vejo que ela te atualizou sobre sua localização. — Minha mão tremia quando peguei o suco de laranja. — Estou cuidando disso.

Mais ou menos. Mais para menos. Certo, não de verdade.

— Todos nós sabemos o que ela quer. — Papai pôs a mão na minha e fez a

tremedeira parar. Levantei o olhar para ele. Ambos engolimos em seco. — E eu acho que está na hora de encarar o que ela tem a dizer, filho.

— Acha? — Inclinei-me para trás, quebrando o contato visual, com um dos cotovelos apoiado na mesa e o outro braço sobre a cadeira de Rosie. — Quem vai pagar por esta pequena aventura? Você ou eu?

— Eu, se é o que te preocupa. Mas não é. Sua mãe e eu queremos discutir isso com você. Não é assunto para ser tratado pelo telefone.

A mão de Rosie veio parar no meu joelho. Payton e Keeley pareciam confusas, mas ela estava absolutamente assustada. Eu precisava fazer isso parar. Já adiei esta conversa por muito tempo. Estava na hora de contar a ela e encarar as consequências.

Meus olhos ainda estavam presos numa batalha com meu pai. Ele estava me irritando. Isso quase nunca acontecia. Eu tinha um relacionamento muito bom com meu pai. Jogávamos golfe juntos. Íamos assistir a jogos de futebol. Conversávamos até altas horas da noite sempre que eu vinha visitá-los. Com exceção de beber (eu tinha um problema e não queria que ele testemunhasse o meu pior lado), fazíamos quase tudo juntos. Ele era motivo de orgulho para mim. Até meus amigos vinham lhe pedir conselho.

— Tudo bem — respondi com desdém. — Vou tentar. Não diga que não avisei. Pode ser às 3h ou 4h da manhã. Essas reuniões se arrastam. — Cara, elas se arrastavam mesmo. Sempre demorávamos muito quando trancávamos a porta para o mundo exterior. E convencer Vicious a fazer algo que ele não quer? É, teremos sorte se sairmos de lá antes de janeiro.

— Ficaremos acordados a noite inteira se for necessário. — Papai pegou a mão de mamãe e contraiu as maçãs do rosto.

— Alguma chance de voltarmos a comer e conversar sobre os futuros bebês de Dean? — Keeley se contorceu na cadeira. — Rosie parece pálida demais e eu estou meio preocupada.

— Você está bem? — Virei a cabeça para dar uma olhada em minha namorada. Ela não parecia bem. Parecia que ia desmaiar. Rosie assentiu de leve. Peguei a mão dela e, desta vez, ela deixou, o que *não* era um bom sinal quando se conhece Rosie.

Ela deveria estar puta comigo.

— Inalador, por favor. — A voz dela mais era um chiado.

Peguei a bolsa dela correndo. A esta altura, eu já sabia que os inaladores ficavam pendurados nos bolsos da frente e peguei os dois antes de voltar para

a mesa.

O silêncio de todos me deixou nervoso enquanto Rosie bebia um gole d'água depois de usar o inalador azul. Eu tremia de raiva. Que porra meus pais pensavam que estavam fazendo? Eles tinham todo o tempo do mundo para abordar o assunto “Nina” e decidiram que este *brunch* era a oportunidade perfeita?

Eles que se fodam.

Que se foda tudo.

E *eu* que me foda por me esquecer de lhe dar um aviso. Esqueci-me de contar sobre encurralar Vicious, mas mesmo que tivesse contado, que bem isso teria feito? Rosie correria até a irmã e a preveniria. Isso só teria piorado tudo.

— Bem... foi divertido — resmungou Rosie, seu sorriso era fraco quando estávamos de pé na porta. Ajudei-a com o casaco, me sentindo o maior babaca do planeta Terra. O que era irônico, porque era assim que ela me chamava. *Terra*. O que ela não percebeu foi que eu realmente era nosso maldito planeta. Porque quando explodisse, um monte de gente iria se machucar no percurso.

Minhas irmãs e minha mãe ainda acenavam para nós quando abri a porta e a ajudei a entrar no *Jeep*. Seus olhos estavam caídos e seu corpo, apático. Sempre ignorei a doença de Rosie, só que ela estava lá, se aproximando nas sombras, esperando pela oportunidade perfeita de se agarrar ao seu pescoço.

Eu precisava aceitar isso, mas não conseguia. Sempre que a via usando um inalador, incluindo hoje, ficava tão puto que a necessidade de socar uma parede me consumia. Nebulizadores, pílulas, sprays nasais. Meu apartamento estava repleto deles agora. Eu tinha o número da Dra. Hasting na minha discagem rápida, o endereço de onde fazia fisioterapia, e sabia os horários e dias exatos que ela tinha consulta e o que fazer quando começava a bater no peito e assobiar como uma cobra. Sabia que a expectativa de vida média de um portador de fibrose cística era de 37 anos. Sabia que todos os homens diagnosticados com FC eram estéreis, e muitas mulheres tinham dificuldade em ter filhos.

E eu não queria saber de nenhuma dessas coisas.

Porque ela não era a porra de uma doença.

Ela era a pessoa com quem fiz planos. E estes planos passavam os dez anos que, estatisticamente, lhe sobravam.

Dei a partida no carro, mas não soltei o freio de mão. Olhando para a mais

pura rua arborizada do mundo, onde a minha família morava, a tristeza se derramou em meu coração.

Que merda você está fazendo, babaca?

— Você tem um segredo. Um segredo enorme — sussurrou Rosie, olhando pela janela.

Rosie e eu não começamos a nossa relação do melhor jeito. Eu queria que ela se acostumasse com *nós* dois antes de saber que, na verdade, eu já era um *nós*.

Toda a sua bagagem podia ser explosiva, mas a minha era uma confusão. Das grandes.

— Você também — falei. Ela me olhou assustada. Nenhuma negação.

— É — falou. — Já somos péssimos nessa coisa de relacionamento.

— Está brincando? — Eu ri. — Nós arrasamos nisso. É só um calombo. Uma orelhinha em nosso incrível livro.

— Na minha realidade, cada calombo tem consequências cruciais — recordou-me Rosie.

— E na *nossa* realidade — rebati —, sempre vou estar aqui para garantir que acalmaremos as coisas.

Andamos em círculos por um tempo, igual à nossa primeira noite juntos em Todos Santos. Eu a levei a todos os lugares que visitamos antes de transarmos pela primeira vez. Ao nosso antigo colégio, à marina, ao *Liberty Park* e, finalmente, *àquele* banco. As pessoas nos ligavam, nossos celulares vibravam em nossos bolsos. Meus pais, os pais de Rosie, Vicious e Millie. Então, quando estacionei na colina com vista para a quadra de basquete, joguei nossos telefones no porta-luvas e o fechei antes de irmos para o nosso banco. Nervosismo nem chegava perto de definir o caos que crescia dentro de mim. Eu estava prestes a colocar meu segredo nas mãos dela. Um segredo que ninguém deveria saber além dos meus parentes mais próximos. E eu iria mostrar minhas fraquezas diante dela.

Todas elas.

Uma a uma.

Nu e exposto.

E ouvir, pela primeira vez, se o meu eu verdadeiro, por inteiro, ainda merecia ser amado.

Não me senti à vontade para sentar. Havia muita adrenalina na minha corrente sanguínea, muito sofrimento no ar. O inverno beliscava a nossa pele,

e Rosie estava coberta da cabeça aos pés, como deveria estar.

— Vamos dar uma volta — falei. Ela tossiu de leve.

— Vou acabar te travando. Não consigo dar longas caminhadas.

— Você nunca me trava. Você me dá tempo para apreciar o que está à minha volta. — Meus colhões protestaram mais uma vez. Colhões idiotas que não entendem que fazê-la feliz trará benefícios para todas as partes do meu corpo. Incluindo os próprios.

Passeamos pela colina, passamos por montes verdes exuberantes, esquivando de ramos baixos pendurados e vinhas não cultivadas que começavam a invadir a trilha. As mãos dela estavam enfiadas no casaco e as minhas, nos bolsos.

Nunca era uma boa hora para falar sobre o tipo de merda que iria lhe contar, então, fiz a coisa do *Band-Aid* e fui direto ao ponto.

— Minha mãe biológica me deixou para morrer no banheiro de um *Walmart* quando eu tinha três horas de vida. — Minha voz era monótona. Ela continuou caminhando lentamente, seus músculos tensionaram diante da minha confissão. — Ela era viciada em crack. No minuto em que descobriu que estava grávida, deu o fora, deixou a família no interior e desapareceu em algum lugar nas sarjetas de Birmingham.

Rosie era uma garota esperta. Eu sabia que ela logo suspeitaria de que alguma coisa ia mal.

Talvez ela pensasse que eu era um pai vagabundo que sumiu depois que as coisas ficaram reais demais. É, essa não era uma opção. Eu sempre embrulhava o Dean Junior. Tinha camisinhas personalizadas, pelo amor de Deus. A única pessoa com quem não usei um preservativo em toda a minha vida foi a própria Rosie. Nunca senti na pele a boceta de outra mulher antes dela.

— Eu não... — Ela tentou engolir todo o oxigênio que conseguiu para evitar chorar. — Continue, por favor.

— Fui encontrado pela faxineira. Nina, minha mãe, foi achada a alguns quarteirões seguindo a estrada, comprando cigarros. O vestido dela estava coberto de sangue. Quando foi levada para o hospital, chamou a irmã para ajudá-la a lidar com o problema legal em que havia se metido. A irmã de Nina é a minha mãe, Helen.

— Jesus. — Os lábios de Rosie tremiam, assim como os dedos com que os cobriu. Uma parte de mim, a parte racional, eu acho, reconheceu que era uma

merda nenhum dos meus amigos saber que eu era adotado. Mas isto, exatamente isto, era o exato motivo de eu querer manter isso assim.

Eu era poderoso.

Imponente.

Um deus do caralho.

Estes olhares de pena e as palavras doces sussurradas não contribuíam em nada para acalmar a ferida que Nina criou quando me abandonou. O único motivo por que eu estava disposto a tolerá-los agora era porque vinham de Rosie. Aceitaria qualquer sentimento dela. Até pena. Até ódio. Qualquer coisa, contanto que não fosse indiferença.

— Minha mãe, Helen, minha mãe *de verdade*, a que me criou, decidiu me adotar. Acho que Eli topou porque... — pensei um pouco sobre isso, uma risada escapou dos meus lábios. — Bem, porque ele faz tudo o que ela quer, eu acho. Sabe, ele realmente ama a minha mãe. Nina não me queria mesmo. Tinha um monte de merda acontecendo na vida dela. Eu nem sinto mágoa dela por isso. Quero dizer, é bastante perturbador deixar seu recém-nascido num banheiro público, sim, mas não é por isso que eu a odeio hoje em dia. Não de verdade. No final do meu primeiro dia de vida, estávamos todos no mesmo hospital de Birmigham. Nina assinou a minha certidão de nascimento e não incluiu o nome do meu pai, ela disse que não sabia e, sinceramente, isso não foi surpresa para ninguém no círculo íntimo dela, e meus pais começaram a preencher a papelada da adoção.

— Ai, Dean. Eu sinto muito. Sinto tanto... — repetia Rosie. Ainda estávamos caminhando, o que era bom. Eu não queria ter essa conversa com o desconforto desnecessário do contato visual. Já parecia que a verdade estava sendo arrancada da minha boca como se fossem dentes: um por um. Ela pegou a minha mão, apertou e eu respirei fundo, sentindo a pressão nos meus pulmões ao serem preenchidos.

— Meu pai aceitou um emprego na Califórnia e eles se mudaram. Mamãe engravidou das minhas irmãs. Eu parecia tanto com a minha família que ninguém perguntava nada. As pessoas apenas presumiam que eu era filho de Helen e Eli Cole. Nunca nos incomodamos em corrigi-las, porque não fazia sentido, sabe? *Deu certo*. Nós nos saímos bem e a mentira se tornou tão grande, tão enorme, que era tarde demais para voltar atrás e apresentá-la ao mundo.

“Não é como se a minha família algum dia tenha me feito sentir diferente.

Minhas irmãs sabem. Meus pais sempre nos trataram da mesma forma, então, não é como se a minha adoção importasse para ninguém. — Parei, fazendo uma careta. — Bom, ninguém além de mim. Minha mãe vivia sob a falsa ilusão de que eu poderia me relacionar com Nina. Meu pai acredita que todos merecem uma chance... bom, ele precisa acreditar. Ele é advogado. Seu trabalho é defender criminosos. Seja como for, eles sempre me fizeram ir visitá-la no Alabama. Todos os verões até eu fazer dezoito anos. O acordo era este.

Voltei meu pensamento ao meu último verão com Nina quando fiz dezoito e senti um arrepio na espinha. *A vadia interesseira*. Só de pensar no que ela fez meus punhos começaram a coçar por uma luta sangrenta.

— Em algum momento da sua vida desastrosa, Nina se casou com um cara chamado Donald Whittaker. As pessoas o chamavam de Owl porque ele costumava negociar drogas das 2h às 6h da manhã pelas esquinas. Um ótimo partido, como pode imaginar. Whittaker foi preso, saiu da cadeia, e decidiu se mudar para as redondezas. Comprou um pedaço de terra, uma fazenda, e viveu o sonho do fazendeiro. Nina deixou o crack, então, até onde meus pais sabiam, estava limpa. Ela *parecia* limpa, porque não enfiava mais agulhas com veneno nas veias. Contudo, foi para drogas mais dignas de uma mãe: *Adderall*, *Xanax*, *oxycodona*. As coisas divertidas que te deixam viciada quase de maneira invisível. E nunca me incomodei em corrigi-los porque eu era um bastardinho patético que tinha a esperança de que algum dia a mulher que lhe deu à luz se desse conta de que ele valia a pena e o amasse.

— Dean. — Ela balançou a cabeça, as lágrimas desciam pelo seu rosto. — Ai, Dean.

— Sempre que eu ia vê-los nos verões, ela me fazia pedalar 32 quilômetros da fazenda até a cidade para pegar suas drogas de dona de casa.

— Por que você concordava com isso?

— Porque eu queria fazê-la feliz? — Eu ri, um nó amargurado pressionava o fundo da minha garganta. — Porque eu buscava sua aceitação? Quero dizer, o quanto se pode ser inútil quando sua maldita mãe quer te jogar pela privada antes de você sequer abrir os olhos? Aos dezessete anos, eu finalmente abri meus olhos e disse que não iria passar o verão com eles. Disse aos meus pais que estava cansado de trabalhar pesado durante dois meses. Eles concordaram, entretanto, eu fodi com tudo numa festa e eles decidiram me mandar mesmo assim, como castigo. Aquele acabou sendo o pior verão da

minha vida, porque foi quando percebi que Nina não apenas não me amava... ela me odiava.

Rosie estava chorando. Não ousei olhar para ela, mas senti seu ombro vibrando contra o meu. E me odiei por fazê-la chorar, e odiei Nina por *me* fazer ter esta conversa.

— Para resumir, Nina fez algumas coisas deploráveis comigo quando eu era mais novo. Eu era um peão num jogo muito fodido. Um meio para chegar a um fim. Ela me usou como menino de recados e me fez fazer algumas coisas idiotas, merdas ilegais, depois me subornava com álcool e maconha para garantir que eu ficasse calado e não a dedurasse para os meus pais. Tive minha primeira garrafa de *whiskey* e fumei um baseado com doze anos. Achei legal Nina e Owl me darem coisas assim. Isso significava que me viam como adulto.

Rosie engoliu em seco e desviou o olhar.

— É por isso que você faz essas coisas — afirmou ela. — É por isso que você é viciado.

Franzi o nariz.

— Foi como começou, me fazia sentir bem. Maconha e álcool faziam meus verões passarem mais rápido, colocavam uma cortina de fumaça na minha realidade, uma casca fina que ninguém conseguia quebrar. E assim eu cultivei o hábito, mesmo quando voltei para um lugar que amava, de volta para meus pais e minhas irmãs.

“Nina nunca me contou quem era o meu pai. Isso me chateava. Eu sabia que ela era fodida, mas sempre quis saber se eu era fodido por completo dos dois lados, ou talvez tivesse alguns genes redentores em mim. E depois que a merda atingiu o ponto de ebulição onze anos atrás, durante minha última visita à fazenda, decidi deixar o assunto para lá e seguir em frente. Cortá-la da minha vida. Funcionou durante a faculdade, porque eu não tinha nada no meu nome a não ser uma poupança e um quarto de dormitório. Porém, quando fundamos a Fiscal Heights Holdings e começamos a nadar em dinheiro, ela concordou em me contar quem ele era.

— E? — Perguntou Rosie meio sem fôlego. Diminuí o passo.

— E ela quer seiscentos mil dólares para me dizer o nome dele.

— Isso é loucura! — Protestou Rosie, batendo com o pé no chão. Parei e me virei para olhar para ela. Seu rosto estava vermelho, marcado pela dor. A *minha dor*. Eu a coloquei ali. E, embora nunca tivesse sido a minha intenção

machucar os sentimentos dela, gostava de seu fervor, porque ela queimava por *mim*.

— E aí? Você deu o dinheiro a ela? — Ela chutou um pouco de lama.

— Não. — Passei a mão pela sua trança e dei um puxão de leve. — Mas é por isso que ela está agindo como uma perseguidora louca e fica me ligando a cada meia hora. A fazenda Whittaker está perdendo dinheiro, e ela tem um hábito caro em cocaína para manter. Medicamentos prescritos simplesmente não servem mais. Ela odeia o marido. Quer dar o fora. E quer que eu a ajude. Isso está fora de questão.

— Mas você quer saber quem é o seu pai, certo? — Rosie piscou, confusa.

Assenti. — Quero, só que a recíproca não é verdadeira. Se fosse, ele já teria entrado em contato comigo a essa altura.

— Talvez ele não saiba que você existe — sugeri minha namorada. Eu esperava que fosse assim. E rezava por isso. E me convencia disso todas as noites.

— Ou talvez ele não ligue. — Parei de andar e ela me alcançou.

— Ou talvez ele esteja com medo da sua reação depois de todos esses anos — rebateu. — Talvez, Dean, você precise fazer o que é certo para você, mesmo que não seja o que Nina quer.

— Ou *talvez*... — Eu estava agindo como a porra de uma criança de quatro anos, sabia disso, mas não conseguia parar. — Ele esteja competindo com Val pelo prêmio de pior pai, existem muitos candidatos a esse título, e, assim como Luna está melhor sem sua mãe ausente, eu esteja melhor sem ele.

Paramos no meio do que parecia um bosque, porém, estava a menos de 1,5 Km do carro. Rosie caminhava a passos de lesma. Ela se virou para me encarar e eu não acho que algum dia já tenha visto tantas lágrimas no rosto de alguém. Suas bochechas e seu queixo estavam molhados, nuvens cinza de rímel sobre seus cílios.

— Sinto muito isso ter acontecido com você — disse ela, e sentia mesmo. Mas eu não queria sua pena. Queria que ela soubesse que eu era um homem bestificado que nos conduzia para tempestades e furacões. Ia e voltava do inferno. Por toda a vida e, se necessário, sim, até à morte. — Não consigo acreditar que você escondeu isso por todos esses anos. — Rosie enxugou uma lágrima com a manga de seu casaco preto de lã. — Seus amigos têm o direito de te apoiar, Dean. Você deveria contar a eles.

É... não vai rolar.

— Não mesmo, bonequinha. As coisas são como são. Todos nós temos nossos segredos, acredite. É o que faz de nós quem somos. Isso não deixa nossa amizade nem um pouco menos forte. — E era verdade.

— Sabe o que precisa fazer? — Rosie mordida o lábio inferior, ponderando. Olhei para ela. Mesmo que ela me falasse para ir fazendo *burpees* pelado por Todos Santos e voltar, eu faria.

— O que seria?

— Você precisa chegar à barriga da besta e matá-la. — Seus olhos estavam cheios de determinação. Sorri, enfiando um cacho solto que saiu de sua trança atrás da orelha dela.

— Matar Nina? Tentador, mas não acho que ela valha o tempo na cadeia. Ela revirou os olhos.

— Quero dizer conversar com ela. Pagar o que ela pediu. *Vê-lo*. Seguir com a sua vida, independente do que descobrir. A verdade é que você nunca vai abandonar seus vícios se não o fizer, e acho que ambos sabemos disso.

— Ela não merece o dinheiro — murmurei.

— Depois do que fez — ela colocou a palma da mão no meu pescoço, escorregando-a até o meu torso — nada nunca a fará feliz. Ela está maculada. Não dá para se livrar de uma coisa assim. Fazer os outros se sentirem mal nunca é gratificante, não importa o quanto esteja machucado. Contudo, a compaixão é a característica mais recompensadora que alguém pode ter. É por isso que todas as guerras um dia terminam. É por isso que a maioria das pessoas ama seus filhos, não abusa deles. Promete que vai atendê-la?

Assenti, mesmo que lidar com Nina fosse a última coisa na minha lista de afazeres. Minha vida já era complicada do jeito que estava. Eu era louco por uma garota que ia dormir todos os dias sem saber se acordaria no seguinte. E eu estava lutando contra o demônio do álcool, tentando me livrar de suas garras. Todo. Santo. Dia.

— Eu prometo — falei. — Vou fazer isto por você.

— Não — Rosie foi enfática, puxando o colarinho do meu suéter *bomber* floral *Ted Baker*. — Por você — retificou ela, com as lágrimas ainda escorrendo pelo seu rosto. Depois, ela deu um passo para trás, justamente quando eu estava prestes a abraçá-la. — Minha vez.

— Estou ouvindo. — Meus olhos fixaram-se em seu rosto. Começou a chuviscar em nossas cabeças e olhamos para cima, encarando o céu cinzento em silêncio. Tirei meu casaco e abriguei-a com ele, depois, fui para trás dela,

e, pelos joelhos, a ergui em meus braços, no estilo lua de mel, começando a subir a colina de volta para o carro. Era só um chuvisco, não estava tão frio assim, mas ainda me preocupava com ela, mesmo que, pelo seu bem, escondesse isso o tempo todo quando estávamos juntos.

Ela juntou os braços em volta do meu pescoço. Olhou para seu ventre e começou a falar:

— Um ano atrás, quando Vicious e Millie se reencontraram e ele nos arranhou este louco plano de saúde maravilhoso, tive minha primeira consulta com a Dra. Hasting. Ela quis fazer um monte de exames em mim para avaliar melhor minha condição geral, principalmente quando eu estava acabando de me recuperar de outra infecção pulmonar da qual não conseguia me livrar. Eu estava prestes a voltar para a faculdade de enfermagem quando ela me disse que... — Rosie parou, engoliu em seco e balançou a cabeça. Seus olhos estavam fechados. Parti milhares de vezes por dentro, mas, por fora, eu a encarava inexpressivamente, esperando por mais. Ela engoliu o ar antes de voltar a abrir a boca. — Ela me disse que eu não deveria me incomodar em voltar para a faculdade, porque nunca poderia me tornar enfermeira. Meu sistema imunológico está tão fraco a esta altura que tenho que ter a autorização dela antes mesmo de embarcar num avião, motivo pelo qual eu meio que fiquei em choque e preocupada quando você me carregou para o aeroporto para o Dia de Ação de Graças. Não havia como eu poder trabalhar cercada de pessoas doentes, então, ela sugeriu que poderia muito bem procurar algo mais funcional para estudar. Só que eu amo ajudar as pessoas. — Ela tossiu as últimas palavras e eu acelerei um pouco o passo, uma pontada de pânico foi atirada em meu interior junto com o sentimento angustiante de tristeza. — Então, em troca, decidi me voluntariar. O único lugar que é absolutamente estéril de doenças é, como você pode imaginar...

— A UTI Neonatal. — Terminei por ela. O lugar que servia constantemente como um lembrete a Rosie de que ela não podia ter filhos. E, ainda assim, ela ajudava. Fodeu com a minha vida.

— Só que a Dra. Hasting não me deu más notícias apenas sobre a faculdade de enfermagem. Ela também disse que eu parecia ser completamente infértil. Não posso ter filhos. Nunca. Tenho muito muco em volta dos meus órgãos reprodutores. Ela disse que é como jogar uma esponja dentro de uma piscina cheia de cola e esperar que ela chegue à superfície. É tecnicamente viável, mas extremamente improvável. — Ela mordeu o lábio inferior, encarando o

nada.

— Rosie... — inspirei, inflando as narinas. — Bebê, tem ideia de quantas opções existem para você? Para *nós*? — E, sim, isso não era mais sobre ela. Era sobre nós dois. Estávamos nisto a longo prazo. Estávamos nisto *para sempre*, seja lá quanto tempo durasse o “para sempre”. — São tantas, não apenas médicas, mas também tem a adoção. Somos ricos e jovens e temos fichas criminais impecáveis. — Eu já nos colocava juntos como se fôssemos casados e, convenientemente, lhe dando acesso a cada centavo do meu império multimilionário. Como eu disse, o modo perseguidor estava a toda com esta garota. — Poderíamos adotar uma criança amanhã de manhã se quiséssemos. Somos os candidatos perfeitos.

Jesus Cristo, se esta garota tivesse um coelho, eu o cozinaria agora, me preparando para servi-lo como um Lapin a La Cocotte.

— O problema é... — Ela relaxou os braços em volta do meu pescoço e minhas costas enrijeceram. — Foi por isso que terminei com Darren. Eu não quero me casar. Nem quero adotar também. Não tenho certeza de por quanto tempo ainda estarei por aqui. E não quero deixar mais do que já deixarei para trás. Ter filhos é uma ideia terrível. Por que teria? Para que eles virassem órfãos dias, semanas ou meses, ou, na melhor das hipóteses, anos mais tarde? Não é justo com eles.

Reparei que Rosie era exatamente o oposto de Nina. Nina deu à luz uma criança e disse “fodam-se as consequências”. Rosie se privava de ter uma para que a criança não sofresse.

— Ouça com atenção, Bebê LeBlanc.

Ela apertou meu bíceps.

— Não, Dean. Por favor. Me coloca no chão.

Já estávamos em frente ao carro. Corri por todo o caminho de volta para garantir que ela estivesse segura e aquecida. Com cuidado, coloquei-a no chão. Ela ficou parada diante de mim. A chuva ficou mais forte. Eu não queria que ela se molhasse muito. Pelo menos não desse jeito.

— Ouça, não vou desistir disto. De *nós* — esclareceu ela, me puxando para si, encostando nossos corpos. Nossos lábios roçaram um no outro e nossos narizes se tocaram. Nossas testas estavam grudadas, coladas pelos fios de cabelo molhados. Éramos um só. Sempre fomos, mesmo quando namorávamos outras pessoas. — Sou muito egoísta para te deixar, Dean Cole. Como sabia que seria. Sou sua pelo tempo que você me tiver. A única

condição é: sem falar sobre bebês e sem casamento. Não posso te dar isso. Não que eu não *queira*. Posso te oferecer todo amor e devoção do mundo, Dean. Mas apenas por um período.

— Rosie.

— Olha, me ouça. Sei que você gosta de mim...

— Gostar de você? — Meu rosto se contorceu de aborrecimento, cuspiendo as palavras como se fossem revoltantes. Ela arregalou os olhos. Balancei a cabeça, com um sorriso sombrio em meus lábios. — Você acha que eu gosto de você, porra? *Tá* de sacanagem comigo? Eu não gosto de você. Eu te amo. Até mesmo essas palavras são um eufemismo. Eu vivo por você. Respiro por você. Morreria por você. Sempre. Foi. você. Desde que vi sua bunda patética pela primeira vez naquela soleira e você me cutucou no peito como se eu fosse um brinquedo. Ficamos separados por dez anos, Rose LeBlanc, e não passou nenhum dia da minha vida sem que eu pensasse em você. E não apenas por alto. Sabe, aquela coisa ocasional de “ela poderia ter sido uma ótima foda”. Quero dizer que eu realmente ficava pensando em você. Imaginando como você estaria fisicamente. Onde você estava. O que estava fazendo. Com quem estava. Eu te persegui no *Facebook*. E no *Twitter*, que, aliás, você precisa desativar porque nunca se preocupou em escrever alguma coisa, mas você não é exatamente uma louca das redes sociais. Eu perguntava sobre você. Sempre que estava na cidade. E quando me dei conta de que estava em Nova York com Millie... — respirei fundo, sentindo o quão rápido eu estava perdendo o controle da realidade e indo por um caminho muito escorregadio para a irracionalidade ao tentar explicar que ela não podia desistir da vida só porque iria acabar em algum momento. — Rosie, comprei uma cobertura em TriBeca alguns meses antes de você se mudar para o nosso prédio.

— Por que está me contando isso? — Ela espantou as lágrimas, mas logo outras já rolavam para substituí-las.

— Porque tive que vendê-la e perdi rios de dinheiro no momento em que percebi que você seria minha vizinha se eu continuasse lá. Falando sério, Rosie, você é tudo o que eu sempre quis. Mesmo quando quis que eu ficasse com a sua irmã. Ela era uma vela reconfortante. Você, o sol deslumbrante. Eu vivia no escuro, por causa do seu egoísmo. E se você acha que vou me contentar com *alguma coisa*, está muito enganada. Eu quero *tudo*. Nós *vamos* ter filhos, Rose LeBlanc. Nós *vamos* nos casar. E vamos nos divertir e sair de

férias e teremos dias em que vamos apenas foder, dias em que vamos só brigar e dias que iremos apenas viver. Porque a vida é assim, Bebê LeBlanc, e eu te amo *pra* caralho, então, vou te dar a melhor que existe. Entendeu?

Houve um momento de silêncio que eu odiei de verdade, porque depois desse tipo de discurso a última coisa que se quer ouvir é uma porcaria de um “tudo bem”. Rosie não falou “tudo bem”. Ela encostou a testa no meu peito e inspirou.

— Eu amo você — sussurrou ela. — Eu te amo tanto que cheguei a te odiar por um tempo. E agora que sei que você é uma pessoa ferida, te amo ainda mais. Coisas perfeitas não são compreensíveis. O indestrutível é fascinante, mas não admirável. Você não é indestrutível, Dean Cole. Farei o melhor que puder para te manter inteiro.

Segurei seu rosto e a beijei até ela perder o equilíbrio. Na chuva. Na represa. No meio da porra do nada. Esta confusão era a nossa confusão. Este caos era onde prosperávamos.

Quando me afastei, ela reclamou.

— Vamos nos casar — afirmei, não perguntei. — Talvez não hoje, nem amanhã, mas vamos. E teremos filhos. Pelo menos dois. Talvez mais. Ainda não decidi.

— Você é louco, Dean Cole.

— Eu sou — concordei. — E, ainda assim, este trem louco está em movimento. Você não pode pará-lo.

— Eu te amo.

— O para sempre começa agora, Bebê LeBlanc. Com você.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Dean

O jantar de Ação de Graças não foi horrível. Ou talvez tenha sido horrível e eu não percebi porque Rosie LeBlanc disse que me amava, várias vezes, e eu iria colocar um diamante naquele dedo. Era uma decisão impulsiva, entretanto, qualquer coisa que valesse a pena geralmente era. Quando se pensa sobre isso, qualquer coisa passional (desejo, amor, violência, ódio) é espontânea. Por que não isto?

Teria sido perfeitamente feliz casando com ela naquela noite em que pegamos o elevador juntos para subir e eu estava com Kennedy e Natasha. Eu simplesmente não sabia que era uma possibilidade. Agora que sei, a agarraria o mais rápido possível. Vicious estava errado. Ele sempre dizia que eu amava demais a variedade para sossegar com uma garota só. Mas a verdade era que eu nunca amei nenhuma das mulheres do catálogo o suficiente para parar de procurar. Depois que encontrei o que precisava, larguei o hábito de usar o *Tinder*, de fazer sexo a três e de foder estranhas em bares sórdidos para poder me livrar do perigo, porque fudas casuais não faziam mais parte de mim. E, ao contrário do álcool, eu não sentia nenhuma falta disso.

Enfim, sim, o jantar foi tranquilo.

Comemos, conversamos, fizemos aquelas merdas familiares de sempre. Os pais de Rosie ainda a importunavam para que voltasse a morar em Todos Santos, mesmo depois de eu confirmar que não era um babaca completo. Isso não pareceu acalmá-los, mas pelo menos o pai dela parou de olhar para mim como se eu a sodomizasse de hora em hora.

Depois do jantar, Jaime convocou todos os quatro e fomos com o *Jeep* de Vicious para o norte de Los Angeles. Reuniões presenciais do conselho sempre eram em um escritório. Não podíamos arriscar perder a cabeça em público, o que acontecia na maioria das vezes quando nós quatro dividíamos o mesmo espaço.

As coisas ficaram intensas no carro antes mesmo de abordarmos o assunto

que nos reunia. Eu estava dirigindo porque era o único que não tinha bebido. Vicious estava sentado ao meu lado, parecendo aborrecido. Ele deve ter tido uma ideia geral do que lhe pediríamos (com certeza deve ter juntado as peças), e Trent e Jaime estavam atrás, conversando sobre futebol.

— Como vai Luna? — Perguntou Vicious a Trent em algum momento durante os últimos onze quilômetros na Interestadual 5. Todos nos calamos imediatamente e Trent limpou a garganta, olhando entre Jaime e eu pelo retrovisor.

— Não formidável.

— Por quê?

— Ela não come. Não fala. Não anda.

— Ela sabe andar e falar? — Uma coisa eu tinha que admitir: a voz de Vicious não estava ríspida nem áspera. Era uma simples conversa.

— Sabe — intervim. — Eu a vi andando na última vez que estivemos em Todos Santos em agosto.

— Quer saber o que eu acho? — Vi Trent do retrovisor coçando a cabeça suspirando pesado. — Acho que ela está deprimida. Ainda não tenho certeza do que está acontecendo, mas vamos verificar.

— A mãe de Trent está em Chicago. — Os olhos de Jaime encontraram os de Vicious no espelho. — Ela o está ajudando com Luna por enquanto, mas seu pai não pode sair daqui. Ele tem a própria mãe para cuidar.

A complexidade da vida me encontrou num lugar estranho. Também iríamos envelhecer algum dia e eu me perguntava como diabos eu estaria ao lado dos meus pais. Porque eu definitivamente queria estar ao lado deles. O que me fez lembrar de que eu ainda teria que visitar meu pai esta noite depois de estar tudo resolvido em Los Angeles.

Estacionamos na vaga de Vicious e fomos para a sua sala. Tudo era minimalista, frio e impessoal, exatamente como ele. Quando trocamos de filial um ano atrás, renovei tudo e coloquei novos móveis e uma parede verde brilhante apenas para irritá-lo quando ele voltasse.

Agora, sempre que ele via a cor verde, pensava em mim.

Vicious e Jaime sentaram-se no sofá preto de couro de frente para a mesa de vidro de Vicious. Eu me apoiei na mesa, colocando as mãos nos bolsos. Trent ficou no meio da sala com as mãos cruzadas sobre o peito. Todos nós olhamos para Vicious. E ele parecia irritado.

— Então...? — Ele ergueu uma sobrancelha mais cismado do que de

costume. — Vão em frente e peçam logo, porra. Vocês estão morrendo de vontade de fazer isso e mal podem esperar para ver a minha reação, certo?

— Você precisa trocar de filial com Trent. — Minha voz foi fraca e impessoal. Sempre era eu que ia contra Vicious. Acho que Jaime era um inútil quando se tratava deste filho da puta, e Trent abrigava a verdadeira merda sombria que nenhum de nós jamais experimentou, então, ele o mataria se falasse diretamente sobre isso e Vicious recusasse seu pedido.

— Não vai rolar. — Vicious encolheu um ombro, entrelaçando as mãos atrás da cabeça e ficando confortável. Colocou uma perna por cima da outra e pareceu tão frio quanto um filho da puta poderia diante dessa circunstância. Eu me inclinei para frente, com um sorriso despreocupado.

— Não estamos pedindo. Te daremos tempo para se acostumar à ideia e fazer as malas.

Talvez eu tivesse sido muito impertinente, mas havia uma condição especial neste caso. Estava falando sobre uma situação totalmente fodida e Trent precisava estar aqui mais do que Vicious. Nisso, todos concordamos.

— Caralho, Cole. Você não tem que se afogar numa garrafa de bebida? Adultos de verdade estão tendo uma conversa aqui. — As palavras de Vicious eram veneno espalhando-se pelo ambiente enquanto ele ria.

— Mais um comentário desses e uma garrafa de alguma coisa vai ser enterrada no seu cu — disse Trent, saindo em minha defesa.

— Ouça os caras, Vicious. — Jaime comprimiu os lábios. — Acho que você sabe que Trent tem o direito de estar aqui.

— Eu tenho tanto direito quanto ele, Jaime. Trent tem um bebê. Eu tenho um bebê a caminho. Nós dois precisamos estar perto de nossas famílias.

— Você tem Millie. Ela pode cuidar do bebê.

— E ficar longe da família dela? Depois de todo o tempo que já passou longe deles? É, eu não vou fazer isso com ela. Independente do seu discurso motivacional, que, aliás, é terrivelmente deficiente.

— Foi *you* que fez isso com ela, babaca. — Eu ri. Nem de longe foi hostil. Só queria saber o que se passou naquela cabeça doente dele. Sua lógica às avessas me fascinava. Vicious bocejou ao pegar um baseado grosso e acendê-lo, inspirando profundamente. Eu não fumei tanto esses dias, culpa de Rosie, a maior estraga-prazeres da América, e estava morrendo de vontade de umas tragadas, mas continuei calado.

— Não importa o que aconteceu. Não vou me mudar. Todos vocês sabiam

disso antes de virem para cá. Mas Trent é bem-vindo de volta.

— E quem vai administrar Chicago? — Jaime franziu a testa. — A fada do dente?

— Podemos contratar alguém de fora — sugeriu Vicious.

— Vá se foder. Eu me arrebento de trabalhar setenta horas por semana para algum estranho entrar no que criamos e mandar em tudo? — Bufei. — Este império é nosso. Nós reinamos. Nós lideramos. Não alguém de fora. Essa era a regra quando o fundamos.

— Isso vai acontecer mais cedo ou mais tarde, Dean. — Vicious soava calmo, o que para mim era difícil de compreender. — Por mais quanto tempo você acha que consegue continuar do jeito que está? Rosie está destinada a ficar doente — falou ele, e Jaime se levantou, pronto para gritar com aquele patético, Trent também foi em direção a Vicious, mas eu estendi a mão, ainda me apoiando na mesa de vidro. Ele continuou. — É verdade. Por que caralhos vocês estão tentando poupá-lo? Em algum momento, Rosie *vai* adoecer. Vi em que estado ela ficou no ano passado. E Millie me disse que ela sempre piora no inverno. E mesmo que não fique doente, você ainda quer filhos, não é? Uma família? Um casamento? Toda aquela merda chique. Sei que você quer, Dean. Eu te vi com ela, cara. Você está caidinho... demais. Acha que vai poder continuar trabalhando a mesma quantidade de horas daqui a um ano? Daqui a dois anos? Você está viajando *pra* caralho, cara. Toma, quem sabe isso te faça pensar direito. — Ele levantou e me passou o baseado, e eu peguei, fechei os olhos e deixei a fumaça rançosa penetrar na minha garganta.

Caralho, senti falta disso.

— E Jaime... — Continuou Vicious, andando de um lado para o outro na sala. Ele planejou tudo isso. Sabia que iríamos encurralá-lo. Babaca de merda. — Você não quer voltar para Todos Santos? Que Daria cresça com Luna e o meu filho e o filho de Dean e seus avós? Você não quer isso?

Jaime grunhiu. — Você vai chegar a algum lugar com este discurso, Martin Luther King Jr, ou está simplesmente esfregando isso nas nossas caras?

— Vou chegar — assegurou Vicious, andando para trás de mim até sua mesa e abrindo seu laptop. — Os últimos seis meses me fizeram pensar. Entre o casamento, o meu futuro filho, o que aconteceu com Trent, Jaime morando no outro lado do mundo e Dean namorando uma garota com problemas de saúde suficientes para durar uma vida inteira — falou casualmente, digitando

algo no teclado. — Para que trabalhamos *pra* caralho? Já ganhamos uma quantia insana de dinheiro em cima daquilo com que nascemos. Mais do que jamais poderemos gastar. Sinto como se estivéssemos fazendo de algo verdadeiramente simples uma coisa extremamente complexa. Eu, por exemplo, não ligo para este estilo de vida. Quero passar um tempo com a minha esposa, quero fodê-la três vezes ao dia como costumava fazer, quero malhar mais, me estressar menos, fazer viagens longas e viver. Ao contrário da maioria do mundo, eu realmente *posso* fazer isso. Então, por que estou aqui? Por que estamos todos aqui?

O que ele dizia começava a fazer sentido, mas o conceito que oferecia era insano. A Fiscal Heights Holdings era o nosso bebê. Chegamos bem longe muito rápido com a nossa empresa de fundo de investimento. Principalmente porque trabalhávamos 24 horas por dia. A ideia de *não* trabalhar, ou de trabalhar menos horas, assumir menos responsabilidade, nunca passou pela minha cabeça.

— Você quer se aposentar? Ser um filantropo na tenra idade de trinta anos?

— Perguntou Jaime.

Vicious moveu seu laptop para que todos olhássemos para uma página da Wikipedia com uma foto. *Jordan Van Der Zee*.

— Nem fodendo. Eu ainda vou trabalhar, mas talvez duas ou três vezes na semana. No resto do tempo, vou curtir. No resto do tempo, vou agir como o deus que nasci para ser.

— Que viagem péssima. — Trent apontou para Vicious, revirando os olhos.

— Você está falando como se fosse o Napoleão drogado. Por que estamos olhando para esse homem, Vicious? E, mais importante, você se esqueceu de que eu não nasci com dinheiro? Não posso resolver parar espontaneamente.

— Você já é um milionário — latiu Jaime para Trent e isso significava que ele estava realmente considerando a ideia de Vicious. O que quer que Vicious oferecesse, Trent era contra. Jaime a favor.

Isto fazia de mim o dono do voto de minerva.

— Milionário ou não, não estou interessado em me aposentar aos trinta — Trent cuspiu cada palavra estreitando os olhos. — Eu não sou casado e não tenho namorada. Tenho uma filha e, nesse momento, ela está passando por um monte de problemas. Preciso de uma distração, um escape. Caralho — ele chutou a mesinha de centro embaixo dele e o estrondo ecoou em nossos ouvidos —, eu sou o único idiota aqui que gosta de trabalhar?

— Você pode continuar trabalhando — enfatizou Vicious, apontando para a tela. — Esse cara está comprando todas as empresas de investimento desta região. Ele começou com São Francisco há três anos e foi descendo para o sul da Califórnia. Um multibilionário do caralho. O queridinho da *Forbes*. Inteligente *pra* cacete e, não esqueçamos: seus bolsos fundos gostam da gente. Bastante.

— Nós sabemos quem é Jordan Van Der Zee. — Coloquei um fim ao discurso dele. — Você não é o único a pegar numa revista de negócios uma vez por mês, Vicious, mas obrigado pela informação inútil.

Eu fui para Harvard. Assim como Jordan Van Der Zee. Não ao mesmo tempo, óbvio. Ele é bem mais velho. Mas ele era uma lenda lá, porque era uma dessas pessoas raras que fez a vida sozinho. Sabe, batalhou por uma bolsa de estudos em uma universidade da Ivy League, estagiou, arrebentou e se tornou um magnata por seus próprios méritos. Assisti a um documentário sobre ele depois que me formei em Administração. O cara veio de uma família de classe trabalhadora holandesa. Pelo amor de Deus, o pai dele era engraxate.

— Você quer vender suas ações? É isso? — Sondei.

— Quero vender a maior parte e sugiro que façam o mesmo. Vamos vender, mantendo cinquenta por cento das ações conosco. Chegamos a um ponto onde podemos negociar um acordo muito bom. Se Trent ainda quiser trabalhar, pode. Eu também.

— Eu não vou me aposentar — falei.

— Nem eu. — A voz de Jaime era pouco convincente.

Vicious olhou para todos nós e sorriu. — Então, por que não expandimos Los Angeles e trabalhamos todos aqui?

— Vamos começar pelo motivo óbvio: ele vai querer nos comprar com 51% das ações. — Trent apoiou seu ombro largo na parede. Vicious fez *tsc-tsc*.

— Isso seria o óbvio a se fazer, certo? — Basicamente. Era a primeira aula de Administração.

Todos o encaramos sem paciência. Vicious sorriu.

— Mas como eu disse, ele é inteligente. Quer nos controlar o bastante, mas, na verdade, não está nem aí para a FHH. Ele compraria exatamente cinquenta.

Neste exato momento, eu soube que o filho da puta já tinha redigido um contrato com o cara. Ele soava muito arrogante para fazer esse tipo de

suposição. Os olhares que Trent e Jaime trocaram comigo me diziam que eles também sabiam disso.

— Essa merda pode levar meses, até anos de negociação — argumentou Jaime.

— Van Der Zee já perguntou se queremos uma reunião com ele. — Continuou Vicious e todos os olhos correram para ele.

Passando o baseado para ele enquanto eu ria tossindo, perguntei:

— Há quanto tempo você sabe que iríamos te pedir isso?

— Tempo suficiente para fazer bons planos.

— O filho da puta foi a você primeiro. Como é isso? — Trent pegou o baseado e inspirou, unindo as sobrancelhas. Vicious inclinou a cabeça para trás e soprou círculos de fumaça para o teto, seus olhos estavam encobertos e malignos.

— Eu estou na Califórnia. Ele está na Califórnia. Eu lido com os trâmites legais aqui. Quem se importa? Você vai conseguir o que quer, Trent. Tempo para tirar essa expressão triste da porcaria do seu rosto.

Todos nos olhamos. Eu estava sorrindo e nem sabia por quê. Ninguém me prometeu que Rosie queria voltar para Todos Santos. Na verdade, ela amava Nova York, motivo pelo qual morava tão longe dos pais. Só que a possibilidade de lhe dar esta opção me deixou irracionalmente feliz.

— Estou dentro — falei.

— Pelo contrato e valor certos, eu também — acrescentou Jaime.

Trent soltou o ar, rindo. — Luna vai ser uma garota da Califórnia.

Vicious sorriu. — Vamos nessa.



Rosie

O que te faz sentir vivo?

Ser amada. Loucamente. Sob o céu aberto. Sob a chuva torrencial. Sob

o efeito de um encanto que nunca, nunca acaba.

— *Sem ofensa, Rosie, mas eu não quero que ninguém me deixe* — disse Dean quando o confrontei sobre pedir a Emilia para nunca ir embora. Naquela hora, pensei que fosse porque ele era um babaca arrogante. Agora, estava claro como água.

Ele tinha problemas de abandono.

Ele tinha problemas de abandono e Millie o abandonou.

Isso me deixou irracionalmente puta com a minha irmã, mas também grata pelo que fez.

Pulando na cama depois do jantar de Ação de Graças, pensei naquela tarde, no beijo na chuva, como se estivéssemos em *Diário de uma Paixão* e ele fosse o Ryan Gosling e eu, obviamente, louca, e comecei a rir. A risada se transformou em tosse, o que não era tão surpreendente.

Entretanto, a tosse se transformou em sangue.

Cuspindo uma bola de catarro com sangue, olhei para ela no lenço de papel na minha frente por longos segundos sem piscar.

A decisão de manter isso para mim foi imediata. Afinal, não fazia muito sentido. Dean e eu estávamos voltando para casa dentro de algumas horas. Ele estava em Los Angeles com os amigos e a última coisa que eu queria era jogar toda a minha família na insanidade e fazê-los me levar para o hospital mais próximo. A Dra. Hasting costumava me ver nos horários e nos dias mais loucos e nos finais de semana. Eu podia ir até ela em Nova York se isso acontecesse de novo.

Eu me revirei na cama, de um lado para o outro, sem conseguir dormir o necessário. Tossi mais um pouco. Depois funguei. Mudava de posição para tentar descobrir o melhor jeito de respirar sem que o muco bloqueasse minhas vias aéreas. E era irônico que a minha necessidade de Dean sufocasse a mim e não a ele.

Independente do quanto eu tenha gostado de sua declaração de amor, meu corpo não gostou que tenha sido na chuva.

Ele disse que me ama.

Isso me trouxe o tipo de alegria que o dinheiro não podia comprar. Mas essa felicidade também estava mergulhada em medo. Porque sabia que algum dia, em breve, eu morreria. Morreria na metade dessa vida linda que ele planejava para nós dois.

Eu o deixaria, um viúvo aos trinta e poucos anos, com filhos para criar? Eu o deixaria assumir a culpa? Quantos corações eu iria partir, e por que parei de lutar contra a necessidade de me impedir de parti-los?

Ele me contou sobre Nina.

Este era o outro motivo pelo qual eu não conseguia dormir. Ele arrancou meu coração do peito e eu não fazia ideia de como colocá-lo de volta. Apenas Dean tinha esse efeito sobre mim. A habilidade de me fazer sentir como se eu estivesse completamente arrasada e, ainda assim, do melhor jeito possível. Ouvi a porta do meu quarto rangendo e tossi num lenço de papel usado. Olhando para o material, detectei mais pontos escuros de sangue e meu ombro cedeu num suspiro.

Obrigada, realidade. Tive um passeio agradável hoje, mas você precisava arruiná-lo.

— Mill? Feche a porta quando entrar. Está frio. — Resmunguei mais uma vez.

A porta foi totalmente aberta desta vez. Dean entrou, seu corpo era maior que meus medos e as minhas dúvidas. Ele deitou na cama ainda de roupa, sapatos e casaco e puxou a coberta para nos aconchegar, depois se virou e fez conchinha comigo. Olhei para o relógio na minha mesa de cabeceira. Os números vermelhos diziam que eram seis horas da manhã.

— O que você está fazendo? — Amassei o lenço de papel e o enfiei debaixo do edredom antes que ele pudesse ver. Ele não podia saber. Iria querer me levar para o pronto-socorro e eu *odiava* prontos-socorros. Eram onde sua alma ia para morrer para que seu corpo continuasse funcionando.

— Não faz sentido tirar a roupa se vamos sair em uma hora — murmurou ele no meu ouvido, pressionando a ereção na minha bunda. Ele parecia muito sonolento para transar. Surpreendentemente, não fiquei desapontada. Eu me sentia péssima e sexo com Dean não era algo que se podia improvisar nem fazer de qualquer jeito.

— Como foi a reunião? — Falei rouca.

Houve uma pausa antes de ele responder. — Boa.

— Trent vai se mudar para Todos Santos?

— Em algum momento. E na hora certa, nós também.

— Como é?

— Prioridades, Rosie. Eles mudam. Nós também mudamos.

— Você está parecendo eles — acusei, embora eu não estivesse puta com

Dean como estava com meus pais.

— Não. — Ele segurou meu queixo entre seus dedos e virou a minha cabeça para me dar um beijo suave e lento. O tipo de beijo que se dá na esposa no dia do casamento, não na vizinha que você come ocasionalmente. — Eu pareço *comigo*. E não estou nem aí para o que eles querem. Mas sei que está em Nova York pelos motivos errados. Você também pode ter a sua independência aqui. O único poder que as pessoas têm sobre você é o que você lhes dá.

Engoli em seco, mudando de assunto.

— Você foi falar com seu pai?

— Não tive tempo. Deixei Trent há dez minutos na casa dos pais dele. Ele terá que esperar. Por que está acordada?

— Tinha muito que processar hoje. — Não era mentira. Isso pareceu acalmá-lo. Reprimi o restante das tosses para evitar mais sangue.

Quando finalmente chegamos ao aeroporto, me tranquei no banheiro.

E tossi. E tossi. E tossi.

Ao pousar de volta em Nova York e ligar para a Dra. Hasting, a recepcionista dela me disse que ela teve uma emergência familiar e estava fora da cidade. Ela me pressionou a ir até um hospital para fazer um *checkup*.

Eu deveria ter ido, mas quis forçar só mais um pouquinho os limites da realidade, pensando *o que poderia dar errado?*

A resposta era tudo.

Tudo podia dar errado.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Dean



Fazer uma ligação para Nina era como dar os primeiros passos para o corredor da morte e pedir aos guardas que acompanhassem meu ritmo.

Ela ficou tão surpresa em ver meu nome na tela que passou os primeiros dois minutos da conversa tropeçando nas palavras. Eu queria acabar com esta merda e conhecê-lo. Dar um fim nisso e seguir com a minha vida. Meu pai me implorava para conversar com ele sobre as coisas de Nina, porém, eu estava restringindo suas ligações numa tentativa de manter relativamente baixo o nível de drama na minha vida. Se não fosse por Rosie me fazer prometer que faria isso, provavelmente nunca teria ligado. Abrir a caixa de Pandora não era o tipo de merda pela qual eu estava impaciente. Mas eu fiz uma promessa.

A primeira coisa que fiz depois de nossa viagem a Todos Santos foi alugar um lugar nos Hamptons para Rosie e eu passarmos a próxima semana. Pedir a mão dela não estava nos planos (ainda era cedo demais), porém, com certeza iria lhe dizer que estava na hora de economizar aqueles cem dólares e se mudar para a cobertura. Isso fazia sentido. Estávamos praticamente morando juntos durante os últimos dois meses, mas ela ainda tinha que descer todas as noites para pegar uma prancha alisadora, uma camisa limpa ou uma porcaria de uma faixa para os cabelos. Cheguei ao ponto onde nem conseguia olhar para o andar dela no elevador sem sentir minha pálpebra tremer com a frustração mal contida. Acelerar as coisas estava no topo da minha lista de prioridades.

Sinceramente, eu estava meio que de saco cheio de Nova York a esta altura.

A única coisa que eu realmente queria daqui, Rosie, estava começando a parecer bastante minha, e voltar para o sul da Califórnia iria me garantir vários pontos aos olhos de Paul e Charlene LeBlanc.

Além disso, Vicious estava certo. O clima daqui era uma merda, o ar poluído demais e, por mais que eu gostasse de bancar um empresário figurão em Nova York, gostava ainda mais de ter um bronzado do caralho, de cerveja gelada e de um iate à minha disposição.

Tentando não dar pulinhos de alegria recém-descoberta, me preendi à ideia de voltar para Califórnia enquanto entrava no *The Black Hole* para surpreender minha namorada com o almoço. Eu tinha uma coisa de negócios com três investidores, mas decidi cancelar no último minuto para contar a ela sobre os Hamptons. Estava chovendo muito neste dia, então, o Café estava praticamente vazio. Não havia ninguém atrás do balcão e apenas poucas pessoas espalhadas em algumas mesas olhando para suas telas digitais. Batuquei os nós dos dedos algumas vezes no bar de madeira e alisei a gravata.

— Bebê LeBlanc. Traga sua bunda linda aqui — falei, ignorando os olhares curiosos. Eles se transformariam em olhares fascinados assim que eu a pegasse pela gola, a puxasse sobre o balcão e enfiasse a minha língua na garganta dela.

Alguns segundos de absolutamente nada se passaram até que Elle apareceu sorrindo vindo da cozinha. Ela estava com seus cabelos loiros presos num coque e enxugava suas mãos molhadas no avental.

— Oi, Dean, nós não estávamos te esperando.

Nós? Será que eu não recebi o comunicado dizendo que Elle se tornou a porra da rainha?

— É, pensei em passar aqui para trazer o almoço para Rosie. — Coloquei um saco marrom gorduroso no balcão, dentro dele tinha o queijo quente preferido de Rosie de uma padaria no outro lado da rua. Espiei por trás do ombro dela.

— Falando na minha namorada... cadê ela? Pensei que ela estivesse escalada para hoje.

— E estava. — O sorriso de Elle fraquejou, o que me deixou irritado, porque isso significava que ela escondia alguma coisa e eu não gostava de segredos.

— Ela teve que sair cedo porque... — Foi aí que a voz de Elle morreu e ela contraiu os lábios.

— Continue. — Estreitei o olhar, aproximando-me dela. — Termine a frase, Elle.

Ela mordeu o lábio inferior e olhou para baixo. Esta não tinha nada a ver com Elle. Acabei conhecendo-a com o passar dos últimos meses e ela era uma encrenqueira igual à minha Rosie.

— Não posso.

— Pode, sim, e vai. Agora mesmo. Onde está Rosie, Elle?

Uma coisa eu tinha que admitir em relação à categoria sexual das mulheres: elas eram mais complexas. Provei ser uma criatura mais simples do que Rosie e Elle porque o primeiro pensamento que cruzou a minha mente foi que a minha garota estava me traindo. E o segundo pensamento foi que eu iria matar o cara e implorar que ela me visitasse na prisão para podermos resolver nosso relacionamento. Patético? Idiota? Insano? Culpado. De todos os três.

— Ela foi ao hospital — sussurrou Elle, mas se apressou em erguer o olhar e explicar. — Ela está bem, eu juro. Foi só um susto. Acho que pode estar a caminho do seu apartamento agora. Ela me pediu especificamente para não contar nada, então, você *não pode* contar a ela que eu te falei, Dean. É sério. O único motivo pelo qual eu te contei foi porque você quer ficar de olho nela. Promete que não vai me dedurar? — Ela me lançou um olhar penetrante fazendo beicinho. Minha mente já estava em outro lugar e meu coração pulverizava a mil quilômetros por hora.

— Tá bom, claro — falei, já a caminho da porta com o estúpido sino em cima. — Obrigado, Elle. Tchau.



Rosie

O que te faz sentir vivo?

A sensação de que não estarei... em breve.

— Você tem certeza? — Perguntou Dean pela centésima vez, enrolando um pedaço de alface no garfo enquanto estávamos sentados à mesa de jantar. Meu olhar escureceu. Se ele me fizesse essa pergunta mais uma vez, eu poderia enfiar em seu globo ocular a faca de manteiga que segurava e

arrancá-lo.

— Nunca tive tanta certeza de nada na vida — explodi.

— Porque você me parece mesmo doente *pra* caralho. — Ele ignorou a minha segurança, seu maxilar estava duro como granito.

Dei de ombros, pegando a metade que ainda restava do meu sanduíche.

— Pareço? Você pode me foder por trás esta noite para não ter que olhar pra minha cara.

Senhor, eu estava azeda. Contudo, não conseguia evitar. Hoje, eu finalmente fui ao hospital verificar por que tossi tanto sangue nos últimos dias. Minha equipe de fibrose cística no hospital disse que algumas veias sanguíneas haviam se rompido. Eu lhes disse que havia pedaços de sangue (pedaços grandes e viscosos que saíam sempre que eu tinha um ataque), mas eles disseram que estava tudo bem. Então, acho que eu estava bem. Eu queria estar bem. Queria mais tempo com Dean, contudo, por mais que isso fizesse a minha cabeça, queria mais tempo com meus pais e Millie também.

Dean não respondeu meu comentário sarcástico. Esfreguei os olhos, suspirando.

— Peço desculpas por agir como uma pirralha. Foi um longo dia.

— Consegui um lugar *pra* gente ficar nos Hamptons na semana que vem. Falei com Elle. Você tem uns dias de folga. E com seu responsável no hospital infantil. Vou chegar lá antes de você — informou ele num tom frio que me irritou.

— Ótimo — falei com a cabeça em outro lugar. Houve uma pausa e então...

— Vou encontrar com meu doador de espermatozoides na sexta-feira ao meio-dia.

Minha pulsação esquentou no meu pescoço de repente.

— Quer que eu vá com você? — Perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— Obrigado. — A voz dele derreteu, mas não tanto. — Prefiro fazer isso da forma mais rápida e indolor possível. Sue vai mandar um táxi para te pegar no final do seu turno na sexta-feira.

Minha cabeça curvou-se um pouco diante do gesto. A conversa foi absolutamente sofrida. Nós soávamos como dois velhos de noventa anos tentando fazer planos para o funeral de outra pessoa. Nós nos divertíamos mais distribuindo golpes um no outro quando não estávamos juntos. Por quê? Por minha causa. Porque eu não falei o que estava realmente acontecendo. Porque eu estava com medo de que fosse perdê-lo e, mais importante, de que

ele fosse *me* perder.

— Eu te amo — falei. Ele ergueu os olhos do jantar. Nossos olhares se cruzaram e se encontraram.

— É recíproco e é por isso que eu preciso que você esteja bem, Rosie. Se tem alguma coisa que eu deva saber sobre sua saúde...

— Nada de diferente. Foque nos problemas da sua família. — Sorri, acariciando sua mão do outro lado da mesa.

Naquela noite, ele não me tocou e eu não lhe pedi que me tocasse.

E quando a sexta-feira chegou... o nosso grande final também.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Dean



Onze Anos Antes

— Não deixe Owl me matar, querido.

As lágrimas de Nina sangravam de seus olhos enquanto ela segurava a gola da minha camiseta úmida, agarrando-se em mim para se salvar. Eu só vestia camiseta quando vinha visitá-la. Não era como se alguém de lá fosse valorizar a minha coleção de camisas masculinas extravagantes da *Yves Saint Laurent* ou meus sapatos de camurça.

— Você tem que fazer alguma coisa com ele. Ele está me batendo com força. Vê estas marcas? Está vendo? Ele vai acabar comigo. Você vai ficar aí sentado e deixar que ele faça isso?

— Você deveria deixá-lo. — Tirei a camiseta e a atirei em cima da cama. Eu tinha acabado de arrancar as ervas daninhas de seu enorme jardim e estava me preparando para fazer o jantar para nós três. — Venha comigo para a Califórnia. Mamãe não vai se importar.

— A Helen não é sua mãe, Dean. *Eu sou*.

Não fazia sentido discutir, mas isso não significava que eu concordava com essa afirmação.

Ela sempre me arrastava para as merdas do seu casamento, todo santo verão, sem falhar. Juro que ela pensava em mim como uma mistura entre um guarda-costas e um assistente pessoal. Contudo, não podia culpá-la. Eu tentava constantemente salvá-la. Proteger a pessoa que me afetou.

Naquela noite, Owl chegou em casa bêbado. Nada de diferente. Ele podia não ser um viciado igual a Nina, mas com certeza gostava de um *whiskey* nas

noites quentes de verão. Ele rastejou para a cama deles, enrolando a língua e praguejando. Ouvi tudo do meu quarto do outro lado do corredor enquanto estava deitado na cama com Tiffany, a filha dos vizinhos. Ela se esgueirava pela janela do meu quarto todas as noites. Era uma casa de um andar, parecida com um celeiro. Como prova, eu tinha marcas de mordida nos meus pulsos por abafar seus gemidos, mas ninguém perguntou o que eram nem de onde tinham vindo, porque ninguém dava a mínima.

Pensando bem, ninguém dava a mínima para nada debaixo daquele teto.

Berros abafados e soluços preencheram meus ouvidos, e eu não consegui me concentrar nos amassos, falhando em elevar as coisas para o nível das preliminares.

— Essa merda vai me deixar louco a noite toda — grunhi, afastando uns fios de cabelo que caíam no rosto de Tiff para poder ver melhor seu desejo por mim. Desta vez, as molas enferrujadas do colchão deles não rangeram. Alguma coisa estava diferente. Era a primeira vez que a minha intuição ficava tão forte e isso me incendiou por dentro.

— Sua tia é um caos — replicou Tiffany, subindo em mim, montando em meus quadris com suas coxas e se esfregando no meu pau.

Ela não sabia que Nina era minha mãe. Meus pais certificaram-se de que Nina mantivesse a boca fechada.

Ouvi o estalido de pele batendo na pele. Ouvi Nina gritar aterrorizada e, depois, tentar fugir, trombando nos móveis, derrubando as coisas no chão. Coloquei as duas mãos na cintura de Tiffany, tirei-a de cima de mim e me levantei.

— Vou verificar se está tudo bem.

— Nada nunca está bem neste lugar — declarou Tiff, jogada na minha cama. Ela não estava errada. Todos conheciam os Whittaker neste vilarejo minúsculo. Sabiam que Nina era uma viciada com as pupilas dilatadas, que Owl bebia o equivalente ao peso do seu corpo todas as noites e que eles estavam perdendo dinheiro tentando pagar a hipoteca desta terra todos os anos. Acho que a maioria das pessoas rezava para que finalmente desistissem dessa pequena aventura, vendessem a propriedade e se mudassem.

— Deixa eu reformular. — Segurei a maçaneta com metade do meu corpo no corredor. — Não quero que Owl mate Nina enquanto eu estiver aqui. Melhor assim?

— Ele não vai matá-la. — Tiff deslizou para cima até que suas costas

ficassem encostadas na parede e acendeu um cigarro, ficando à vontade.

— É isso mesmo, porque estou prestes a me certificar disso. — *Pow!* Outro golpe e outro grito transpassaram o ar no final do corredor. Segui em direção ao quarto deles.

— Você não quer fazer isso — gritou Tiffany atrás de mim, soprando nuvens de fumaça como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. — Eles são loucos. Você vai se meter em problemas.

Claro que ela estava certa, só que eu não a escutei. *Proteja os desgarrados*, recitou uma voz dentro da minha cabeça. *Até mesmo a pessoa que fez de você um deles.*

Assim que entrei no quarto, Owl jogou um vaso em mim. E errou. Foi o suficiente para acionar o botão da minha raiva e me empurrar para a situação sem nem pensar nas consequências. Lancei-me contra ele com as mãos em punho, agachado, soquei seu estômago sem piedade, imobilizando-o completamente, sem nem me importar se seus órgãos internos poderiam explodir.

— Pare com essa porra — gritei exigindo. — Toque na minha mãe mais uma vez e vou quebrar cada maldito osso do seu corpo patético.

Minha mãe. Bom Jesus. Eu precisei de uma boa dose de realidade com uma porção generosa de coragem.

— Isso mesmo, garoto! — Gritou Nina da cama, em cima de um travesseiro e, desta vez, eu não parei para pensar no quanto ela parecia perfeitamente bem. Calma, com o rosto tranquilo e sem marcas. Como ela parecia tão *excitada* com tudo isso. E o quanto toda essa situação era doentia. — Mate-o, Dean! Mate-o!

Eu quebrei o nariz dele.

— Mostre que não deve mexer comigo!

Montando-o em posição de crucifixo, outro cotovelo voou em seu rosto. Era a primeira vez que ela me agradecia de verdade e sua voz não fedia a aborrecimento quando falava comigo. E eu aceitei. Engoli a vara de pescar junto com a porra da isca. *Pow! Bang! Soc!*

Eu era forte. Atlético. Fui capaz de acabar com seu rabo velho em menos de dois minutos e nem foi divertido.

— Mate-o por mim, querido!

— Dean! Não! Pare! — Ouvi a voz reprimida de Tiffany da porta. Que diabos ela estava fazendo ali? Não que eu particularmente me importasse se

soubessem que ela entrou escondida na casa deles, mas podia criar um monte de problemas para si mesma. O pai dela era o pastor do vilarejo. — Saia de cima dele. Você vai matá-lo. Você quer mesmo terminar na cadeia? Este cara é louco!

Continuei batendo no Owl, mas não com o mesmo entusiasmo de antes, me dando conta de que ele não tentou bater em mim nenhuma vez. Simplesmente aceitou. E Owl nunca aceitava nenhuma merda de ninguém. Muito menos de mim.

Meus movimentos diminuíram antes de morrerem completamente conforme a voz tremida de Tiffany ficava mais firme e brusca.

— Você quer mesmo ir preso? Vale a pena? *Eles* valem a pena? — Implorava ela, juntando as mãos. Ela tinha razão.

Endireitei a coluna, ouvindo Nina gritar ao fundo:

— Cala a boca, sua vadia! Dê o fora daqui! Vá em frente, Dean! Mate-o!

Foi quando percebi a câmera.

Levantei, meus pés estavam instáveis. Owl estava embaixo de mim. Seu rosto estava tão ensopado de sangue que não consegui distinguir os olhos do nariz, nem mesmo os lábios no meio de toda aquela confusão. Eu nem havia percebido que a minha camiseta estava encharcada de sangue... e não era meu. Olhei direto para a câmera. O pontinho vermelho piscava para mim. Quase provocador. Nina a segurava com uma mão e gritava para que eu o matasse, sua voz estava rouca de tanto gritar.

A gravação correndo.

Primeiro ato: grave sua prole cometendo um crime.

Segundo ato: chantageie-o com a gravação.

Terceiro ato: enriqueça e se salve à custa dele novamente, desta vez recomeçando em um lugar diferente.

Fim.

Minha mãe biológica nunca tirou uma foto minha. Nunca gravou um vídeo do meu primeiro passo, da minha primeira palavra ou de nenhum aniversário. Sem mencionar que nem mesmo tinha um álbum onde podia encontrar uma foto da minha cara. Mas aqui estava ela, me filmando em defesa dela, me incriminando, me empurrando para o abismo que engolia sua oportunidade de ser alguém nesta vida.

— Que porra você está fazendo com essa merda, Nina? — Perguntei, indo em direção a ela. Minha voz era fria e, mesmo que a adrenalina estivesse

fervilhando na minha corrente sanguínea, eu não estava mais com raiva. Ela conseguiu. Depois de todo esse tempo, ela conseguiu grampear esse chip sombrio no meu ombro. Eu viveria com ele, e morreria com ele, por causa dela. — Você tem um segundo para explicar e é melhor que a explicação seja boa.

— Isso é uma tentativa de homicídio — falou arrastado. Meu Deus, ela estava chapada. A vaca exagerou na dose. — Posso te colocar na prisão por muito tempo por algo assim, meu filho.

— Filho? — Tiffany engasgou atrás de mim. Caralho. Ela ainda estava aqui. Parte de mim queria que ela me deixasse sozinho. Uma parte maior queria que ela ficasse para poder servir como minha testemunha. Inclinei a cabeça para o lado e sorri. Porque eu enfim me dei conta.

Minha mãe era o demônio.

Minha mãe me odiava.

Minha mãe me invejava.

E a minha mãe nunca pararia a menos que fosse detida. Por mim.

— Você acha mesmo que pode conseguir isso? — Eu ri. Queria assustá-la e, pelo jeito que sua expressão desabou numa careta, sabia que tinha conseguido. — Fala sério, Nina. Você é um maldito caos. Não deixe que a minha nobreza te confunda.

Ela abaixou a câmera por alguns centímetros, desconcertada pelo quanto eu falava bem. Sim, eu definitivamente não era o mesmo bastardo educado de sorriso largo que queria agradá-la. A ficha caiu junto com qualquer tipo de simpatia que eu sentia por ela. Percebi que ela iria arruinar meu futuro inteiro se eu a deixasse ter esse poder sobre mim.

— Abaixei esta merda, Nina. — Fui até a mesa de cabeceira dela e tirei um baseado lá de dentro, acendendo-o despreocupadamente, a câmera ainda me seguia. — Não vou pedir duas vezes e, acredite quando digo, você não vai querer que meu pai descubra sobre isso.

Owl chorava de dor no chão e eu o chutei, ainda com o baseado entre os lábios.

— Cala a porra da boca, babaca.

— Quer que eu chame uma ambulância? — Perguntou Tiff, roendo as unhas, ainda apoiada no batente da porta. Estalei o pescoço e suspirei.

— Foi o próprio Owl que causou isso a si mesmo ao dar ouvidos à esposa drogada e sem cérebro. Deixe que ela cuide dele. Então, é assim que você

quer jogar? — Dei os passos necessários até Nina, peguei a câmera, tirei a fita e quebrei em pedacinhos, antes de jogar o aparelho no chão e destruí-lo com o pé. — Você quer me chantagear com uma fita idiota?

As pupilas de Nina dançavam nas órbitas. A realidade começava a atingi-la e não foi bonito. Limpei as cinzas do baseado no lençol dela, exalando a fumaça através das minhas narinas infladas.

— Então...? — Grunhi na cara dela. — Vai falar ou o quê?

Até este momento eu não sabia sobre o *Walmart*. Não sabia que ela havia me abandonado. Não sabia que ela foi comprar a porra do cigarro e uma cerveja logo depois de me deixar para morrer, pelado, gritando, num banheiro público. Meus pais guardaram todas as partes succulentas para si mesmos e eu não os culpava. A versão deles das coisas era muito mais fácil de digerir: Nina tinha problemas com drogas. Ela não podia cuidar de mim. Então, me deu para eles, sabendo que me amariam intensamente. E amavam.

— Como se você fosse sentir falta desse dinheiro! — gritou ela na minha cara, me empurrando. — Você tem tudo! Eles te dão tudo, caramba! — Seu sotaque sulista ficou mais acentuado.

— Eles dão porque você não deu. — Foi a minha vez de levantar a voz. Eu me esforcei para não agitar os braços. Ficar calmo, porém, a necessidade de chutar alguma coisa era forte. E Owl estava bem ali, só que ele começava a parecer um pouco roxo, então, eu não queria forçar. Nina levantou da cama.

— Isso mesmo. Não dei. Eu te joguei onde você pertence. Na privada. Porque você não era nada nem ninguém!

O baseado quase caiu da minha boca.

— O quê?

Ela repetiu. Depois gritou o resto da história do meu nascimento. E então começou a chorar e dar assistência ao marido, murmurando para ele que tudo ficaria bem. Tiffany ainda estava parada na porta, me observando com uma mistura de pena, dor e horror.

— Saia daqui. — Projetei meu queixo para Tiffany. — Agora.

— Mas, Dean...

— Fora! — Gritei, apontando em direção à porta de entrada. — Estou falando sério. Acabou.

E havia acabado mesmo. Todas as coisas sobre esta parte da minha vida estavam terminadas.

Peguei um avião de volta para casa no dia seguinte e nunca mais coloquei os

pés no Alabama. Até onde me diz respeito, o estado parou de existir no mapa dos Estados Unidos.

O garoto divertido e feliz também morreu lá.

E eu estava presente em seu funeral que, daquele momento em diante, acontecia todos os malditos dias.

Na minha mente.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Rosie



O que te faz sentir vivo?

Ver as árvores ao passar, o oceano brilhar, o mundo girar à minha volta como se fosse um vestido de baile. Saber que faço parte dele. Aceitar que a vida também é não fazer parte dele.

Eu me sentei no banco de trás do táxi a caminho dos Hamptons, criando uma playlist foda para a nossa estadia. Coisas românticas e fofas que eu queria que ouvíssemos enquanto preparávamos o jantar, fazíamos amor e criávamos lembranças inesquecíveis.

Era um dia importante para Dean e, conforme o céu cinzento escurecia sobre a costa, eu me perguntei se o tempo era um símbolo de como seria para ele. Chovia forte. Eu estava coberta por quatro camadas de roupas. Duas delas eram casacos. Trouxe todos os meus remédios e o nebulizador dentro de uma bolsa de ombro que não pesava menos que eu. A verdade era que eu não me sentia muito bem. Porém, Dean nos reservou uma semana inteira nos Hamptons, indo numa sexta-feira e voltando na seguinte, e eu queria muito deixá-lo feliz, agora mais do que nunca.

Ele iria resolver um mistério de trinta anos. E certamente havia pago muito

para isso e eu estaria ao seu lado, em todos os sentidos da palavra, mesmo que tivesse que aguentar um pequeno desconforto físico.

— Está chovendo demais lá fora — observou o taxista, apontando para os limpadores de para-brisa. Eles se movimentavam furiosamente pelo vidro. A chuva batia no teto como se estivesse tentando quebrá-lo.

— Está, sim — concordei. — Sinto que tenha dirigir sozinho todo o caminho de volta para Nova York. Deve ser uma chatice.

— Pfff — piou o velho. — Não se sinta mal por mim. Sinta-se mal pelos sem-teto. Pelos corredores loucos lá fora. Pelos ciclistas. Pelas pessoas que precisam realmente ficar na chuva.

— Também me sinto mal por eles — falei. — Com exceção dos corredores. Ninguém os fez sair nesse tempo. — Passamos por um homem vestindo um sobretudo de borracha amarelo fluorescente que corria no acostamento.

Dean já deveria estar na casa alugada. Mandeí uma mensagem para ele mais cedo para perguntar se por volta das 19h ele estaria lá e ele disse que sim. Já eram 19h45. Esperava que o motivo por não saber dele até agora fosse porque ele teve um bom e longo encontro com seu pai biológico. Esperava que isso significasse que eles estivessem tentando se reconectar. Esperava muitas coisas, mas tentei não pressioná-lo ligando ou mandando tantas mensagens.

Ainda assim, eu estava preocupada, então, peguei meu celular e digitei.

Rosie

Quase chegando. Animada para passarmos a semana toda juntos. Como está tudo aí?

Dean não respondeu. O táxi estacionou em frente a uma propriedade de um andar projetada pela *Sheffer*, com um jardim frontal que envergonharia o Palácio de Versalhes. Não me passou despercebido que a casa estava cercada por vegetação, florestas e nada mais. Nenhuma casa vizinha. Nenhuma loja. Somente nós dois neste espaço enorme. O taxista, um homem gorducho com cerca de sessenta anos, saiu do carro, correu para trás e tirou a minha mala do porta-malas. Depois, ele me ajudou com a bolsa do nebulizador. Corri até a porta de entrada, protegendo os olhos da chuva, e toquei a campainha algumas vezes. Virando a cabeça para trás, acenei para o taxista.

— Tenha um ótimo fim de semana! — Gritei para ele sem fôlego. Malditos

pulmões.

— Você também, querida. — Ele ficou sentado por mais alguns segundos. Acenei para que fosse embora. Não havia necessidade de ficar sentado no frio esperando por mim. Enfim, ele foi embora.

Toquei a campainha mais uma vez. Nada.

Peguei meu celular e liguei para Dean. O vento que vinha da costa quase me carregou para o outro lado da rua e o frio escorria pelos meus órgãos internos. Ele não atendeu. Liguei mais três vezes, depois mandei mensagem.

Rosie

Sirius para Terra, cadê você? Estou esperando aqui fora.

Rosie

Tudo bem, está muito frio e já faz dez minutos que cheguei. Vou chamar um táxi e te esperar numa cafeteria no centro.

Rosie

O próximo táxi disponível chega aqui dentro de trinta minutos. Onde você está? Estou preocupada. Retorne a ligação. Amo você.

A chuva me açoitava e eu comecei a apunhalar a porta, rezando para que ele estivesse lá. Que não tivesse me ouvido por causa do temporal ou que estivesse dormindo e que atenderia a qualquer segundo.

O desespero na minha voz me tirou o equilíbrio.

— Ei! Ei, estou aqui.

Ninguém respondeu.

Meus dentes batiam.

Meu corpo tremia.

Eu estava ensopada da cabeça aos pés, sem ninguém a quem recorrer, e as minhas roupas ficavam cada vez mais pesadas pela chuva. O terror me encontrou no espaço entre a ansiedade e o pavor. Eu sabia o que estava acontecendo, mas não conseguia impedir. E conforme o granizo batia em meu rosto como se fosse vidro, desejei uma coisa mais do que qualquer outra. *Não me decepcione, Dean. Rezei. Não seja a minha queda.*

CAPÍTULO VINTE E OITO



Dean

A terra não parecia tão firme sob meus pés hoje. Este deveria ter sido meu primeiro aviso.

Depois de transferir seiscentos mil dólares para a conta bancária subnutrida de Nina, ela me enviou uma mensagem com o nome de um Café do outro lado da estrada e disse que ele estaria lá ao meio-dia. Isso me permitiria tempo de sobra para chegar na hora nos Hamptons. Mesmo com o trânsito louco, as estradas bloqueadas e o clima contra mim.

— Vou tirar o resto do dia de folga. Se alguém perguntar onde estou, diga que no inferno — falei para Sue, fechando o laptop e passando pela recepção. Vesti meu casaco *Valentino* com estampa tropical. Sue me olhou de lado e deu um sorriso do tipo que dizia “vai à merda”.

— Tenha um ótimo final de semana, Sr. Cole.

— Você também, Srta. Pearson. — Vai se foder. Ela queria usar sobrenomes, eu estava dentro. Nada mais me incomodava. A esta altura, Sue não era nada além de um chiado.

Caminhei rápido até o Café do outro lado da rua. A chuva estava de TPM hoje. Furiosa *pra* caralho. Nem metade do quanto eu provavelmente estava prestes a ficar, mas estava. Assim que empurrei a porta para abri-la e o sino acima dela tocou, fui levado até o *The Black Hole* e a Rosie, então, consegui inspirar profundamente. Eu estava otimista por Nina não se juntar a nós. Ela conseguiu o que precisava e não tinha mais nada com o que me coagir. A esta altura já deveria até ter esquecido meu nome. A tal da esperança.

O Café estava abarrotado de empresários homens e mulheres tentando pegar um sanduíche no intervalo do almoço, então, a princípio, eu percorri o espaço com olhos céticos, me perguntando como diabos iríamos reconhecer um ao

outro. Talvez eu devesse ter mencionado que gosto muito de roupas excêntricas de grife. Não havia como ignorar minha jaqueta foda.

Passei pelo bar e comecei a olhar nos rostos das pessoas, pratos, telas de celular, desesperado para ver alguém que pudesse ser parecido comigo.

Três homens jovens de terno. Não.

Dois estudantes tomando café com seus *MacBooks*. Próximo.

Um cara de oitenta anos vestindo um terno completo. Até parece. Ele não fazia o tipo de Nina.

Uma mulher de trinta e poucos me olhou e deu um brilhante sorriso vermelho. Sinto muito, querida. Já tenho dona.

Meus olhos estavam loucos, implorando para encontrar um sujeito apropriado, e meu coração fazia a mesma coisa de quando Rosie tirava a roupa antes de ir para a cama.

Depois eu reconheci uma cabeça com cabelos grisalhos grossos que fizeram minhas sobrancelhas afundarem e soltar uma risada.

— Pai? — Caminhei até uma mesa pequena no canto do ambiente. Meu pai, Eli Cole, estava sentado lá, olhando para uma xícara de café. — Jesus. Você está na cidade? Por que não disse nada? É por causa do caso Farlon? — Perguntei.

Ele ergueu o olhar do café e se levantou, mas não disse nada.

Nadinha.

Não.

Não, não, não, não, não.

Dei um passo para trás.

— Cadê Nina? — Perguntei. Eu estava louco, não é? O tipo de merda doentia e deturpada que passou pela minha mente ao supor que Rosie me traía quando, na verdade, ela estava no hospital. Meu pai estava muito bem casado com a minha mãe quando Nina engravidou. Talvez meu pai biológico tenha fugido no último minuto e Eli estivesse aqui para juntar os pedaços.

— Sente-se — disse ele.

— Não. — Eu não conseguia sentir meu rosto. — Diga por que caralhos você está aqui e onde está Nina?

— Olha o linguajar, Dean.

— Foda-se o linguajar, *papai*. — Eu me endireitei usando a parte de trás de uma cadeira. — O que está acontecendo?

O pânico correu pelo meu sangue. Isto não podia significar o que eu achava

que significava. Meu pai chegou mais perto e colocou a mão no meu ombro. Seu aperto não foi tão firme quanto costumava ser.

— Eu queria te contar quando você esteve em Todos Santos para o Dia de Ação de Graças.

— Não. — Ri constrangido. Eu o empurrei, sentindo como se, de dentro da minha cabeça, alguém tivesse dado um soco no meu nariz. Ele bateu com as costas na parede e seu ombro esbarrou em uma mulher que estava na fila e nos olhou com antipatia. — A minha vida não é a porra de uma novela e você não fodeu Nina estando casado com a mamãe. — Falei como se fosse uma afirmação, mas, obviamente, isso também era uma esperança.

Ele ergueu as mãos, se rendendo.

— Temos muito a conversar, filho. É melhor se sentar.

— Pare de falar para sentar, porra! — Levantei a voz, batendo com as palmas das mãos na mesa.

Onze anos atrás, Donald Whittaker finalmente deu entrada no pronto-socorro depois de dois dias de dor torturante para ajudá-lo com o nariz quebrado, duas costelas fraturadas e vários cortes que eu causei. Ele não tinha plano de saúde, então, Owl e Nina tiveram que pagar uma quantia alta pela estadia no hospital. O que ele não sabia era que a única coisa que o separou da morte foi Tiffany, a filha do pastor.

Onze anos depois, eu me perguntava quem seria a Tiffany encarregada de me salvar de fazer alguma coisa para o meu pai. Algo do qual eu não poderia voltar atrás. Porque eu queria muito destruir alguma coisa. E estava muito certo de que não iria usar o corpo da minha namorada como escape desta vez.

— Existe uma explicação para tudo isso. — A voz dele estava tão baixa que era quase um sussurro. As pessoas nos encaravam por cima das bordas de seus copos. Papai me pegou pelo bíceps e tentou me puxar para a cadeira em frente à dele. Eu não me mexi.

— Diga que isto é um engano, Eli. — A frieza na minha voz fez meu corpo se arrepiar.

— Não é um engano. — Eli estreitou os olhos, ainda calmo, ainda firme e ainda ele mesmo. — *Você não foi um engano.*

Eu não sabia o que pensar. Não sabia o que sentir. Não sabia por que a minha mãe ainda estava casada com ele quando era óbvio que tinha fodido com sua irmã mais velha.

E então a verdade veio como um caminhão em alta velocidade. Eu era *ele*.

Eu era o babaca que fez isso. Que ficou entre duas irmãs. Aquele imbecil que escolhi odiar? Eu tinha todo o potencial para ser ele.

— É *assim* que você me conta isso? — Cuspi.

— Você me cortava sempre que eu tentava mencionar alguma coisa.

Jesus Cristo.

— Você está morto para mim. — E, neste momento, era verdade. — Morto. Pra. Caralho. Não me ligue. Não fale comigo. Nem mesmo *pense* em mim. Eu não vou pensar em você. — Depois fui num rompante para a porta e a bati ao sair, correndo até o bar mais próximo no quarteirão.

Dei três socos no balcão.

— Garçom. Conhaque.

E apaguei.

Rosie



Abri os olhos gemendo e toquei minha têmpora. Havia um som irritante zumbindo no meu ouvido. Parecia um carro velho tentando sobreviver a uma jornada que não tinha mais que acontecer. Foi quando arregalei meus olhos e me dei conta de que tinha tubos presos à minha veia. Uma solução intravenosa gotejava ao meu lado. Quarto claro. Luzes fluorescentes. A coisa toda de um programa sobre hospital.

A história da minha vida e estou ficando cansada desse roteiro angustiante.

— O que está acontecendo? — Tossi, embora não tivesse nenhum sinal de que houvesse outra pessoa ali. Minha visão desfocada ficava mais clara a cada piscada. O quarto estava extremamente quente e eu me perguntei quem operava o termostato. Estava quente e úmido o bastante para fritar bacon na minha testa. Hmm... bacon. Eu estava com fome. Isso com certeza era um bom sinal.

A máquina. Ela continuava fazendo aquele barulho que parecia arranhar meus nervos.

Phhhhhhstttt. Phhhhhhsttt. Phhhhhhst.

Alguém precisava seriamente desligá-la antes que eu desse uma de *Hulk* com ela.

— Você está no hospital. — Ouvi a voz da minha irmã antes de sentir sua mão calorosa na minha. Mesmo suando, minha pele ainda era muito fria contra a dela. Virei a cabeça para o lado, fechei os olhos e os abri novamente para poder olhar para ela. Meus pais estavam sentados ao seu lado. Três pares de olhos arregalados me inspecionando como se eu fosse um animal no zoológico.

Os lábios dela desceram até a minha bochecha, movimentando-se sobre ela.

— Como está se sentindo?

— Pelos olhares de vocês, imagino que melhor do que pareço. Por que estou aqui?

Lembrei-me da maior parte do que aconteceu. Lembrei-me de bater à porta daquela casa nos Hamptons até abrir a pele dos nós dos meus dedos. Lembrei-me de ligar e mandar mensagem para Dean. Lembrei-me de chamar um táxi enquanto tremia na chuva. Mas não me lembrava do que aconteceu depois. Meu ataque de ansiedade voltou a todo vapor e eu devo ter desmaiado ou algo assim.

— Quem me trouxe para cá? — Tossi cada palavra.

— O taxista.

Ah. Eu me senti uma completa idiota por fazer a pergunta seguinte.

— Cadê Dean?

Millie olhou para mamãe, que olhou para papai, que olhou pela janela.

— Não sabemos. — Millie mordida os lábios. — Vicious está tentando contatá-lo. Voamos para cá no minuto em que soubemos.

Olhei à minha volta. Não reconheci o quarto, o que significava que não era o Hospital Lenox Hill. Estávamos a mais de duas horas de distância de Manhattan. E em Manhattan não tinha a tal máquina com esse barulho horrível.

— Você está com uma infecção pulmonar séria. — Mamãe empurrou Millie e se sentou na cama. Ela segurou minhas mãos nas dela. Quase choraminguei com o gesto. Pressionei meus dedos na palma de sua mão, gostando do breve momento de intimidade. Seu rosto permanecia atormentado. — Sua infecção se espalhou e o fato de que você pegou um resfriado não ajudou em nada. Seu sistema é fraco.

Dei um tapinha na mão dela e sorri.

— Não se preocupe, mamãe. Pego infecção pulmonar o tempo todo.

— Desta vez, seu fígado e seu pâncreas também foram afetados. — Millie umedeceu os lábios, piscando rápido. Papai foi até a janela e encostou a testa no vidro. A chuva batia no outro lado e, talvez, ele tivesse feito isso porque não queria que o víssemos chorando.

— Nós te falamos que o rapaz era encrenca. — Papai suspirou. Ele não estava mais com raiva. Desesperado, talvez. Mas, principalmente, esgotado.

— Agora não é hora disso — repreendeu Millie.

— Você deveria ter voltado para Todos Santos. — Mamãe enxugou as lágrimas do seu rosto e me ocorreu que talvez meu maior problema não fosse não saber onde Dean estava. Porque mamãe raramente chorava e meu pai não chorava nunca. E Millie...? Lancei outro olhar para ela. Ela mordiscava a pele morta ao redor de seu dedo, também lutando contra as lágrimas.

— Será que alguém pode desligar essa máquina? — Mudei de assunto, tentando aliviar o clima. — Sabem? A que parece prestes a explodir a qualquer segundo — soltei uma risada estranha.

Millie tirou os olhos de sua barriga redonda e inspirou antes de abrir a boca.

— São seus pulmões, Rosie.

Fechei a boca e ouvi com atenção. Porcaria. *Eram* meus pulmões. Eles chiavam sempre que eu respirava um pouco.

Phhhsssstttt. Phhhhsssstttt. Phhhsssstttt.

— Eu não entendo — resmunguei. — Estou bem. De verdade.

Será que estava? Tentei me sentar na cama, porém, minhas costas doíam e meus pulmões queimavam. Millie correu para me ajudar, arrumando os travesseiros atrás das minhas costas enquanto mamãe me segurava pelos ombros para que eu não caísse para frente. Meus olhos foram direto para os meus pés e eu engoli em seco, recordando o que a Dra. Hasting me disse em uma das nossas primeiras consultas.

— *Você pode viver uma vida plena e feliz, Rosie. Se jogar com as cartas certas e se cuidar. A maioria dos pacientes de fibrose cística morre de complicações pulmonares em longo prazo e se torna deficiente conforme o tempo passa, mas se você fizer os exercícios, a fisioterapia intensiva e tomar seus remédios, ficará bem.*

Será que a minha saúde estava tomando o rumo errado? Pegando a estrada das complicações pulmonares, fazendo a curva em direção à deficiência? Eu

definitivamente não sentia como se detivesse o poder sobre o meu corpo. Isso me assustava, mais ainda do que a ideia da morte.

Quando mamãe me soltou para sentar na cama encostada nos travesseiros, meu olhar escureceu. Eu não tentava mais acalmá-los. Estava na hora de *eles me acalmarem*.

— Quer alguma coisa, Abelhinha? Quem sabe chocolate? — O sorriso artificial de mamãe parecia um insulto. Sofri em vê-la tentar tanto. Não é de admirar que eles me implorassem para voltar para Todos Santos. Demorei exatamente quatro meses para me deixar deteriorar desde que comecei a namorar Dean e aconteceu de me encontrar batendo em portas trancadas em meio à chuva forte, esperando que Ruckus abrisse seu coração.

Garota idiota. As palavras flutuavam na minha mente, exatamente como fizeram meses atrás, depois que transamos pela primeira vez. *Idiota, idiota, idiota.*

— Não quero nada, obrigada — falei no momento em que Vicious entrava no quarto. Só o fato de ele estar ali me pegou de surpresa. Minha saúde estava mesmo uma merda já que Vicious passou para dizer adeus. Ele enfiou o celular na calça social e se abaixou, beijando Millie na testa. Meu coração apertou.

— A Dra. Hasting está a caminho. Ela vai encurtar as férias — disse ele para ninguém em particular, mas todos nós murmuramos nossos agradecimentos. Pensei que ela estava fora da cidade numa emergência familiar, mas, talvez, a emergência fosse dar um tempo de pessoas como eu.

Vicious olhou para cima e perguntou:

— Como está se sentindo, Rosie?

— Vou sobreviver. — Ri amargamente. — Quero dizer, você sabe... Ou não.

— Dean está desaparecido — admitiu ele, erguendo uma sobrancelha e olhando para Emilia, como se pedisse sua permissão para continuar. Ela lhe deu um aceno fraco.

— Pode falar. Já sou adulta.

Mesmo que não pareça. Mesmo que não aja como uma a julgar pela irresponsabilidade de ficar parada na chuva esperando por Dean.

Vicious esfregou a nuca e expirou.

— Ninguém tem notícias dele desde sexta-feira de manhã. Ou seja, um pouco mais de 24 horas.

Que bom. Esperava que ele estivesse morto.

Não. Não... eu não esperava.

A preocupação corroía meu interior. O que aconteceu com o pai dele? O que aconteceu com Nina? Por que ele tinha sumido e em que momento eu iria me livrar da lealdade que tinha por ele e focar em mim?

— Ninguém se importa com Dean. — Millie mostrou os dentes, levantando-se e segurando a parte de trás de sua cadeira. — E se ele aparecer aqui vou dizer o que eu penso.

— Cara. — Tossi e todos pararam para me olhar, esperando que eu terminasse. Todo o meu rosto ficou vermelho antes de eu conseguir parar o fluxo de tosse seca. — Primeiro, certifique-se de que ele está bem. Descubra se está saudável e *depois* diga o que pensa.

— E se ele quiser te ver? — Perguntou ela.

— Se ele vier aqui andando, não, obrigada. Numa maca? Sim, por favor.

— Fico feliz por você ainda ter senso de humor. — As narinas dela inflaram.

— Agora, pare de fazer piadinhas e descanse.

Ela não precisou pedir duas vezes. Dez minutos depois, eu voltei a dormir profundamente, aninhada em segurança nos braços da inconsciência e dos analgésicos. E, mesmo que as vozes ao meu redor estivessem abafadas e a luz do quarto não me mantivesse acordada, o som da minha vida esvaindo-se tocava ao fundo conforme meus pulmões lutavam por ar.

Phhhhhhssstttt. Phhhhhssssstttt. Phhhhhssssstttt.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Dean



Que porra de cheiro é esse?

Demorei cerca de um minuto desde o momento em que reconheci que estava deitado de bruços em algum lugar, num quarto que não conhecia, até conseguir abrir os olhos. Merda, eles estavam mais pesados do que carregar Trent nas costas, o que eu realmente fiz uma vez quando ele se lesionou no colégio. Só que não era a hora de reviver essa história.

Onde eu estava? Olhei em volta. Havia uma mesa de cabeceira branca à minha direita, os lençóis eram rosa e o quarto parecia limpo e tinha cheiro de flores...

Putá merda, não.

Levantei rápido demais, cambaleando sobre uma pilha de vestidos e me endireitando numa mesa de cabeceira branca e rosa. Derrubei uma fileira de produtos de beleza, depois ouvi barulho de louça do lado de fora. Eu não estava calçado, mas a calça e a camisa estavam intactas (graças a Deus) e levei exatamente três segundos para chegar ao corredor desta mulher (o apartamento dela era do tamanho da minha despensa) e tentei não vomitar minha última refeição no chão dela.

O ambiente girava, minha cabeça martelava e eu tinha quase certeza de que havia um buraco infinito no meu estômago esperando para ser preenchido com pão macio para absorver um pouco do álcool que consumi ontem.

— Nós dormimos juntos? — Perguntei à mulher na cozinha. Ela se virou e olhou para mim como se eu fosse uma criatura verde que caiu do céu vestindo um macacão prateado. Pisquei algumas vezes, tentando descobrir se estava alucinando ou se era real.

— Eu me daria uma facada na cara antes de dormir com você. — Elle comprimiu os lábios e voltou a lavar a louça. — Não. Eu te vi ziguezagueando na rua e murmurando alguma coisa sobre seu pai e Rosie. Tentei ligar para a sua namorada, mas ela não atendeu, então, achei melhor te oferecer um lugar para passar a noite. Eu dormi no sofá. Você me deve um cartão de presente de massagem. Só estou falando... — Ela tocou no ombro.

Rosie

Agradei a Elle e saí correndo, sem nem me incomodar em pegar meu casaco. Meu telefone morreu em algum momento ontem e eu tinha que conectá-lo ao carregador para ler as mensagens. Tentei ligar milhares de vezes, mas ela não atendeu. Havia um monte de ligações perdidas dos outros caras, mas eu as ignorei. Minha ligação seguinte foi para Millie. Foi direto para a caixa postal. Liguei para os pais de Rosie. Nada. Finalmente, minha tela se iluminou quando eu estava prestes a ligar para ela mais uma vez e era Vicious. Encostei meu celular ao ouvido.

— Não sei onde ela está — atendi, sendo sufocado pelo terror. — Caralho, Vic, ela não está no apartamento e não tem a chave da casa nos Hamptons, então, eu não faço ideia de para onde ela foi.

— *Ela está no hospital, seu monte de merda. Os pulmões dela entraram em colapso. O fígado não está funcionando e ela mal consegue respirar. Parabéns, você realmente fodeu com tudo* — falou ele com o tom de voz seco.

Desabei numa banqueta na minha cozinha, apertando tanto a nuca que tirei sangue.

— Qual hospital?

— *Não vou te falar merda nenhuma, cara. Ninguém quer te ver lá.*

— Eu preciso vê-la.

— *Não vai rolar. Vou te dar uma surra se tentar, e mesmo que consiga de alguma maneira passar por mim, o pai dela vai te dar um tiro no meio da cara. Fique longe.*

— Vicious — grunhi.

— *Que merda você esteve fazendo? O que era mais importante do que abrir a porta para a sua namorada doente?*

Ficar bêbado, pensei amargamente. Depois me dei conta de que foi exatamente o que ela fez. Arranhou a porta desesperadamente enquanto eu estava sentado num bar perto de uma lareira, bebendo algo forte.

Babaca, babaca, babaca.

— Ela está acordada? — Perguntei, já pegando as chaves. Ele ouviu e fez *tsc-tsc*, dizendo que era uma má ideia.

— *Ela vai e vem.*

— Eu preciso vê-la. — Eu era a porra de um disco arranhado que não conseguia parar de rodar até ter o que queria.

— *Você já disse isso.* — Vicious não parecia impressionado pela minha insistência. — *Isso não é bom. Os LeBlanc estão transtornados. Millie está péssima. Não é uma boa hora para vir até aqui.*

— Eu não me importo.

— *Mas deveria.* — A voz de Vicious era grave. — *O momento é tudo.*

Era mesmo e nós sabíamos disso. O momento fez com que Millie e eu ficássemos juntos, mesmo não devendo. O momento separou Rosie e eu, mesmo que *devêssemos* ficar juntos. O momento também nos uniu novamente.

Eu iria desafiar o momento. Por ela.

— Diga onde ela está.

— *Não vai rolar.*

— Vicious, vou acabar com você se não me disser e nós dois sabemos que em alguma hora eu vou descobrir.

Nenhuma resposta.

— Vicious.

Nada.

— Vicious!

A ligação ficou muda.

Eu desconfiava de que, em breve, meu coração faria o mesmo se não a encontrasse.



Uma hora depois, descobri em que hospital ela estava. Fiz Elle ligar para os pais de Rosie, prometendo-lhe um fim de semana no spa que ela quisesse, e fui até lá. Peguei a *Mercedes* que não era usada há meses e dirigi como se estivesse sendo perseguido por demônios. E estava. Estes demônios

me faziam beber. Por causa deles eu era o responsável pela minha namorada estar morrendo numa cama de hospital.

Ei, babaca. Você também merece morrer.

Meu pai continuava me ligando, e a minha bateria acabou morrendo. Centenas de vezes. Minha mãe também ligou. Minhas irmãs deixaram séculos de mensagens de voz e de texto. Que se fodam! Bom, não as minhas irmãs. Primeiro: nojento. Segundo: elas provavelmente só sabiam o que meus pais queriam que elas soubessem. Elas nunca perdoariam Eli. Porra, como a minha mãe o aceitou de volta depois do que ele fez com ela? Fiz uma anotação mental para perguntar a ela quando a minha vida não estivesse coberta de merda até o queixo. Se é que algum dia não esteve.

Estacionei no Hospital *Good Samaritan* nos Hamptons e me aproximei da recepcionista perguntando por Rosie LeBlanc. Ela disse para eu ir me foder, entretanto com palavras mais gentis. A questão era que a paciente LeBlanc não estava aceitando nenhuma visita que não fosse da família. Eu não tinha certeza de onde a ordem vinha, se dela ou dos pais, porém, o resultado era o mesmo.

Permaneci na sala de espera porque não havia nada que pudessem fazer para me impedir de ficar lá. Liguei para Vicious, Millie e Rosie a cada dois minutos. Chutei a máquina de venda automática algumas vezes sempre que a minha mente me sufocava com a culpa. Puxei meus cabelos. Prometi coisas a Rosie que ela não podia ouvir. Quebrei estas promessas. Pensei em maneiras criativas de me esgueirar para dentro do quarto dela. Lembrei-me de que não sabia qual o número do quarto em que ela estava. Xinguei mais um pouco. Agindo normalmente como um louco do caralho.

Eu estava enlouquecendo e não era bonito de se ver.

Vicious saiu do elevador algumas horas depois e veio até mim, nem um pouco surpreso de me ver ali. Ele agarrou a minha nuca, como se estivesse prestes a me puxar para um abraço. Porra nenhuma. Isso não era uma novela da tarde. Embora eu tivesse realmente descoberto que seu amado herói Eli Cole era na verdade um galinha, uma porra de um babaca da pior qualidade.

— Você está com uma aparência de merda. — Seus lábios mal se moveram.

— Que coincidência do caralho, você também não está parecendo um modelo da *Victoria's Secret*. — Ergui uma sobrancelha.

Ele riu.

O filho da puta riu de verdade na minha cara. Rosie estava lutando pela vida

e parecia que ele não dava a mínima.

— Bom... — sua alegria morreu abruptamente — sua atitude também foi de merda.

— Como ela está? — Esfreguei os olhos, sentindo como se eu não dormisse há anos.

— Nada bem — admitiu. — Embora estável. Ela dorme muito. E faz aquele ruído quando respira. Como se seus pulmões estivessem cheios de agulhas enferrujadas.

Já. Pode. Me. Matar.

Ele sabia. Ele sabia só de me olhar que não fazia sentido me atormentar por tudo o que aconteceu. Eu já estava nas sarjetas da vida, tentando cavar minha saída à unha e voltar ao universo de Rosie com os dedos sangrando.

— O que aconteceu? — Vicious começou a andar em direção ao *Starbucks* do outro lado da estrada e eu o acompanhei. Por mais que eu odiasse ser o mais fraco perto de Vicious, precisava trazê-lo para o meu lado. Isso, por si só, parecia impossível. Nós sempre íamos para o mano a mano. Acho que isso que mantinha nossa amizade viva: a briga constante.

— A mãe de todas as tempestades. — Passei a mão pelos cabelos e dei um soco na parede mais próxima. Porra, eu ia contar para ele. Porque precisava. Por causa de Rosie. — Fazendo uma lista: Eu sou adotado. Até hoje, pensava que meus pais haviam me adotado da minha tia vagabunda que engravidou de um pedaço de merda ausente. Acontece que o pedaço de merda ausente na verdade é o advogado figurão Eli Cole. Ele transou com a irmã da sua mulher depois que já eram casados e decidiu manter isso em segredo para mim por trinta anos. Sabe, em poucas palavras.

— Caralho — sibilou Vicious, parando para me olhar nos olhos, certificando-se de que não era uma enorme piada triste. Depois disso, pegamos nossos cafés e nos sentamos perto da janela com vista para o hospital. A ideia de que ela estava fisicamente perto e, ainda assim, mentalmente longe mexeu com a minha cabeça. Parecia o fim de tudo. Do mundo. Da gente. Dela. — Isso é uma confusão imensa. Eu não fazia ideia de que Eli fosse capaz de nos superar — disse Vicious, provavelmente se referindo ao fato de que ele meteu o pau na irmã da sua esposa.

— Acho que está nos genes. — Massageei o queixo pensativo, dando um gole no meu café. — Quem se importa, Vic? Sério. Ela precisava de mim e eu não apareci. Ela precisava de mim e ficou na chuva me esperando. Eu

deveria queimar no inferno. Na verdade, aposto que você ficaria feliz em acender a porra do fósforo.

Vicious encolheu os ombros descompromissado, passando os dentes pelo lábio inferior.

— O quê? — Toquei-o com o cotovelo.

— É que... sinceramente? Quem não fez merda? Eu ferrei com Emilia tantas vezes. Fiz coisas muito piores. Só que ela não é doente. É a única diferença. Ela estava lá para me aceitar quando eu finalmente coloquei a cabeça no lugar e comecei a me humilhar.

— E você acha que Rosie não vai sair dessa? — Limpei a garganta para não sufocar, não havia ar o suficiente na porra do ambiente enquanto eu esperava ele responder.

Ele olhou para baixo.

— Eu não sou um médico, mas estaria mentindo se dissesse que o diagnóstico dela é bom.

— Preciso falar com ela. — Inclinei meu corpo para ficar cara a cara com ele, agarrando seus ombros e obrigando-o a olhar para mim, para a minha dor. — Você precisa me ajudar, Vic. Não posso ficar sem vê-la neste momento. Você entende isso, não é?

Ele me analisou em silêncio com perspicácia. Seus lábios estavam comprimidos. Ele estava pensando.

— O que você quer? — Esfreguei o rosto. — Diga o seu preço.

Puta que pariu, estávamos fazendo isso de novo. *Isto*. Negociando a felicidade um do outro. Tudo bem. Tanto faz. Tudo tinha um preço. Principalmente no mundo de Vicious.

— O que me custaria para chegar até ela?

Nada era um limite rígido. Acho que ele sabia disso.

— Quero quinze por cento de suas ações na Fiscal Heights Holdings. — Ele me serviu do meu próprio remédio e enfiou uma boa quantidade na porra da minha garganta. Eu nem cheguei a pensar sobre seu pedido antes de as palavras saírem da minha boca.

— Pegue-as. São suas. Agora, me leve lá para cima. Preciso vê-la.

— Vinte — disse ele. Filho da puta.

Com a cara séria, eu falei:

— Suas.

— Vinte e cinco. Todas as suas ações. Minhas. Assine amanhã de manhã.

— Fique com todas as minhas ações. Com as minhas roupas e meu apartamento e meus órgãos internos. Deixe-me vê-la. Conversar com os LeBlanc.

Ele se levantou, terminou o café num gole só e colocou o copo na mesa.

— O negócio é, Sr. Zé Ruela, que eu não preciso das suas coisas. Mas vou te ajudar. Aliás, esta é a parte complicada. Mesmo que os pais dela te deixem vê-la, as irmãs LeBlanc não cedem facilmente.

Eu me levantei, permitindo, enfim, que um sorriso enfeitasse o meu rosto.

— Bom, então, é uma boa que eu seja um zagueiro tão bom.

CAPÍTULO TRINTA

Rosie



O que te faz sentir vivo?

A luta. Respirar. Viver. Não desistir.

Os murmúrios atrás da porta fechada me acordaram. Quem quer que estivesse ali fora perdeu a paciência logo. A pisada no chão me deu uma dica. Depois, as vozes começaram a sangrar em meus ouvidos e as peças se encaixaram.

Mamãe levantou a voz.

— Eu não me importo mesmo. A minha filha é muito doente e você sabia muito bem disso. Afinal, você a conhece. Agora, vá embora, garoto, e não volte mais aqui. Rosie está lutando pela vida e, não se engane, eu te culpo por isto. O que te faz pensar que ela vai querer te ver?

— Sra. LeBlanc... — A voz dele tinha algo que não consegui decifrar. Dean Cole não era do tipo que se humilhava. — Desculpe. Deixe sua filha decidir. Garanto que ela vai querer me ouvir. Pergunte a ela.

— Ela está dormindo.

Abri a boca na intenção de gritar com eles, mas nada saiu. A transformação inoportuna pela qual meu corpo passou nas últimas horas me deixou sem fala.

Literalmente. Não conseguia mais mexer a cabeça e me vi lutando pela próxima piscada. Estava tudo dolorido. Eu tive que respirar superficialmente de propósito, para garantir que minhas costelas não quebrassem. Eu precisava pedir à enfermeira que aumentasse a dose dos analgésicos. Mas não reclamei. A morfina só me faria dormir mais e havia tanta coisa acontecendo à minha volta que não queria perder nada. O medo puro era o outro motivo por que eu não queria que me dessem mais narcóticos. E se eu morresse dormindo? Meus olhos estavam pesados, porém, lutei para continuar acordada.

Eu estava desesperada para ver Dean outra vez. Ele ferrou com tudo? Sim. Gravemente. Eu estava puta com ele? Com certeza. Furiosa. Mas quando se está no leito de morte não há tempo para ficar puta. A vingança foi jogada pela janela, junto com qualquer outra característica negativa devoradora de almas que esteja enraizada na gente. Quando se está no leito de morte, o tempo simplesmente te lembra do quanto ele é precioso. Os sentimentos ficam expostos e abertos para o mundo ver, cutucar e explorar.

— Charlene. — Interferiu Vicious do corredor do hospital do lado de fora do meu quarto. — Rosie ama Dean. Ele tem um motivo para não ter ido encontrá-la nos Hamptons ontem e posso te afirmar que não é fraco. Pelo menos pergunte a ela se quer vê-lo.

— Tudo bem, mas não agora — bufou mamãe e eu a ouvi batendo na coxa.

— Como eu disse, ela está mesmo dormindo agora e vou me amaldiçoar se algo absurdo como isto acordá-la enquanto deveria estar descansando. Vá. Eu ligo quando ela acordar.

— Nova York fica a três horas de distância, senhora. — Dean tentou argumentar com ela.

— E é uma longa viagem, não é, Sr. Cole? A minha filha a fez para te encontrar aqui. E você nem se incomodou em aparecer.

Isso calou os dois. Alguns minutos depois, a porta abriu e mamãe entrou. Eu não sabia onde estavam Millie e papai, mas acho que todos eles estavam se revezando para cuidar de mim. Cada momento acordada era passado com outra pessoa. Isso tornava impossível entrar em contato com Dean por mensagem ou ligação. Pedir um pouco de privacidade não era justo com as pessoas que pararam suas vidas para me atender.

O colchão afundou quando minha mãe sentou ao meu lado.

— Como está se sentindo, querida?

Abri a boca e tentei falar, mas as palavras saíram como um chiado

desesperado.

— Já estive melhor.

Ela riu e fungou, enxugando algumas lágrimas. Eu me perguntei se todas as famílias ficavam um caos em proporções épicas quando um membro mais novo estava morrendo ou se era só a minha. Eu não era mais criança, mas costumava ser o bebê de todo mundo. Vicious me chamava de Pequena LeBlanc. Dean me chamava de Bebê LeBlanc. Todos os outros, de Abelhinha. E, então, uma parte de mim passou tolamente a acreditar que eu tinha mais tempo.

— Todos estão rezando por você. Vou à igreja no fim da rua todos os dias. Baron está conversando com um pneumologista chique da Inglaterra. Ele vai pagar para trazê-lo aqui se as coisas não melhorarem logo. Mas vão, minha querida. — Ela acariciou a minha testa, lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ela não tentava mais escondê-las nem secá-las. — Carinho, você vai sair daqui andando. Sei que vai.

Sua testa encostou-se à minha e eu fechei os olhos, sentindo lágrimas quentes pingando sob meus cílios. Eu não queria chorar, principalmente na frente da mamãe, só que não sentia mais vontade de ser forte. Ser forte era péssimo. Querer ser independente e forte foi o que me trouxe aqui, para começo de conversa.

Ser forte me tornou fraca.

— Mamãe — funguei —, eu vou ficar bem, não é? Sinto muito não ter te ouvido sobre Todos Santos. Sei que tinha boas intenções. Só queria parar de ser tratada como um bebê.

— Eu sei, querida. Eu sei, eu sei — repetia ela, beijando minha testa e as minhas lágrimas repetidamente. Não me passou despercebido que ela não respondeu a minha pergunta.

Não me passou despercebido de jeito nenhum.



Dean

Eu estava na varanda da mansão que alugara nos Hamptons, deixando a chuva cortar a porra da minha cara porque eu merecia.

Apenas para garantir que eu era um fracasso completo e não um idiota incompetente e miserável, bebi a vodca direto da garrafa, tentando sentir o que ela sentiu quando ficou trancada do lado de fora por sabe-se lá quanto tempo.

Eu merecia isto. Cada pedacinho de merda que a vida me entregava. Honestamente.

Eu não deveria ter bebido três garrafas de vodca em 24 horas. Mas bebi. Sabe aquela besteira que transmitem sobre chegar ao fundo do poço e ver a luz? É só isso. Um monte de bobagem. Na realidade, quando se chega ao fundo do poço, você fica deitado lá para uma longa soneca, porque o fundo do poço ainda é chão firme. Principalmente quando o resto do mundo está pendurado por uma pena buscando equilíbrio. Ser um viciado cuja vida desaba à sua frente é cansativo. Mais do que ser o filho querido, o empresário esperto, o mulhereengo que pode te dar quatro orgasmos antes de sequer te tocar.

Descobri isso do jeito mais duro.

A verdade era que a fraqueza atraía mais fraqueza. E saber que Rosie estava morrendo não me colocava no modo armadura de cavaleiro brilhante ajudando meu problema com a bebida desaparecer. Servia como o tijolo pesado que me afundava na desgraça profunda.

Esparramado nos degraus da entrada da mansão com uma garrafa na boca, encarei as árvores frondosas que tentavam lutar contra o vento, rindo de como eu havia me tornado tão patético.

Era uma segunda-feira. Meio-dia. O resto do mundo estava ocupado com a vida. Eu estava ocupado com a raiva. Precisava pensar num jeito de consegui-la de volta. O que Vicious falou aos pais dela não ajudou nem um pouquinho.

Não me incomodei em atender quando meus pais ligavam. A única coisa que fiz foi aparecer no hospital em horários aleatórios, exigindo ver Rosie. Primeiro, eles me colocaram para fora porque ela estava dormindo. Depois, foi porque eu estava bêbado demais para qualquer coisa.

Pelo menos, eu tinha um lugar para ficar enquanto esperava que Rosie me recebesse. Ah, sim. O carma não é o único filho da puta. A ironia também tinha um senso de humor estranho.

Vicious tentou ficar ao meu lado, mas eu não deixei. Trent estava preocupado, mas não podia deixar Luna, e Jaime estava puto, porque nem Vic nem eu contamos o que me deixou completamente louco com o mundo e me fez descuidar da minha namorada.

Nina parou de ligar agora que tinha o dinheiro (pelo menos eu tinha isso a meu favor), embora eu não conseguisse nem perceber sua ausência na minha vida, já que, afinal de contas, basicamente, minha mãe biológica parou de dar a mínima no minuto em que a paguei para isso.

Putá merda, babaca. Sua vida é um caos.

Um carro alugado estacionou em frente à porta da mansão e eu não precisei ver as caras dos ocupantes para saber quem era. *Volvo*. Sempre com a porra do *Volvo*. A historinha da cerca branca de madeira e dos três filhos perfeitos que eles tentavam contar ao mundo. Eu realmente acreditei nesta merda. Até agora.

A porra do Vicious deu o endereço a eles. Deve ter dado, porque eu, com certeza, não dei.

Minha mãe foi a primeira a sair do carro. Ela não abriu o guarda-chuva que estava em sua mão, apenas deu uma corridinha do veículo prateado até a varanda, esfregando os braços, mesmo estando vestida com um casaco de lã rosa sob medida.

— Querido. — O rosto dela estava maquiado, o cabelo perfeito, e ela não parecia nem um pouco tão arrasada quanto eu pelo que meu pai fizera. O mesmo pai que eu via por trás de seu ombro, sentado no banco do motorista, estacionando o carro.

Covarde do caralho.

— Precisamos conversar, querido. Não dá para continuar desse jeito.

— Dá, sim, e vamos. Vão embora — grunhi. Eu estava com uma aparência de merda. E também agia como um. E totalmente bêbado, o que ela podia perceber.

Minha mãe me ignorou, subiu a escada para a porta e a abriu.

— Vou fazer um pouco de chá. Você deveria vir comigo, querido. Está muito frio.

Minha mãe ainda agia como a mãe amorosa que era, mesmo eu a tendo feito passar pelo inferno. Mesmo ela sendo a última pessoa com quem eu deveria estar puto, porque sempre que ela olhava para mim, via a infidelidade do marido com sua irmã. Nos meus olhos, que eram os de Nina. Nos meus

lábios, que eram dele. Todo o meu ser devia ser um espinho para seu coração. Mas, seja como for, ela sempre me fez sentir como se este coração batesse por mim.

E foi isso que me fez arrancar meu rabo da varanda e levantar um dedo, apontando direto para o meu pai.

— Fique onde está. — Levantei a voz. — Ela, tudo bem, mas você não é bem-vindo aqui, seu pedaço de merda traidor.

Dois minutos depois, ela envolveu uma manta em meus ombros e eu estava sentado numa cozinha estranha bebendo chá forte pela primeira vez na minha vida. Que homem com menos de 60 anos bebe chá voluntariamente? Eu, presumo.

— Me ouça, querido. — Mamãe se inclinou para frente em seu assento e segurou a minha mão. Ela ainda estava quentinha. Como ela estava quente? Bom, não ficar sentada lá fora durante horas tentando se redimir do seu comportamento tinha algo a ver com isso. — Sei que você está chateado e confuso. E tem todo o direito de estar. E se acha por um segundo que eu simplesmente virei as costas para isso na época em que aconteceu, você está muito enganado. Eu pedi o divórcio, Dean. Não queria mais seu pai depois de descobrir o que ele fez. E, sinceramente, também não queria você.

Ai!

— Você ainda está aqui. — Zombei, meus olhos mortos.

— Estou. — Ela sorriu. — Por sua causa. Você valia a pena. Eu te quis assim que me dei conta de que deveria cuidar de você. Tanto que me dispus a dar outra chance a Eli, ainda que ele não merecesse. Seu pai fez besteira. Das grandes. Mas as coisas nem sempre são o que parecem. Você deveria saber disso melhor do que ninguém.

Ela estava se referindo a Millie e Rosie. E estava certa. Mesmo não amando Millie de verdade e ela não me amando, ainda assim aconteceu.

— A ideia de que eu deveria conviver com ela foi sua. Passei meus verões na fazenda dela — grunhi.

Mamãe balançou a cabeça. — Dean, você implorava para ir. Dizia que *amava* aquele lugar. De onde eu via, ela havia parado de usar drogas e vivia na fazenda. Ela nos vendeu uma mentira. Imaginava que você nos diria se não gostasse de lá. Eu te perguntava, Dean. Todo santo verão, eu te perguntava se você gostava de lá. Você sempre dizia que sim.

— Eu queria que ela me amasse. — Engoli em seco, a escuridão afetava o

meu semblante. — Jesus, como eu soei patético. Até para os meus ouvidos. Os olhos da minha mãe brilhavam com lágrimas por cair. Eu sofria por ela tanto quanto ela sofria por mim, mas nem chegava perto do quanto eu sofria por Rosie.

A porta da frente abriu e fechou e minha mãe se levantou, olhando por sobre o ombro com o rosto sereno.

— Vocês têm muito que conversar, você e seu pai, mas vou te dizer uma coisa, Dean. O amor não é perfeito. A vida não é perfeita. No entanto, ambas são coisas extremamente bonitas que você deve valorizar todos os dias. Sou feliz com seu pai. E o que quer que tenha acontecido no passado deve ficar justamente lá: no passado.

Eli entrou na cozinha amarela de estilo country e sentou-se onde estava minha mãe há um segundo. Tirei a máscara que coloquei na frente de mamãe e ofereci a ele a minha cara de babaca. A que agora eu *sabia* ter puxado dele.

— Pensei ter dito para não sair do carro.

— Pensei que soubesse que não deve atirar ordens em seu pai, Dean Leonard Cole.

Descruzei os braços e me encostei na cadeira, sorrindo.

— Acho que te devo um agradecimento por finalmente me contar que sou seu filho biológico. Se eu der mais alguns milhares de dólares, você me dá mais detalhes sobre isso? Talvez onde fui concebido? E, claro, se Nina gosta de gritar. — Não que eu não saiba a resposta para esta. Nina tinha um fraco por me deixar desconfortável. *Muito* desconfortável. Eu não conseguia me lembrar de um único verão em que não a peguei e/ou ouvi com Owl mandando ver. Isso me fazia vomitar, mas não podia fazer merda nenhuma a respeito. Paredes finas. Além disso, algumas vezes, eu entrava na cozinha ou na sala e eles estavam transando e sorriam para mim. Não é de se admirar que eu amava tanto ficar deitado no feno do lado de fora.

— Eu posso te ajudar. — Meu pai ignorou minhas besteiras, o que era uma coisa rara vindo dele, que nunca me deixava sair ileso ao me comportar como um babaca. Nem mesmo aos trinta anos.

— Com o quê? — Eu ri.

— Com sua espiral autodestrutiva. E com o melhor entendimento da verdade.

— Sua *verdade* me custou seiscentos mil dólares.

— Você sabe que o dinheiro não é o problema aqui. Nunca foi, Dean. Não havia nenhum sinal de que você estava pronto para a verdade, então, deixei

que você decidisse. Filho — ele colocou o copo na mesa, pressionando os polegares nas cavidades oculares —, sua mãe e eu sentimos sua falta. Queremos consertar isso.

Olhei para o telefona na mesa. Vicious me mandou uma mensagem nesta manhã dizendo que ainda não tinha conseguido tirar o gelo dos LeBlanc e convencê-los a me deixar ver Rosie. Eu não tinha mesmo mais nada a fazer. Podia muito bem passar o tempo ouvindo a obra de arte que era meu pai.

— Espere aí, babaca — resmunguei enquanto me livrava da manta e ligava o aquecedor.

Fazendo bico, papai observava enquanto eu enfiava um baseado na boca e soltava uma nuvem de fumaça. Ele não gostou disso. Mas, desta vez, teria que engolir.

— Está olhando o que, caralho? — Perguntei quando ele me encarou direto por um minuto. Que diabos havia de errado com ele? Parecia que esteve chorando, o que me deixava desconfortável. Não que eu pensasse que homens que choram são mariquinhas (tudo bem, vou reformular: depende da quantidade de choro, da situação e das circunstâncias), mas era estranho pensar que Eli Cole produzia lágrimas humanas reais. Geralmente, ele parecia muito impassivo diante do mundo. Embora pudesse ser sentimental, sempre foi controlado. Extremamente, até o menor osso de seu corpo. E, neste momento, ele parecia muito, muito disperso.

Papai balançou a cabeça.

— Nada. — Ele bateu na mesa de jantar redonda de carvalho, ignorando a quantidade saudável de palavrões que atirei nele. Tentava manter minha linguagem com censura para treze anos sempre que estava perto de meus pais, mas não estava me sentindo muito respeitoso para com meu pai naquele momento. — Sempre me admiro com o quanto somos parecidos. — Ele apertou os lábios.

— Você também tem problemas com maconha e álcool? — Eu ri, batendo a cinza dentro de uma garrafa de vodka vazia e dando um gole numa lata de cerveja pela metade.

— Eu tinha — disse ele.

Meu queixo quase caiu com a revelação. Isso definitivamente era novidade para mim.

— Desenvolva. — Dei outro trago no baseado, antes de ele arrancá-lo da minha mão e jogar fora. — Ei. — Minhas sobrancelhas juntaram. — Que

porra é essa?

— A *porra* é que eu sou seu pai e vou agir de acordo com os códigos sociais que incutimos em você desde cedo, pelo menos perto da gente. Isso significa que você não bebe nem fuma maconha na minha frente e chega de palavrões, Dean. Isso não te deixa mais durão. Faz você parecer um maldito bandido e eu gastei muito dinheiro na sua educação. O bastante para assegurar que você *não* seja um bandido. Portanto, embora eu esteja satisfeito em ser indulgente quando você e seus ricos amiguinhos mauricinhos conversam a portas fechadas, comigo você será educado e controlado. Entendeu?

Olá, balde de gelo na cara, obrigado por me deixar sóbrio.

Papai se levantou, pegou uma lata de cerveja da mesa e começou a andar pela cozinha, puxando uma pequena lata de lixo e jogando fora todas as garrafas de vodca, cigarros enrolados à mão e cervejas enquanto falava.

— Vamos voltar ao nosso tema principal: vício. Sim, Dean, eu fui um viciado igual a você. Não em maconha. No Alabama onde eu cresci, a maconha não era vício de homem rico, mas depois que me formei em Direito e me casei com sua mãe, eu tinha muito em jogo. Tinha que impressionar meu próprio pai, e ele era bem menos carinhoso e compreensivo do que eu. A única maneira de relaxar de toda a pressão era bebendo. Então era o que eu fazia. Excessivamente. Todo. Santo. Dia.

Estalei os lábios e o encarei, tentando descobrir se eu estava de ressaca, bêbado ou naquele espaço doentio entre os dois. Eu bebi tanto naquele final de semana que sentia vontade de vomitar toda hora. Não me lembrava de quando foi a última vez que comi, mas tinha quase certeza de que nenhuma comida ficou no meu estômago depois de todo aquele festival de vômito em que me meti na madrugada.

— Eu estava bêbado noventa por cento do tempo. Um alcoólatra altamente funcional, veja bem, só que eu não me lembro de um dia entre os meus 22 e 28 anos em que não estivesse embriagado. Inclusive no trabalho, ocasião em que não podia correr o risco de cheirar a *whiskey*, eu ia para o banheiro e bebia *Listerine* antes das reuniões importantes. Eu estava muito pior que você, Dean. Muito pior.

— Bom, você está bem agora — resmunguei. Tão maduro quanto a porra de uma criança. Eu era um cavalheiro ou o quê?

Papai pegou a lata de lixo, jogou-a pela porra da janela como se fosse um astro do rock, depois foi em frente e pegou outra que estava no banheiro,

enchendo-a com mais garrafas e latas de bebida alcoólica.

— Estou bem porque tive um aviso para abrir os olhos, Dean. Sabe quando?

— Esclareça, Mestre. — Respondi apenas por responder e não foi engraçado nem adorável vindo da porra de um cara de trinta anos. Papai deve ter tido a mesma sensação, porque ele balançou a cabeça e continuou.

— Aconteceu numa vez quando cheguei tarde em casa do trabalho, rastejei para a minha cama bêbado e desorientado, e fiz amor com a minha esposa. Porque quando acordei no dia seguinte, lembrei que Helen não deveria estar em Birmingham. Ela foi visitar a mãe em Fairhope. Então, olhei para a minha direita e vi a irmã dela. Olhei para a mulher dormindo ao meu lado e soube que tinha *fodido* com a minha vida inteira, como você gosta de falar.

Isso me fez sentar direito.

— Ela te *enganou*?

— Bom, acho que nós dois sabemos que Nina não é o tipo de mulher que me *atrai*. — Papai parecia incrédulo. Acho que não. Nina era exatamente o oposto de Helen, a minha mãe. Ela usava roupas provocantes, fumava inveteradamente e flertava com todo tipo de gente. Minha mãe fazia parte do clube de campo e era yuppie, ela tinha os cabelos que pareciam ter acabado de sair de uma revista feminina e era reservada e educada, mas nunca exageradamente amigável com homens.

— Mas, mamãe... — Segurei a cabeça e a balancei descrente. Minha mãe não aguentava merda de ninguém. Era por isso que as minhas irmãs e eu nos comportávamos bem. Ela com certeza sabia como passar o recado quando queria. — Ela me disse que quis se divorciar de você. Como diabos você se safou dessa?

Papai meneou a cabeça, jogando também a segunda lata de lixo cheia de bebidas pela janela, antes de se virar para me encarar.

— Baron está catando tudo que joga fora e, para que você não tenha acesso a nada, vou levar sua carteira e garantir que sua geladeira esteja cheia de comida. Sua desintoxicação começa hoje, Dean.

Vicious está aqui? Mas que merda! Eu realmente cheguei ao fundo do poço desta vez.

— Sobre sua mãe... não, ela não me perdoou. Pelo menos não de início. Quando vi Nina na minha cama e ela me contou o que aconteceu, fiquei mortificado. Eu a expulsei e liguei para Helen. Ela encurtou a viagem e voltou para casa. Imediatamente, eu confessei. Ela pôs as minhas coisas

numa mala e me colocou para fora.

Apesar das minhas melhores intenções, um sorriso se formou em meu rosto.

— Ponto para a mamãe.

Eu era o filho bastardo que torcia pela mulher traída.

— Ela com certeza me fez pagar. Dormi no escritório durante aqueles nove meses. Helen me mandou tantos requerimentos de divórcio preenchidos pela metade que a minha caixa de correio entupiu. Nina fugiu. Tentei encontrá-la, mas não consegui. Ela ficou fora do radar e era uma época diferente. Fácil de desaparecer. Não havia internet e coisas desse tipo. — Papai enfiou as mãos nos bolsos e olhou pela janela, franzindo a testa. — Sua mãe pediu o divórcio durante dois meses antes de você nascer. E nem foi pela traição. — Ele riu amargamente. — Porque, acredite, eu não fazia ideia do que estava fazendo quando transei com Nina. Não me lembro de nenhum segundo disso, graças a Deus. Ela estava cansada do meu problema e da minha falta de motivação para resolvê-lo. Ela merecia mais e sabia disso.

— Então, o que aconteceu? Por que ela mudou de ideia? — Eu ainda estava sentado à mesa. As coisas estavam, de alguma forma, ficando mais claras. A história começava a fazer sentido. Não muito, e não completamente, mas eu não me sentia mais tão perdido quanto me senti nos últimos anos sobre todo o tormento com Nina.

— *Você* aconteceu. — Ele se virou e sorriu para mim como se *eu* fosse Sirius, o que não podia estar certo porque Rosie era Sirius. Mas acho que cada pessoa tinha sua própria Sirius na vida. Aquela que brilha mais que as outras. — Você nasceu, Dean. Descobrimos sobre você pelo noticiário. *O Bebê do Walmart*. Sua mãe soube na mesma hora que era Nina. Não era difícil de imaginar. Ela me ligou e fomos juntos ao hospital para onde você foi levado. Sua mãe te queria tanto que estava disposta a me dar uma segunda chance. Disse que você merecia tudo, mesmo que a mulher que te trouxe ao mundo não merecesse.

— Não entendo. — Balancei a cabeça. — Você me fez passar um tempo com Nina e Owl. Quase todos os verões. O verão inteiro. Caramba, pai. — Levantei, andando de um lado para o outro. — Owl foi quem me deu meu primeiro baseado aos doze anos. Nina me deu o primeiro gole de cerveja quando eu tinha nove, caralho.

— Olha a boca — instruiu meu pai e eu revirei os olhos, me sentindo só um pouquinho mais seu filho do que me senti quando saí como um louco daquele

Café. — Nós tínhamos um acordo com Nina. Principalmente porque nossa maior preocupação era te proporcionar uma vida segura e estável. Ela queria te ver nos verões e nós respeitamos isso contanto que ela estivesse sóbria. Essa era a condição. Nina recebia pelo tempo que você ficava na casa dela. O dinheiro deveria ser para passeios, roupas, coisas assim. Não éramos idiotas. Sabíamos que ela embolsava o dinheiro e guardava para si mesma. Mas esperávamos que o tempo com você pudesse motivá-la a ser melhor. Como me fez ficar sóbrio e crescer como ser humano.

— Só que Nina não é um ser humano — terminei por ele. Ele balançou a cabeça e eu não soube ao certo se ele concordava ou não com essa afirmação.

— Todos são seres humanos. Algumas pessoas são mais humanas que outras. Nina cometeu muitos erros ao longo do caminho, mas eu cometi um deles com ela. E você também comete erros. Erros que ocasionarão graves penalidades se continuar por esse caminho.

Eu não tinha nada a dizer sobre isso. Não era mais sobre Nina.

— Por que não me contou antes? — Passei a mão pelos cabelos. — Por que me deixou dar dinheiro a ela? Por que foi me encontrar sob os termos dela? Não faz porra de sentido nenhum.

— Faz, sim, Dean. Faz muito sentido. — Ele se aproximou de mim e ficamos cara a cara. A mesma altura. O mesmo cabelo. A mesma cor dos olhos. Caralho, como eu não vi isso antes? Meu pai e eu somos exatamente iguais um ao outro. Por isso ninguém nunca perguntou se eu era adotado. *Porque não era.* Pelo menos não totalmente.

— Eu não sabia se você queria ou não conhecer seu pai e te deixei decidir. Sabia que se você quisesse me ver de verdade, desembolsaria o dinheiro. Não é nada de mais para você, o dinheiro, você tem mais do que poderá gastar. Então, era algo com que eu me preocupava. Mas se você não quisesse saber, se não estivesse preparado para encarar a verdade e eu a entregasse mesmo assim, eu não teria lhe dado nada. Eu teria tirado algo de você. *Sua escolha.* Olhei para os meus pés.

— Eu queria que você *escolhesse* me conhecer, Dean. Só que no meio tempo, eu tentei, filho. Sempre que nos encontrávamos desde que virou adulto, eu tentava dar alguma dica. Eu até mesmo quis dizer a verdade na noite de Ação de Graças, mas você não voltou.

Meu maxilar travou e senti algo que não tinha o prazer de vivenciar há um bom tempo: alívio. Tudo fazia sentido agora. Eu ainda estava com uma raiva

do caralho do meu pai e ainda odiava Nina o bastante por algumas gerações à frente. Nada foi corrigido. Mas, ao mesmo tempo, pelo menos tive as minhas respostas. E, em algum sentido, a minha paz.

Nina não tinha mais vantagem sobre mim. Meu pai biológico acabou não se revelando um drogado, nem um criminoso nem um babaca. Ele era um homem que eu conhecia e amava. Acontece que ele acabou comigo e eu precisava me afastar até que o perdoasse.

E o perdoaria.

Só que não neste momento.

— Então isso me traz ao verdadeiro assunto pelo qual vim aqui. — Papai pôs a mão em meu ombro e eu olhei para ela como se fosse uma barata gigante.

— Diga logo e vá embora — falei.

— Rosie — disse ele.

— O que tem ela? — Perguntei, meu coração batia mais rápido só de ouvir seu nome. Estar longe dela era como ter a minha carne arrancada do meu corpo. O tipo de saudade que não era doce nem romântica, mas ameaçava me fazer chorar *pra* caralho.

— Não me passou despercebido que você e eu temos o mesmo tipo de problema com irmãs — disse Eli, guiando-me em direção à janela com as mãos nas minhas costas. Eu deixei, esperando para ver aonde ele iria com isso. — Meu alcoolismo quase matou o meu relacionamento, porém, ironicamente, também o salvou. Da mesma forma que me deu uma das coisas mais importantes que tenho na vida. *Meu filho*. Receio que você não tenha a mesma sorte que eu. Rosie está doente. Muito doente, pelo que soube. O tempo não está a seu favor e você não pode se permitir chafurdar em autopiedade. Isso é algo que o dinheiro não pode comprar, Dean: tempo. Então, sugiro que vá para o hospital agora mesmo e comece a se humilhar, porque tem um longo caminho a percorrer.

— Eles não me deixam vê-la — falei, justamente quando Eli apontou para a vaga de estacionamento. Vicious estava parado lá, encostado ao seu *Audi* alugado com os braços cruzados, olhando diretamente para a minha janela.

Bem ao lado do *Volvo* dos meus pais.

Maldito babaca adorável.

— Seus amigos querem que você recupere a garota. Seu pai quer que você recupere a garota. Sua mãe provavelmente te matará se você *não* recuperar a garota. Então... você vai recuperar a garota?

— Eu vou recuperar a garota — murmurei, hipnotizado pela visão de Vicious fazendo algo de bom pela primeira vez em sua maldita vida.

— Mesmo que signifique que precisa parar de beber?

— Mesmo que signifique que preciso para de *viver* — corrigi, ofegante. — Sim. Eu vou recuperar a garota.

Peguei meu casaco do cabideiro e corri pela porta, deixando meu pai sentado lá, cercado pelo silêncio do oráculo.

Estou indo te pegar, Rosie.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Rosie



O que te faz sentir vivo?

Bip. Bip. Bip. Bip. Biiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiip.

Tudo doía.

Eu não conseguia nem distinguir o que doía menos e o que ardia mais. Todo o meu corpo era um nó de agonia. Havia uma máscara de oxigênio tapando meu rosto. Olhei para a mesa de cabeceira ao lado da minha cama de hospital e vi um espelhinho de maquiagem que mamãe deve ter esquecido. Peguei-o com o restante da minha energia, sentindo seu peso em meus dedos e checando meu reflexo através de olhos sonolentos... eu estava amarela. Será que meu fígado tinha parado de funcionar?

Eu queria chorar, mas estava fisicamente exausta demais.

Queria gritar, só que parecia errado fazer algo tão vívido quando me sentia tão sem vida.

E queria Dean, mas ele não estava aqui.

Ele fez dos últimos meses os melhores da minha vida, então era justo que contribuísse para o fim dela.

Não havia ninguém no quarto, mas ouvi vozes abafadas atrás da porta no

corredor. Eu não sabia por quanto tempo estavam ali, porém, sempre havia alguém comigo. Cuidando de mim. Quer fosse mamãe, papai ou Millie. Ninguém falou comigo sobre voltar para Todos Santos e, pela primeira vez na minha vida, me senti triste com isso. Não porque queria voltar para lá, mas porque sabia que eles não acreditavam que eu sobreviveria tempo suficiente para ter essa opção.

Ele veio me visitar duas vezes, só que era difícil para ela fazer essa viagem de Nova York para os Hamptons, então, nunca ficava muito tempo.

Eu esperei. Impacientemente. Batendo os dedos nas coxas no que deveria ser um suspiro, mas nenhum ar saiu dos meus pulmões. Encarando a televisão desligada, não sabia quanto tempo havia passado, mas percebi que estava de noite. Enquanto olhava pela janela, analisei que as noites nos Hamptons eram muito diferentes do que em Nova York. Menos poluição. Mais estrelas.

Onde diabos está você, Terra... e você está bem?

Era irritante. Ficar sentada esperando por alguém para me tirar da tristeza e do tédio. Ficar sentada sozinha não me fazia bem. Na verdade, abria uma porta para aquele local sombrio dentro da minha cabeça. Minha ansiedade voltou a atacar a todo vapor. Quero dizer... por que não? Meu namorado estava me ignorando, seja por que inferno estivesse passando. Claramente, eu estava mal. Os médicos diziam muito pouco e a Dra. Hasting continuava me pedindo para descansar, como se eu estivesse planejando correr uma maratona neste Natal.

Você vai morrer.

Desaparecer. Sufocar dentro de uma cova.

Ele vai seguir a vida.

E encontrar outra garota.

Ele vai seguir a vida.

E não vai ser com você.

Ele vai seguir a vida.

Mas não vai machucar. Nada mais vai. Porque... você não estará mais aqui.

Uma batida brusca na porta impediu que meus pensamentos girassem na minha cabeça. A intensidade disso sugeria que quem quer estivesse atrás da porta estava tentando chamar minha atenção por vários minutos. Eu sabia que não eram meus pais nem Emilia, porque eles nunca batiam na porta antes de entrar. Eu não queria me encher de esperança, mas também não conseguia evitar.

— Sim? — Limpei a garganta, mordendo o lábio para reprimir uma tosse. Meus olhos grudaram na porta, desesperados, implorando para que fosse ele. A porta abriu. E alguém entrou. Não era ele... mas era a segunda melhor alternativa.



Dean

Eu não disse uma palavra a Vicious enquanto ele conduzia o veículo pela chuva a caminho do hospital. Ele estacionou, deu a volta, abriu a porta para mim, me pegou pela gola e me jogou contra a parede mais próxima, rosnando na minha cara. Isso me pegou desprevenido e me deixou boquiaberto.

— Que porra é essa, Cole? Pensei que tivesse dito que tinha tudo sobre controle. Ela está morrendo.

— Eu sei — sibilei, empurrando-o. O peso dos meus atos ameaçava destruir o que restava da minha sanidade. Apertava meus pulmões, me impedindo de conseguir todo o ar que ela não conseguia respirar. — Eu sei, beleza? Estou tentando consertar esta merda.

— Pare de beber — latiu, mas não havia necessidade de me dizer isso. Eu já sabia que meu caso de amor com o álcool estava acabado. Acabou no minuto em que Rosie me disse que cuidaria de mim. Desde então, tudo que tive foram recaídas causadas pelas circunstâncias.

Agora, sem mais recaídas.

Sem foder com mais nada.

De agora em diante.

Eu seria bom. Se restasse alguém para ser bom depois que tudo isso acabasse.

— Então, me deixe te dizer o que vai acontecer agora, *Ruckus* — Vicious cuspiu meu apelido de infância, sua respiração soprando na minha cara enquanto ele segurava com força a minha gola. Eu o deixei fazer isso. Eu o

importunava semanalmente quando éramos adolescentes. Eu entendia isso. Eu fodi com tudo. A expiação estava em ordem. — Eu vou te ajudar. Uma vez. Uma única porra de vez, e você não vai fazer eu me arrepender disso. Não. Você vai subir lá e se desculpar. Com ela, com os pais dela, com Millie. Com as enfermeiras, a recepcionista e o cara que limpa as janelas. Com todos. Porque você. Fodeu. Com. Tudo. Você fodeu tanto que outras pessoas tiveram que cruzar o país num avião para limpar sua bagunça. Entendeu? — Poupe essa merda, Oprah. — Eu o empurrei, entrando no hospital. — Eu sei exatamente o quanto eu arruinei tudo e, por mais que valorize você estar ao meu lado, sei como consertar isso.



Dean

Passamos por Millie, que estava comprando chá de ervas no *Starbucks* no andar de baixo do hospital. Vicious parou e projetou o queixo em direção a ela.

— Faça as pazes com ela.

— Nunca estivemos em guerra. — Meus olhos estavam fundos, cansados. Eu não tinha tempo para Millie. Estava na fase em que queria consertar tudo, não remoer o passado.

— É inútil, Dean. Rosie nunca vai te aceitar de volta sem a bênção de Millie. Faz logo isso.

Relutante, eu me aproximei da minha namorada do colégio, que parecia muito grávida e muito puta, sentada numa mesa no *Starbucks*, tomando seu chá. Vicious esperou do lado de fora, fingindo mexer no celular. Babaca.

— Oi — falei.

— Oi — respondeu ela.

Millie e eu nunca mais conversamos. Contudo, também não havia ficado raiva nenhuma. Apenas indiferença. Jogamos conversa fora quando passamos o feriado de Ação de Graças juntos e até a ajudei com a louça, mas na maior

parte do tempo ficávamos afastados.

— Diga uma coisa, Dean. Você ama a minha irmã? — Seus olhos azuis procuraram os meus. Engoli a minha raiva, evitando perder a cabeça.

— Ela é a porra do meu mundo inteiro — admiti.

— Então, por que você a decepcionou?

— Eu fui egoísta.

— Minha irmã não pode ficar com um homem egoísta.

— *Eu vou mudar.*

— E se você não puder mudar?

— Vicious mudou — rebati. — Vicious mudou por você. Olha, Millie, eu gosto de você. Gosto, sim. Sempre gostei. Mas Rosie... Rosie é *tudo*. Seja o que for que você pense que Vicious é capaz de fazer para estar com você, eu também sou capaz, provavelmente mais ainda, para estar com Rosie. Foi uma pequena confusão. Aprendi a lição.

Foi a vez dela de ficar pensativa e piscar para espantar as lágrimas.

— Estou com medo — admitiu, mordendo os lábios. — Com muito medo.

— Eu também — falei.

Nós nos abraçamos. Forte e demorado. contei os segundos, os segundos em que estava longe de Rosie. Mas quando Millie finalmente me soltou, eu sabia que este momento tinha sido ela me dando sua bênção. Com o polegar, tirei uma lágrima de seu rosto.

— Eu a amo de verdade — falei.

— Eu sei. — Ela assentiu e riu chorando. — Meu Deus, como um dia ficamos juntos?

— Eu não sei — admiti. — Acho que todo mundo quer um pedacinho de mim.

Ela deu um soco no meu braço.

— Mostre a ela que a ama, Dean.

Eu estava indo mostrar, mesmo que fosse a última coisa que fizesse.



Dean

Era a oitava vez que eu ia até o quarto dela desde que deu entrada no hospital há três dias esperando que estivesse acordada e que seus pais estivessem se sentindo bastantes generosos para me deixar vê-la. As máquinas apitavam preguiçosamente nos quartos ao longo do comprido corredor. Enfermeiros em uniformes azuis passavam correndo por mim, esbarrando os ombros nos meus enquanto folheavam seus relatórios. Vicious estava ao meu lado. Nós dobramos no corredor. Quatro portas até o quarto dela, travei. Vicious parou perto de mim.

— O que foi? — Perguntou ele, seus olhos ainda fixos no celular.

— Diga que a minha ressaca está zoando com a minha visão. — Apontei para a porta. Ele deslizou os dentes da frente pelo lábio, tentando descobrir que diabos estava acontecendo.

— Darren — cuspi. — A porra do Darren. O Doutor Babaca acabou de entrar no quarto dela.

Por um momento, adrenalina demais circulou pelas minhas veias, cada terminação nervosa em meu corpo fervia. O que *ele* estava fazendo aqui e quem lhe concedeu a visita de cortesia que nunca consegui? Não poderia ter sido ela. *Não poderia.* Apressei o passo e percebi que Vicious seguiu meu exemplo.

— Que merda você está fazendo, cara? Deixa *pra* lá.

Nem fodendo.

— Charlene! — Chamei a mãe dela, que estava na outra extremidade do corredor. Ela ergueu a cabeça do copo de isopor mordido ao qual encarava e se levantou. Seu semblante sério sugeria que eu era o próprio Lúcifer e, naquele instante, ela não estava totalmente errada. Eu já estava de saco cheio desta merda. Parei a alguns centímetros de distância dela e apontei para a porta.

— O ex-namorado dela acabou de entrar? — Juro que estava espumando pela boca. — Foi isso que acabou de acontecer?

— Darren — informou ela, seus olhos e seu rosto inchados de algum modo apresentaram um sorriso tímido. — *É um bom rapaz* — formulou. Porque, aparentemente, eu não era.

— Quem o convidou? — Exigi.

— Paul. — *O pai de Rosie*. — Darren sempre esteve ao lado dela. É justo que contássemos a ele.

— Eu sempre estive ao lado dela — enfatizei, socando uma parede, não senti nada, nem dor, nem ardência, nada.

— Não quando ela precisou de você. — A voz de Charlene estava triste demais para ser atingida pelo meu ato espontâneo de violência. — Quando ela precisou de você, Dean, você desapareceu.

— Eu vou colocá-lo para fora. — Fui até a porta. Era óbvio que Rosie estava acordada já que o deixaram entrar. Havia uma janelinha quadrada na porta, mas eu sabia que era melhor não olhar. Ele estaria segurando a mão dela? Ela estaria feliz em vê-lo? Ela me expulsaria? Minha cabeça girou com as possibilidades.

Vicious agarrou meu braço, apertando-o.

— Cara.

— Foda. Se.

Entrei num rompante. Darren estava inclinado numa cadeira ao lado da cama de Rosie. Ela estava acordada. E com uma aparência horrível. Eu nunca a vi desse jeito. Tão... não ela mesma. Seus olhos estavam turvos e círculos escuros emolduravam suas bolinhas azuis. Cinco quilos mais magra, exausta e triste. Foi quando me dei conta de que Nina nunca partiu meu coração.

Rosie sim, onze anos atrás.

Partiu quando me empurrou para os braços da irmã.

E partia agora, naquela cama de hospital. Porque se ela fosse morrer... eu iria junto.

— Saia — ordenei com os olhos na minha namorada. *Minha namorada*.

Paul e Charlene imploraram, gritaram comigo em níveis de decibéis que ouvidos humanos não foram feitos para dominar. Eu não ouvi. Não liguei *pra* porra nenhuma. Eu daria a Darren um bom motivo para ficar no hospital se ele não desse o fora.

— Ela me quer aqui — reportou a voz suave de menino branco de Connecticut de Darren. Meu Deus, aposto que ele nunca falou “caralho” e usava a palavra “merda” esporadicamente.

— Darren. — Rosie se inclinou para frente para alcançar a mão dele, os pulmões dela chiavam como um balão perdendo ar. — Sinto muito que meu pai tenha te pedido para passar por tudo isso. Tem muita coisa acontecendo

na minha vida agora. Por favor, não leve a mal. Estou muito grata que tenha vindo, mas está na hora de você ir.

Ouvi-la colocando-o para fora acalmou a minha raiva. Engoli o ar hospitalar e entrei *pra* valer no quarto.

Darren olhou entre Rosie e o pai. Paul balançou a cabeça com os lábios comprimidos. Sua mãe deu a volta na cama e a abraçou. Millie provavelmente estava descansando em algum lugar no hospital. Vicious e os pais de Rosie estavam prestes a se juntar a ela para que eu pudesse finalmente ter alguns momentos a sós com a minha namorada.

— Tudo bem — disse Darren finalmente. — Como quiser, Abelhinha. Se precisar de qualquer coisa, sabe onde me encontrar.

Um silêncio hostil pairou sobre nós depois que Darren saiu. Todos os olhares estavam em mim.

— Saíam todos — falei.

— Até eu? — Rosie ergueu uma sobrancelha e tentou sorrir. Mas falhou. Parecendo dolorida só por tentar.

— Não. Você fica. Ninguém mais consegue lidar com você de qualquer maneira.

— Por que estamos deixando isso acontecer? — Charlene LeBlanc jogou as mãos para cima. — Ele a deixou na chuva forte, pelo amor de Deus! Ele. Fez. Isso. — Ela apontou para Rosie, mexendo o dedo. — Paul, faça alguma coisa.

— Mamãe — disse Rosie.

— Querida, eu sei, mas... — Paul tentou acalmar a esposa.

— Jesus Cristo, calem a boca. — Vicious bateu na mesa de cabeceira e todos se calaram. Provavelmente chocados por ele ter dito para que o fizessem. — Quero dizer... sério? Dean não apareceu. *Uma vez*. Depois de correr atrás dela por muito tempo. Nunca vi um homem aguentar tanta merda em relação a uma garota antes de Dean Cole. Charlene, Paul, eu amo sua filha. Muito. Morreria por ela se precisasse, mas mesmo eu tenho que admitir... fiz coisas horríveis com ela. Coisas que pensei nunca ser capaz de consertar. O fato de ela ter concordado em se casar comigo é um pequeno milagre. O fato de que ela me conhece e, ainda assim, escolheu ter um bebê comigo é um milagre ainda maior. Mas Dean... Dean não é Vicious. Dean cometeu um erro, não foi uma decisão consciente para machucá-la. E ele merece ser ouvido. — Ele virou a cabeça, prendendo Rosie com seu olhar. Parei de respirar, esperando

que ela dissesse alguma coisa.

Ela tossiu, se mexeu para arrumar os travesseiros atrás das costas, depois acenou de leve.

— Mamãe, papai, eu *preciso* ouvir o que ele tem a dizer.

Os pais de Rosie trocaram olhares preocupados.

Charlene expirou. — Estaremos ali fora.

A porta fechou. Nossos olhares se encontraram. Sabia que ela não estava bem. Agora era a hora de dizer que eu finalmente entendia. Por que ela me empurrou para os braços da irmã. Por que ela nos deixou sofrer por causa dessa merda. O amor faz a gente cometer loucuras, coisas irracionais. O amor e a morte são ligados por um fio invisível. Puxe muito forte e você já era. Eu não podia viver sem Rosie. Talvez essa fosse a única coisa clara para mim neste momento.

Eu me joguei na cama dela, sentando perto de suas coxas, segurei sua mão e a coloquei sobre meu coração.

Desculpar-me não era o suficiente. Eu precisava ir além. Eu tinha que ir com tudo desta vez.

— Você virou a minha vida de cabeça para baixo e eu nunca mais serei o mesmo — falei, sentindo como se minhas palavras tivessem vida. Eu não apenas as dizia, eu as *sentia*.

Ela sorriu, dando de ombros. Parecendo ela mesma por um segundo. Com exceção do tom amarelado em sua pele.

— Não tenho culpa de que você tenha se apaixonado por uma garota moribunda.

— Não tenho culpa de que você tenha tornado impossível *pra* caralho que isso não acontecesse.

— Para onde você foi? — A voz dela morreu em sua garganta. Ela estava falando do dia em que esperou por mim nos Hamptons ou durante sua estada no hospital?

— Eu estava bem aqui, Bebê LeBlanc. O tempo todo. No minuto em que descobri onde você estava, só quis saber de voar para cá. Eles não me deixaram te ver, então, fiquei na casa que aluguei para nós dois. E bebi. E senti pena de mim mesmo. E mantive bem acesa a tocha de babaca perdedor, obrigado por perguntar.

Ela bufou. — Sexta-feira?

Suspirei, coçando a barba.

— Dean? Como foi o encontro com seu pai?

As palavras saíram de mim como uma comporta quebrada. contei à minha namorada enfraquecida exatamente o que aconteceu, sem poupar nenhum detalhe. Ela derramou algumas lágrimas silenciosas, segurando meu rosto em suas mãos geladas, mas eu nunca me senti tão aquecido em toda a minha vida. Beije seus lábios e pedi desculpas... inúmeras vezes.

— Desculpe. — Meus lábios deslizaram para sua testa. — Caralho, Rosie, eu sinto tanto — Bochecha. — Não consigo expressar o que te ver desse jeito faz comigo, sabendo que fui eu que causei. — Ponta do nariz. — Não pode terminar assim. *Não pode*. — Lábios novamente.

Ela me abraçou e eu senti suas lágrimas quentes correndo pelo meu pescoço.

— Eu meio que espero que termine assim. Você me fez feliz. Muito feliz. Mas... você merece tudo. Esposa, filhos, uma cerca branca de madeira.

— E eu terei tudo isso. Com você.

— Você sabe que não pode ser comigo.

— Então não pode ser com mais ninguém. Não haverá outra Rosie. E não haverá outra história como a nossa. É isso, Rose LeBlanc. Somos nós. Se não houver você, então, não haverá eu.

— Sabe, sempre odiei *Romeu e Julieta*. A peça. O filme. A ideia em si. Foi trágico, tudo bem. Tragicamente estúpido. Quero dizer, quantos anos eles tinham? Treze? Dezesseis? Desperdício de vida, se matar porque a família não deixa você se casar. Mas Romeu e Julieta estavam certos. *Eu* fui a idiota babaca. Olhe o que aconteceu comigo. Conheci o amor verdadeiro aos dezoito anos e passei os onze anos seguintes me matando lentamente enquanto sofria por você. Depois você voltou e eu ainda pensava que era só um deslumbramento. Só que agora que eu sei... — Eu me afastei para poder olhar no rosto dela. Ela estava indo embora. Eu via isso. Seus pulmões não funcionavam bem. Os médicos disseram que a infecção se espalhou pelo resto de seus órgãos. Ela estava queimando em febre. Apesar das frequentes viagens ao hospital, desta vez era diferente.

E tudo isso podia ter sido impedido se eu não fosse um bastardo alcoólatra.

Encostei o rosto na palma da mão dela e beijei seu pulso.

— Agora que eu sei que só pode ser você, você vai ficar melhor para mim, para que a Terra não exploda. Você pode fazer isso, Sirius? Prometo não sair deste quarto até que você saia. Nem mesmo para tomar banho. Nem para comprar biscoitos com gotas de chocolate para você. Vou mandar alguém até

Nova York trazer.

— Eu te amo. — As lágrimas de Rosie embaçaram sua visão. Seus dedos trêmulos encontraram meus lábios quando queriam tocar meu rosto, mas assim que deslizaram pela minha boca, me dei conta de que também estava derramando algumas lágrimas. Não me lembrava da última vez em que chorei. Eu, definitivamente, não fazia o tipo que soluçava. Na verdade, a última vez que chorei deve ter sido quando Nina me abandonou no *Walmart*. Porém, eu chorava agora, porque a mulher que eu amava mais do que a própria vida estava perdendo a batalha para a qual eu mesmo a mandei.

— Eu te amo, Bebê LeBlanc — falei. — *Pra caralho. Você me ensinou a amar. Como eu me saí?*

Ela sorriu, uma lágrima rolava pelo seu rosto.

— Nota máxima — sussurrou. — Você arrasou. Me promete uma coisa?

— Qualquer coisa.

— *Viva.*

— Não sem você.

— E tenha filhos. Muitos. Crianças são legais.

— Rosie...

— Eu não estou com medo. Tive o que quis da vida. *Você.*

— *Rosie.*

— Eu te amo, Terra. Você me fez bem.

— Rose!

Os olhos dela fecharam, a porta abriu, o som do monitor parou e meu coração se desintegrou.

Pedaço.

Por pedaço.

Por pedaço.

EPÍLOGO

Dean



Três Anos Depois

— Cara, que diabos seu filho está fazendo?

— Não é meu filho.

— Ah, o diabo que não é. — Trent leva a garrafa de cerveja aos lábios e dá um gole lento. — Ele está vestindo um blazer colorido. É o Knight, sem mais.

Estreito os olhos porque está claro *pra* caralho em Todos Santos numa tarde de setembro e, com certeza, *é* meu filho. Meu filho de quatro anos... o que ele está fazendo exatamente? Não tenho certeza absoluta, mas conhecendo Knight, não pode ser nada remotamente construtivo e provavelmente vai lhe render uma quantidade indefinida de tempo no cantinho do pensamento. Este garoto já viu mais paredes que um pintor de murais.

Ele é meu mini mim com esteroides. Estilo, atitude e travessura, tudo embrulhado em um sorriso inocente.

— Acho que ele acabou de desenhar um pau gigante na testa da filha do Jaime — comenta Vicious, olhando para seu copo de *whiskey* como se detivesse a resposta para o mistério da vida. Eu dou um gole na água. Pelos últimos três anos, só bebi água. Eu não vou te encher de bobagens sobre ser um cristão convertido como Donald Whittaker. Sim, estou morrendo de vontade de beber. Ficar sóbrio é um sacrifício, mas um que estou disposto a fazer pela minha família.

Vicious acotovela Jaime, projetando o queixo em direção a Knight e Daria.

— Se isso não é cagar para a decência desde cedo, não sei o que é. Sua filha está em perigo. Fique de olho nele.

— São apenas crianças, cara de cu. A gente chama isso de brincar.

— *Brincar*. — Vicious saboreia a palavra. — Você brincava da mesma coisa com Mel, se não me falha a memória. Mas com um pau de verdade, e não era na testa dela que você o colocava.

A última afirmação rendeu a Vicious um soco no braço. Rodei a aliança em meu dedo e observei nossos filhos correndo à nossa volta, com os raios de sol brilhando entre eles.

— Knight! — Chamo e ele olha, a caneta preta presa em seu pequeno punho. Ai, porra.

Não parece uma caneta comum. *Parece um marcador com tinta permanente.*

— Venha aqui, por favor. — Aceno em direção ao canto onde estamos Jaime, Vicious, Trent e eu. Luna agarra a perna de Trent como se fosse uma âncora. Seus olhos cinza esverdeados estão arregalados e exploram a cena, e ela está usando uma blusa preta, calça jeans preta e tênis pretos.

E nunca sai do lado do pai.

Knight vem rebolando, balançando os braços ao lado do corpo de um jeito exagerado. Estamos comemorando seu quarto aniversário hoje, e todos os seus amiguinhos da pré-escola estão aqui. Trent está preparando bifes e hambúrgueres, há uma barraca de cachorro-quente à beira da piscina gigante, um palhaço, um mágico e uma máquina de algodão doce. Simplesmente o melhor para o meu filho.

Eu sei, eu sei, ele é meu e eu sou suspeito, blá, blá, blá, mas juro que este garoto é especial. Minha esposa e eu soubemos no minuto em que o vimos.

— Ele nasceu em dezoito de agosto — a mulher da agência de adoção afirmou ao deslizar uma foto dele pela mesa três anos atrás. Fomos vê-lo logo depois do nosso casamento às pressas em Vegas. Minha esposa e eu trocamos um olhar indecifrável antes de cairmos na gargalhada. Essa era a data que dormimos juntos pela primeira vez. Dezoito de agosto. O destino tinha um senso de humor estranho.

Knight parecia comigo, mesmo não tendo vindo de mim. Mas seu cabelo é castanho acinzentado e seus olhos são verdes da cor de jade. Ele tem o dobro do tamanho das crianças da idade dele. Bom, com exceção de Vaughn, o filho de Vicious e Emilia.

Knight (minha outra metade o chama assim porque ele chegou para salvar o

dia) para à minha frente, esperando pela inevitável Inquisição Espanhola.

— O que você fez com Daria? — Pergunto, ajoelhando para ficarmos olho no olho. Daria é dois anos mais velha que Knight. Devia ser ela a mandar nele, não o contrário. Mas acho que está em nosso sangue criar pequenos pestinhas, machos alfa, e as meninas que lutem até que cedam ao seus encantos.

— Fiz uma tatuagem nela — diz meu filho com a voz calma. Ele me olha diretamente nos olhos, está com aquele olhar de “o que você vai fazer quanto a isso?”.

— Você desenhou na testa dela — corrijo. — Por que fez isso?

— Ela queria uma tatuagem. — *Jesus Cristo*. Chega de assistir à *Ink Master* com este carinho quando a mãe estiver muito ocupada para perceber.

— O que você tatuou... desenhou na testa dela exatamente?

Não diga um pau. Não diga um pau. Não diga um pau.

— Uma nave espacial — responde. Ele se vira e chama Daria, que corre a curta distância que nos separa. Knight começa a explicar, seu dedo se move pela testa dela. — Este é o tanque externo — ele aponta para a cabeça do pau... e eu mencionei que meu filho quer ser um astronauta e ama o espaço tanto quanto eu? — e esta é a órbita — ele aponta para os ovos.

— E o que exatamente está jorrando do tanque externo? — Pergunta Jaime com a voz grave. Engulo uma risada e espero Knight responder. Ele arregala os olhos.

— As balas, claro. Um monte de balas.

Graças a Deus ele não disse gozo.

Coloco uma mão sobre o rosto macio e corado do meu filho.

— Ouça com atenção, está bem, Knight? Nós não desenhamos no corpo de outras pessoas. Nunca. *Principalmente* naves espaciais. — Jaime é meu amigo, mas não sei direito como me sinto em relação a outros pais batendo à minha porta para reclamar que meu filho anda desenhando paus em suas filhas.

— Entendi. — Assente. — Nada de naves espaciais.

— E nada de fazer tatuagens em outras crianças, ponto. Agora, por que não vai brincar com Vaughn?

— Porque eu odeio ele — responde Knight com naturalidade.

A geração seguinte à nossa está definitivamente seguindo os passos dos pais. Mexo no cabelo dele.

— Vá ver sua mãe, parceiro. — Beijo o topo de sua cabeça.

— Está bem, papai.

— E me dê o marcador.

Daria ainda olha para o pai. Jaime a puxa para sua perna com um abraço.

— Meu amor, promete uma coisa para o papai?

— Sim.

— Nunca, jamais, olhe, fale ou brinque com Knight de novo.

Daria revira os olhos e vai até a máquina de algodão doce da qual Helen, minha mãe, está encarregada. Jaime, Vicious e eu rimos.

Trent prepara os hambúrgueres com uma cerveja na mão e balança a cabeça.

— Quem são essas pessoas? Não conheço metade delas. — Gesticulo com a minha garrafa d'água para a multidão. Agora que todos moramos em Todos Santos (nos demos conta de que a vida longe uns dos outros parecia perto demais da morte depois do que aconteceu com Rosie) e moramos todos no mesmo bairro, estávamos juntos todos os dias.

— Você convidou a maioria dos nossos colegas. — Jaime dá de ombros.

— Convidei? — Coço a cabeça.

— Sua esposa convidou — interrompeu Vic. — Em lhe disse para fazer isso. *Networking* e essas merdas. Ah, e vejam só... Nosso novo sócio veio dizer “oi”. — Ele projeta o queixo para um homem que reconheço. Seu rosto estava estampado na primeira página do *The Wall Street Journal*: Jordan Van Der Zee. Final dos cinquenta anos chegando aos setenta. Parece uma versão diabólica de Putin. Ele comprou cinquenta por cento das nossas ações há dois anos, fazendo com que dividíssemos o resto entre nós.

Um acordo multimilionário que nos deixou com mais dinheiro do que poderemos gastar em dez vidas, mas com menos poder na Fiscal Heights Holdings. Agora temos tempo para passar com nossas famílias. Juntos. Van Der Zee espalhou sua própria equipe por Chicago, Londres e Nova York, e nenhum de nós ficou mal com isso, porque levamos nossas almas conosco ao assinar o acordo. Agora, Sue tem uma nova pessoa a quem chamar de Sr. Tanto Faz.

— Filho da puta racista — resmunga Trent em sua cerveja e nós nos voltamos em direção a ele. Ele não fala palavrões perto de Luna, mas, às vezes, esquecemos que ela está por perto. Trent olha para baixo, beija o rosto da filha e sussurra: — Desculpe. Papai falou uma palavra feia. Não acontecerá novamente.

Ela não assente. Não responde. Apenas o encara com o olhar vazio.

— Como é? — Pergunta Vicious, girando a roda da conversa de volta para águas seguras. Os olhos de Trent dilatam, a recordação do que o fez chamar Van Der Zee de racista atravessa sua mente.

— O cara é um racista. Tive um incidente com ele. Dizer que não gosto dele seria o eufemismo da por... — seus olhos correm para Luna e ele limpa a garganta — da *porcaria* do século.

— Bom, nenhum de nós vai pagar uma cerveja para ele... nem uma porcaria qualquer, a propósito. Mas talvez ele tenha sido um cabeça de cocô para você apenas por ser um cabeça de cocô. É meio que o estilo dele — falei, evitando dizer a palavra “merdinha” e acrescento — Aquela ali é a filha dele?

Espero *pra* caralho que seja porque, de outra forma, ele passou de *Sugar Daddy* para *Sugar Grandpa*. É difícil não notar a garota ao lado dele porque ele não a deixa se mexer. Literalmente. Ele está segurando seu braço fino no dele e cospe quando fala com ela. Só para falar sobre sua aparência, ela é nova demais para mim. Talvez dezoito ou dezenove anos. Sua pele é tão branca que parece um fantasma, tem os cabelos compridos da cor do sol, dois buracos para piercing no nariz e, embora não queira que o pai saiba, quando tentou tirar o braço do dele, sua blusa levantou e uma tatuagem apareceu em sua barriga. E nem é pequena.

— Edie Van Der Zee — Vicious confirma minha análise. — Pobre garota.

Jaime ri. — Pobre ela não é. E como Edie é um colírio para os olhos, aposto que ele está tentando garantir que ela não seja assediada pelo harém de executivos babacas com que trabalhamos.

Todos fazemos careta para Jaime.

— A pequena Edie parece que tem doze anos — replica Trent horrorizado. Já faz três anos desde que Val deu um pé na bunda dele e ele nunca se preocupou em reivindicar seu trono como o rei dos casos de uma noite. Nem tem qualquer interesse no sexo oposto. É como se o sangue dele tivesse ficado azul ou algo assim.

— Doze, não — disse Jaime tranquilamente. — Parece que tem vinte. Talvez vinte e dois. Totalmente legal, mas, ainda assim, um tabu. Uma combinação mortal. O perigo é o meu sabor preferido.

— Ela tem dezoito. — Vicious tira Jaime de seu tormento, fazendo , *tsc-tsc* em reprovação. — O pai dela acabou de comprar meu antigo carro para seu aniversário. Jordan acredita em mostrar a Edie que dinheiro não dá em

árvores e toda essa baboseira. Cara engraçado. E qual é a porra do seu problema? — Foi a vez dele de dar um soco no braço de Jaime. — Ou você quer as velhas ou as novinhas. Não tem meio termo com você.

— Vai se foder, minha esposa não é velha.

— Sua esposa não é velha, mas ela está *aqui* — lembra-lhe Trent e todos nós olhamos para uma Mel muito grávida. — Então, talvez você queira parar de ficar babando por uma adolescente. E enquanto isso, pare com os palavrões na frente da minha filha.

— Merda, desculpe, Luna — diz Vicious. Jaime ri. Eu balanço a cabeça. Nossos filhos vão falar como marinheiros bêbados antes dos dez anos.

— Ela não parece que tem mais do que dezesseis — Trent dá sua opinião sobre a filha de Van Der Zee. No entanto, seus olhos estão fixos nela. Não tenho certeza do que fazer quanto a isso. Por um lado, é um bom sinal que ele esteja olhando para alguém. Por outro, ele está olhando para a porra da pessoa errada. A história das nossas vidas, suponho.

— Dezesseis, é? É por isso que você está encarando? — Sorrio. Trent desvia o olhar e franze a testa antes de colocar um hambúrguer num pão, espremendo catchup nele e entregando para a filha.

— Estamos tendo uma conversa sobre ela, então, eu dei a *porcaria* da minha opinião.

— Deu a *porcaria* da sua opinião ou imaginou como seria *pôr* nela? — Começo e Jaime se mete na nossa conversa.

— Isso está ficando mais estranho a cada segundo. Faz um *pra* mim também.

— Ele aponta para os hambúrgueres.

Meu pai vem até nós, segurando um copo descartável vermelho com um ponche completamente sem álcool. Todos deram tapinhas em suas costas. Eu fiquei parado, mas quando ele veio me abraçar, estiquei os braços e o deixei entrar. Em meus braços, em meu coração e na minha vida.

Merda, que cafonice, mas é verdade.

Três anos atrás, passei um mês e meio no hospital cuidando da minha namorada moribunda.

Três anos atrás, ela voltou para mim.

Três anos atrás, numa noite, quando pensei que ela certamente morreria, acordei no meio da noite com o som das máquinas do hospital fazendo bip. Fiquei colado nela todas as noites, com uma mão em seu coração (eu não confiava em nenhuma porra de máquina além do órgão que batia em meu

peito) e me dei conta de que seu corpo estava quente junto ao meu. Minha Raquel voltou para mim. Levou quatorze anos, mas este Jacó conseguiu a irmã que ansiava.

Eu amo meus amigos, mas eles não entendem. Não *me* entendem. Eu tenho que acelerar tudo para aproveitar a vida de verdade. É por isso que Rosie e eu fugimos quatro dias depois que ela saiu do hospital. É por isso que não posso me permitir guardar rancor do meu pai e da minha mãe. É por isso que eu finalmente larguei todas as coisas ruins e deixei as boas entrarem, mesmo que rache a minha armadura de arrogância.

— Knight está tentando fazer fogo usando duas pedras da fonte — avisa meu pai, inclinando a cabeça para o final do jardim. E acrescenta — Vaughn está ajudando.

Vicious sorri. — E você disse que nossos filhos não se toleram. — Ele bate o ombro no meu. — Claro que eles se toleram... quando tem bastante destruição envolvida.

— Quantos anos ela tem mesmo? — Pergunta Trent do nada.

— Dezoito — declara Vicious. — E você tem 33, caso eu precise te lembrar disso também.

— Eu sei disso, cara de cu.

— Então, tire os olhos do corpo dela, babaca.

— Olha a boca, meninos — diz meu pai, e nunca nos cansamos disso, mesmo aos 33 anos.

Trent desvia o olhar, dá um sorriso autêntico pela primeira vez em anos e acaricia a cabeça de Luna enquanto ela engole seu hambúrguer. Eu me pergunto se ela entende alguma coisa da conversa que acabamos de ter e, se sim, o quanto ela entende. A médica dela diz que não há nada de errado, que ela é mentalmente consonante com as crianças de sua idade.

Mas ela não fala. Com ninguém. Nunca.

Completamente muda.

— Vou me certificar de que eles não incendeiem a minha casa. — Aceno com o queixo para a fonte, bem ao lado dos bancos de pedra. Nós nos sentamos lá todas as noites para olharmos as estrelas. Foi neles que eu disse a Rosie que a amava, que ela era a única, que sempre *seria* a única, não importa quando ela me deixasse. E é verdade. Se os pulmões de Rosie pararem de funcionar amanhã e, com eles, toda a minha vida desabar, não vou me preocupar em reerguê-la. Estarei ao lado do meu filho, dos meus

futuros filhos, e vou criá-los o melhor que puder, mas a jornada terá terminado para mim.

— Knight! Vaughn! — Corro na direção deles e os dois viram suas cabeças, parecendo culpados *pra* caralho. Balanço o dedo antes de fazer algo estúpido.

— Parem de tentar colocar fogo no lugar. Em quantos problemas irão se meter se, aos quatro anos, fazem isso?

— Meu palpite é que se meterão em tantos problemas quanto vocês. — Papai ri atrás de mim.

Voltamos todos para a casa, três homens de diferentes gerações, e Vaughn. Coloco os dois meninos onde possa vê-los: a sala de TV que arrumamos para Knight e seu irmãozinho.

— Você chegou a ir ver sua mãe? — Pergunto a Knight.

— Sim. Ela disse que está bem. Também disse que me ama mais do que ama você.

Estreito os olhos. — Não disse, não.

— Disse, sim. — Knight dá de ombros, enxugando o suor da testa.

— Mer...cadoria. — Limpo a garganta. Knight pula e dá um toca-aqui com Vaughn.

— Disse que eu o faria dizer uma palavra feia! Eu sou o bom.

Ele é bom, e eu sou abençoado.

E completo.

E vivo *pra* caralho.

Graças a *ela*.

Rosie

O que te faz sentir vivo?

Minha família. Minha casa. Meu homem. Minha barriga. Eu estou viva. E a minha terapeuta estava certa. Vou viver para sempre.

— Pare, Dean.

— Por quê?

— Porque odeio quando você faz isso.

— O que eu estou fazendo?

— Cantando a música do “super esperma”.

Uma risada sombria escapa dele. Reviro os olhos e fico de costas na cama, minha barriga enorme desponta. Tenho uma gravidez de alto risco. Não saio muito de casa. Vejo minha médica em dias alternados. Meu corpo não foi desenvolvido para carregar outra pessoa e, enquanto meu apetite alcançou rapidamente o planejado, meus pulmões lutam para funcionar por dois. Mas aconteceu. Eu engravidei. E engravidei por causa do...

— Superrrrrrr espermaaaaaa. — Dean atinge essas notas altas, saindo do banho direto para o nosso quarto, seu cabelo sexy ainda está pingando. Não que estejamos transando ultimamente. O que é uma pena, porque a gravidez te deixa com muito tesão. Meus hormônios assumiram o comando oito meses atrás e me levaram direto para os braços do pornô leve e dos livros eróticos. A Dra. Bernstein disse para não fazer coisas divertidas até eu tirar essa criança daqui. — Faz um trabalho da porraaaaa!

Ah, sim. A música do super esperma tem ritmo e duplo sentido. Se cuida, Justin Timberlake.

— Papai, você falou *outra* palavra feia. — Knight grita eufórico do seu quarto. São 22h. O que ele está fazendo acordado? — Essa é a melhor aposta do mundo. Vaughn vai ficar me devendo um monte de doces.

Às vezes, sinto como se Dean nem tentasse não falar palavrão na frente de Knight. Eu não o culpo por isso. É quem ele é, e se as pessoas têm algum problema com isso... bem, que se *fodam*.

Ele não fala (provavelmente nem admitiria), mas sei que um dos motivos de ter concordado em vender todas aquelas ações para Jordan Van Der Zee é porque queria passar mais tempo com a gente. Ele não sabe o que vai acontecer amanhã. Nem eu. Só que eu sei que os meus dois meninos estarão em ótimas mãos. Este é o homem que me engravidou depois de eu dizer que havia apenas 0,0001% de chance de ser capaz de conceber. Ele pegou essa chance mínima e fez acontecer. Desde que não carregue o gene da fibrose cística, meu filho será saudável e forte. Igual a ele.

— Coloque um dólar no pote para mim — grita Dean para Knight, sorrindo para mim e abrindo sua toalha antes de prendê-la de novo. — Amanhã eu te pago.

— Tem doze por cento de juros nisso — grita de volta Knight. Dean ri.

— Tem certeza de que não é meu filho biológico? — Ele me olha daquele

jeito. Sabe, *daquele jeito* que ainda me faz ficar molhada e implorar para que seu lado sombrio me espanque.

Dou de ombros, minimizando seu efeito sobre mim.

— Ele é a coisa mais próxima do seu verdadeiro eu. Com exceção do que está na minha barriga.

Dean caminha, espalma a mão na minha barriga enorme e se senta ao meu lado.

— Ei, Sirius?

— O que é, Terra?

— Por que você brilha *pra* caralho? Fica difícil dormir ao seu lado.

— Hmmm. — Pego sua mão e beijo sua palma, sorrindo. — Obrigada pela cafonice, mas isso me dá azia.

— Tudo bem, o que estou tentando dizer na verdade é que você começou a roncar cerca de dois meses atrás e, caralho, estou cansado.

— Isso também vai passar — falo, brincando. — Em breve, meu ronco será substituído por um bebê que vai chorar a noite inteira pelos próximos dois anos.

Ele beija a minha têmpora, depois, minha barriga e entre meus seios pesados, fazendo um barulho de sucção. Eu o amo. Eu o amo tanto que não sei por que não fiz o que deveria ter feito há tantos anos. Empurrar minha irmã de lado quando ela veio correndo para os braços dele e dizer que ele era meu.

Porque sempre foi.

Cada parte dele.

A boa e a ruim, a feliz e a triste.

Meu.

Assim como eu era dele.

Nina morreu semanas depois que saí do hospital, três anos atrás. Overdose, na fazenda onde morava no Alabama. O marido dela ao seu lado. Eu estava lá para juntar os pedaços do coração partido de Dean. Para vê-lo finalmente sofrer, finalmente admitir que se importava. Que a amava e que não queria nada além de ser seu filho. Que seu coração nunca mais seria o mesmo.

Lev significa “coração” em hebraico. Lev também será o nome do nosso filho.

Dou graças a Deus. Todo santo dia.

Agradeço quando dou um beijo de boa noite em Knight, quando vejo Dean da janela tentando ligar os irrigadores, chutando a grama antes de lembrar

que os irrigadores são automáticos, e quando Millie e eu fazemos *brunches* e observamos nossos filhos brincando, brigando e gritando.

— Você sabe o que acabei de perceber? — Dean se abaixa e beija meus lábios, e eu fico tonta, sabendo que não podemos ir mais longe. Não apenas por causa da gravidez. Knight tem o costume de invadir nosso quarto e negociar a hora de dormir. Ele é muito bom nisso. Quando tiver seis anos, começará a dar trabalho ao pai em relação ao dinheiro, até onde a negociação for.

— O quê? — Sorrio.

— A *Bebê* LeBlanc vai ter um *bebê*. E é meu. Eu te amo *pra* caralho. Amo seu rosto. — Ele beija meu nariz. — Seus peitos. — Beija meu mamilo por cima da camiseta, mordendo-o devagar. — A criança que você está gerando para nós dois. — Beija minha barriga e fala para ela — E você também, parceiro. — O sexo espetacular que fazemos... estou guardando todo o meu esperma para a nossa reunião, então, esteja avisada, posso te engravidar de novo em breve. — Ele beija entre as minhas pernas. — E os seus pés, que cultuo todos os dias. — E beija os dedos dos meus pés.

Respiro fundo. Não preciso do meu inalador. Eu tenho a ele.

— E descobri mais uma coisa. — Ele levanta o corpo de novo e me embrulha debaixo dele. Seus braços estão flexionados, seus músculos dificultam a minha concentração no que ele está falando e, de repente, o quarto fica um pouco quente demais para o meu gosto.

— O quê? — Sussurro enquanto nossos lábios roçam.

— Jacó conseguiu sua Raquel. E ela lhe deu um bebê. Eles viverão felizes para sempre. Envelhecerão juntos. Está na Bíblia, *Bebê* LeBlanc. Não se pode contestar.

— Eu amo você. — Eu rio.

— Eu amo você — responde.

— Eu amo *vocezes*! — Knight entra feito um relâmpago no quarto, escancarando a porta, pula na cama no meio de nós dois, abraçando minha barriga.

— Nós amamos você. — Dean coloca a mão na minha barriga e, neste momento, estamos todos tocando Lev.

E o que Lev faz? O que os HotHoles fazem. Arrebentam com tudo.

— Deus, ai — gemo.

— É, amor, eu sou um deus, mas nosso filho está aqui. Isso vai ter que

esperar.

— Não, Dean. Minha bolsa acabou de estourar.

— Ah — dizemos todos juntos. — Deus.

E agora eu tenho o meu “felizes para sempre”. Pelo menos neste momento.

O agora é para sempre, pelo menos para mim.

Porque eu não sou uma rosa murcha, estou em plena floração.

Graças a *ele*.

FIM

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha equipe de edição. Angela Marshall Smith, Elaine York, Bex Harper, Ellie McLove e Paige Smith. Cada uma de vocês deu um pedaço de si mesma a este livro, e é notório. Obrigada por esse pedaço (vocês nunca receberão de volta, por falar nisso).

A Letitia Hasser pela capa linda, obrigada por sempre saber exatamente o que eu preciso e fazer acontecer, você tem cinquenta tons de incrível. Stacey Blake pela formatação (em inglês) adorável e artística. Meninas, vocês deixam meus livros lindos demais.

A Sunny Borek. Eu nem tenho certeza de como listá-la. Leitora beta? Empresária? Irmã de outro pai? Provavelmente todas as opções anteriores. Devo muito a essa garota, mas ela nunca espera nada em troca.

Às minhas leitoras beta: Paige Jennifer, Ilanit Adani, Ava Harrison, Ella Fox e Amy Halter. Não sei o que eu faria sem a orientação de vocês.

Minha equipe de rua: Kristina Lindsey, Julia Lis, Becca Szurken, Lin Tahel Cohen, Sher Mason, Ilor Tsabar, Ofa T Booklover, Sonal Dutt, Vanessa Serrano, Josephine McDonnell, Tanaka Kangara, Sabrina Shalalashvilli, Brittany Danielle Christina, Avivit Egev, Shiri Karni, Jessica Meade, Galit Hadar Shmaryaoo, Sheena Taylor e Bernadett Lankovits e Amanda Suderland. Meninas, vocês são uma grande parte da minha vida e do meu sucesso. Eu amo muito todas vocês.

À minha agente, Kimberly Brower, que pegou a série *Sinners of Saint* e garantiu que todos soubessem dela... você é uma estrela e eu tenho muita sorte de te ter.

Para o grupo de leitura *Sassy Sparrows*... aparecer e dizer “oi” quando

estou na caverna da escrita dá cor à minha vida. Obrigada pelos memes, pelo gostosão, pelas provocações e pelos momentos divertidos. Acima de tudo, obrigada pelo apoio contínuo à minha carreira.

A todos os blogueiros que compartilham meu trabalho e impulsionam meus livros... eu sei sobre vocês. Eu sei sobre vocês e agradeço todos os dias por tudo que fazem. Vocês são a verdadeira força por trás desta indústria indie. Nunca se esqueçam disso.

Aos meus leitores, sempre digo a mesma coisa, mas é a verdade nua e crua. Não sou nada sem vocês. Vocês realizam meu sonho todos os dias, e eu agradeço pelo tempo, esforço e por cada vez que falam sobre meus livros. Considere deixar uma crítica honesta, positiva ou negativa, ao terminar este título.

Com amor,
L.J. xoxo

SOBRE A AUTORA

L.J. Shen é autora *bestseller* internacional de Romance Contemporâneo e *New Adult*. Mora no norte da Califórnia com seu marido, filho pequeno e gato gordinho.

Ela gosta das coisas simples da vida, como passar o tempo com sua família e amigos, *HBO*, *Netflix*. Ela lê entre três a cinco livros por semana.

Ruckus dá continuação à sua primeira série a ser publicada pela *Editora Bezz*.

Notas

[← 1]

HotHole (gíria) poderia ser traduzido como “um cara gostoso, mas totalmente babaca”. Ou ainda, mais característico dos personagens em questão, “fodedores”.



bezz
EDITORA

NOS BRACOS DO ROQUEIRO

LIVRO 1 - SÉRIE THE ROCKER

TERRI ANNE BROWNING

Nos braços do roqueiro

Browning, Terri Anne

9788568695449

147 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sair em turnê com quatro roqueiros parece um sonho... pelo menos é o que as pessoas me dizem. Para mim, esses quatro roqueiros são a minha família. Cuidam de mim desde meus cinco anos de idade, protegendo-me da minha mãe e de seus episódios de fúria quando estava bêbada e drogada. Mesmo depois de famosos, continuaram cuidando de mim. E quando meu monstro de mãe morreu, eles se tornaram meus guardiões. Há seis anos eu cuido dos quatro homens que são tudo para mim. Tomo conta deles da mesma maneira que sempre cuidaram de mim. Resolvo tudo, até as sujeiras dos bastidores da vida de um roqueiro. Nem sempre é bonito. Às vezes, chega a ser quase repugnante, principalmente quando tenho que me livrar das transas aleatórias. Ugh! E se apaixonar por um roqueiro NÃO é inteligente. Tudo bem, então não sou inteligente. Eu amo os meus garotos, e um deles, meio que tem meu coração em sua, grande e calejada, mão roqueira.

[Compre agora e leia](#)



Proibida para mim

Bezerra, Elizabeth

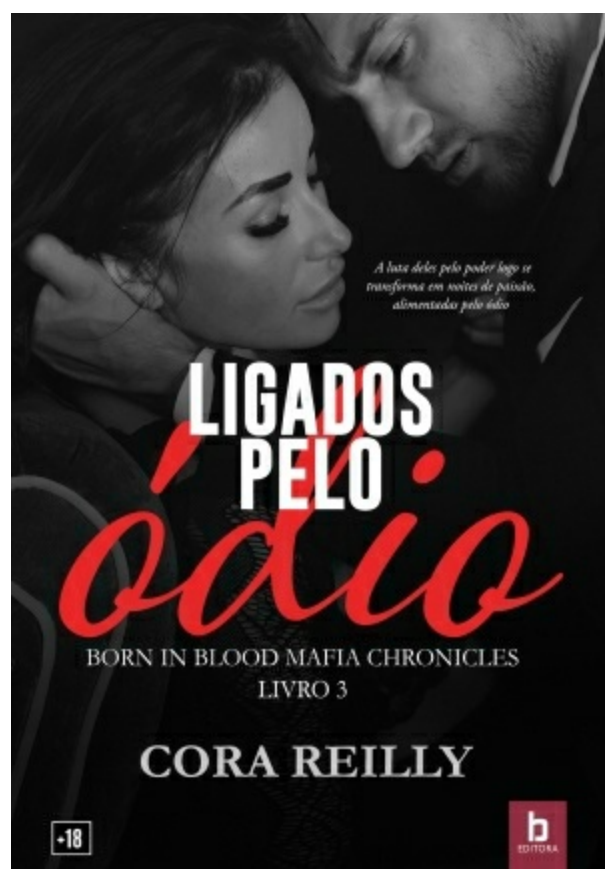
9788568695371

310 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreende e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

[Compre agora e leia](#)



*A luta deles pelo poder logo se
transforma em noite de paixão,
alimentada pelo ódio*

LIGADOS PELO

Ódio

BORN IN BLOOD MAFIA CHRONICLES
LIVRO 3

CORA REILLY

-18

b
EDITORA

Ligados Pelo Ódio

Reilly, Cora

9786586066654

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Gianna vê sua irmã mais velha sendo forçada a um casamento arranjado, ela promete escapar de um destino semelhante. No momento em que Matteo Vitiello vê Gianna no casamento de seu irmão, ele a quer para si. Seu pai concorda com o vínculo, mas Gianna não tem intenção de se casar por qualquer outro motivo que não o amor. Poucos meses antes do casamento, Gianna foge e começa uma nova vida na Europa, longe da máfia. Mas um de seus melhores rastreadores e assassinos está atrás dela: o próprio Matteo. Gianna é levada para casa e forçada a se casar com Matteo. Tomada pela culpa por ter arrastado pessoas inocentes para seu mundo e dominada pelo ódio por Matteo, Gianna está determinada a tornar a vida de seu marido um inferno. Mas Matteo é um mestre em jogos mentais, e a luta deles pelo poder logo se transforma em noites de paixão alimentadas pelo ódio.

[Compre agora e leia](#)



*Se ele tiver um coração,
ela pretende conquistá-lo*

LIGADOS PELA *honra*

BORN IN BLOOD MAFIA CHRONICLES
LIVRO 1

CORA REILLY



Ligados Pela Honra

Reilly, Cora

9786586066111

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nascida em uma das principais famílias da máfia de Chicago, Aria Scuderi luta para encontrar seu próprio caminho em um mundo onde não há escolhas. Aos quinze anos, ela foi escolhida para ser a aliança que uniria duas das maiores máfias americanas, casando-se com ninguém menos que 'o vice', Luca Vitiello, o próximo capo da máfia de Nova Iorque. Agora, aos dezoito, o dia que ela mais temia se aproxima: o do seu casamento. Apesar da fama que seu futuro marido carrega, e do medo que ele causa nela, Aria sabia que não tinha escapatória, e teria não só que se casar com um homem implacável, como que conviver com pessoas que até bem pouco tempo eram inimigas declaradas de sua família. Mas o jeito de predador alfa de Luca provoca nela um conflito interno; sentimentos novos; desejos sensuais e uma grande dúvida: seria aquele homem conhecido por não ter um coração capaz de amar?

[Compre agora e leia](#)

*Ela está determinada a ganhar a
atenção dele, mas está de pagar o alto
preço do desejo*

LIGADOS PELO *dever*

BORN IN BLOOD MAFIA CHRONICLES
LIVRO 2

CORA REILLY

18

b
EDITORA

Ligados Pelo Dever

Reilly, Cora

9786586066135

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Prestes a se tornar o mais jovem chefe da Chicago Outfit, Dante Cavallaro se vê pressionado a se casar para provar que não é irresponsável ou fraco. Não é isso que ele deseja. A lembrança de sua ex-esposa ainda o assombra, mas pela família e pelo poder, ele cede. Valentina é a escolhida para casar com Dante. Ela, também viúva, teme que um segredo venha à tona. Ainda que seu primeiro casamento não tenha sido por amor, ela não quer expor seu ex-marido. Mas como toda mulher da máfia, sua vontade não é ouvida. Com o novo casamento, uma surpresa: seu novo marido não está interessado nela. Sentindo-se humilhada e cansada de ser ignorada, ela está determinada a conquistar aquele homem de coração gelado, mas descobre que nessa luta, talvez tenha de pagar pelo alto preço do desejo.

[Compre agora e leia](#)